Almanaque d'O TICO-TICO
1951
CR$ 15,00
Miguel

## Motivos para bordar

ALBUM N.º 3

O próprio nome já indica a finalidade dêste útil album...

Em suas páginas, coloridas, existe uma interessantíssima coleção de desenhos ao alcance das mãos femininas, à guisa de sugestão, para a execução dos mais variados trabalhos.

São pequenos enfeites... figuras variadas... monogramas... enfim encantadores motivos, de fácil execução, para uso pessoal e adôrno do Lar.

PREÇO: Cr$ 15,00

## Riscos para bordar

ALBUM N.º 4

Interessantíssima variedade de riscos e modelos de trabalhos na merada da execução! Sugestões admiráveis, próprias para cama e mesa, enfeites, e de uso pessoal. Adôrnos graciosos para o Lar.

Album, em grande formato, com 40 páginas que todas as donas de casa apreciam imensamente! Sugestões maravilhosas!

PREÇO: Cr$ 20,00

## Toalhas artísticas

ALBUM N.º 2

Toalhas... peças que contribuem para adôrno do Lar!

Na dimensão da execução, elegantíssimos riscos para bordar toalhas de fino gôsto! São 40 páginas, coloridas, que formam um conjunto admirável de sugestões práticas e artísticas!

Os desenhos são, todos, acompanhados de explicações claras, de fácil execução!

PREÇO: Cr$ 25,00

## O Filet

ALBUM N.º 2

Contém uma rica e variada coleção de motivos para barras de toalhas de jantar, panos para móveis, centros de mesa, paninhos, barras para toalhas de altar etc., podendo os modelos ser executados também em crochê.

PREÇO: Cr$ 15,00

## O ponto de cruz

ALBUM N.º 1

Afinal aparece o album de trabalhos de ponto de cruz, tão desejado! Os mais belos desenhos, tamanho de execução, em côres próprias!

Os trabalhos dêste album, do colorido, nas sugestões mais originais e encantadoras, satisfazem integralmente!

Guarnições, "panneaux", aplicações... Grande variedade de trabalhos graciosos!

PRECO: Cr$ 20,00

## Enxoval do Bebê

ALBUM N.º 7

O enxoval do recem-nascido merêce das mãis um cuidado todo especial! "O Enxoval do Bêbê" resolve magistralmente o problema!

Este album contem interessantíssimas sugestões, que orientam facilmente a confecção de um enxoval bastante prático e, além do mais, algo gracioso, tão encantadores são os motivos de desenhos de riscos que suas páginas apresentam.

PREÇO: Cr$ 25,00

## Monogramas artísticos

ALBUM N.º 3

Quem não precisa, de quando em quando de um monograma? Este album reune em suas inúmeras páginas os mais interessantes tipos de monogramas.

Um desfile de letras, nos mais variados estilos, com possibilidades de centenas de caprichosas combinações! O mais completo album que existe no gênero!

44 páginas úteis e bem feitas.

PREÇO: Cr$ 15,00

## Guia das noivas

ALBUM N.º 6

Afinal... Noiva! Para aquelas que em breve concretizarão seus ideais de amôr, apresentamos êste album que é um completo manual de sugestões e conselhos, um verdadeiro colaborador das noivas na confecção das peças de um enxoval prático, elegante e encantador!

São 44 páginas contendo os mais originais desenhos e sugestões, com explicações minunciosas e completas para a execução dos trabalhos.

Gentil noiva, com êste album o problema do seu enxoval estará resolvido!

PREÇO: Cr$ 25,00

## Bordados infantís

ALBUM N.º 2

A nova edição, muito melhorada, reune em suas páginas bonitos trabalhos, nas côres próprias, especialmente desenhados para o mundo infantil.

Os desenhos, todos muito graciosos, são de fácil execução e foram preparados justamente no sentido de desenvolver entre a gente miúda o bom gôsto pelo bordado.

São páginas e mais páginas que constituem verdadeiro encantamento para as crianças.

PREÇO: Cr$ 15,00

**TODOS** estes albuns são editad[os] pela biblioteca de "Arte de Bordar". Procure nas livrarias e jornaleiros. Faça seu pedido acompanhad[o] da respectiva importancia, ou pelo serviço de reembolso postal. Pedidos á S. A. O MALHO — Rua Senador Dantas, 15 - 5º and. Caixa Postal, 880 Ri[o]

## Lençóis artísticos

ALBUM N.º 3

Verdadeira maravilha em desenhos magníficos! Os trabalhos que as 44 páginas dêste album apresentam, satisfazem ao mais apurado gôsto em beleza e distinção!

Os desenhos dos riscos, de grande originalidade, são apresentados em grande formato, com minunciosas explicações, tornando a execução do trabalho muito fácil.

Êste album é o mais perfeito que existe no gênero!

PREÇO: Cr$ 25,00

## COPA E COSINHA

Album N 3

O nome revela bem o valor dêste álbum: muitos e muitos desenhos, modernos e originais, para o bom aspecto das copas e cozinhas. Com capa a côres, dois esplêndidos suplementos em grande formato.

PREÇO: CR$ 25,00

## Novo ponto de cruz

ALBUM N.º 5

Em fascinante colorido, êste album oferece, em desenhos singulares, com as côres próprias, uma variedade imensa de trabalhos — tapetes, aplicações, "paneaux", guarnições, etc. — na medida da execução. Um verdadeiro encanto!

Para os que apreciam bonitos trabalhos em ponto de cruz, êste album é indispensável!

PREÇO: Cr$ 20,00

## Figurino Infantil

ALBUM N.º 7

Êste album foi preparado exclusivamente para resolver o problema da indumentária das crianças! Em suas 40 páginas as costureiras encontrarão grande variedade de modelos de vestidos e roupinhas.

As donas de casa que costuram para os seus filhinhos, mesmo sem grandes conhecimentos do assunto, poderão executar os modelos, todos graciosos e práticos, em virtude das explicações claras que o album oferece.

Um album-figurino de grande utilidade nos Lares!

PREÇO: Cr$ 25,00

## O lar A mulher e A criança

ALBUM N.º 6

É' um album de real utilidade no Lar!

Verdadeira coleção de trabalhos originais. Motivos para toalhas, fronhas, lençóis, panos de mesa. As senhoras encontram nas 44 páginas dêste album desenhos maravilhosos, com as mais amplas explicações para fácil execução dos trabalhos!

Assuntos de "lingerie", assim como modelos de roupinhas para crianças. Êste album é um manual de lindas sugestões às donas de casa. Utilíssima obra.

PREÇO: Cr$ 25,00

## Roupinhas do Nenê

ALBUM N.º 6

A's mães dedicam, com razão, uma especial atenção à confecção do enxoval do recem-nascido! O album "Roupinhas do Nenê" resolve perfeitamente o problema!

Quantas sugestões se encontram nêste delicado album! Belos desenhos, tendo em vista o confôrto, sem[illegible] prática e precisão na confecção das peças do enxoval do bebê.

Os desenhos são acompanhados de amplas explicações para fácil execução dos trabalhos!

Album de indiscutível utilidade!

PREÇO: Cr$ 25,00

## Cama e mesa

ALBUM N.º 7

O encanto e o conforto do Lar dependem muito do bom-gosto feminino. Êste album coloca à disposição das mãos femininas, modelos insuperáveis em aplicações de ponto cheio, ponto sombra e crivo. Guarnições de impecavel beleza, em desenhos de riscos originais, na medida da execução.

Êste album é de real utilidade no Lar!

PREÇO: Cr$ 25,00

## Album para noivas

ALBUM N.º 8

É' o album feito exclusivamente para orientar e dar sugestões às noivas, na tarefa de confeccionar as peças de um enxoval moderno, prático e muito gracioso!

Os desenhos, baseados em motivos modernos — todos na medida da execução — são acompanhados de explicações detalhadas, tornando o trabalho fácil.

São 44 páginas contendo peças de cama e mesa, "lingerie", enfeites encantadores, inúmeras sugestões e conselhos para adôrno e confôrto do futuro Lar, que fazem dêste album um indispensável colaborador das noivas.

PREÇO: Cr$ 20,00

## A lingerie

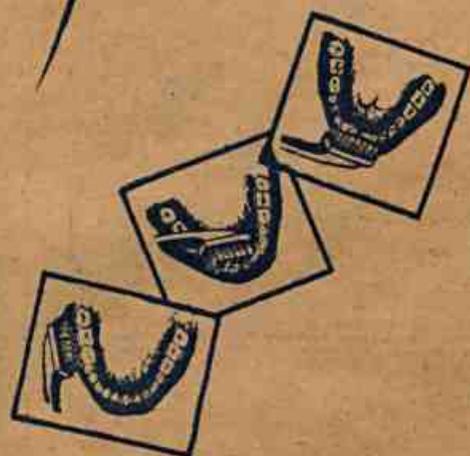
ALBUM N.º 7

A mulher elegante encontra nêste album, primorosamente organizado, inúmeros desenhos de modelos de "peignoirs", "soutiens", blusas, combinações, camisolas, aplicações todos na medida da execução, e muitos outros trabalhos que compõem a graça e a distinção da mulher moderna!

As páginas dêste album, de grande formato, foram enriquecidas com os mais belos riscos, desenhados para o encanto do belo sexo!

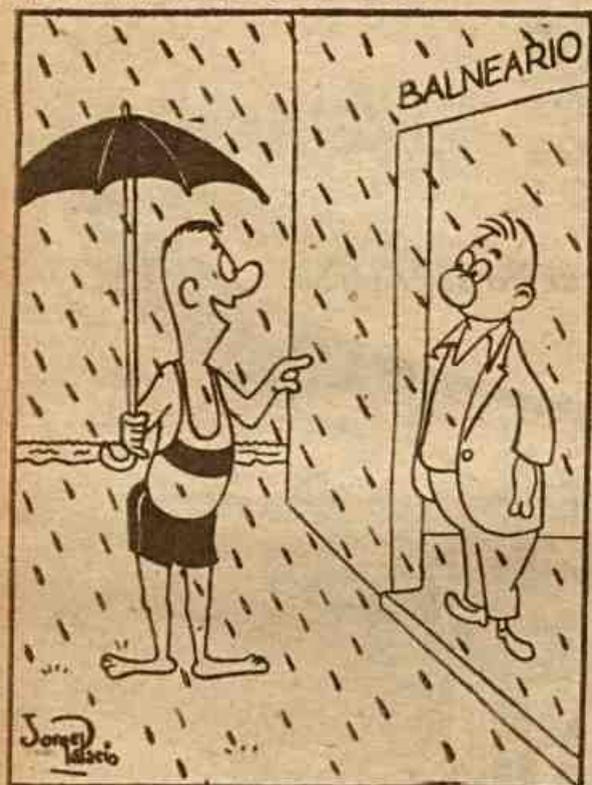
PREÇO Cr$ 25,00

**TODOS** estes albuns são editados pela biblioteca de "Arte de Bordar". Procure nas livrarias e jornaleiros. Faça seu pedido acompanhado da respectiva importancia, ou pelo serviço de reembolso postal. Pedidos à S. A. O MALHO — Rua Senador Dantas, 15 - 5º and. Caixa Postal, 880 Rio.

APRENDA A FAZER
A HIGIENE
CIENTÍFICA DA BÔCA

ÁGUA TÔNICA DE QUININO
Guaraná
Champagne
Guaraná

## CURIOSIDADES HISTORICAS

*mundo conhecido no século I depois de Cristo era o seguinte: os romanos conheciam o norte da Europa até a Dinamarca e o litoral sul da Escandinavia; a leste, as margens do rio Ural, que chamavam Citia; na Asia, sabiam que a India tinha sido percorrida até o Ganges; na Africa, seus conhecimentos geográficos se detinham no Saara e nas nascentes do Nilo.*

*Antes deles, os chineses conheceram todo o Pacifico; os noruegueses tinham descoberto a Islandia, chegando até as plagas americanas. Anteriormente — segundo se afirma hoje — os fenicios haviam contornado a Africa e estiveram no México e no Brasil.*

**— Ah! Eu não perco um banho de mar, mesmo que chova . . .**



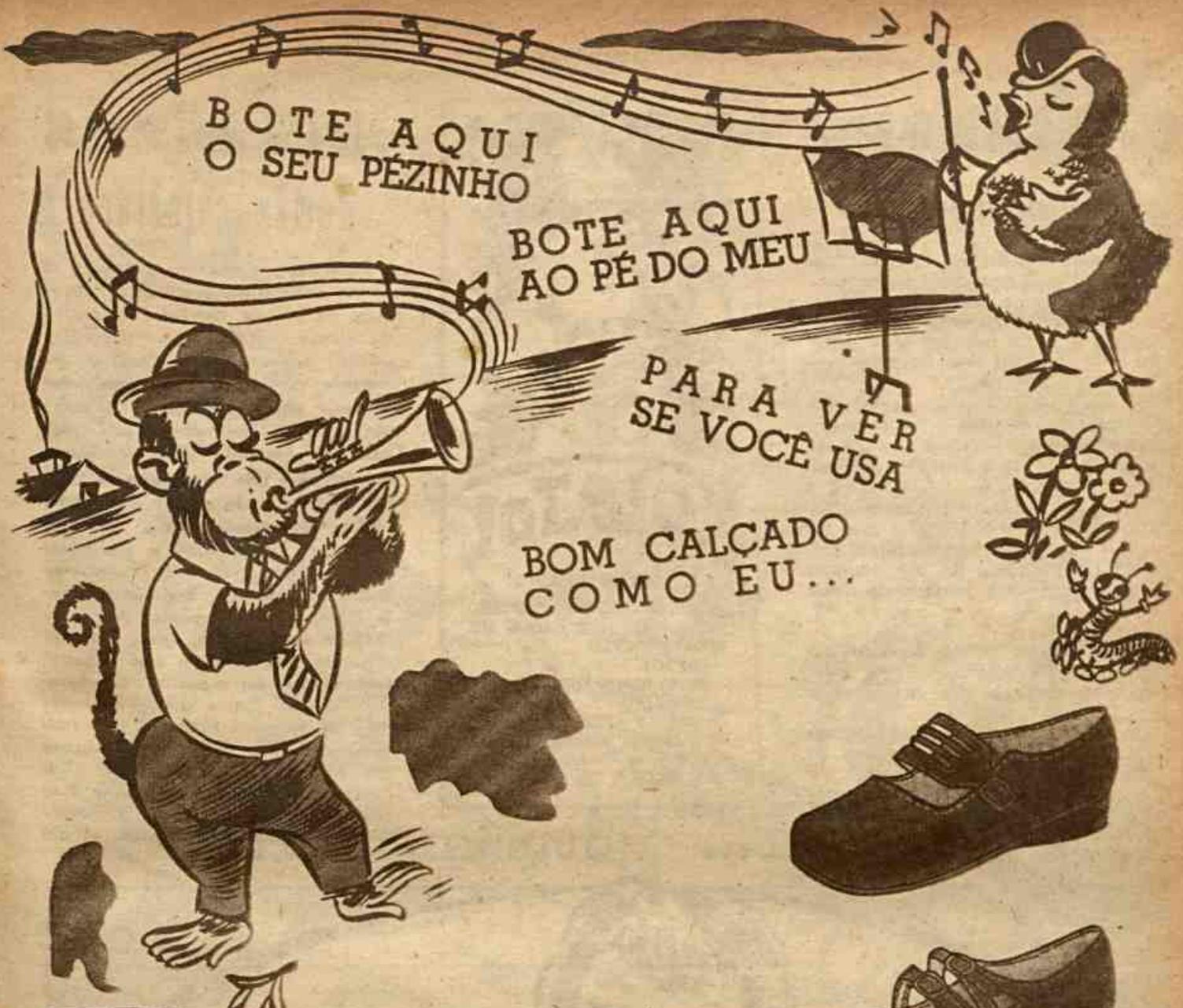
## AS TESOURAS

A tesoura, êsse objeto que as mulheres consideram de primeira necessidade, tem origem muito remota. Seu nome vem do laim "coetus" que significa "cortado", apesar de que se chamavam, primitivamente, "forces" e, depois, "cisel".

Na antiguidade a tesoura era feita de dentes de animais, muito aguçados, ou de pedras de jaspe e cristal de rocha, finamente polidas. Mais tarde começaram a ser utilizadas as fôlhas de bronze, mais afiadas e cortantes. Reunidas aos pares, deram forma definitiva às tesouras.

Sob êste feitio, por volta do século XVI, se tornaram conhecidas no mundo todo, datando dessa época magnificos exemplares de ouro e prata, artisticamente trabalhados e incrustados de pedras preciosas.

No meio do século XVI certo italiano teve a idéia de cruzar as lâminas e de acrescentar aneis nas extremidades. E, com êsse feitio, tornadas populares na Europa, graças a presente feito à rainha da França pelo Duque de Veneza, chegaram as tesouras aos nossos dias.

BOTE AQUI
O SEU PÉZINHO
BOTE AQUI
AO PÉ DO MEU
PARA VER
SE VOCÊ USA
BOM CALÇADO
COMO EU...
Casa do BASTOS
Matriz
rua Uruguaiana, 19
fones
43-5537
43-5547
Filial
av. Copacabana, 804
esquina de Dias da Rocha

## Curiosidades

No mundo inteiro, so existe um farol não assinalado nas cartas geográficas; fica no deserto do Arizona, nos Estados Unidos, e serve para indicar o local do poço de água potavel, à disposição dos viajantes.

O primeiro exército permanente composto de guardas e tropas regulares foi criado por Saul, rei de Israel, no ano 1093 antes de Cristo.

O fragmento de manuscrito mais antigo que se conhece é o rôlo de papiro descoberto em Saggarah, em 1893, o qual data da 5.ª dinastia egipcia e fala do reinado de Tat-Ka-Ra.

Uma gota de sangue humano, do tamanho da cabeça do alfinete, contém cêrca de 5 milhões de células.

Existem três lugares no mundo onde se encontra estranha neve de colocação verde: nos arredores do Monte Hekla, na Islanda; nas proximidades da embocadura do rio Obi, na Sibéria; e próximo a Quito, no Equador.

## Nomes coloridos

**Reconhece-se que, muitas vezes, os nomes geograficos são muito improprios ou apenas ligados a minúcias de menor significação. "Mar Vermelho", por exemplo. Trata-se, na verdade, de mar azul ou verde como qualquer outro. Nas costas da Arábia, entretanto, os rochedos que o bordam são vermelhos — de um vermelho-óca — e isso foi o bastante para dar nome a todo o mar. A mesma razão encontramos para o "Mar Negro", que, principalmente no litoral turco, banha rochas basalticas de tom negro azulado. Por que "Floresta Negra?" Simplesmente porque se compõe de pinheiros, cuja cor, em conjunto, não é clara, mas tambem está longe de ser negra. O "Rio Amarelo", que se chama Huang-Ho e vai do Tibé ao golfo Petchill, é de fato amarelo devido às areias tibetanas que carrega em suas águas. O "Rio Azul", chamado Iang-Tsé-Kiang, tem aquele nome porque é artéria comercial importante e, na China, o azul é simbolo da riqueza.**

# A LENDA DE TESEU

*A lenda de Teseu assemelha-se à de Hercules. Este foi o herói de tôda a Grécia. Aquele o foi apenas de Atenas. Era filho de Ageu, rei da principal cidade da Ática e de Eletra, filha do rei de Treren. Distinguiu-se principalmente pela fôrça e pela bravura. Muito criança, voltava certo dia para sua casa quando divisou uma pele de leão que Hércules havia abandonado. Julgando que se tratava de fera viva, lançou-se a ela de machado em punho.*

*Ao chegar à idade viril, aventurou-se a muitos perigos. Afrontou as mais temiveis situações. Suas façanhas são notaveis. Dentre elas se destaca o combate com o Minotauro. Naquela época, Minos rei de Creta, para vingar a morte de seu filho, exigia dos atenienses que lhe entregassem, anualmente, sete jovens. Essas vitimas destinavam-se ao Minotauro, monstro que habitava um inextricável subterraneo, constrido por Dedalo, chamado Labirinto.*

*Dicidido a livrar sua pátria de tributo tão humilhante, Teseu se fez enviar por Atenas como uma das vitimas. Em Creta, Ariadne, filha de Minos, o viu e por êle se apaixonou. Ensinou-lhe por isso o meio de se desfazer do monstro e deu-lhe um fio para guiá-lo através do Labirinto. Graças a esse auxilio, Teseu matou o Minotauro a golpes de maça, libertou-se da intrincada teia e, unindo-se à princesa, voltou triunfante a Atenas.*

*Nem tudo na vida, porém, são flôres. Teve a desgraça de atrair a inimizade de Plutão, que o condenou a viver eternamente sentado no inferno. Mas Hércules o libertou.*





# ESTRATÉGIA

Anibal, o grande general cartaginês, descobriu que, ao cair da noite, o inimigo estava acampado em um profundo vale, à volta de grandes fogueiras flamejantes. Ele sabia que o inimigo não temia um assalto noturno, porque mesmo o audacioso Anibal não tentaria atacar na escuridão uma posição desconhecida.

Deu então ordem aos seus homens para que reunissem 200 bois na cabeça do vale, colocando grandes tochas de madeira resinosa nos seus chifres. A um dado sinal, as tochas foram acendidas e o gado despencou morro abaixo. Os animais, com suas 400 tochas a arder, romperam desabaladamente pelo acampamento a dentro, causando pânico e destruindo tudo, incendiando a área inteira.

Então, Anibal carregou com as suas tropas, desbaratando um inimigo já completamente desmoralizado.

**A DIVISAO DO TEMPO**

A divisão do tempo em semanas é muito antiga; e isso é bem compreensivel porque corresponde às fases da Lua, o corpo celeste que mais facilmente pode ser observado pelos homens e lhes oferece medidas regulares do tempo.

Encontra-se a divisão das semanas nos mais remotos documentos caldeus, egipcios, indianos e chineses. Na Europa, entretanto, só foi adotado com o advento do Cristianismo.

# Curiosidades sobre o numero 9

Fontenelle descobriu curiosa propriedades do algarismo 9. Por exemplo: os múltiplos de 9 dão sempre 9 — quando se somam os algarismos que os compõem. Assim, 2 vezes 9 são 18; em 18 os algarismos 1 e 8 somam 9; 6 vezes 9 são 54 — 4 mais 5 igual a 9. Até os múltiplos intermináveis se enquadram na regra. Tomemos o número 123.946.789, formado pelos nove algarismos significativos. O seu total é 45 — 4 mais 5 igual a 9. Multiplicado por 9, o produto é 1.111.111.101, cuja soma é 9.

Mairande, em 1770, verificou outro fato curioso com o número 9. Toma-se qualquer número e inverte-se. A diferença dá constantemente 9 ou múltiplo de 9. Tomemos o número 321. Invertido, dá 123. Feita a subtração, obtem-se 198, que é múltiplo de 9. Isto acontece com qualquer número que se escolher.

## O ANJO DE TAMANQUINHOS

**O anjo, imitando os pobrezinhos,**
**deixou, de leve, a Catedral**
**e foi andar de tamanquinhos,**
**pois desejava ser mortal.**

**Tudo era um sonho matinal . . .**
**Ingenuamente, seus pésinhos ,**
**em ressonância de cristal,**
**iam seguindo, nos caminhos . . .**

**Vagou . . . vagou . . . Olhando os ninhos**
**perdeu-se, à noite, entre os espinhos . . .**
**de uma floresta quase irreal,**

**Mas, Deus, sorrindo, paternal,**
**iluminou seus tamanquinhos . . .**
**e êle voltou à Catedral.**

**PADUA DE ALMEIDA**

## CURIOSIDADES

Numa cidadezinha italiana vivia um garoto que costumava contemplar as estrêlas e ficava a cismar horas inteiras. Uma noite êle viu uma estrêla cair e ficou admiradíssimo e x c l a mando para o pai que estava sentado:

— Papai, onde foi que caiu aquela estrêla ?

— Não foi estrêla, meu filho. As estrêlas estão tôdas no seu lugar. O que parece que caiu foi um meteorito, um pedaço de astro fragmentado, que, percorrendo o espaço a grande velocidade, incendiou-se ao entrar em contato com a atmosfera terrestre, devido ao atrito. Ou consumiu-se inteiramente, ou voltou ao espaço desprovido de oxigênio.

Esse garoto ficou com tanta curiosidade de conhecer os astros que se entregou ao estudo da astronomia. Mais tarde tornou-se o famoso astronomo Schiaparelli.

—

O escritor Alfred De Vigny serviu-se durante vinte anos da mesma caneta para escrever seus livros. Um dia, em que não a encontrou no respectivo lugar, não conseguiu escrever uma só palavra com outra caneta.

—

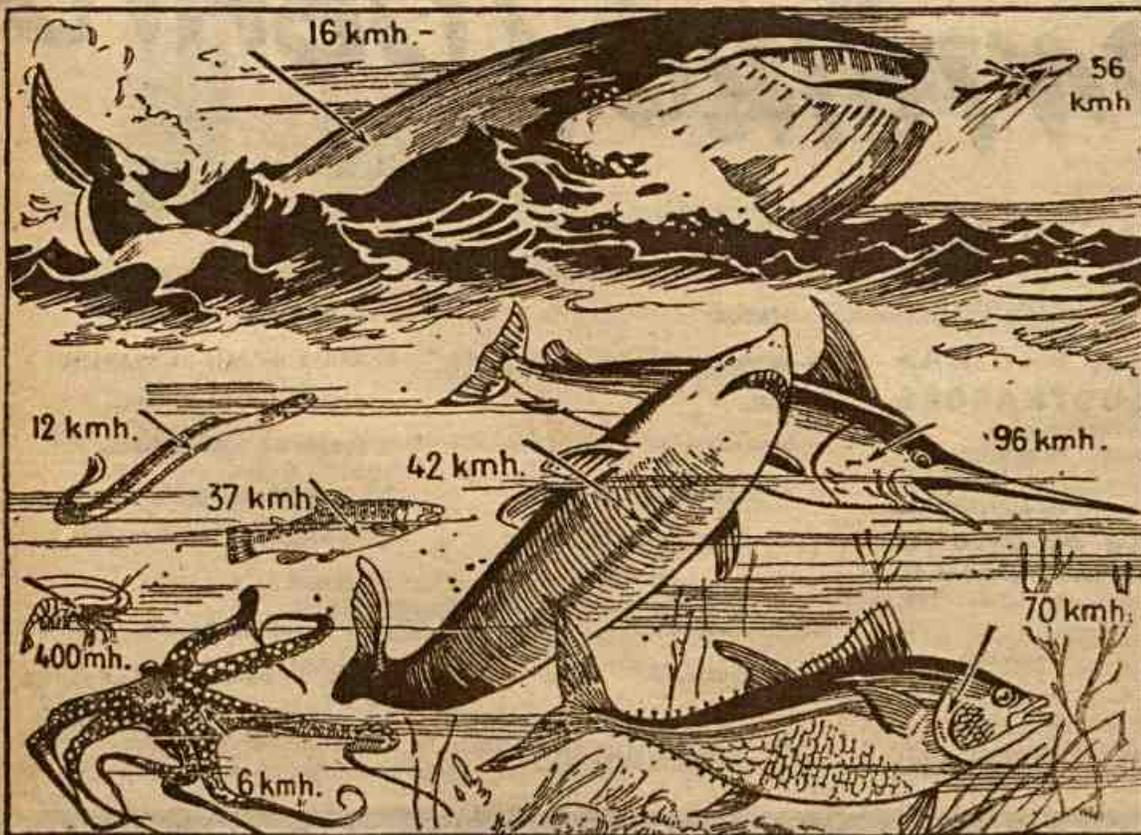
O famoso escritor Julio Verne, quando escrevia seus romances de aventuras científicas, tinha livros e mapas sôbre a mesa, as cadeiras, pelo chão, em desordem aparente, mas êle sabia onde encontrar o que precisava, sabendo que uma cadeira representava a Europa, outra a Africa, outra a Austrália. E costumava dizer que viajava pelo mundo inteiro sentado na sua poltrona.

—

Nicolau Testa, o famoso eletricista, captava uma carga elétrica na mão e a descarregava sôbre os acumuladores com o estrondo de um raio.

# EIS A VELOCIDADE DÊSTES

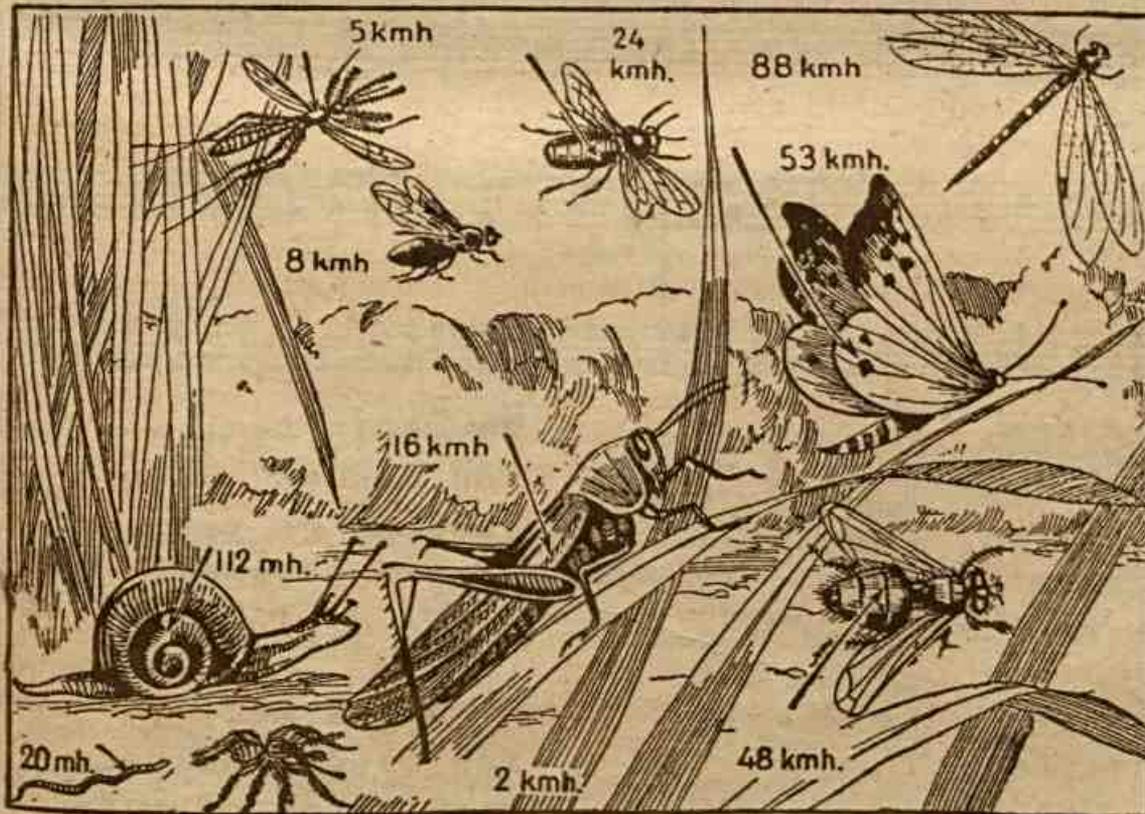
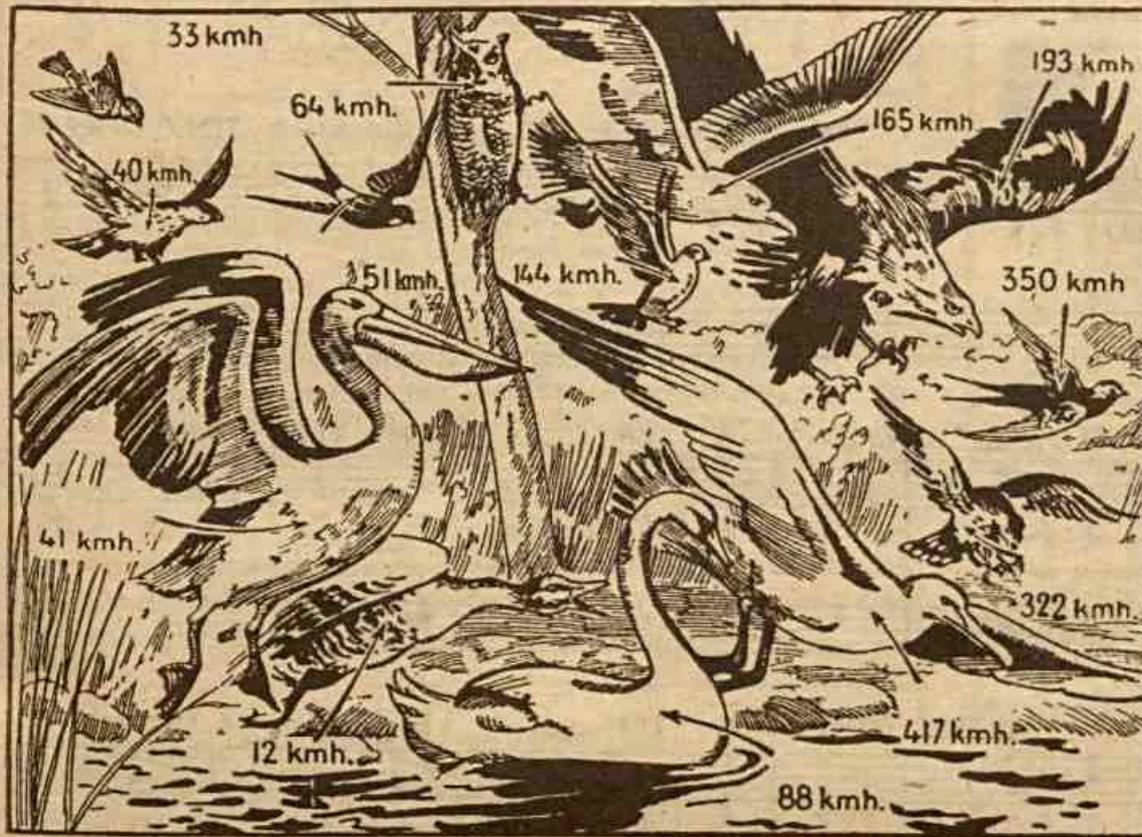
TIGRE: 112 km.
ANTILOPE: 96 km.
KANGURÚ: 72 km.
ZEBRA: 64 km.
GIRAFA: 51 km.
ELEFANTE: 40 km.
CAMÊLO: 24 km.
COBRA: 9 km.
ESCORPIÃO: 48 m.

•

ESPADARTE: 96 km.
ATUM: 70 km.
PEIXE VOADOR: 56 km.
TUBARÃO: 42 km.
TRUTA: 37 km.
BALEIA: 16 km.
ENGUIA: 12 km.
POLVO: 6 km.
CAMARÃO: 400 m.

O lince era, em tempos antigos, um animal doméstico como o cão ou como o gato. Atualmente vive em estado selvagem, destróe as manadas e é constantemente perseguido.

A pegada do camelo é a única que se não póde confundir com a de nenhum outro animal, porque os dedos dos seus pés estão unidos por um calo.

ALGUNS rinocerontes de uma espécie chamada branca — e é preta — têm chifres que chegam a alcançar cêrca de dois metros.

# ANIMAIS (QUILÔMETROS POR HORA)

FRAGATA: 417 km.
ANDORINHÃO: 350 km.
FALCÃO: 322 km.
ÁGUIA: 193 km.
ALBATRÓS: 165 km.
POMBO: 144 km.
CISNE: 88 km.
CORUJA: 64 km.
ANDORINHA: 51 km.
PELICANO: 41 km.
GAVIÃO: 40 km.
MELHARUCO: 33 km.
PATO: 12 km.

•

LIBÉLULA: 88 km.
BORBOLETA: 53 km.
TÁBANO: 48 km.
ABELHA: 24 km.
GAFANHOTO: 16 km.
MOSCA: 8 km.
MOSQUITO: 5 km.
ARANHA: 2 km.
CARACOL: 112 metros.
MINHOCA: 20 metros.

A carne do alce africano — animal parecido com um boi, de chifres mais desenvolvidos — é a melhor que existe. Segundo a opinião de alguns caçadores, sua carne parece a de vaca, mas muito mais delicada e a parte do peito, é um manjar digno de um rei.

Os leões com abundantes e imponentes cabeleiras, só se vêem no circo. Os leões que vivem em liberdade, entre matagais e matas espinhosas, têm pouca cu quase nenhuma juba e, quase sempre, pouco maior do que a das fêmeas.

# NA BAHIA TEM...

Na Bahia tem,
tem, tem, tem...
1 na Bahia tem,
oh! Bahiana,
côco de vintem.

Na Bahia tem,
tem, tem, tem...
2 côco da Bahia,
meu bem,
côco de vintem.

Na Bahia tem,
vou mandar buscar,
3 lampeão de vidro,
oh! bahiana,
ferro de engomar.

Na Bahia tem,
vou mandar buscar,
4 machina de costura,
meu bem,
fole de soprar.

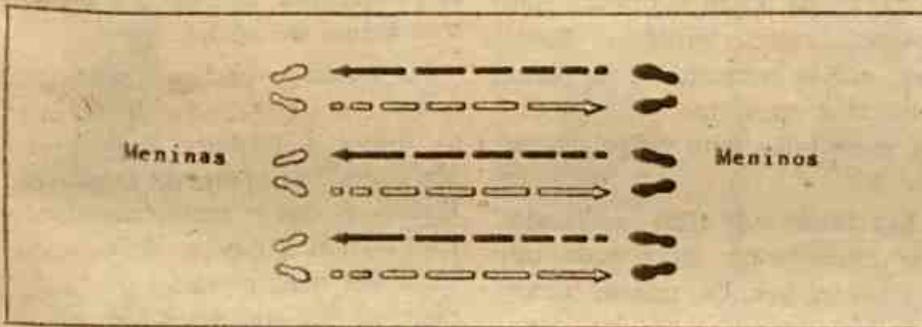
VEJA NA PAG. SEGUINTE A EXPLICAÇÃO DE COMO SE DANSA ESTA DANSA FOLCLÓRICA.

# NA BAHIA TEM...

(EXPLICAÇÃO DA PAGINA ANTERIOR)

AS crianças dispõem-se em duas fileiras — uma de meninos, outra das meninas — cada cavalheiro em frente à sua dama e distanciados entre si uns sete palmos.

A. — Enquanto entoam o canto do compasso n.º 1 ao n.º 2 da música, dão três passos à frente, batendo palmas três vezes, uma em cada passo (as palmas vão assinaladas na música por uma cruzinha); do compasso n.º 3 ao n.º 4, cantando e batendo palmas, dão tres passos para trás. Durante os compassos 5 e 6 avançam novamente, e no 7 e 8 recuam, sempre cantando e batendo palmas.

B. — Por um instante o canto se interrompe, as crianças cumprimentam-se e trocam de lugar entre si, isto é, atravessam todas o campo da dança, passando a fileira dos meninos para o lugar em que estava a das meninas e vice-versa.

C. — Reinicia-se o canto, executando-se os mesmos passos já descritos na parte A.

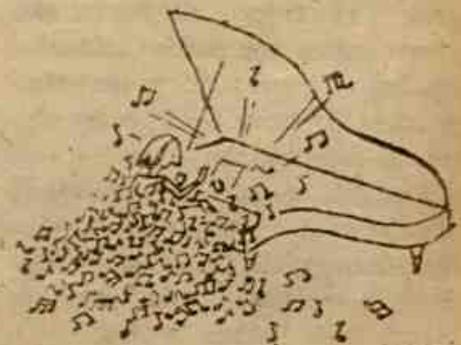
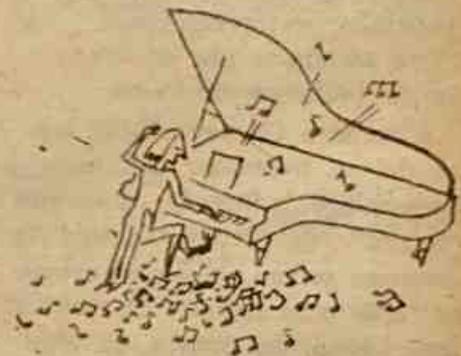
D. — Segue-se a polca. As crianças, agora em pares, cada uma com o parceiro que lhe estava à frente durante a primeira parte, dançam livremente até o fim do trecho cantarolado.

Segue, então, o canto com as duas quadras restantes, podendo-se, para variar, executar os seguintes passos: as crianças em frente de seus parceiros, mas agora dispostas em dois círculos concêntricos, preparam-se para a "chaînes de dames". No primeiro tempo do primeiro compasso cada parceiro estende a mão direita ao seu companheiro em frente; no momento em que as mãos se apertam a dama deve passar para o lugar do cavalheiro e vice-versa. No primeiro tempo do segundo compasso a troca já foi feita e cada parceiro passa para o lugar anteriormente ocupado pelo companheiro. Repete-se o mesmo no 3.º e 4.º compassos, sendo que desta vez o apêrto de mãos é feito com a mão esquerda e com o parceiro seguinte. Compassos 5 e 6 novamente com a direita e 7 e 8 com a esquerda e assim por diante, repetindo-se o canto até que os pares retomem a posição inicial. Recomeça então a polca em pares, para terminar a dança.

Pode-se variar o canto fazendo ora a fileira das damas, ora a dos cavalheiros, entoar a quadra, ou ainda uma cantando os dois primeiros versos e a outra os dois últimos, seguindo-se em côro geral a quadra seguinte.

## Depois da operação

— Não precisava costurar tanto, mas quando êle voltar a si, já ficará sabendo quanto me deve . . .

## Êta, Maestro!!

# A TORRE EIFFEL

A Torre Eiffel, que é, por assim dizer, o distintivo de Paris, a sua singularidade mais universalmente conhecida, tem já cerca de sessenta anos de existência, pois foi inaugurada a 31 de Março de 1889.

Quando a bandeira tricolor triunfou no alto dessa Torre, que glória para o seu construtor! Era uma autentica vitória. Êle teve de vencer resistência de toda espécie, resistência de técnicos e resistência principalmente dos que amavam a beleza de Paris, e achavam que o monstro de aço iria maculá-la.

Nada menos do que trezentos "apaixonados amantes e defensores da beleza ameaçada de Paris" peticionaram ao govêrno contra a sua contrução. Entre os signatários figuravam o compositor Charles Gounod (que mais tarde se confessou vencido), o poeta e autor dramatico François Coppée e Alexandre Dumas, filho.

Verlaine dizia: "Nunca vi nada tão horroroso!". Guy de Maupassant fugiu para não ter sob os olhos aquele fantasma torturante e inevitável" João Karl Huysmans achava-a uma "desonra para Paris"

Estes juizos, hoje quase não podemos compreendê-los. A Torre tornou-se um dos elementos da paisagem de Paris.

Alexandre Gustavo Eiffel não se deixou intimidar por nada. Engenheiro brilhante, com um "record" de feitos técnicos de primeira ordem, já tinha estado no Japão e na Rússia. Os rios da Indo-China, da Bolivia, da Hungria, o rio Douro, no Porto, são atravessados por pontes audaciosas como concepção e perfeitas entrada de Nova York, e foi oferecida pela França.

Em 1861, com 29 anos de idade apenas, construiu o notável viaduto sobre o rio Garona, em Bordeus, e, em 1879, a famosa ponte Garabit, na França central.

Eiffel foi, também, quem calculou o esqueleto de aço da estátua da Liberdade, que se ergue à entrada de Nova York, e foi oferecida pela França.

Tinha o engenheiro 53 anos, quando se iniciaram os trabalhos da Torre. Os primeiros dois anos consumiram-se completamente nos desenhos e nos cálculos matemáticos. Durante todo esse periodo, quarenta desenhadores e calculistas trabalharam nos planos da estrutura. Todos os desenhos como os calculos foram tão perfeitos que não sofreram depois a menor alteração no curso das obras. Tudo se previra com absoluto rigor cientifico. Basta dizer que os pormenores do plano ocuparam cinco mil folhas de papel, cada folha com 40 polegadas por 30.

Em Janeiro de 1887, as fundações começaram. Para cada um dos quatro grandes pilares foi fei-

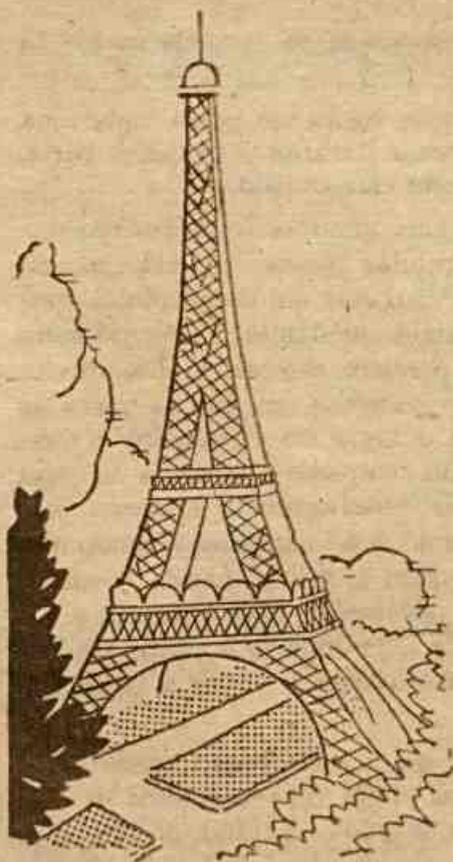
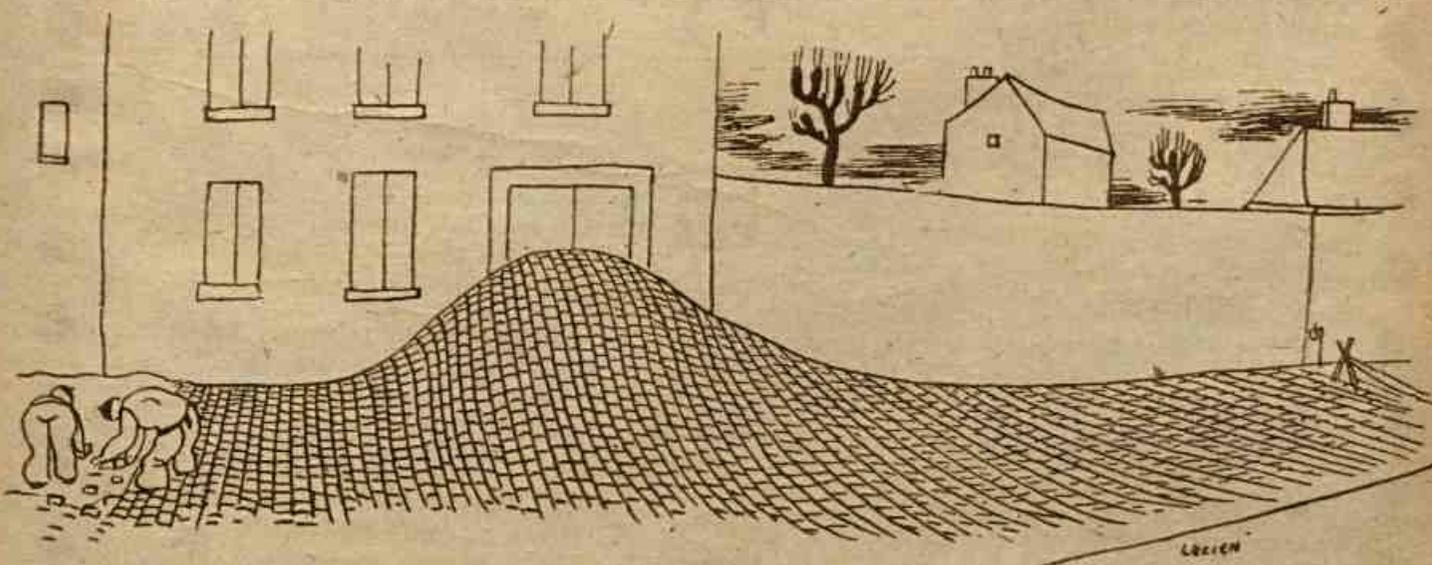
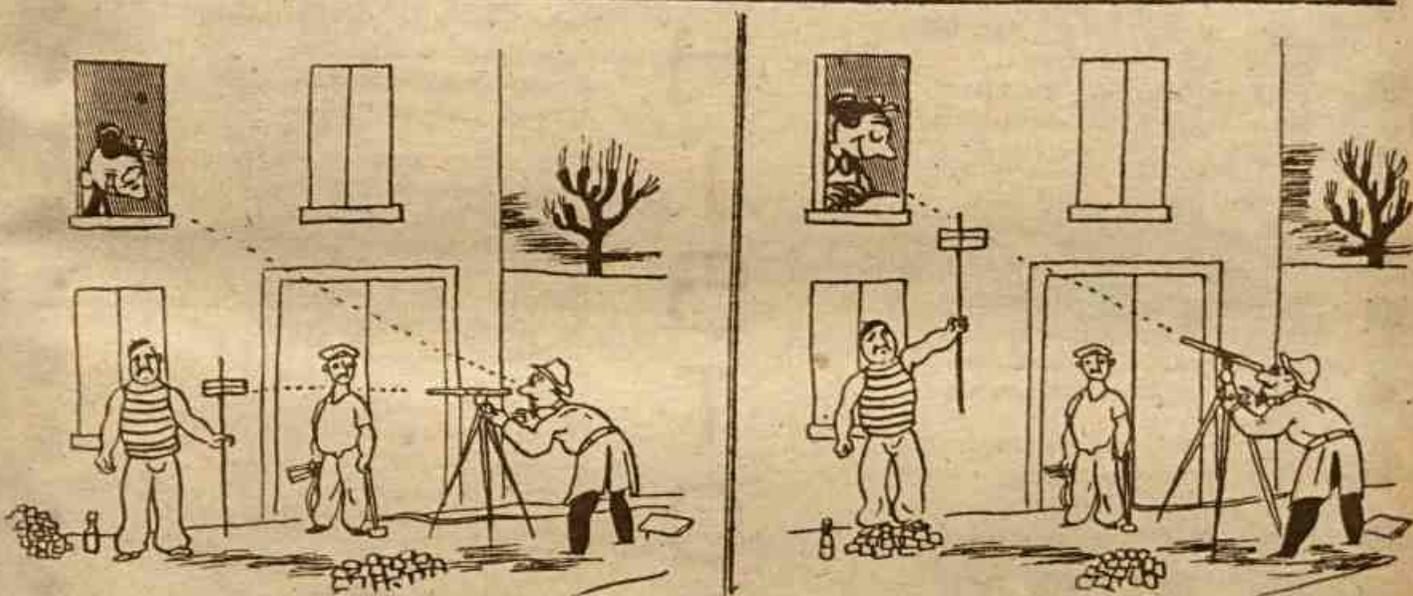
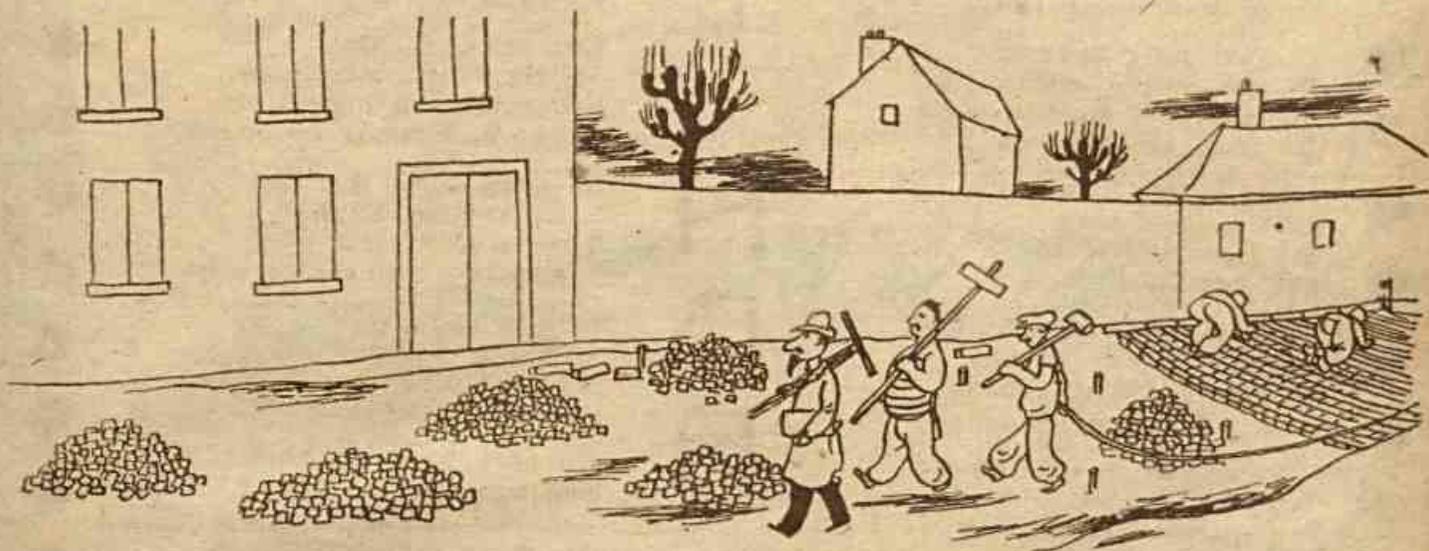
ta de uma base de oitenta e seis pés quadrados. As fundações desceram a 51 pés e repousavam em chaves em forma de "T", muito abaixo do leito do Sena. Em Junho, terminadas as fundações a Torre começou a subir e, dois anos depois, estava completa.

Tem, como se sabe, três plataformas colocadas: a primeira, a 57 metros; a segunda, a 115 metros; a terceira, a 276 metros de altura. Sobe-se para elas por meio de escadas e ascensores. Por cima da terceira plataforma, há uma cúpula contendo um farol, encimado, por sua vez, por uma quarta plataforma situada a 300 metros acima do sólo.

Foi batisada com o nome do construtor. Trouxe-lhe, além disso, honra e dinheiro. Logo recebeu o grau de oficial da Legião de Honra. Como o maior acionista, não tardou a receber dividendos cada vez mais elevados. O financiamento da construção importou em 7.800 000 francos. Em dois anos, a importancia estava paga.

Alexandre Eiffel, porém, depois desse feito glorioso, não ficou inativo. Tornando-se um homem rico, interessou-se pela aerodinâmica. Em resultado dos seus estudos, recebeu, em 1913, a medalha do Instituto Langley, como prêmio dos seus esforços pelo desenvolvimento da aviação.

Ajudou Marconi e Brandley nas suas experiências de telegrafia sem fios. À sua própria custa, instalou a primeira estação oficial de rádio da França, no alto da Torre. A sede dos serviços de rádio na França ainda lá se encontra.

Eiffel morreu aos 91 anos, em 1923. Era um velho bondoso, modesto, que nem a glória nem a fortuna desvairaram.

# O ENGENHEIRO NAMORADOR...

...E O RESULTADO

# LINDA HISTORIA

Enganam-se os que supõem
Serem coisas inventadas,
Fantasias de poetas,
Os belos contos de fadas.

Ocorreu, faz pouco tempo,
Um fato bem assombroso.
Vou narrá-lo. Pouco importa
Me taxem de mentiroso.

Linda história! Terezinha,
Uma formosa menina,
Era bôa e ia vivendo
Sob a proteção divina.

A mão de Deus a amparava
Todo o instante. Dir-se-ia
Que tinha sempre a seu lado
Jesus e a Virgem Maria.

Ao completar os vinte anos,
Disse a seus pais Terezinha:
"O casamento é um perigo...
Prefiro ficar sòsinha".

"Não, minha filha! Não tenhas
Receio do casamento.
Inda existe neste mundo
Homens de bom sentimento".

Respondeu-lhe assim, os olhos
Serenos presos na Altura,
Sua genitora, que era
Uma santa criatura.

Terezinha ouviu atenta
O bom conselho materno
E, tal como o sol radioso
Destrói os gelos do inverno

Nasceu-lhe na alma medrosa
Uma dourada esperança.
Voz interior a animava:
"Deus te proteje, criança!"

Não se passara inda um ano
E eis que um dia Terezinha
Vê entrar pela janela
Uma mimosa avezinha.

Chama todos para vê-la.
"Minha mãe, é um periquito!,
Exclama. Que olhar! que penas!
Nunca vi um tão bonito!"

O bichinho vôa em tôrno
Da sala e pousa, contente,
No ombro da jovem, que o toma
Nas mãos, beija-o ternamente...

Nisto — assombro! maravilha!
Diz êle: "Muito obrigado
Por tão gentil acolhida.
Sou um principe encantado.

Nasci num rico palácio.
O meu berço era um tesouro.
Meus sapatinhos e vestes
Eram bordados a ouro.

Davam-me como brinquedos
Os mais preciosos brilhantes.
Derramavam-me no corpo
Essências inebriantes.

Uma velha feiticeira
Me pôs, cruel, neste estado.
Não duvideis de que eu seja
Mesmo um principe encantado.

Há longo tempo que vivo
Pelas florestas. Entanto,
Si me casasse, veria
Terminado o meu encanto.

A feiticeira me disse,
Apontando o firmamento:
"Só deixarás de ave
Si encontrares casamento".

Um principe!... Terezinha
Está suspensa, extasiada,
Tem ela nas mãos um principe?
Que ventura inesperada!

Pede aos pais consentimento
Para casar-se com êle.
E acrescenta: "Estranha fôrça
A fazer isto me impele!"

Concorda a família inteira.
Tôda a cerimônia do ato
Será em casa, evitando-se
Muito reclamo e aparato.

Segrêdo é coisa que vôa...
No dia do casamento,
A casa e a rua se encheram!
Chega, afinal, o momento

Da cerimônia. Silêncio
Profundo. Quando, risonho,
O juiz declara feito
O que lhe parece um sonho,

Dá-se um milagre estupendo:
As penas do periquito
Vão caindo, vão caindo...
De repente, ouve-se um grito.

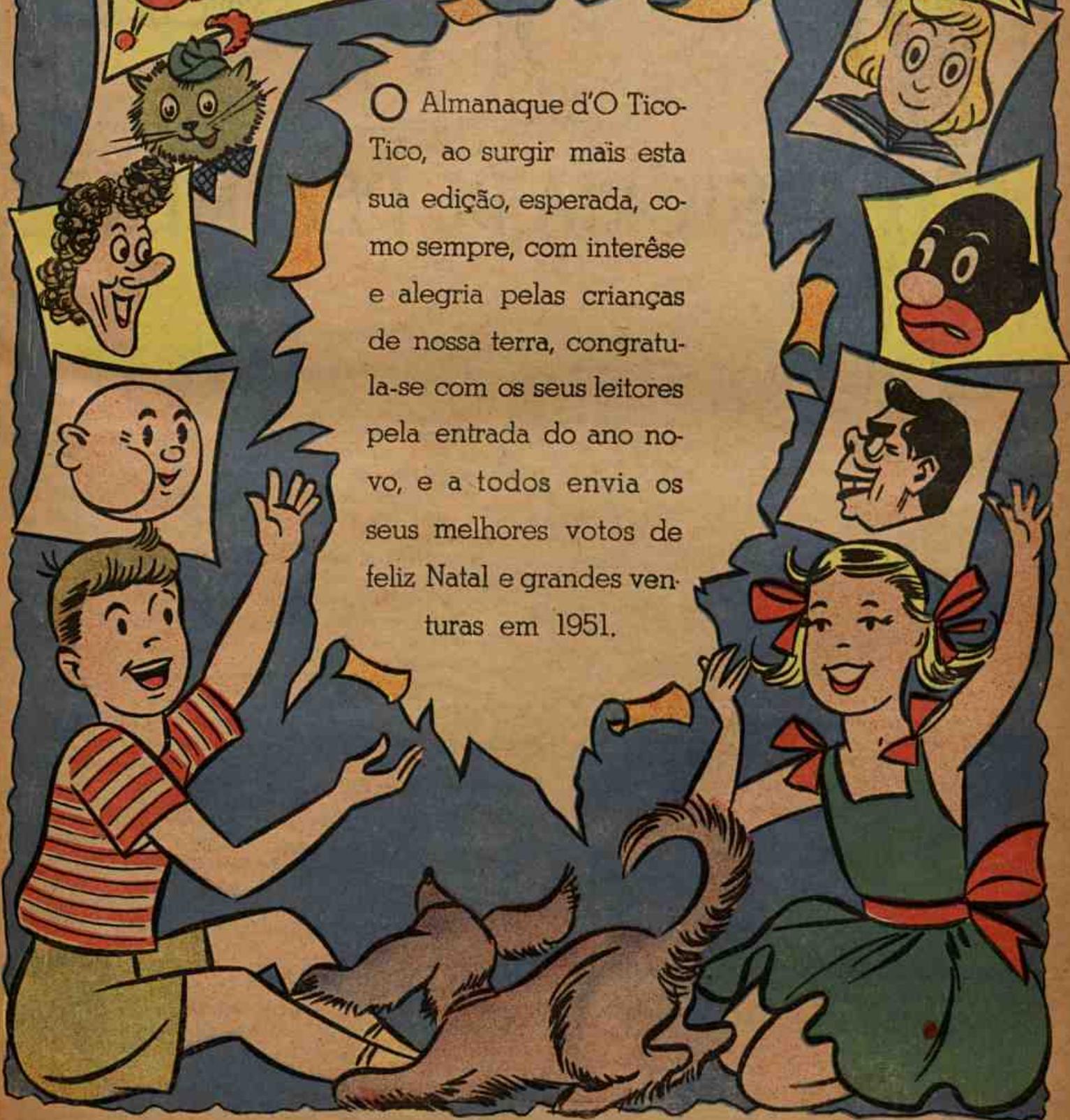
"Que estará acontecendo?",
Pergunta, ancioso o povo.
Dando mostras de alegria,
Surge um homem belo e novo!

Suas maneiras distintas
E o seu traje luxuoso
São incontestável prova
De um passado grandioso.

A multidão bate palmas,
Vibram, estrugem louvores.
O principe e Terezinha
Ficam cobertos de flôres!...

Também estive na festa,
Comi doces, uvas, figos...
Trouxe de tudo um pouquinho
Para os leitores amigos.

PAULO ALBERTO

almanaque
d'o Tico Tico
O Almanaque d'O Tico-Tico, ao surgir mais esta sua edição, esperada, como sempre, com interêse e alegria pelas crianças de nossa terra, congratula-se com os seus leitores pela entrada do ano novo, e a todos envia os seus melhores votos de feliz Natal e grandes venturas em 1951.

# A HISTÓRIA DE DEZEMBRO

A HISTORIA QUE VAMOS CONTAR REMONTA A MUITISSIMOS SÉCULOS ATRAZ, QUANDO OS DOZE MESES DO ANO, GUIADOS PELO PAI TEMPO, DESCIAM A TERRA, PARA ASSINALAR OS DIAS DE VIDA DOS HOMENS. PRESTEM TODA ATENÇAO QUE É UMA HISTORIA MUITO BONITA.

ERA nas longínquas terras do Egito.

Janeiro já havia chegado, como sempre frio, nublado, tempestuoso; depois viera Fevereiro, mês esmirrado que, antes de desaparecer, disseminava sôbre as margens do Nilo os primeiros tons violáceos; a seguir Março, alegre e turbulento, umas vezes mal-humorado, fazendo com as nuvens coisas caprichosas, pelo céu; Abril sereno e gracioso, que de vez em quando — entretanto — começava a chorar sem motivo, e a chuva não acabava mais... Maio, saturado de perfumes e com frescor de orvalho; Junho, coroado de rosas, e em seguida Julho, forte e vigoroso, e Agôsto, sufocante e suarento, Setembro, com as vinhas pendentes de cachos tentadores e suas tardes suaves como carícias; Outubro, levando sempre sua paleta de pintor, pondo seus toques avermelhados e amarelos nos bosques e nas eiras; Novembro, triste e desolado, cuja presença só por si causava arrepios, e Dezembro, finalmente...

Como vocês viram os mêses do ano manifestam seu caráter conforme as regiões onde a gente se encontre.

Lá, nas terras do Egito, êles eram assim.

Dezembro tinha vindo também, e ao descer à terra o pobre mês se sentiu com profundo desalento e tristeza.

A sua volta não havia mais que desolação e frio.

— Como me arranjarei eu agora? — perguntou a si mesmo, sobressaltado.

— Arruma-te como puderes — respondeu Novembro, enquanto se afastava, mal-humorado. — Já estou cansado e me vou!

E se foi mesmo, deixando o irmão, desorientado e temeroso.

Vagou Dezembro um pouco pelos arredores, tratando de adaptar-se um tanto ao ambiente, e com a esperança de encontrar alguma boa alma que o reconfortasse e lhe desse coragem.

Sua busca, entretanto, foi vã.

Os onze irmãos, chegados antes, tinham, cada qual, aproveitado a oportunidade que se lhe oferecia, desfrutando, uns mais e outros menos, os frutos e vantagens da estação.

Mas o inverno ali estava, mais terrível e cruel que nunca, e as esperanças de passá-lo mais ou menos bem eram muito remotas. Fazia frio, muito frio!

A Terra estava coberta por uma crôsta dura. As árvores, os bosques e moitas pareciam mendigos que implorassem à margem dos caminhos. E as noites eram intermináveis, longas, enormes, ao passo que os dias cinzentos duravam como um sôpro.

E começou a nevar.

— Coragem! — disse a si mesmo Dezembro. — Tens que pedir auxílio...

Mas todos aqueles que encontrava em seu caminho se afastavam indiferentes.

Tratára de entabolar conversa com o primeiro que encontrou, mas como resposta recebeu apenas monossílabos; parecia que as palavras gelavam nos lábios das pessoas.

Experimentou bater à porta dos ricos. Com casas tão grandes, deveriam ter um lugar para êle... Vão empenho! Pouco faltou para que o jogassem, sem misericórdia, no caminho cheio de neve.

E foi bater, então, à porta de uma choça humilde: os pobres o tratariam melhor, sem dúvida, mesmo porque êle era pobre também...

Sofreu, porém, um amargo desengano: bateram-lhe com a porta no nariz!

— Vamos, vamos! Nada de desanimar com o infortúnio! — dizia o pequeno Dezembro, cansado e faminto, vagando de povoado em povoado, de comarca em comarca, arrastando sua extenuação e sua miséria.

Ia-se aproximando o momento de abandonar o mundo, e era êsse o único pensamento que o confortava...

Até que uma tarde, ao cair do crepúsculo, ao entrar numa cidade da Palestina, encontrou dois viandantes que — cousa estranha! — não se afastaram quando o viram.

Eram um homem e uma mulher. Tinha êle a barba longa e branca e um rosto sereno; ela, uma expressão dulcíssima, da qual emanava tanta ternura que, embora sofrendo, caminhava com lentidão, mas sem proferir uma queixa.

E Dezembro os seguiu passo a passo, atraído como que por um secreto feitiço, e viu que, ao entrar na cidade, os caminhantes bateram à porta de uma cabana, com a intenção de passar ali a noite; mas a porta se fechou bruscamente, tal qual como ocorrêra com êle, dias antes.

Bateram numa segunda casa, mas não lhes responderam. Noutra lhes foi gritado que não havia lugar disponível para os acolher, dada a enorme afluência de gente que havia acudido de todos os lados, para o recenseamento que ia ser feito aquele ano.

Bateram a outra ainda, igualmente em vão. E o ancião se sentiu extenuado e a mulher vacilava a cada passo!

Era possível que aquela gente fosse tão insensível à dor humana?

E então o pequeno Dezembro se atreveu a levar a cabo o que pensára momentos antes... Sem ser visto, abriu a porta de um estábulo, lugar onde êle costumava descançar, sabendo que os donos estavam ausentes...

E o ancião, que se chamava José, avistou a porta aberta e disse à mulher, que outra não era senão a Virgem:

— Vem, Maria, que aqui há um refúgio, ao menos para esta noite!

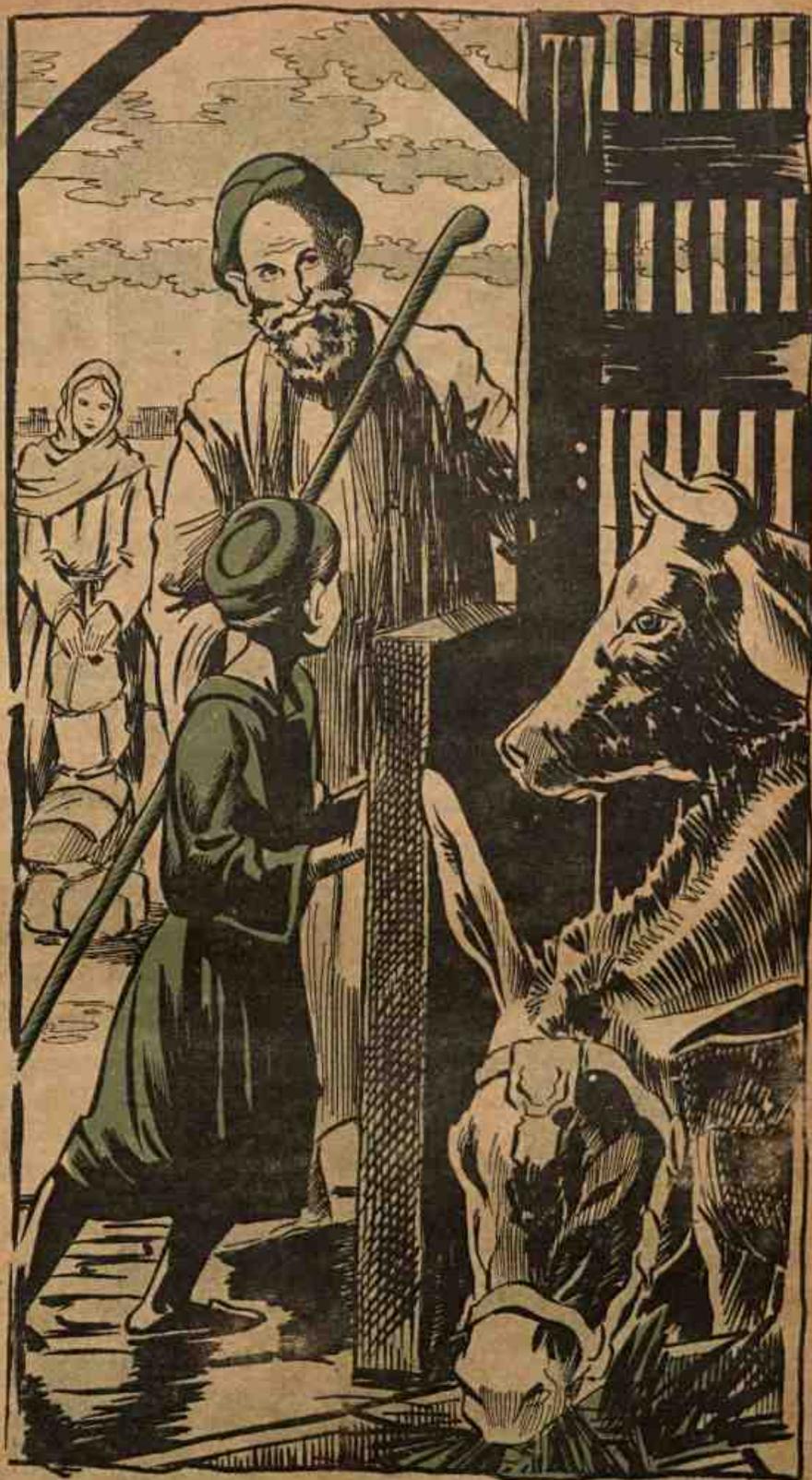
E entraram ali, recebendo nas faces o cálido alento de um asno e de um boi, que comiam junto à mangedoura.

A porta se fechou suavemente e Dezembro, contente, ficou pelas cercanias do estábulo.

Parecia que uma força misteriosa o obrigava a permanecer ali. Afinal, estendeu-se ao chão e acabou por dormir.

De repente, mais ou menos à meia-noite, foi despertado por um cântico divino.

Meio sonolento esfregou os olhos para ver melhor, a uma exclamação de estupor lhe saiu lábios

A porta do estábulo estava aberta, e junto a ela alguns pastores estavam ajoelhados diante da Virgem, que sustinha nos braços um menino encantador: o Menino Jesús, o Deus-menino, que olhava com olhinhos sorridentes e cheios de ternura todos os seres que o rodeavam!

E os anjos entoaram:

"Hosanna! Hosanna! Paz na terra aos homens de boa vontade!"

E outras mil vozes, pelo espaço, vozes de bôcas invisíveis, murmuraram:

— Nasceu o nosso Redentor!

E Dezembro compreendeu então o significado daquele acontecimento extraordinário, e se prosternou trêmulo em adoração, e deu graças a Deus por ter descido à Terra e por lhe ter dado a maravilhosa sorte de ter sido êle quem ofereceu à Humanidade, durante sua curta vida, tão divino acontecimento...

# O DONO DO ESTÁBULO

## TRADUÇÃO DE MARIA MATILDE

RAEL voltava da feira muito aborrecido e fatigado. Lá passara três dias e nada ganhara: Os compradores, muito exigentes, depois de examinarem o gado, rejeitavam-no porque o achavam magro e de pêlo ralo.

Outros ofereciam pouco pelos seus animais porque os achavam fracos e doentes.

Por mais que Rael dissesse que os animais que vendia eram os melhores do mundo, não consequia convencer os compradores. E assim, em discussões e regateios passaram-se os três dias, regressando Rael a Belém, muito zangado e com muito menos dinheiro do que imaginara trazer.

E, maldizendo-se e blasfemando contra Deus, ia em grandes passadas já quase às portas do povoado, quando vieram ao seu encontro Acab e Enoé, dois meninos, filhos da viuva que morava perto de Belém.

Rael estranhou os meninos virem ao seu encontro, porque os dois irmãos o temiam.

Costumavam fugir quando êle se aproximava, pois tinham certeza de que levariam alguma paulada com o bastão com que Rael costumava afugentar as crianças pobres que lhe pediam esmolas, grãos de trigo ou pão de mel.

Então Rael estava ali para isto? Dar pão de mel?... E ao ver os dois pequenitos lançou-lhes um olhar de ira, ao mesmo tempo que gritava:

— Fóra daqui seus malandros! Nada trago, se não êste pau!... E acenava com o bastão, como que desejando bater nos meninos.

Mas, Enoé não se afastou e, sorrindo, disse a Rael, entre admirado e brincalhão.

— Ainda não sabes ? No estábulo onde guardas a mula e o boi, há gente estranha... Estão lá dormindo como em casa !

Rael estacou, como se sôbre êle tivesse caido o céu.

— Que ?! No meu estábulo ? — balbuciou, não dando muito crédito ao que lhe contavam.

— E', sim ! — afirmou Acab, o menor. — Um homem idoso, que dizem ser carpinteiro, sua mulher e um menino que acaba de nascer. E ...

Rael não quís ouvir mais, pondo-se a correr como louco, tal era a ira que o dominava, tropeçando aqui e ali e cambaleando, porque já estava ficando escuro. A noite vinha chegando.

Já bem perto do estábulo, ao levantar a cabeça, uma estrela muito linda e brilhante lhe chamou a atenção. Nunca a tinha visto. Tão poucas vezes olhava para o céu !

Viu também que uns pastores estavam saindo do estábulo e gritou colérico:

— Que estavam vocês fazendo no meu estábulo ? Quem está lá ?

E vociferava e gesticulava fóra de si, quando assomou à porta um ancião, que suplicou:

— Por favor, escuta-me e não te aborreças. Maria, minha esposa... Não tinhamos onde dormir... Era noite, fazia muito frio... O menino ... nosso filho...

Mas Rael afastou-o bruscamente e entrou no estábulo. Nossa Senhora levantou-se, assustada, apanhou o menino Jesus que estava entre as palhas do presépio, e, apertando-o contra o peito, pediu humildemente:

— Não o maltrates ! Nós sairemos agora mesmo...

Então Jesus abriu os olhos e fitou Rael, que não poude desviar os olhos dos do Menino Deus, sentindo que se enchiam de lágrimas. Êle, que nunca tinha chorado !

E virando-se para S. José, que o observava ansioso, disse, com voz comovida:

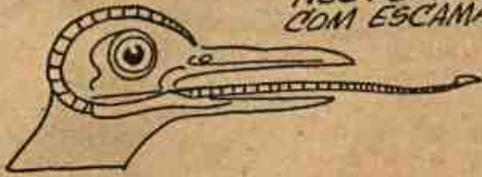
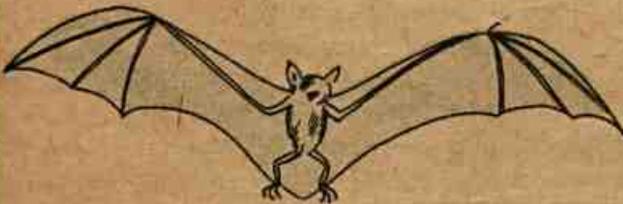
— Fiquem aqui, todo o tempo que quiserem . . . Podem descançar tranquilamente a Mãe e menino.

Baixou a cabeça e saiu, sentindo na alma um bem estar como nunca sentira.

O menino, nos braços sagrados de sua Mãe, sorria...

# VOCÊ SABE QUE...

por PAULO AFFONSO

...ABLE É O NOME GENÉRICO COM QUE SE DESIGNAM PEQUENOS PEIXES DE ÁGUA DÔCE, COM ESCAMAS PRATEADAS.?
...PARA PRODUZIR UMA LIBRA DE SEDA SÃO NECESSARIOS 2300 CASULOS?
...A LINGUA DO PICA-PAU TEM A PARTICULARIDADE CURIOSA DE SER PROJETADA PARA FORA E ATINGIR UM CORPO COLOCADO A CINCO CENTIMETROS DO BICO?
...UMA PESSOA COM OS OLHOS VENDADOS ANDA SEMPRE PARA A DIREITA?
...A REGIÃO DO GLOBO MAIS RICA EM PAPAGAIOS É A MALASIA, ONDE HÁ 176 ESPECIES DESSAS AVES?
...OS GATOS CONSERVAM O OLFATO DURANTE O SONO?
...O ALBATRÓS É UMA DAS AVES QUE PODEM PERMANECER MAIS TEMPO VOANDO?
...UM PÃO DE MEIO QUILO CONTÉM MAIOR NÚMERO DE CÉLULAS DE FERMENTO DO QUE O MUNDO TEM DE HABITANTES?
...O CUCO PÕE O OVO NO NINHO DE OUTRAS AVES PARA QUE ESTAS LHO CHOQUEM?
...O LEÃO SALTA ATÉ 4 METROS DE ALTURA?
...O MORCEGO VAMPIRO ESCOLHE DE PREFERENCIA O LÓBULO DA ORELHA OU A PONTA DO NARIZ DAS SUAS VITIMAS PARA SUGAR O SANGUE?
...CONDUZINDO CAVALEIRO, UM CAVALO FAZ CERCA DE 6 QUILÔMETROS A A PASSO; A TROTE 17 E A GALOPE 28 QUILÔMETROS?

*O primeiro paraquedas*

A conquista do espaço pelo homem teve, na sua mente, uma preparação lenta de muitos anos. No primeiro dia, talvez, em que o homem reparou no vôo de um pássaro, e viu como êle deslizava mansamente, feliz, como quem esta muito cômodo — sentiu vontade de fazer a mesma cousa. Começou a pensar no problema, invejando as aves.

Sabemos todos que as primeiras idéias sérias, baseadas em principios cientificos, a respeito do vôo humano, nasceram no cérebro privilegiado de Leonardo de Vinci, apesar de já ser muito antiga a lenda de Icaro, que é mais um simbolo.

Naqueles recuados dias de Leonardo de Vinci, tudo se resumia em planos cálculos, desenhos. Nada mais. Mas houve um visionário que chegou a pensar em que, se o homem viesse mesmo a conquistar o espaço, e a voar algum dia, os aparelhos ou máquinas de voar não poderiam ser coisas perfeitas, teriam falhas, ofereceriam riscos. E então tratou de achar um jeito de escapar ao risco de um trambolhão lá dos espaços.

Esse visionário foi o engenheiro mecânico veneziano Fausto Venanzio, que deixou suas idéias num livro escrito no ano de 1595, e que tinha o titulo "Macchinae Novae."

Embora tivesse imaginado como "pular de um aparelho de voar que sofresse acidente no espaço" Venanzio não chegou a construir nenhum paraquedas. Mas entregou ao estudo dos técnicos a idéia de um mecanismo consistente em uma espécie de vela mantida tensa por quatro armações triangulares, formando uma piramide de base quadrangular, á qual o homem era sujeito por quatro cordas. Dessa maneira os tripulantes de um aparelho de voar poderiam lançar-se ao espaço, no caso de perderem o govêrno da máquina voadora (que ninguém sabia, ainda,... como poderia vir a ser). A descida seria lenta e nada perigosa.

Era, realmente, assombrosa, a visão deste engenheiro, dois séculos antes de que os irmãos Montgolfier fizessem sua ascenção no célebre balão.

Depois de estabelecido, pelos fatos comprovados, que o homem podia realmente voar, muitos foram os sonhadores que cogitaram de desenvolver a idéia de Venanzio. Entre êles citamos o alfaiate Reichelt, austriaco, residente em Paris, que perdeu a vida fazendo a prova de um paraquedas complicadissimo de sua invenção. Pulando do alto da torre Eiffel, em Paris, o arrojado alfaiate se atrapalhou na montoeira de fazenda de que constava seu paraquedas, e este não funcionou, indo êle esborrachar-se no chão. Mas a idéia estava de pé. O fisico francês Lenormand e os aeronautas Blanchard e Garnerin, franceses, realizaram, ainda no século XVIII, interessantes experiencias que puseram em evidência as grandes possibilidades do paraquedas. Mas, apesar disso, essa idéia foi abandonada por longo periodo de tempo. Passou a ser o paraquedas usado apenas por pessoas que queriam arranjar dinheiro, exibindo-se em saltos do alto de torres, pontes, edificios e globos aerostáticos. A coisa era arriscada e o povo gostava de ver.

Enquanto isso, os anos iam passando e com o invento maravilhoso de nosso patricio Santos Dumont a aviação própriamente dita nasceu e começou a se desenvolver. O motor dos aviões começou a rugir no céu. Os acrobatas começaram a saltar dos aviões, utilisando os paraquedas. E isso veio alertar os espiritos. Infelizmente só depois de perdidas muitas vidas foi que o homem "acordou" e viu que aquilo de que se serviam os acrobatas para suas proezas, poderia realmente vir a ser meio de salvação, para os que voavam.

Hoje em dia, os paraquedas são aperfeiçoadissimos, têm dispositivos de segurança, e graças e êles têm sido salvas vidas preciosas. Tornou-se eficiente arma de combate. Mostrou sua utilidade na salvação de vidas em perigo nas regiões árticas e antárticas, fazendo des-

**JOSÉ ANTONIO DURAN**

cer víveres e medicamentos as expedições polares. Em pleno oceano é usado para salvar náufragos, levando-lhes mantimentos e água, deixados cair de aviões de socôrro que não podem pousar. Em resumo, não há quem não conheça as diversas e sempre providenciais utilidades que têm os paraquedas. O cinema nos mostra os desembarques de tropas de infantaria-aér a e os meninos residentes no Rio já terão visto as demonstrações excelentes de nossos corpos de paraquedistas militares.

Com o aparecimento dos super-aviões a jato, velocíssimos, houve necessidade de se idealisar uma nova espécie de paraquedas apropriado a êles. Dada a alta velocidade dos modernos aparelhos desse tipo, tornou-se impossível o paraquedista, em caso de necessidade, pular de sua cabina, ou assento, para se lançar no espaço. A fôrça do ar o mantém preso ao seu posto de comando, se êle é quem pilota o aparelho. Então os técnicos inventaram uma "nacelle" destacável do avião pelo movimento de uma alavanca. Em pleno vôo, se há necessidade de abandonar o aparelho, o piloto move a alavanca e a parte em que êle está sentado deixa de fazer parte do avião, solta-se deste, e um paraquedas se abre, impedindo que nacele e piloto cáiam vertiginosamente no espaço. Depois que a nacele fica flutuando, o piloto se desamarra e salta dela, e faz então funcionar o paraquedas comum que traz atado ás costas, como qualquer aviador.

Os paraquedas são feitos de seda e devem ser enrolados cuidadosamente por pessoas experimentadas. Eles se abrem quando o aviador puxa uma certa mola. Há paraquedistas que pulam do aparelho e só muitos segundos depois é que puxam a mola para o paraquedas se abrir. Há quem afirme que a sensação é boa. Questão de gostos não se discute.

O que nos interessa focalisar nestas linhas é como o paraquedas nasceu dois séculos antes de poder o homem voar, e isso vocês já viram, podendo, agora, contar essa história verídica e interessante a qualquer pessoa que não a conheça. E não são muitas, as que a conhecem, podem estar certos... Por isso é que é bom ler o "Almanaque d'õ Tico-Tico"... Ele é feito com a intenção premeditada de ensinar coisas boas.

# OS SAPATOS DO REI

SENHOR, seus sapatos estão muito velhos — disse o sapateiro a um estrangeiro que passava pela sua porta — Deixe-me consertá-los

— E' que fiz uma longa caminhada e ainda tenho que percorrer grande distância até chegar ao meu destino.

E tens razão, meu amigo. E' isso !

Acho melhor repará-los agora, porque talvez não resistam ao muito que tenho que andar — respondeu o homem.

Sentou-se, atirou os sapatos e entregou-os ao sapateiro.

Este, sem perda de tempo, iniciou o trabalho e pouco depois restituia ao dono os sapatos, quase como novos.

— Quanto é o serviço, mestre ? — perguntou o estranho.

— Oh ! nada, nada ! — respondeu o sapateiro, pois a julgar pelas roupas com que se trajava seu cliente, não devia ser um homem rico.

Na realidade, rico êle não era, mas era poderoso, porque as fadas lhe tinham dado estranhos poderes no dia em que nascêra.

Sorrindo, o estrangeiro meteu a mão num dos bolsos e tirou uma caixinha que entregou ao remendão, dizendo:

— Pega ! Isto servirá para que te paguem.

Basta passares esta pomada nos sapatos dos que te devem, e êles te pagarão.

Quem mais devia ao velho sapateiro era o rei, mas êle não tinha coragem de cobrar a conta real, com mêdo de que o soberano o mandasse prender.

Então, teve uma idéia.

Entre os pagens do palácio havia dois de quem o sapateiro era muito amigo.

Pedir-lhes-ia que levassem o rei para passear num lugar onde sujasse os sapatos de lama e, depois, o aconselhassem a mandar limpá-los e lustrá-los por êle.

E assim foi feito.

Depois de caminharem um bocado, um dos serviçais, olhando para os pés do monarca, disse:

— Oh! majestade! Vosso calçado está todo sujo! Desta maneira não podereis entrar no palácio!

— Ali está justamente um engraxate — disse o outro pagem, acenando ao sapateiro, que se tinha disfarçado em lustrador de calçados.

Imediatamente se aproximou do rei o remendão e, depois de trabalhar com capricho, deixou os sapatos reais brilhantes e lustrosos como um espêlho.

Não será demais dizer-lhes que o rei não fez o menor gesto para pagar o trabalho que tinha dado ao pobre homem, e foi andando sem mesmo agradecer . .

Mas, mal tinha dado três passos, os sapatos começaram a ranger tão alto que de longe se ouvia dizerem:

— "O rei nos comprou e ainda não nos pagou!"

E assim contiuaram, primeiro um pé, depois o outro, a cada passo que o rei dava.

O pior é que ficaram tão apertados, tão justos nos pés do soberano, que quando êle os quís tirar não conseguiu.

Ao chegar ao palácio chamou os seus Ministros, afim de descobrir uma solução para aquele fenomenal caso.

Nada havia, porém, que fizesse os sapatos sairem

— Antes de mais nada — disse o Chanceler, — a primeira coisa que Vossa Majestade tem que fazer é mandar chamar o sapateiro e pagar-lhe o que lhe deve.

E o rei, que não queria passar pela vergonha de que todos soubessem de suas dívidas, mandou chamar o fabricante de calçados, e, em reluzentes moedas de ouro, pagou-lhe sua conta, que importava em cem pares de sapatos.

No mesmo instante sentiu que os sapatos começaram a afrouxar e logo depois os poude tirar sem dificuldade.

Desde êsse dia o rei decidiu nunca mais ficar devendo a ninguém.

Mas, não era só o rei que devia ao sapateiro e sim também um rico comerciante, muito sovina. E com êsse aconteceu a mesma coisa.

O sapateiro ofereceu-se para lustrar os seus sapatos, passou-lhes a pomada mágica e quando êle saiu saiu andando o calçado começou a gritar:

— "Êste homem nos comprou e ainda não nos pagou"!

E como também êste mau pagador não os podia tirar dos pés, para não se envergonhar, achou melhor pagar o que devia ao sapateiro.

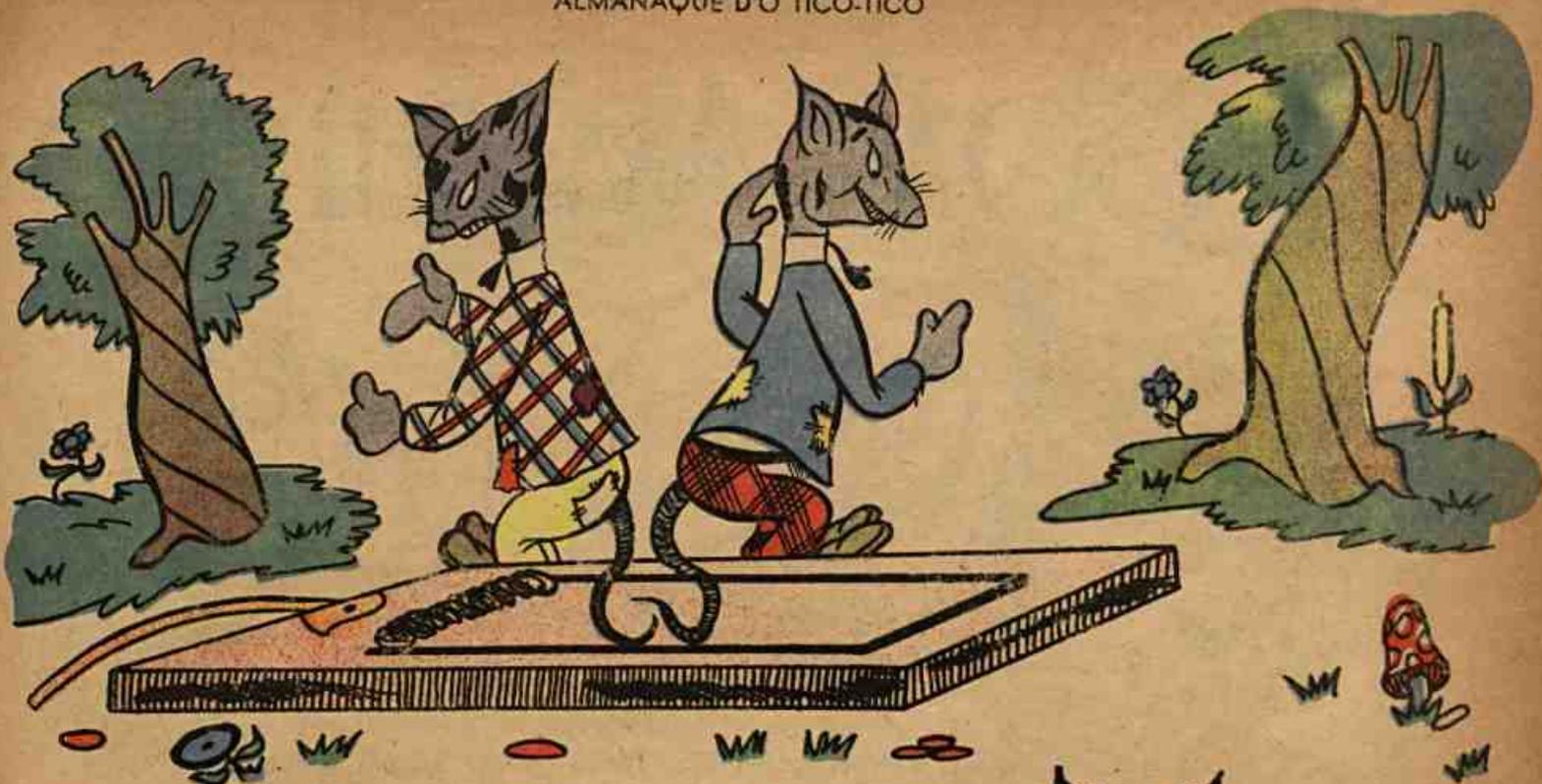
# RATINHO Aventureiro

JURACY CORREIA

ROE-ROE é um ratinho que possui um espírito aventureiro. Ele mora num moinho situado no campo, onde nada lhe falta: trigo, milho, arroz, centeio e cevada existem em profusão no depósito, permitindo-lhe passar uma vida regalada.

Mas Roe-Roe resolve viajar para conhecer o mundo. Sua cabeça está cheia das histórias que a mamãe conta, dos ratos da cidade, que comem queijos, doces e frutas secas, e só bebem vinhos e licores finos.

Roe-Roe então foge de casa e vai para a cidade, onde é recebido com falsa amisade pelos ratos de lá, que, notando a sua origem provinciana, resolvem se divertir à sua custa. Eles lhe dizem que tudo quanto possuem é presente de Loló, um lindo gato angorá, de coração muito bom, que adora os ratos. E mandam que êle vá pedir um pedaço de queijo a Loló.

Roe-Roe, coitado, ingênuo como é, vai falar com o gato e quase é comido, tendo escapado sòmente porque

apareceu no instante exato Totó, um cachorro de caça, inimigo dos gatos. Roe-Roe, porém, foi infeliz. Ao fugir de Loló, não reparou numa ratoeira que estava no meio do caminho, e o resultado foi ficar prêso.

Pouco depois chegam os outros ratos e, vendo Roe-Roe prêso, começam a rir. Roe-Roe, no entanto, não se dá por achado, e ri mais do que todos êles. Os ratos, é claro, ficam admirados, e perguntam-lhe porque está rindo, uma vez que está prêso na ratoeira.

Roe-Roe, resolvendo tirar partido da situação, responde que ouviu o dono da casa dizer que precisava pegar um rato para experimentar um novo tipo de queijo, por isso resolveu deixar-se prender na ratoeira, de propósito.

Ouvindo aquela história de experimentar um novo tipo de queijo, os ratos ficam com água na bôca, e pedem a Roe-Roe que lhes ceda o lugar. Roe-Roe primeiro finge que não quer, depois hesita, e, finalmente, como cada um dos ratos lhe oferece um presente, consente em trocar de lugar com êles. Todos júntos levantam a mola da ratoeira, Roe-Roe sai, e êles tornam a arriar a mola, ficando prêsos pelas caudas.

Roe-Roe fez uma trouxa com os presentes recebidos, e disse aos outros ratos:

"Essa história de provar queijo é tão verdadeira, quanto Loló adorar os ratos. Passem bem!" E foi-se embora, deixando os tratantes prêsos, danados da vida. Daí a pouco chegou a empregada, que, vendo tantos ratos prêsos, exclamou:

"Que rataria!
Vou afoga-los,
Um a um,
Em água fria!"

Quanto a Roe-Roe, chegou em casa poucos dias depois, encontrando os pais tristes, pois já o julgavam morto. Depois de distribuir os presentes que trouxera, Roe-Roe lhes cái nos braços, arrependido, e diz que nunca mais abandonará a casa paterna em busca de aventuras, pois havia compreendido que mais vale a pobreza tranquila que a riqueza cheia de perigos.

E daquele dia em diante foi sempre muito feliz mesmo.

# O BOM AMIGUINHO

## Dramatização em 3 quadros por VERA MILWARD de CARVALHO

**PERSONAGENS:**

JOSÉ MARIA .. .. .. .. .. 8 anos
LUCIO .. .. .. .. .. .. .. 9 "
RENATO .. .. .. .. .. .. 8 "
AUGUSTO .. .. .. .. .. .. 7 "
PAULO .. .. .. .. .. .. .. 9 "
LUIZ .. .. .. .. .. .. .. .. 8 "
D. ALBERTINA .. .. .. .. (mãe de José Maria)
Outros meninos.

### PRIMEIRO QUADRO

**(A cena representa um dormitório de residência confortável. A um canto, a cama, onde se vê José Maria, adormecido. Próximo ao leito, no chão, há profusão de brinquedos, caixas, livros e etc. Aos poucos, o menino abre os olhos. Senta-se. Debruça-se para olhar seus sapatos. Um sorriso de satisfação aflora-lhe aos lábios. Com um pulo, acha-se no chão. Começa a abrir as caixas e contemplar, embevecido, os presentes que recebeu na noite de Natal.**

JOSÉ MARIA. — Mamãe! Mamãe! Venha ver o que ganhei!

D. ALBERTINA **(que o espreitava por detrás da porta, entra)** — Que foi meu filho?

JOSÉ MARIA — **(atirando-se-lhe aos braços e beijando-a com certo espalhafato)** Como estou contente, Mamãe! Olhe o meu tremzinho! De tudo foi o que mais gostei. Há quanto tempo desejava ter um assim... ter um brinquedo dêsses! **(José Maria tira o tremzinho da caixa, pondo-o para funcionar. Enquanto a pequena locomotiva percorre o trilho, puxando os carros, o menino bate palmas e dá gritinhos de alegria. D. Albertina afaga-lhe a cabecinha e sorri, satisfeita, diante de tal expansão).**

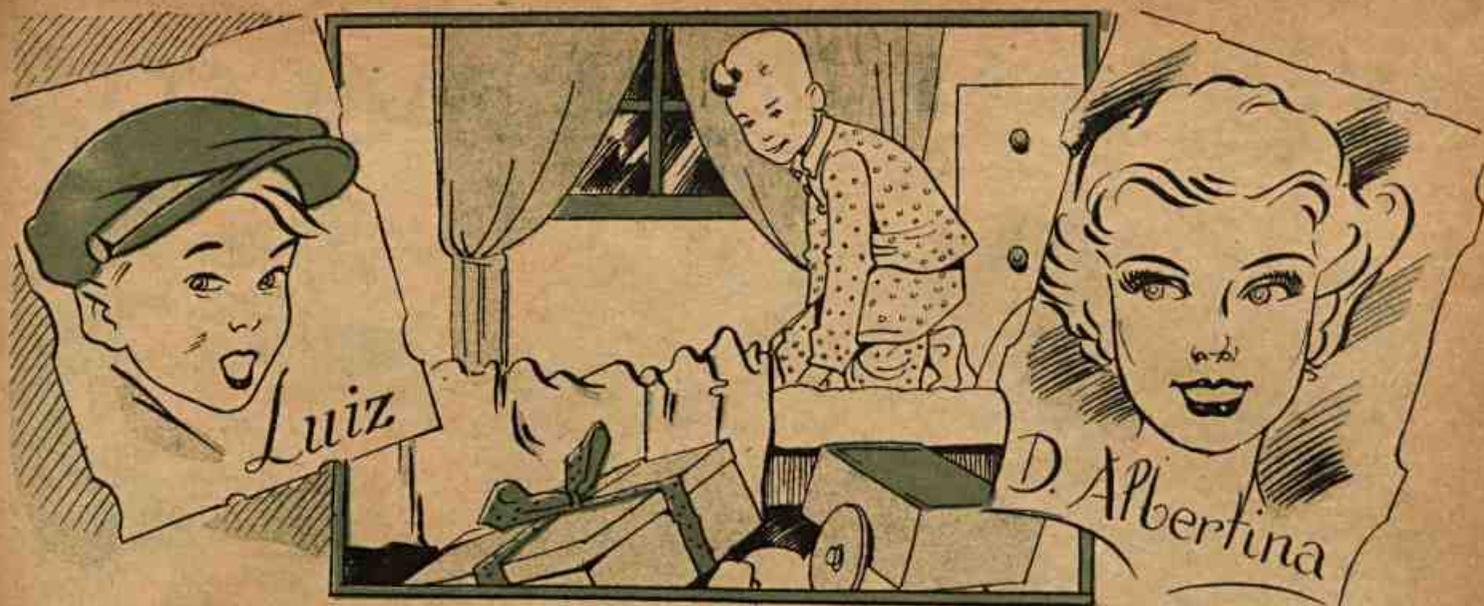
JOSÉ MARIA — Amanhã, na praça, mostrarei o meu tremzinho ao Renato, que vai ficar de bôca aberta, tenho certeza!

D. ALBERTINA — Renato é aquêle seu colega pobrezinho?

JOSÉ MARIA — E' aquêle mesmo.

D. ALBERTINA — E' o seu maior amigo, não é, José Maria?

JOSÉ MARIA — Se é! Renato é um ótimo menino. E me tem dado provas de grande amizade. **(Após uma pausa. Pegando novamente o brinquedo).** Como havemos de nos divertir com o meu tremzinho!

**(D. Albertina sai devagarinho, deixando o filho entregue ao seu encantamento).**

SEGUNDO QUADRO

**(A cena representa um jardim público onde os meninos se acham brincando. José Maria, no meio de um grupo, mostra, entusiasmado, o brinquedo. Dirige-se a Renato).**

JOSÉ MARIA: — Veja, Renato, o meu tremzinho! Olhe, como é lindo!

**(Põe o brinquedo para funcionar. Há grande animação por parte dos garotos.)**

RENATO **(com vivacidade)** — Que maravilha! Nunca vi brinquedo mais bonito!

PAULO — E' presente de Papai Noel?

JOSÉ MARIA **(orgulhoso)** Claro! **(Dirigindo-se aos companheiros).** E vocês, que ganharam?

PAULO — Eu ganhei um cavalinho.

AUGUSTO — Eu, uma bola e um pacote de bombons.

LUIZ — O meu presente foi um jogo de armar.

LÚCIO — O meu, foi um velocipede.

JOSÉ MARIA — E você, Renato, que recebeu de Papai Noel?

RENATO -- **(que se conservara triste, a um canto, enquanto os outros meninos enumeraram seus presentes)** Nada. **(suspira)**

JOSÉ MARIA — Não é possivel!

VARIOS GAROTOS — **(a um tempo)** E' mesmo verdade?

RENATO — **(com voz grave)** E' verdade.

**(Espanto de todos).**

JOSÉ MARIA **(pasmo)** E' inacreditável!

TERCEIRO QUADRO

**(A cena representa a sala de estar da residencia de José Maria. D. Albertina, sentada, faz um trabalho de agulha).**

JOSÉ MARIA — **(entra sério e cabisbaixo Todo o seu contentamento foi substituido por estranha melancolia).:** Mamãe, estou muito triste.

D. ALBERTINA **(deixando o trabalho):** — Triste?! Quando foi para a Praça estava tão alegre! Que houve com você, meu filho?

JOSÉ MARIA — Ah! Mamãe! Preciso muito falar com a senhora

D. ALBERTINA — Sou tôda ouvidos, meu bem. **(Senta-o sôbre seus joelhos e beija-o).** Diga logo o que há.

JOSÉ MARIA — Ah! Mamãezinha! Estou tão aborrecido com Papai Noel! Desiludido, mesmo! **(Suspira).**

D. ALBERTINA **(surprêsa)** José Maria, não o compreendo! Hoje, pela manhã, estava você radiante e encantado com Papai Noel por lhe ter trazido presentes! Agora, vem dizer-me que está desiludido?!

JOSÉ MARIA — Sim. Mamãe. A senhora tem razão de ficar admirada, porque não sabe o que aconteceu. Imagine que... êle não trouxe um brinquedo para o Renato, um menino muito melhor do que eu...

D. ALBERTINA — Então, é por isso que você está magoado?

JOSÉ MARIA — Não é mesmo uma injustiça?

D. ALBERTINA **(após alguns minutos de meditação):** Escute, José Maria. Você tem, na realidade motivos para estranhar o que sucedeu. No entanto, já se têm dado fatos semelhantes em outras ocasiões isto é, alguns meninos ficarem sem brinquedos.. Quando isso acontece, não é porquê a criança seja pobre, em absoluto. Papai Noel só deixa de contemplar o menino com presentes, quando êste teve máu procedimento, ou em certas circunstâncias, confiando em algum seu amigo. Por exemplo: no caso de Renato, visto ser êle um bom menino, quem sabe se deixou a seu cargo, meu filho, dar-lhe um dos seus brinquedos? Papai Noel não ignora a grande amizade que os une...

JOSÉ MARIA — **(com a fisionomia já desanuviada)** Acha então.. que é isso, Mamãe?

D. ALBERTINA — Acho, sim. **(Nota-se intensa alegria estampada no semblante do garoto).** Agora, você escolha o brinquedo que quer dar ao seu amigo e póde ir à sua casa, levá-lo.

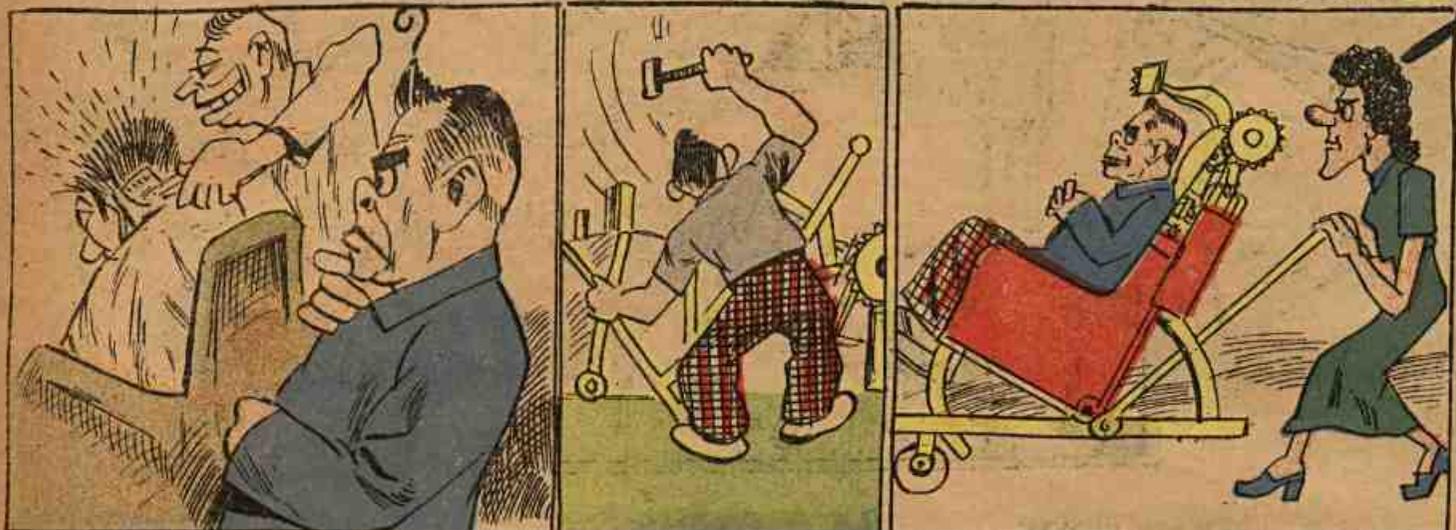
JOSÉ MARIA **(depois de refletir um pouco)** Mamãe! Já sei o que vou dar ao Renato. O meu tremzinho! Se a senhora visse o quanto êle apreciou êsse brinquedo! Ficou deslumbrado! Vai ficar radiante!

D. ALBERTINA **(admirada)** Mas... o tremzinho?! Não prefere levar outro? E' desnecessário que você se prive justamente daquilo de que mais gostou!

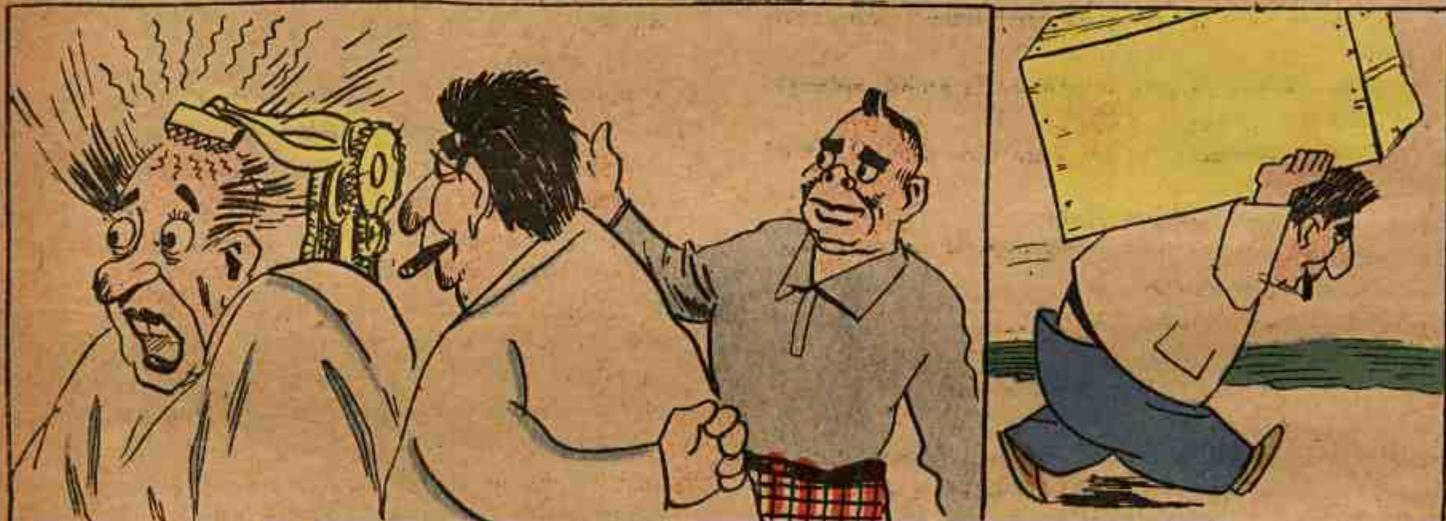
JOSÉ MARIA — Renato, porém, gostou ainda mais do que eu! Está decidido! E' êsse, o meu presente. Sei que êle sentirá a maior alegria de tôda a sua vida!

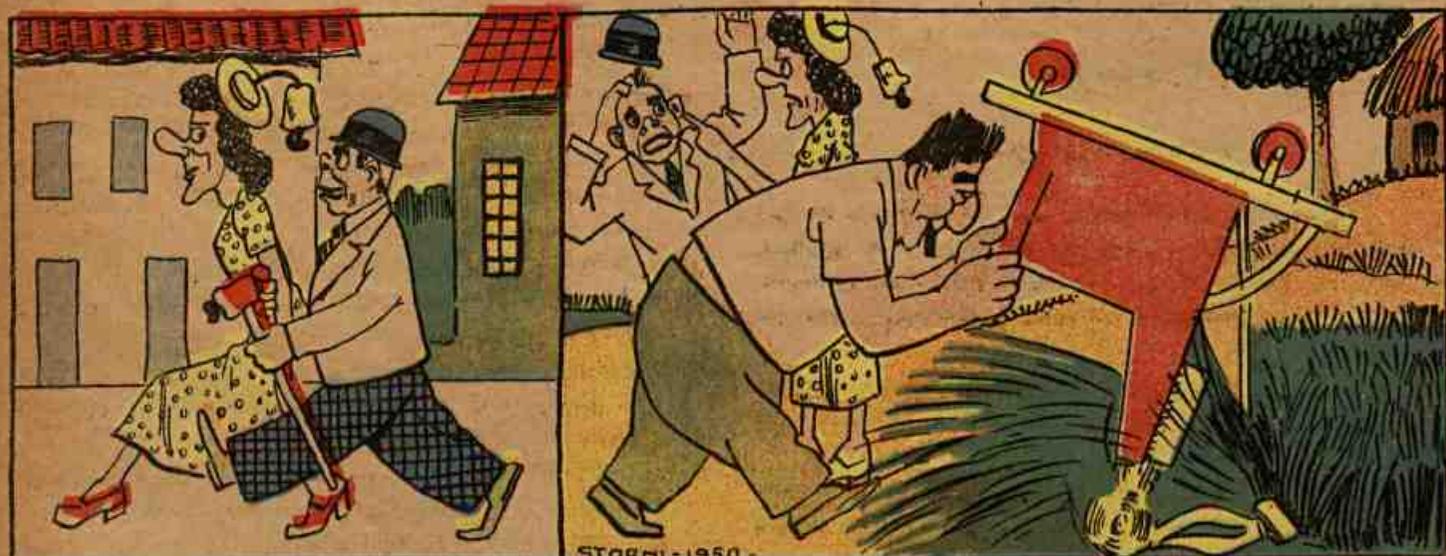
D. ALBERTINA **(abraçando-o)** — Estou orgulhosa do meu filho! Papai Noel, então, vai ficar contentissimo! Parece-me que estou a vê-lo, com suas longas barbas brancas, a sorrir demonstrando grande satisfação pelo seu nobre gesto!

JOSÉ MARIA **(beijando a Mãe)** Vou já à casa de Renato, Mamãe levar-lhe o tremzinho. **(Sái correndo, enquanto D. Albertina o contempla comovida, até que êle desapareça.)**

# AVENTURAS DE ZÉ MACACO

Sempre que Zé Macaco ia ao barbeiro deixava-se ficar a matutar no problema da raspagem automatica das cabeças humanas.

Até que, há dias, resolveu solucionar definitivamente o assunto.

O resultado de milhares de martelladas foi um aparêlho aparentemente complicado, mas de fácil manejo, que é o que se vê aí em cima.

Pronto o novo invento, convidou a examiná-lo o presidente do Sindicato dos Peladores de Cabeças, que, aliás, se interessou vivamente pela geringonça, tanto que, sem maiores discussões, levou-o . . .

. . . êle próprio, às costas, para a sua residência, em Jacarepaguá.

No domingo seguinte, indo o casal Macaco passeiar na Freguezia, ao passar por certa casa, teve uma surpresa.

Lá estava, no seu jardim, o comprador do aparêlho, êle mesmo, o Presidente do Sindicato, aparando a grama dos seus canteiros com o maravilhoso invento de Zé Macaco... Pelo menos, desta vez o invento serviu para alguma coisa ! !

# O ESTRATAGEMA

TRADUÇAO DE ZAMARA

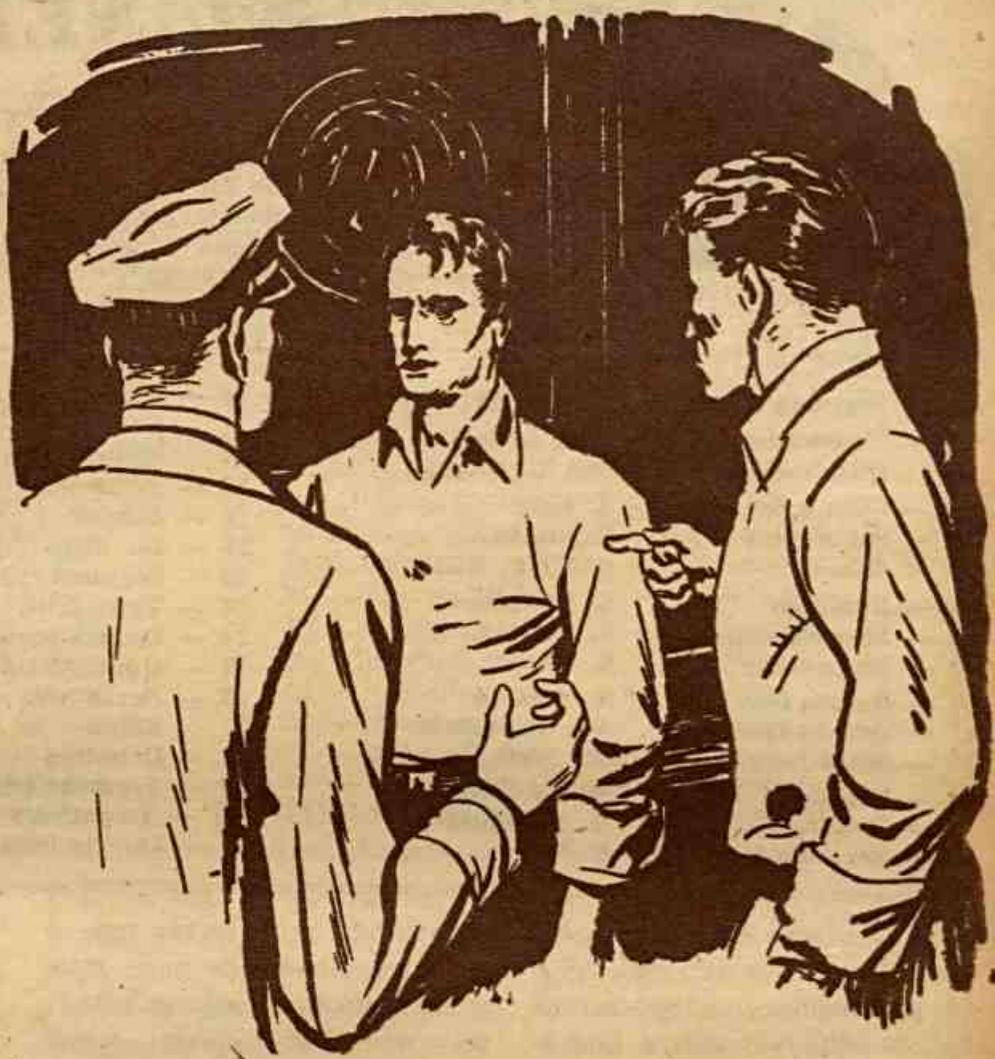
NUM último e supremo esforço, Paulo conseguiu ficar em pé na praia e arrastar consigo o corpo inerte do homem cuja vida tinha salvado.

Cansado pela luta que acabara de ter com as ondas furiosas, cambaleou e caiu de joelhos. Entreabriu a camisa do outro náufrago, colocou-lhe a mão sôbre o coração e sentiu que êle ainda vivia.

As batidas, porém, eram muito fracas e quase imperceptiveis. Precisava fazer alguma coisa para salvar aquele homem. Embora tendo que apelar para tôda sua fôrça de vontade, embora cada movimento que fizesse mais lhe dilacerasse as feridas que tinha pelo encontro com um banco de coral, começou a ensaiar os primeiros movimentos de respiração artificial naquele corpo impressionantemente imóvel. E teve êxito. Sòmente quando um rápido pertanejar e uma respiração mais regular e forte lhe mostraram que o outro estava fóra de perigo, Paulo interrompeu seu trabalho e se deixou cair na areia para descançar.

Entretanto, pouco tempo esteve nesta posição. Tornou a ficar de pé e olhou novamente para o companheiro.

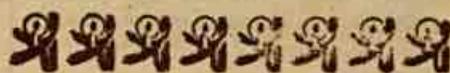
Um triste sorriso surgiu em seus lábios.

— Querias levar-me outra vez para a Penitenciária, hein? — murmurou. — Ah! mas o furacão desmanchou os teus planos.

Paulo tornou a sorrir e depois, lentamente, caminhou até a praia. Percorreu os arredores com um olhar. De um lado a abundante vegetação, as suaves ondulações da ilha de coral perdida no imenso Oceano Pacifico eram um providencial refúgio, para onde tinham sido jogados pelas ondas. De outro, o mar imenso, interminável, sem uma vela, sem uma linha de fumo, ou montanha longinqua, que indidicasse a proximidade de qualquer navio ou terra firme. Podiam passar anos, talvez o resto da vida ali, sem que uma embarcação passasse à vista da ilha a que a sorte os havia atirado.

Paulo encolheu os ombros. Estava novamente livre. Não voltaria mais para a prisão de onde tinha fugido. Nestor o havia capturado, mas agora... nada poderá fazer.

Acercou-se do policial, tiroulhe o revolver, e atirou-o no mar.

— Isto já não me dará trabalho — disse consigo — Depois, procurou o distintivo do detetive, que estava preso debaixo da lapela do casaco, tirou-o e guardou-o dizendo: — Não precisará mais disto. — E encaminhou-se à praia.

O detetive Nestor despertou e sentou-se na areia. Sentia

APARÊNCIA QUE ENGANA. — A pequena mancha avermelhada ("inflamação") que nos três primeiros dias aparece no ponto em que o indivíduo foi vacinado, não significa que a vacina tenha "pegado"; é, apenas, uma reação de intensidade variável com as condições orgânicas de cada um e pode manifestar-se até quando a vacina não vai "pegar".
**Procure o médico para ter certeza de que suas vacinas "pegaram"**

| | | |
|---|---|---|
| 1 — | Segunda-feira . . . | FRAT. UNIVERSAL |
| 2 — | Terça-feira . . . . | Sto. Izidro |
| 3 — | Quarta-feira . . . | Sta. Genoveva |
| 4 — | Quinta-feira . . . | S. Caio |
| 5 — | Sexta-feira . . . . | S. Simão |
| 6 — | Sábado . . . . . . | SANTOS REIS |
| 7 — | Domingo . . . . . | S. Luciano |
| 8 — | Segunda-feira . . . | S. Severino |
| 9 — | Terça-feira . . . . | S. Vital |
| 10 — | Quarta-feira . . . | S. Nicanor |
| 11 — | Quinta-feira . . . | Sta. Hortência |
| 12 — | Sexta-feira . . . . | Sto. Ernesto |
| 13 — | Sábado . . . . . | Sta. Verônica |
| 14 — | Domingo . . . . . | S. Malaquias |
| 15 — | Segunda-feira . . . | S. Mauro |
| 16 — | Terça-feira . . . . | S. Marcelo |
| 17 — | Quarta-feira . . . | Sto. Antão |
| 18 — | Quinta-feira . . . | Sta. Beatriz |
| 19 — | Sexta-feira . . . . | S. Mário |
| 20 — | Sábado . . . . . | S. SEBASTIÃO |
| 21 — | Domingo . . . . . | Sta. Inês |
| 22 — | Segunda-feira . . . | S. Vicente |
| 23 — | Terça-feira . . . . | S. Bernardo |
| 24 — | Quarta-feira . . . | N. S.ª DA PAZ |
| 25 — | Quinta-feira . . . | CONV. DE S. PAULO |
| 26 — | Sexta-feira . . . . | S. Policarpo |
| 27 — | Sábado . . . . . | S. João Crisóstomo |
| 28 — | Domingo . . . . . | S. Leônidas |
| 29 — | Segunda-feira . . . | S. Francisco de Sales |
| 30 — | Terça-feira . . . | Sta. Martinha |
| 31 — | Quarta-feira . . . | S. João Bosco |

dores na cabeça e no corpo todo. O sol desaparecia através o mar, no qual nenhum vestígio existia da tremenda tempestade que acabara de desabar. Nestor ainda não compreendia o que havia acontecido. Por que não se achava a bordo do navio? Depois, pouco a pouco, foi principiando o se recordar e a primeira pergunta que fez a si mesmo foi esta:

— Onde está Paulo? Que teria acontecido com aquele patife?

Nestor julgava estar sendo vítima de terrível pesadelo. Doze horas antes achava-se cômodamente sentado no refeitório do navia mercante que, juntamente com o seu prisioneiro, o levaria a Saint Quintin. E, de repente, o temporal desencadeia-se, destruindo com fúria tremenda o navio, matando e afogando os tripulantes

Envolvido pelas ondas, com o seu companheiro, de nada mais se lembrava desde àquele instante. Agora, ao despertar, sentia que podia respirar tranquilamente. Estava são e salvo. Ali, fome, não passaria. Havia muitas árvores frutíferas e também mariscos.

Sim, estava até ótimo tudo, em comparação ao que lhe podia ter sucedido. Mas, onde andaria o Paulo? Teria morrido afogado com outros tripulantes? Eis que um ruído de passos na areia o fez virar a cabeça. Era Paulo que se aproximava.

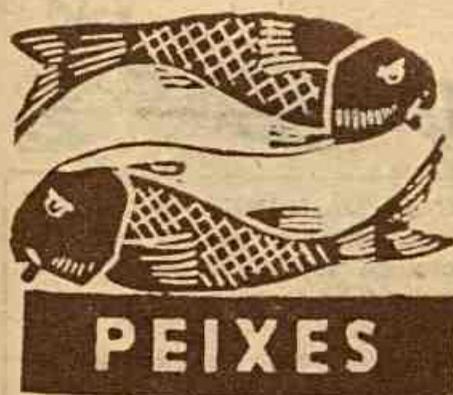
— Oh! Como estás? — indagou cordialmente, o prisioneiro. — Sentes-te melhor?

Paulo vinha carregado de côcos, e com os bolsos cheios de mariscos. Deixou as provisões perto de uma árvore, junto à qual havia feito fogo, e sentou-se perto do homem que o havia reduzido novamente à triste condição de prisioneiro.

— Por causa da alimentação não te deves preocupar, ainda que tenhamos que viver nesta ilha até o dia do Juizo Final — disse. — Creio que a sorte nos poupou alguma coisa que poderíamos ter perdido, amigo.

### CONHECIMENTOS UTEIS

**Se quer limpar bem uma pedra preciosa, pegue num papel de seda, machuque-o entre os dedos e friccione a jóia. Verá que fàcilmente adquire o brilho próprio.**

**Em casos de síncope, bastam, muitas vezes, inhalações de vinagre e fricções leves nos pulsos com o mesmo líquido, para fazer recuperar os sentidos ao doente.**

REFEIÇÕES SEM HORARIO. — Quando não intervém fatôres estranhos, as funções do organismo realizam-se com regularidade. Por isso é que, por exemplo, sentimos fome e sono em determinadas horas do dia. A falta de horário nas refeições é uma das causas de mal-estar geral e de várias perturbações digestivas, como falta de apetite, pêso no estômago e outras.

**Evite a má digestão e a indisposição geral, fazendo refeições a horas certas.**

| | | | |
|---|---|---|---|
| 1 — Quinta-feira | Sto. Inácio | 15 — Quinta-feira | S. Faustino |
| 2 — Sexta-feira | PUR. DE N.ª SENHORA | 16 — Sexta-feira | Sta. Juliana |
| 3 — Sábado | S. Braz | 17 — Sábado | S. Donato |
| 4 — Domingo | CARNAVAL | 18 — Domingo | S. Cláudio |
| 5 — Segunda-feira | CARNAVAL | 19 — Segunda-feira | Sto. Honorato |
| 6 — Terça-feira | CARNAVAL | 20 — Terça-feira | S. Euleutério |
| 7 — Quarta-feira | CINZAS | 21 — Quarta-feira | S. Maximiano |
| 8 — Quinta-feira | S. João da Mata | 22 — Quinta-feira | Sta. Agueda |
| 9 — Sexta-feira | Sta. Apolônia | 23 — Sexta-feira | S. Bibiano |
| 10 — Sábado | S. Guilherme | 24 — Sábado | S. Matias |
| 11 — Domingo | N. S.ª de Lourdes | 25 — Domingo | Sta. Célia |
| 12 — Segunda-feira | Sta. Eulália | 26 — Segunda-feira | S. Nestór |
| 13 — Terça-feira | Sta. Catarina | 27 — Terça-feira | S. Procópio |
| 14 — Quarta-feira | S. Valentim | 28 — Quarta-feira | Sta. Hermínia |

O polícia se pôs de pé e o fitou com insistência.

— Fico satisfeito em ver que você também está salvo — disse, embora sem grande entusiasmo. — Mas quero deixar bem esclarecido que em nada mudou a nossa situação, compreendeu? Você continuará sendo meu prisioneiro.

Paulo sorriu e respondeu, enquanto apontava os arredores da ilha:

— E em que prisão desta próspera cidade eu serei encerrado?

Nestor, sem resposta para esta pergunta, ficou rubro. Depois disse em voz baixa.

— Vamos comer. Amanhã pensarei nisto com mais calma.

— Deixe de frioleiras — retrucou o outro, aborrecido. — Quantas vezes terei que lhe contar a minha história? Agora, que estamos nesta ilha, longe do mundo, sem probabilidades de salvação, repito-lhe: — Sou inocente. Ernesto me envolveu no roubo do Banco para se inocentar, mas nada tenho que ver com isso.

O detetive o olhou com simpatia e nada respondeu.

As coisas que aconteceram durante os dias seguintes ao desta conversa, muito irritaram Paulo, pois o seu companheiro parecia não querer esquecer a sua situação de antes do naufrágio.

Também Paulo, por sua vez, jamais lembrou ao detetive que lhe salvara a vida, nem lhe contou com que dificuldade o tinha arrancado das ondas furiosas livrando-o dos famintos tubarões. Nem também que guardava consigo a sua insignignia de representante da lei

Vários meses se passaram desde a chegada dos náufragos à ilha. Um belo dia um rôlo de fumaça negra se elevou até o céu. Nestor fez angustiosos sinais ao navio que passava longe, e minutos depois um bote veio à ilha apanhar os náufragos e levá-los para o transatlântico, que, por casualidade, se deviára da sua rota, fugindo a um temporal.

O capitão, um francês simpático, os recebeu a bordo.

— Viva! exclamou. — Foi

### Pelo pé...

**Na Roma antiga os homens só usavam calçado preto, ao passo que o das mulheres era branco. Os senadores levavam no seu calçado uma pequena meia lua de prata que representava a letra C, isto é, cem, o número dos senadores**

**Os "cônsules", ou edis, usavam uma espécie de "botinas", de côr de ouro e os imperadores, de côr vermelha.**

TÃO NECESSÁRIO QUANTO O CAFÉ DA MANHÃ. — O banho frio, de chuveiro, representa excelente exercício para a pele. Ativa a circulação do sangue proporciona agradável sensação de bem-estar, principalmente se fôr precedido de ginástica e seguido de fricção com toalha grossa e felpuda.

**Diariamente, ao levantar-se, faça um pouco de ginástica vigorosa. Em seguida, tome um banho de chuveiro e, ao enxugar-se, friccione o corpo com a toalha.**

| Dia | | Santo |
|---|---|---|
| 1 — | Quinta-feira | S. Rosendo |
| 2 — | Sexta-feira | S. Simplicio |
| 3 — | Sábado | Sta. Luciola |
| 4 — | Domingo | Sta. Francisca |
| 5 — | Segunda-feira | S. Frederico |
| 6 — | Terça-feira | Sta. Felicidade |
| 7 — | Quarta-feira | S. Tomaz de Aquino |
| 8 — | Quinta-feira | S. João de Deus |
| 9 — | Sexta-feira | S. Gregório |
| 10 — | Sábado | S. Gustavo |
| 11 — | Domingo | DOMINGO da PAIXÃO |
| 12 — | Segunda-feira | Sta. Josefina |
| 13 — | Terça-feira | S. Rodrigo |
| 14 — | Quarta-feira | Sta Matilde |
| 15 — | Quinta-feira | Sto. Henrique |
| 16 — | Sexta-feira | S. Julião |
| 17 — | Sábado | S. Patricio |
| 18 — | Domingo | DOMINGO de RAMOS |
| 19 — | Segunda-feira | S. José |
| 20 — | Terça-feira | Sta. Balbina |
| 21 — | Quarta-feira | S. Bento |
| 22.—. | Quinta-feira | S. Benvindo |
| 23.—. | Sexta-feira | S. Vitorino |
| 24 — | Sábado | S. Gabriel Arcanjo |
| 25 — | Domingo | PÁSCOA |
| 26 — | Segunda-feira | S. Bráulio |
| 27 — | Terça-feira | Sto. Alexandre |
| 28 — | Quinta-feira | S. Rufo |
| 29 — | Quinta-feira | Sto. Eustáquio |
| 30 — | Sexta-feira | S. João Climáco |
| 31 — | Sábado | S. Guido |

uma felicidade termos visto os seus sinais, senhores. E estendeu a mão. Nestor apertou fortemente e, quando ia abrir a bôca para explicar que era um detetive, e seu companheiro um detento, que devia cumprir dez anos de prisão e que precisava ser encarcerado sem demora, Paulo se adiantou e disse:

— Nós é que lhe ficamos sinceramente agradecidos, capitão. E agora, quer o senhor fazer-me mais um favor? Este homem, com quem naufraguei há muitos meses, é um perigoso delinquente que se tinha escapado do presidio. Quer dar ordens para que êle seja encerrado imediatamente?

E exibiu, para provar o que dizia, a insignia de policial, que Nestor imaginava ter perdido.

Com aquela saída, Paulo sabia que jogava uma última cartada. Há muito tempo planejára aquele estratagema para o caso de alguem aparecer na ilha deserta. Agora tinha lançado mão dêle como único recurso. Era inocente, acreditasse ou não o detetive.

Não estava disposto a voltar para a Penitenciária, sacrificando sua vida por causa do inflexivel e insensivel mecanismo da lei.

## Modéstia

**O poeta Oliver Herford e um general, famoso membro das fôrças armadas, foram a um banquete, como convivas de honra. De repente, a anfitriã anunciou:**

**— E agora, Mr. Oliver vai improvisar um poema em homenagem à ocasião.**

**Herford, modesto e retraído, protestou:**

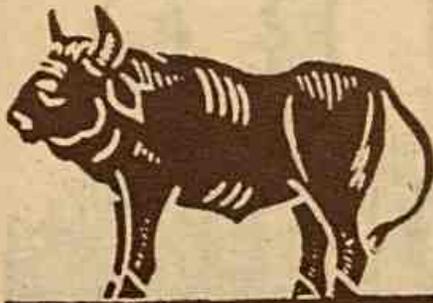
**— Oh! Não... Peça antes ao general para dar um tiro de canhão.**

A princípio o capitão ficou surpreso, mas depois, ordenou a um dos seus homens que levasse o prisioneiro.

— Não acredite no que lhe disse este mentiroso, capitão! — gritou o verdadeiro policia. — Sou o detetive Nestor e êle é que é o prisioneiro. Roubou-me a insignia!

O capitão ficou um instante em dúvida, depois olhou novamente o distintivo e se convenceu.

Bastava o fato do emblema se achar em poder de Paulo para não deixar a menor suspeita. Além disso, Paulo falava francês muito bem e a história que contou ao capitão bastou para convencê-lo de que êle era, realmente, um policial

E foi assim que Nestor, conduzido por dois marinheiros, passou para a prisão de bordo, que sua imaginação tinha reservado

A LIMPEZA DOS DENTES. — A limpeza dos dentes deve ser feita várias vêzes ao dia. Convêm usar escovas de cerdas resistentes, capazes de retirar de entre os dentes os residuos alimentares.

**Escove os dentes, friccionando-os com uma escova, durante alguns minutos, em tôdas as direções.**

| | | |
|---|---|---|
| **1** | **— Domingo . . . . .** | **Sto. Hugo** |
| **2** | **— Segunda-feira . . .** | **S. Francisco** |
| **3** | **— Terça-feira . . . .** | **S. Ricardo** |
| **4** | **— Quarta-feira . . .** | **S. Platão** |
| **5** | **— Quinta-feira . . .** | **S. Vicente** |
| **6** | **— Sexta-feira . . . .** | **S. Marcelino** |
| **7** | **— Sábado . . . . . .** | **S. Germano** |
| **8** | **— Domingo . . . . .** | **S. Amâncio** |
| **9** | **— Segunda-feira . . .** | **S. Cristiano** |
| **10** | **— Terça-feira . . .** | **Sto. Ezequiel** |
| **11** | **— Quarta-feira . . .** | **Sto. Isaac** |
| **12** | **— Quinta-feira . . .** | **Sta. Alaide** |
| **13** | **— Sexta-feira . . . .** | **Sta. Ida** |
| **14** | **— Sábado . . . . . .** | **S. Justino** |
| **15** | **— Domingo . . . . .** | **S. Lúcio** |
| **16** | **— Segunda-feira . . .** | **S. Frutuoso** |
| **17** | **— Terça-feira . . . .** | **Sto. Elias** |
| **18** | **— Quarta-feira . . .** | **S. Galdino** |
| **19** | **— Quinta-feira . .** | **Sta. Ema** |
| **20** | **— Sexta-feira . . . .** | **S. Cesário** |
| **21** | **— Sábado . . . . . .** | **TIRADENTES** |
| **22** | **— Domingo . . . . .** | **DESC. DO BRASIL** |
| **23** | **— Segunda-feira . . .** | **S. Jorge** |
| **24** | **— Terça-feira . . . .** | **S. Marcos** |
| **25** | **— Quarta-feira . . .** | **S Cleto** |
| **26** | **— Quinta-feira . . .** | **Sta. Zita** |
| **27** | **— Sexta-feira . . . .** | **S. Paulo da Cruz** |
| **28** | **— Sábado . . . . . .** | **S. Roberto** |
| **29** | **— Domingo . . . . .** | **Sto. Emiliano** |
| **30** | **— Segunda-feira . . .** | **S. Mariano** |

para Paulo. Quanto a êste, continuou em palestra com o capitão perguntando-lhe:

— Qual é o primeiro porto em que o navio faz escala?

— Sidney, Australia — informou o capitão.

— Ótimo! Esta escala coincide de perfeitamente com os meus planos. — comentou Paulo.

Duas semanas depois, rasgando espessa cerração, o navio entrava no porto de Sidney e ancorava a pouca distância do cáis.

Nessa mesma noite Paulo deslisou por um dos cabos que pendiam da borda e, com rápidas braçadas, chegou em terra.

Na Austrália, começaria uma vida nova, honrada, usaria outro nome, procurando esquecer aquele desagradavel incidente que o levara ao Presidio.

Graças ao seu estratagema tinha conquistado a liberdade. Certamente Nestor deveria estar passando agora maus bocados, no calabouço do navio, se Paulo, antes de fugir não tivesse tido o cuidado de, enquanto os guardas dormiam, prender nos barrotes da cela o distintivo de policial que tão bom serviço lhe havia prestado.

E na manhã seguinte, quando Nestor despertou e encontrou a insignia compreendeu que sua situação estava esclarecida. Podia voltar aos Estados Unidos, e sorriu. Estava satisfeito com o que tinha acontecido. Ele acreditara na inocência de Paulo, desde o primeiro momento. Mas, que podia fazer? O jovem, fugindo, resolvêra tudo satisfatoriamente.

Estava contente com a liberdade do outro, liberdade que êle não lhe podia dar sem trair os sagrados deveres de sua profissão.

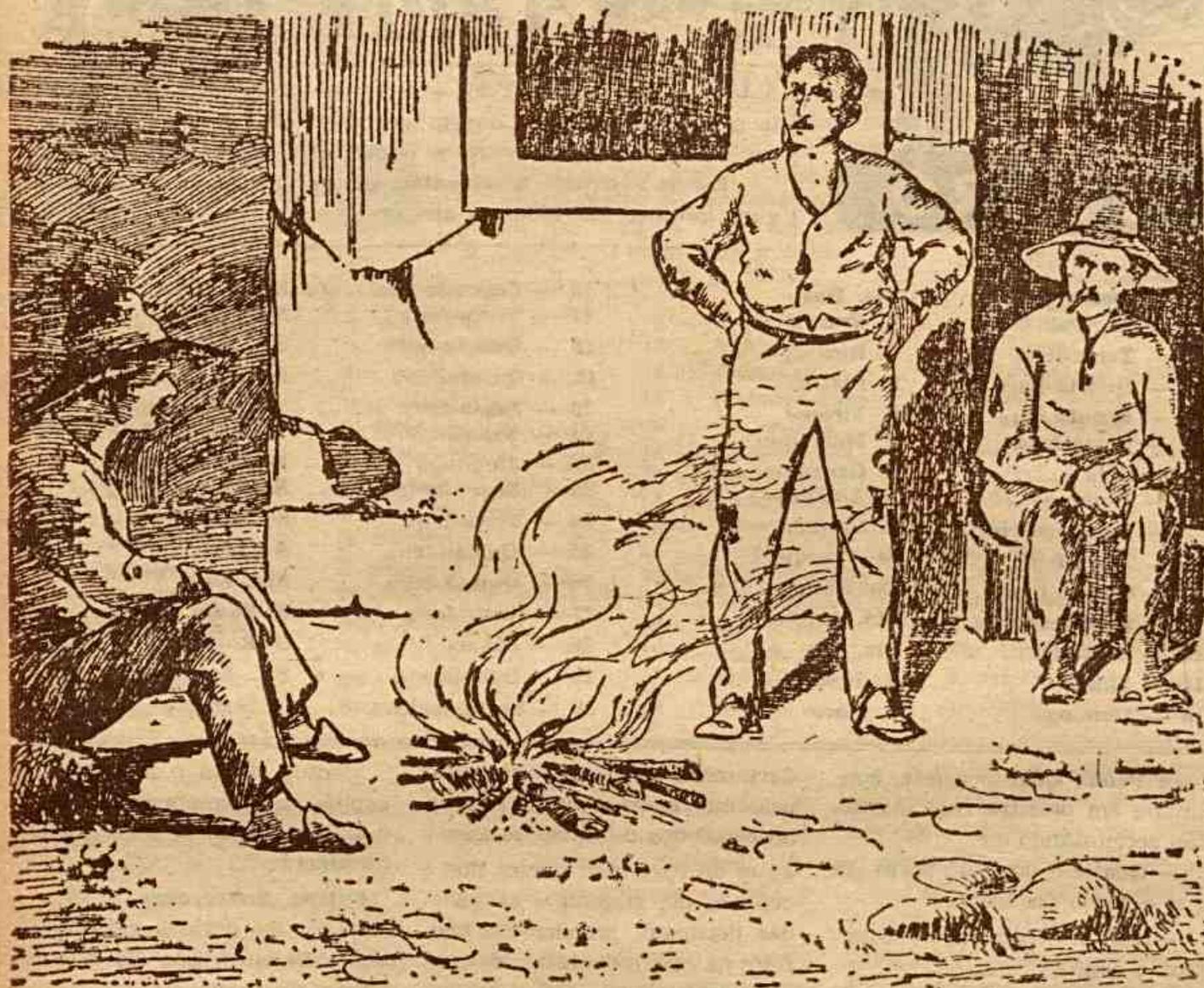
Contou então o sucedido ao capitão, que compreendeu tudo, e ambos ficaram a pensar, silenciosamente.

Depois, Nestor disse:

— Eu lhe devia a vida, Capitão. Desejava que êle pudesse provar sua inocência. Mas tinha que o conservar prisioneiro: era meu dever!

— Ainda bem que êle usou êsse estratagema — disse o capitão. — Agora o senhor não tem mais que comunicar aos seus superiores a sua fuga .. Eu atestarei, como capitão do navio, que êle, servindo-se de um estratagema, evadiu-se...

E ambos sorriram, um sorriso de compreensão e de simpatia pelo homem que tivera o gesto superior de salvar a vida do próprio perseguidor, daquele que o queria, por dever de profissão, reconduzir à prisão onde fôra encerrado injustamente.

# O TESOURO

JA' sem fôrças para lidar nos campos com os pesados ferros de lavragem, prevendo a miséria próxima, Serapião saía tôdas as manhãs de casa firmado ao bordão, e vagarosamente percorria os caminhos do sítio, chegando até onde lhe permitiam as pernas fracas.

Repousava nas barrancas, à beira da água ou à sombra de alguma árvore, e ficava esquecidas horas, relembrando o tempo da sua mocidade, quando, brandindo uma foice, roçava o mato bravio, fazendo êle só a tarefa que dois homens de hoje não seriam capazes de levar a termo.

E como vivia feliz! A casa farta, a família contente, porque a terra correspondia com abundância de flôres e de frutos aos cuidados do lavrador!

Agora, entretanto, as laranjeiras morriam carregadas de "erva de passarinho", os cafeeiros desapareciam abafados pelo mato; nem uma raiz de mandioca, nem um pé de milho; o vassoural invadia as terras, e as cobras, sentindo o abandono, cruzavam os caminhos ou dormiam ao sol, enroscadas à beira do antigo açude, sêco.

Todavia aquelas terras podiam levar vantagem às outras da redondeza não só por serem mais férteis, como porque nelas viviam seis robustos rapazes, o mais velho contando trinta anos, o mais novo tendo apenas dezoito.

Filhos de Serapião, órfãos de mãe, levavam vida ociosa, uns às portas das vendas fumando, conversando, outros em casa es-

## UM CONTO DE COELHO NETTO

VESTIMENTA E CLIMA. — O excesso de roupa ou agasalho dificulta a benéfica reação da pele às variações da temperatura ambiente. Do mesmo modo, o organismo se ressentirá dessas variações quando a pele não estiver convenientemente protegida. Uma e outra coisa podem favorecer o ataque das doenças infecciosas.

**Use roupas adequadas ao clima e às estações: não se agasalhe de mais, no verão, nem de menos, no inverno.**

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| 1 — Terça-feira | DIA DO TRABALHO | | 16 — Quarta-feira | S. João Nepomuceno |
| 2 — Quarta-feira | Sta. Mafalda | | 17 — Quinta-feira | S. Pascoal |
| 3 — Quinta-feira | ASCENÇÃO | | 18 — Sexta-feira | Sta. Zuila |
| 4 — Sexta-feira | S. Floriano | | 19 — Sábado | Sto. Ivo |
| 5 — Sábado | Sta. Irene | | 20 — Domingo | SANTISSIMA TRIND. |
| 6 — Domingo | S. João Damaceno | | 21 — Segunda-feira | Sta. Virgina |
| 7 — Segunda-feira | Sto. Estanislau | | 22 — Terça-feira | Sta. Rita de Cássia |
| 8 — Terça-feira | Aparição de S. Miguel | | 23 — Quarta-feira | Sto. Epitácio |
| 9 — Quarta-feira | S. Jerónimo | | 24 — Quinta-feira | CORPO DE DEUS |
| 10 — Quinta-feira | N. S.ª da Misericordia. | | 25 — Sexta-feira | S. Basilio |
| 11 — Sexta-feira | S. Florencio | | 26 — Sábado | S. Felipe Neri |
| 12 — Sábado | S. Nereu | | 27 — Domingo | Sto. Ildebrando |
| 13 — Domingo | ESPIRITO SANTO | | 28 — Segunda-feira | S. Ranulfo |
| 14 — Segunda-feira | Sta. Gema Galgani | | 29 — Terça-feira | S. Máximo |
| 15 — Terça-feira | Sto. Izidoro | | 30 — Quarta-feira | Sta. Joana d'Arc |
| | | | 31 — Quinta-feira | Sta. Petronila |

tirados nas rêdes, afinando violas, sem pena do velho pai, sem cuidados no futuro. Indolentes, para não sairem em busca de trabalho, contentavam-se com a magra ração de farinha de milho que lhes dava uma negra, antiga escrava da familia, que não se quisera apartar do sertanejo.

De vez em quando, a muita instancia, um saia a caçar, e, enquanto durava a carne no fumeiro, zangarreavam e dormiam.

Serapião suspirava; mas, como era meigo para os filhos, não lhes dirigia uma palavra áspera, lembrava-lhes apenas a fome, nos dias futuros, o frio, as moléstias: mostrava-lhes o sapé da palhoça apodrecido, o adobe esburacado, os currais vazios, e, nos poleiros, nem um galo sequer para anunciar as madrugadas.

Eles, porém, sempre estirados, respondiam com a resignação dos fracos e dos preguiçosos:

— Deus é grande, meu pai...

Sucedeu, porém, uma grande sêca, e todo o sertão foi lastimosamente devastado pelo sol.

Os que tinham bens acumulados puderam fazer face ao flagelo; os pobrezinhos, porém, êsses caminhavam noite e dia pelas estradas sêcas e poentas, batendo os matos, chafurdando nos pântanos lodosos em busca de frutos e raizes. Tudo, porém o sol devastador levara. Os pássaros eram raros e no campo nem uma preá saltava à vista do caçador faminto. O gado, sedento, mugia angustiadamente; e à noite, nos casebres, juntavam-se bandos de infelizes rezando, em côro aflito, ladainhas de misericórdia. Serapião e os filhos sofreram como os mais desgraçados.

Porque nada possuiam, nada lhes fiavam; de sorte que, enquanto duraram os dias tremendos, os infelizes erraram pelas trilhas, catando ervas, procurando raizes. Às vezes caiam exhaustos na poeira das estradas, gemendo, de fadiga e de fome; emagreceram tanto que os ossos apareciam à flôr da pele.

O velho sofria calado, e menos tormento lhe causava a fome do que a miséria em que viviam os filhos desalentados, pedindo a morte, preferível a tão duro e longo sofrimento. Afortunadamente, chegaram as águas benditas.

Chuvas torrenciais alagaram os campos, e com tal abundância que os rios, assoberbados, espraiaram; e as terras, fecundadas, entraram a produzir, fazen

## Enfiar uma agulha

**Para enfiar sem dificuldade uma agulha, projeta-se o buraco desta sôbre um fundo claro, de modo que tanto aquele como a linha se possam ver distintamente. Isto dá especialmente bom resultado quando nos estamos servindo de linha escura.**

**O mesmo processo pode ser aplicado, tratando-se de enfiar uma máquina de costura, se se colocar um pedaço de papel branco por trás da agulha**

ALIMENTAÇÃO DEFEITUOSA E DENTES ESTRAGADOS. — A principal causa dos dentes estragados ou cariados é a alimentação pobre em cálcio, fósforo vitamina D. Corrigir a alimentação defeituosa é o primeiro passo para evitar a cárie dos dentes.

**Proteja seus dentes incluindo na alimentação leite, ovos, verduras e frutas.**

| | | | |
|---|---|---|---|
| 1 — Sexta-feira | S. Juvêncio | 16 — Sábado | Sto. Aureliano |
| 2 — Sábado | Sto. Erasmo | 17 — Domingo | S. Manuel |
| 3 — Domingo | Sta. Clotildes | 18 — Segunda-feira | Sta. Juliana |
| 4 — Segunda-feira | S. Norberto | 19 — Terça-feira | S. Silvério |
| 5 — Terça-feira | S. Fernando | 20 — Quarta-feira | S. Luiz Gonzaga |
| 6 — Quarta-feira | Sta. Paulina | 21 — Quinta-feira | S. Paulino |
| 7 — Quinta-feira | S. Gilberto | 22 — Sexta-feira | S. Jaime |
| 8 — Sexta-feira | S. Romualdo | 23 — Sábado | Sta. Marina |
| 9 — Sábado | S. Feliciano | 24 — Domingo | S. JOÃO BATISTA |
| 10 — Domingo | S. Getulio | 25 — Segunda-feira | Sta. Lúcia |
| 11 — Segunda-feira | S. Barnabé | 26 — Terça-feira | S. Virgilio |
| 12 — Terça-feira | Sta. Josefa Rosselo | 27 — Quarta-feira | S. Ladisláu |
| 13 — Quarta-feira | Sto. ANT. DE PADUA | 28 — Quinta-feira | S. Benigno |
| 14 — Quinta-feira | S. Basilio Magno | 29 — Sexta-feira | S. Pedro e S. Paulo |
| 15 — Sexta-feira | S. Modesto | 30 — Sábado | Sta. Lucina |

do brotar a sementeira, explodindo em verdura. No sítio, porém, só a erva brava ganhou com as grandes águas; dilataram-se os vassourais, o sapé alastrou exuberantemente, e, como aparecessem aves e das tocas saissem ariscamente as pacas, os rapazes, esquecidos do flagelo, voltaram à vida preguiçosa, buscando os alpendres das vendas, ou estirando-se nas esteiras, na varanda da palhoça esboroada pelo tempo.

Serapião, porém, quís incitá-los ao trabalho, lembrando-lhes o que haviam sofrido durante o mês árido de soalheira e penúria; mas, como antes, todos, a uma, responderam-lhe: — "Deus é grande!" — E um dêles desleixadamente ajuntou: — "E para que nos havemos de estafar, se nunca chegaremos a ser ricos? Os que menos trabalham são justamente os mais favorecidos. Se alguma cousa nos tiver de vir às mãos, não é preciso que a vamos procurar: a porta está sempre escancarada, entra por ela o sol, entra por ela a noite; a fortuna pode entrar também..."

Ouvindo palavras tais, o velho ergueu-se lentamente, tomou o cajado e partiu: era ao cair da tarde, as juritis gemiam. A noite veio: a preta, para afugentar os morcegos, fez um fogo de gravetos; e, em tôrno da chama, acocorados, reuniram-se os rapazes, até que um dêles, o mais moço, vendo a lua alta, no céu, e dando pela ausência do pai, perguntou: — Que é feito do nosso pai? Que andará fazendo, a horas tais, lá fóra, ao relento da noite fria?

### Coisas de gente grande

**Os dois franceses que foram enterrados de pé, atendendo a pedidos expressos em testamento, foram Foch, o Marechal da Vitória de 1918, e Clemenceau, o famoso "Tigre" do gabinete que ganhou a primeira guerra mundial. Coincidência interessante é que os dois eram inimigos figadais o que talvez tenha influenciado esse estranho pedido de enterramento.**

E outro, com um frêmito pressago, disse, baixinho e a mêdo: — Quem sabe se não lhe sucedeu algum desastre? E' tão velho, mal vê e anda com tanta dificuldade... Quem sabe se não rolou alguma ribanceira?

Ficaram algum tempo silenciosos, os olhos fitos na lenha que crepitava; um dêles, porém o mais velho, ergueu-se resolutamente; e foi mais forte do que a preguiça o amor no coração do moço:

— Vamos! Não podemos ficar aqui agazalhados quando o nosso velho pai treme de frio, e geme, talvez, estropiado no fundo de alguma grota. Vamos! — E todos, levantando-se, travaram dos cajados e disseram: — Vamos!

Saíram. A noite, de um esplêndido luar, era luminosa e pura: as estradas alvas branqueavam por entre a verdura e as árvores pareciam galvanizadas de prata.

Grande era o silêncio, apenas interrompido aqui e ali pelo trilhar dos grilos e pelo chilro de algum pássaro aninhado; longe

MASTIGAÇÃO CORRETA. — A mastigação correta e demorada e necessária à fase bucal da digestão, além de ativar a circulação do sangue nas gengivas, e, pelo atrito, contribuir para a limpeza dos dentes.

**Não coma apressadamente. Mastigue bem os alimentos, ora de um lado da bôca, ora de outro.**

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 1 — | Domingo | Sta. Leonor | 16 — | Segunda-feira | N. S.ª DO CARMO |
| 2 — | Segunda-feira | VISITAÇÃO DE N. S. | 17 — | Terça-feira | Sto. Arnaldo |
| 3 — | Terça-feira | Sto. Izidoro | 18 — | Quarta-feira | S. Camilo de Lelis |
| 4 — | Quarta-feira | Sta. Berta | 19 — | Quinta-feira | S. Vicente de Paula |
| 5 — | Quinta-feira | Sta. Filomena | 20 — | Sexta-feira | Sta. Margarida |
| 6 — | Sexta-feira | Sta. Domingas | 21 — | Sábado | Sta. Angelina |
| 7 — | Sábado | S. Cirilo | 22 — | Domingo | Sta. Maria Madalena |
| 8 — | Domingo | Sta. Izabel | 23 — | Segunda-feira | S. Libório |
| 9 — | Segunda-feira | Sta. Verônica | 24 — | Terça-feira | Sta. Cristina |
| 10 — | Terça-feira | S. Januário | 25 — | Quarta-feira | S. Tiago |
| 11 — | Quarta-feira | S. Sabino | 26 — | Quinta-feira | SANTA ANA |
| 12 — | Quinta-feira | S. João Gualberto | 27 — | Sexta-feira | Sto. Olavo |
| 13 — | Sexta-feira | Sto. Anacleto | 28 — | Sábado | S. Vitor |
| 14 — | Sábado | S. Boaventura | 29 — | Domingo | Sta. Marta |
| 15 — | Domingo | Sto. Henrique | 30 — | Segunda-feira | Sta. Julieta |
| | | | 31 — | Terça-feira | Sto. Inácio de Loiola |

rolavam águas com um perene murmúrio.

Eles seguiam, ora pelos pedrouços dos caminhos, ora mergulhados no sapezal ondulante, bradando sempre: — Meu pai!

O éco, apenas respondia.

Já os rapazes faziam estranhas e terriveis conjeturas acêrca do velho sertanejo, quando um dêles que se avantajara em passos gritou de longe:

— Aqui! Aqui! — Correram todos para o sítio de onde saíra a voz, e lá, com alvoroto, foram encontrar Serapião sentado sob a galhada protetora de uma veneranda mangueira, sorrindo contente.

Os rapazes, reunindo-se em círculo, puseram-se a falar da imprudência do pai, e levantaram-no carinhosamente, insistindo com êle para que os acompanhasse à casa.

Serapião, porém, sorrindo sempre, apenas dizia, num grande contentamento: — Ah! se vocês soubessem... se vocês soubessem! — Os rapazes, intrigados com as palavras do velho, cercavam-no, perguntando: — Mas que é? Mas que é? Porque não dizes? Que segredo podes ter para teus filhos?

— Deus me dê forças para guardá-lo sempre! Para que hei-de eu contar-vos tal segrêdo? Não haverá amanhã um homem que o não conheça, e quando o conhecerem os homens... pobre de mim! Se eu vos julgasse capaz de guardá-lo, de certo que a outros não o confiaria. — mas de que me servirá saberdes o que me disse a Iára?

Ouvindo isso, os rapazes arremeteram curiosamente, e, apertando o velho, interrogaram-no curioso:

— **Iára**! E tu falaste a uma **iára**, pai?

— Sim, — disse o velho com fingida tristeza, — já que me escapou parte do segrêdo, sabei que aqui, debaixo desta mangueira velha, veio ter comigo uma iára do rio.

— Uma iára do rio!...

— Uma iára do rio. Toda nua tinha apenas para cobrir-lhe o colo os cabelos, verdes como o limo das pedras; era branca como a espuma das cachoeiras, e os olhos, tinham mais brilho do que a estrêla d'alva...

— Tu sonhaste, pai — disse o mais moço dos filhos.

— Por Deus, que não sonhei! Vi uma iára do rio, afirmo e juro. Ainda podeis ver o caminho úmido, da água que gotejava dos seus cabelos verdes.

— Sim! estão úmidos os ca-

## Curiosidade

**A assembléia nacional francêsa, ao decretar a divisão territorial da França, deu o nome de Finisterre a um rincão encravado na Bretanha, que entra pelo mar de forma idêntica ao promontório espanhol da Corunha, a que os antigos deram o mesmo nome "Finis terrae" porque os primeiros navegantes julgaram por muito tempo ser ali o fim do mundo.**

EXAME PERIODICO DOS DENTES. — Bons dentes são indispensáveis à saúde. E' aconselhável mandar examiná-los, por um bom dentista, de 6 em 6 meses. E' imprescindivel o exame dos dentes aos 6 anos, quando surgem os primeiros molares permanentes

**Cuide dos dentes, se quiser defender a saúde.**

1 — Quarta-feira . . . S. Leôncio
2 — Quinta-feira . . . Sta. Lidia
3 — Sexta-feira . . . . S. Domingos
4 — Sábado . . . . . . N. S.ª DAS NEVES
5 — Domingo . . . . . S. Caetano
6 — Segunda-feira . . . S. Ciriaco
7 — Terça-feira . . . . S. Romão
8 — Quarta-feira . . . S. Lourenço
9 — Quinta-feira . . . Sta. Rosa
10 — Sexta-feira . . . . Sta. Clara
11 — Sábado . . . . . . S. Gregório
12 — Domingo . . . . . Sta. Aurora
13 — Segunda-feira . . . Sto. Euzébio
14 — Terça-feira . . . . Sto. Hipólito
15 — Quarta-feira . . . ASSUNÇÃO de N. SRA.
16 — Quinta-feira . . . S. Joaquim
17 — Sexta-feira . . . . S. Roque
18 — Sábado . . . . . . S. Lauro e Sta. Helena
19 — Domingo . . . . . S. Xisto
20 — Segunda-feira . . . S. Felisberto
21 — Terça-feira . . . . S. Sidonio
22 — Quarta-feira . . . S. Timóteo
23 — Quinta-feira . . . S. Bartolomeu
24 — Sexta-feira . . . . Sta. Lucilia
25 — Sábado . . . . . . S. Zeferino
26 — Domingo . . . . . Sta. Eulália
27 — Segunda-feira . . . Sto. Agostinho
28 — Terça-feira . . . . Sto. Adolfo
29 — Quarta-feira . . . Sta. Rosa de Lima
30 — Quinta-feira . . . S. Raimundo Nonato
31 — Sexta-feira . . . . S. Aristides

minhos, porque o relento da noite os umedece.

— Por Deus! estão úmidos das gotas que rolaram dos cabelos verdes da **iára**. E mais: não vos fica bem essa dúvida, meus filhos, quando é vosso pai quem vos fala. Já vos menti alguma vez?

— Nunca! — disseram todos.

— Então chegai-vos bem para mim, bem perto; que eu vos fale, mas que o vento da noite não leve além uma só das palavras que eu vos disser, uma só das palavras que me disse a **iára**. Chegai-vos bem para mim, bem perto!

E os rapazes apertaram-se em volta de Serapião. — Agora, — continuou o bom velho, — jurai por Deus que nem uma só das palavras que ides ouvir passará dos vossos lábios para os ouvidos de outrem.

— Juramos!

— Prestai atenção, para que eu não me canse em repetir-vos. Esta terra que a luz do céu alumia, — disse com mistério o velho, — esta terra que nós pisamos guarda um velhissimo tesouro. Quem o escondeu foi o velho **pagé** de uma tribu forte, quando a nossa terra foi invadida pelos descobridores. Escondeu-o e partiu, internado-se nas selvas não desbravadas, certo, porém, de que não fôra visto enquanto cavava o esconderijo para o seu tesouro. Se homem não havia à espreita, — a **iára**, por entre as tabúas, espiava, e conhece o sitio em que se conserva a riqueza maravilhosa.

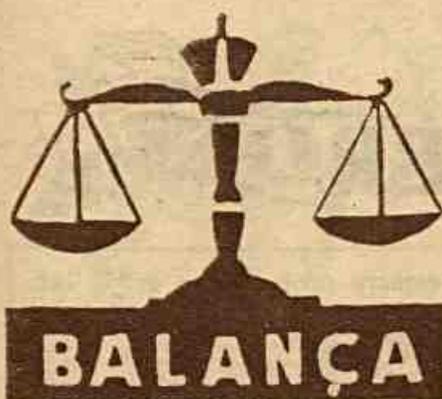
— E disse-o? E indicou-o, meu pai? — acudiram todos os rapazes com ambição.

O velho, porém, moderando as palavras, continuou: — Não, mas prometeu fazê-lo no dia em que os cafeeiros, em vez de flôres de prata, desabrochassem em flôres de ouro.

Os rapazes entreolharam-se, pasmados.

— Vejo que não acreditais nas minhas palavras, filhos; é natural: eu, mais velho do que vós, também sorri das expressões da **iára**, e foi preciso que ela, para que eu acreditasse, me dissesse: — Velho, nada é impossivel! Para que os cafeeiros, em vez das flôres alvas que costumam toucar a sua rama, dêem flôres da côr de ouro, basta que os não esqueçais, que os não deixeis abafados pela erva perniciosa; basta que se lhes chegue a terra, que que se lhes dê o adubo, que se lhes faça a limpeza em redor do tronco a fim de que os aqueça o sol e as chuvas se entranhem

### Saiba que...

**Os bolbos de que nascem as tulipas são muito parecidos com a cebola. Certo cultivador de tulipas da mais rara qualidade deixou por descuido os bolbos sôbre a mesa, enquanto ia trocar de roupa. Passou a cozinheira por perto, agarrou as "cebolas" e temperou a comida. O jantar nesse dia saiu por perto de um milhão de florins — e não prestou para nada, pois, o bolbo da tulipa não tem qualquer sabor..**

FEBRE TÍFICA E LEITE. — O leite pode ser contaminado pelo germe da febre tífica. Mãos do ordenhador, vasilhame, adjunção dágua, moscas etc. são as causas mais comuns dessa poluição. A fervura destrói os micróbios que se encontram no leite.

**Só beba leite que tenha sido fervido.**

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| 1 — **Sábado** | **S. Constâncio** | | 16 — **Domingo** | **Sta. Edite** |
| 2 — **Domingo** | **Sto. Elpidio** | | 17 — **Segunda-feira** | **S. Sátiro** |
| 3 — **Segunda-feira** | **N. S. DA PENA** | | 18 — **Terça-feira** | **S. José Cupertino** |
| 4 — **Terça-feira** | **Sta. Rosália** | | 19 — **Quarta-feira** | **S. Nilo** |
| 5 — **Quarta-feira** | **S. Gentil** | | 20 — **Quinta-feira** | **Sta. Fausta** |
| 6 — **Quinta-feira** | **S. Liberato** | | 21 — **Sexta-feira** | **S. Mateus** |
| 7 — **Sexta-feira** | **INDEP. DO BRASIL** | | 22 — **Sábado** | **S. Mauricio** |
| 8 — **Sábado** | **NAT. DE N. SENHORA** | | 23 — **Domingo** | **S. Lino** |
| 9 — **Domingo** | **S. Jacinto** | | 24 — **Segunda-feira** | **N. S. das Mercês** |
| 10 — **Segunda-feira** | **S. Nicoláu Tolentino** | | 25 — **Terça-feira** | **S. Firmino** |
| 11 — **Terça-feira** | **S. Deodoro** | | 26 — **Quarta-feira** | **Sta Justina** |
| 12 — **Quarta-feira** | **SS. NOME DE MARIA** | | 27 — **Quinta-feira** | **Stos. Cosme e Damião** |
| 13 — **Quinta-feira** | **Sto. Amado** | | 28 — **Sexta-feira** | **S. Bernardo** |
| 14 — **Sexta-feira** | **EXALT. da Stª. CRUZ** | | 29 — **Sábado** | **S. Miguel Arcanjo** |
| 15 — **Sábado** | **N. S.ª DAS DORES** | | 30 — **Domingo** | **S. Jerônimo** |

até as suas raizes; isto feito, em pouco vereis os cafeeiros dourados, e, nesse dia, eu virei mostrar-vos o sítio onde o **pagé** guardou, numa enorme igaçaba, o tesouro da tribu!

Os rapazes, entendendo-se com os olhos, suspiraram, e um dêles, oferecendo arrimo ao pobre velho, disse-lhe:

— Vamos, meu pai; faz frio, a noite vai alta e em casa arde um lume que vos há-de fazer bem!

— Vamos! — disse com brandura o velho.

E caminharam vagarosos através dos campos iluminados pelo luar silencioso.

Ao amanhecer, porém, os rapazes, despertando, viram deserto o catre do velho pai, e logo, tomados de apreensões, ergueram-se.

— Onde terá ido tão cêdo? Que terá ido fazer?

— E' a loucura da velhice que assim o faz andar desatinamente, — respondeu o mais velho à pergunta do mais moço.

— E havemos de o deixar ao sol?

— Melhor é que o vamos buscar ao campo e que o tenhamos sempre junto de nós, vigiado como uma criança.

— Sim, vamos buscá-lo ao campo.

E foram. Não andaram muito, porque logo ouviram a voz de Serapião que cantava, e a pancada sêca de uma enxada batendo a terra.

### Saiba que...

**O sono em abudância é indispensável ao desenvolvimento. Às crianças é muito util que durmam durante o tempo que quiserem, sobretudo se vivem nas cidades.**

**O número mínimo de horas que a criança deve dormir é de 12 por dia, até aos 4 anos; de 11 entre os 4 e os 7 anos; de 10 e meia, entre 7 e 10 anos; de 10, até aos 15.**

— Trabalha! — exclamou maravilhado um dos rapazes.

— Trabalha! — disseram todos; e embrenharam-se.

Efetivamente o velho trabalhava, capinando, eito acima, uma rua de café.

O suor escorria-lhe da fronte, onde os cabelos brancos formavam pastas, o suor pingava-lhe da barba; e o peito, que a camisa entreaberta desnudava, reluzia húmido. Vendo-o, os filhos bradaram:

— Oh! que fazes aí, pai?

O velho, risonho, com os pequeninos olhos iluminados de um fulgor estranho, voltou-se esfregando as mãos, com o cabo da enxada encostado ao peito:

— Que faço? Pois não vêdes? Luto, a ver se consigo despir dos matos e das parasitas os cafeeiros para que se cumpra a promessa da **iára** do rio. Ao menos morrerei tranquilo, se vos deixar o necessário para que não tenhais uma velhice triste como a que eu arrasto!

A SAÚDE ALHEIA — A tosse e o espirro propagam a gripe, lançando contra os circunstantes mucosidades do nariz e da garganta, as quais contém germes da doença.

**Quando tossir ou espirar, proteja o nariz e a bôca com um lenço.**

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| **1 — Segunda-feira . . .** | **S. Veríssimo** | | **16 — Terça-feira . . . .** | **S. Geraldo Majela** |
| **2 — Terça-feira . . . .** | **Stos. Anjos da Guarda** | | **17 — Quarta-feira . . .** | **Sta. Edwiges** |
| **3 — Quarta-feira . . .** | **Sta. Tereza do M. Jesús** | | **18 — Quinta-feira . . .** | **S. Lucas** |
| **4 — Quinta-feira . . .** | **S. Francisco de Borgia** | | **19 — Sexta-feira . . . .** | **S. Pedro de Alcântara** |
| **5 — Sexta-feira . . . .** | **Sta. Flavia** | | **20 — Sábado . . . . . .** | **S. João Cancio** |
| **6 — Sábado . . . . . .** | **S. Bruno** | | **21 — Domingo . . . . .** | **Sta. Ursula** |
| **7 — Domingo . . . . .** | **N. S. do Rosário** | | **22 — Segunda-feira . . .** | **S. Vereando** |
| **8 — Segunda-feira . . .** | **Sta. Brigida** | | **23 — Terça-feira . . . .** | **S. Severino** |
| **9 — Terça-feira . . . .** | **S. Eleutério** | | **24 — Quarta-feira . . .** | **S. Rafael Arcanjo** |
| **10 — Quarta-feira** | **S. Cerbônio** | | **25 — Quinta-feira . . . .** | **S. Crispim** |
| **11 — Quinta-feira . . .** | **Fund. d'O "TICO-TICO"** | | **26 — Sexta-feira . . . .** | **S. Evaristo** |
| **12 — Sexta-feira . . . .** | **DESC. DA AMÉRICA** | | **27 — Sábado . . . . . .** | **S. Felipe** |
| **13 — Sábado . . . . . .** | **S. Eduardo** | | **28 — Domingo . . . . .** | **S. Judas Tadêu** |
| **14 — Domingo . . . . . .** | **S. Calixto** | | **29 — Segunda-feira . . .** | **S. Lúciano** |
| **15 — Segunda-feira . . .** | **S. Fortunato** | | **30 — Terça-feira . . . .** | **S. Marcelo** |
| | | | **31 — Quarta-feira . . .** | **S. Quintino** |

— E tu, só, queres dar cabo de tanto ?

— Eu só, já que deixais só. Mais depressa viria o tesouro às nossas mãos, se fôssemos todos a trabalhar; mais depressa viriam a fartura e a paz; assim virá mais vagarosamente, mas que me dê forças o Senhor e saúde, e eu não dormirei contente enquanto não tiver da iára o melhor da promessa.

Ouvindo-o falar assim, com tão segura convicção, um dos rapazes disse ao outro, em segrêdo:

— Quem sabe se o que julgamos alucinação de velhice, não é verdade? Não é mais prudente nem mais avisado do que êle o mais notável dos nossos homens conterrâneos; ninguém o apanhou jamais em falsidade; todos lhe pedem conselhos, todos o querem ouvir; e tal não aconteceria, se lhe percebessem desatinos, vindos da razão enfraquecida. Quem sabe se não é verdade ?

— Sim, quem sabe ?

— Falam tanto de encantamentos! Melhor seria tentarmos. Juntos, em pouco tempo daremos conta da tarefa, e talvez apareçam nos cafeeiros as anunciadas flôres de ouro. E que regalo, se encontrarmos a riqueza da tribu!

— Melhor do que o fazendeiro mais rico...

— Muito melhor por certo!

Já o velho tornara à terra, cantando, quando os rapazes, concertados, desceram à casa, rebuscando entre os ferros esquecidos os melhores; e, tomando dêles, meteram-se pelos matos densos. À tarde, caía o crepúsculo nevoento, e o velho descia o caminho da casa, quando viu, com alegre surpresa, os filhos em turma, trabalhando. Deteve-se e a emoção foi tão forte em sua alma, que as lágrimas saltaram violentas dos olhos do sertanejo; e quem por perto dêle passasse ouviria o que disse comovidamente: — "Bendita iára! Bendita iára!" E foi-se cantarolando, risonho e feliz, com a enxada ao ombro.

No dia seguinte, ao luzir d'alva, Serapião erguia-se do catre, quando o mais velho dos filhos procurou-o.:

— Fica! — lhe disse: — Não é preciso que venhas ao campo. Se fôr verdade o que te disse a iára, dentro em pouco verás limpos de toda a erva os cafeeiros. Somos mais robustos do que tu: fica e descansa.

E o velho disse:

### CURIOSIDADES

**O primeiro poço de mina que se abriu, foi na idade da pedra, isto é, desde que o homem primitivo precisou de pedras ou de metais para construir abrigos ou fabricar armas.**

---

**A pessoa de mais peso de que há memória nos anais da história médica, foi um homem da Nova Carolina, do século passado, que pesava mais de mil libras (435 quilos).**

OS "TRÊS OITO". A "formula dos três oito" regula a divisão racional do dia, compativel com a saúde: oito horas de sono, oito horas de trabalho, oito horas de recreação. As oito horas do sono permitem ao organismo recuperar as energias gastas com o trabalho e resistir melhor às infecções.

**Durma oito horas por dia, para recuperar as energias gastas no trabalho.**

| | | | |
|---|---|---|---|
| 1 — Quinta-feira . . . | Todos os Santos | 16 — Sexta-feira . . . . | S. Edmundo |
| 2 — Sexta-feira . . . . | FINADOS | 17 — Sábado . . . . . . | S. Gregório |
| 3 — Sábado . . . . . . | Sta. Silvia | 18 — Domingo . . . . . | Sta. Salomé |
| 4 — Domingo . . . . . | S. Clarindo | 19 — Segunda-feira . . . | S. Abdias |
| 5 — Segunda-feira . . . | S. Silvano | 20 — Terça-feira . . . . | S. Otávio |
| 6 — Terça-feira . . . . | S. Leonardo | 21 — Quarta-feira . . . | Apresentação de Maria |
| 7 — Quarta-feira . . . | S. Florentino | 22 — Quinta-feira . . . | Sta. Cecilia |
| 8 — Quinta-feira . . . | S. Godofredo | 23 — Sexta-feira . . . . | S. Clementino |
| 9 — Sexta-feira . . . . | S. Orestes | 24 — Sábado . . . . . . | Sta. Firmina |
| 10 — Sábado . . . . . . | S. André Avelino | 25 — Domingo . . . . . | S. Gonçalo |
| 11 — Domingo . . . . . | S. Nemo | 26 — Segunda-feira . . . | S. Conrado |
| 12 — Segunda-feira . . . | S. Martinho | 27 — Terça-feira . . . . | S. Virginio |
| 13 — Terça-feira . . . . | S. Nicolau | 28 — Quarta-feira . . . | Sta. Lucrecia |
| 14 — Quarta-feira . . . | S. Josafat | 29 — Quinta-feira . . . | S. Saturnino |
| 15 — Quinta-feira . . . | PROC. DA REPÚBLICA | 30 — Sexta-feira . . . . | S. André |

— Ide, e que Deus abençôe o vosso trabalho; eu fico, e, para que a inércia não me amolente o corpo e o espírito, trazendo-me a preguiça e os pensamentos tristes, vou distrair-me reparando os estragos que o tempo tem feito na cabana que nos abriga. De volta, à tarde, trazei o sapé para substituir o colmo que mal nos resguarda das chuvas e eu mesmo cobrirei a cabana. E' justo que quem trabalha durma tranquilamente, sem que as goteiras o façam andar com o leito dum para outro sitio. Ide! e que Deus abençôe o vosso trabalho!

E os rapazes partiram.

O velho ficou, e, conforme a promessa que fizera, pôs-se a retocar os muros abertos em frinchas; e à noitinha, quando os filhos entraram, mostraram-lhes o trabalho que havia feito, e êles entregaram-lhes os feixes de sapé que haviam cortado; e sentaram-se à mesa, comendo com apetite e satisfação. O velho, sempre ao fim do respasto, dizia à maneira de oração: A iára deve estar satisfeita; dentro em pouco terá perdido o seu encanto".

E assim passou um ano.

Os rapazes, por vezes, desanimavam; mas sempre havia um, mais ambicioso, que acoroçoava os outros:

— Que! pois agora que vai em tão bom seguimento o trabalho, é que vocês querem deixá-lo? Vamos! Quem sabe se já não estão abotoando as flôrrs de ouro?

### Curiosidades

**O veneno que as abelhas segregam e que expelem pelo ferrão, é formado pela mistura de dois liquidos, um ácido e outro alcalino, inofensivos separadamente, porém altamente venenosos uma vez misturados.**

---

**Os espectros coloridos que por vezes se vêem em redor da Lua são causados por pequenos cristais de neve existentes nas nuvens altas.**

E, assim excitados, tornavam todos à terra.

E veio o tempo das colheitas.

Os milhos e as canas faziam um extenso mar dourado, ao sol; os arrozais alastravam os alagadiços com um fino tapete de veludo verde; o mandiocal cobria com a sua rama as encostas outrora secas; o feijão, enroscando-se nos pés de milho, subia tanto, que se confundia com as estrigas louras; e tudo prometia uma colheita abundante.

Os rapazes suspiravam: "Estavam carregados de flôres os cafeeiros... ah! mas não eram de ouro as flôres. De que lhes serviria tanto esforço, ao sol?"

— Perseverança, meus filhos! perseverança! — As flôres de ouro hão-de vir, as iáras não mentem Vamos tratar de recolher os primeiros presentes da terra. E começaram a colher; mas eram em tal abundância os produtos, que os rapazes tiveram necessidade de recorrer aos vizinhos, alugando carros e gado para transportar os frutos; e, como todos viam a prosperidade

GELADOS E CORRENTES DE AR. — Os gelados e as correntes de ar, por si, não determinam a gripe, mas irritam as mucosas do aparelho respiratório e facilitam a ação do germe.

**Evite os gelados e as correntes de ar, principalmente quando estiver cansado ou suado.**

| | |
|---|---|
| **1 — Sábado** | **S. Elói** |
| **2 — Domingo** | **1.º Domingo do Advt.** |
| **3 — Segunda-feira** | **S. Francisco Xavier** |
| **4 — Terça-feira** | **Sta. Barbara** |
| **5 — Quarta-feira** | **S. Sabas** |
| **6 — Quinta-feira** | **Sta. Leoncia** |
| **7 — Sexta-feira** | **S. Ambrosio** |
| **8 — Sábado** | **Imaculada Conceição** |
| **9 — Domingo** | **Sta. Leocádia** |
| **10 — Segunda-feira** | **S. Melquiades** |
| **11 — Terça-feira** | **S. Damaso** |
| **12 — Quarta-feira** | **N. Sª. de Guadalupe** |
| **13 — Quinta-feira** | **Sta. Luzia** |
| **14 — Sexta-feira** | **S. Agnelo** |
| **15 — Sábado** | **Sta. Cristiana** |
| **16 — Domingo** | **Sta. Adelaide** |
| **17 — Segunda-feira** | **S. Lázaro** |
| **18 — Terça-feira** | **S. Graciano** |
| **19 — Quarta-feira** | **Sta. Fausta** |
| **20 — Quinta-feira** | **S. Macário** |
| **21 — Sexta-feira** | **S. Tomé (Apostolo)** |
| **22 — Sábado** | **S. Flaviano** |
| **23 — Domingo** | **Sta. Vitória** |
| **24 — Segunda-feira** | **Sta. Tarsila** |
| **25 — Terça-feira** | **NATAL** |
| **26 — Quarta-feira** | **Sto. Estevão** |
| **27 — Quinta-feira** | **S. João Evangelista** |
| **28 — Sexta-feira** | **Stos. Inocentes** |
| **29 — Sábado** | **S. Marcelo** |
| **30 — Domingo** | **Sta. Anesia** |
| **31 — Segunda-feira** | **S. Silvestre** |

do sitio, ninguém recusou o que pediam os rapazes, e mais ainda lhes ofereciam.

Gente supersticiosa, porque desconhecia o caso do tesouro, começou a murmurar: — que ali andava a mão do diabo! terras, ontem tomadas pelo mato, como podiam estar assim florescentes ?!

E fugiam do sitio os supersticiosos, inventando lendas tenebrosas.

Vendida grande parte da colheita, com o produto os rapazes desceram à feira, e comprando gado, aves, e novos instrumentos, sortiram a despensa, encheram os paióis, e tiveram abundância e alegria. O velho, contente, saía à tarde para o terreiro, e chorava lágrimas de alegria, vendo que se ia lentamente realizando a promessa da "mãe d'água". Já se ouvia o mugido dos bois nos campos dantes tão silenciosos; e, todas as manhãs, a preta saía com uma grande malga para ordenhar as vacas; ovelhas balavam, galinhas cacarejavam; nas cevas, grandes porcos roncavam, e já as manhãs não passavam sem o canto alegre dos galos: agora eram seis a cantar no poleiro.

Mais outro ano passou, mais farto do que o primeiro; os filhos, porém, a-pesar-de verem as árvores vergadas ao peso dos frutos, suspiravam: "porque não vinham aos cafesais as flôres de ouro ?!"

— Perseverança, meus filhos; perseverança — dizia o velho. — As flôres de ouro hão-de vir, as iáras não mentem".

— E recolhia à grande arca o que os filhos traziam do mercado, onde haviam ido vender os produtos do sitio.

Seis anos depois, já os rapazes tinham desesperado da promessa da iára; mas, como se haviam habituado ao trabalho, saíam todas as manhãs para os campos que eram então os mais belos e os mais férteis da redondeza. O velho enfermou gravemente, sendo levado em braços para o leito.

Os filhos, tristes, cercavam-no; e já a vista se lhe turbava, quando êle acenou tremulamente, chamando para bem perto todos os rapazes, e, sentindo-os junto ao leito, disse:

— Meus filhos, já agora posso falar, dizendo-vos o melhor do segredo da iára. Habituaste-vos no trabalho, e certo estou de que o não trocareis mais nunca pela vida inerte que leváveis. A alegria está conosco, temos a abundância e a paz, nada nos falta. Já não mendigamos o pão com que nos alimentamos, nem a lã com que nos cobrimos; o vento já não zumbe nos quartos da cabana de muros brancos; lá fóra o gado procria; já não basta um curral para conter as crias

## Conhecimentos úteis

**Os seres vivos têm necessidade do oxigênio. Sem êle não póde haver vida. Na espécie humana, o oxigênio é levado aos pulmões pelo ar que se respira.**

**Trate cuidadosamente das afecções do nariz, da garganta e dos dentes, a fim de evitar complicações para o lado da vista.**

estão carregadas de frutos, e já não andais descalços nem cobertos de andrajos; tendes tudo, e mais ainda: a consideração dos homens, que já não vos apontam como frequentadores de estradas, desconfiando de vós se lhes faltava uma ovelha ou um fruto no galho... Bem vêdes que não vos menti!

O mais moço, porém, que tudo ouvira em silêncio, não se conteve, vendo que o pai, cansado, emudecera:

— Mas, os frutos de ouro, meu pai... a promessa da iára?

— Os frutos de ouro? Ah! Os frutos de ouro... eu os fui ajuntando, para fazer-vos a surpresa, e tenho-os ali, naquela velha arca. Ide ver! a chave está comigo, procurai-a debaixo do meu travesseiro!

E o mais moço dos filhos, ouvindo as palavras do moribundo, procurou a chave; e, achando-a, correu com ela para a grande arca, cercado de todos os irmãos; e, quando abriu, um grande grito saiu de todos os peitos:

— Oh!

Estava atopetada de ouro! E os rapazes, mal contendo a emoção, precipitaram-se para junto do leito do moribundo:

— Que fortuna é essa, pai?

E o velho, com a voz enfraquecida, disse:

— E' o tesouro da iára que estava escondido na terra!

— E foste tu que o descobriste?

— Eu, não, meus filhos. Apontei-vos apenas o caminho!

Quem o descobriu fostes vós, com o vosso trabalho perseverante; eu acumulei com economia, e agora entrego-vos o que vos pertence. E sabei, filhos meus! Em todo e qualquer ponto da terra há um tesouro escondido, cuja descoberta só é possivel fazer-se com o trabalho. Tendes agora abundância e paz; e, se quiserdes aumentar a vossa fortuna, voltai à terra, — que ainda e sempre achareis o que extrair de suas entranhas. Lembrai-vos da iára, lembrai-vos da iára!

E, sem mais dizer, cerrou os olhos docemente, repousando a cabeça no travesseiro.

Estava morto, e sorria.

# MUSIQUINHA DO ALFABETO

**AQUI está uma cousa que você não tinha imaginado: que o alfabeto pudesse ser cantado... Pois aqui lhe oferecemos a musiquinha do alfabeto, com a respectiva melodia e acompanhamento, para piano. Peça à mamãe ou a outra pessoa que toque a música e aprenda a cantar a bonita canção. Bonita pela sua harmonia musical e pelo seu ritmo, porém, mais bonita ainda pela letra, que é a que todos aprendemos em criança, e que representa a chave maravilhosa com que todos abrimos a porta larga que nos conduz a tôdas as vitórias na vida: o alfabeto. Esta música, tão simples, devia ser adotada como hino nas escolas, pela sua beleza e pela sua alta significação. Não espere mais, pequeno leitor: vá pedir a alguém para tocar a melodia ao piano, e cante com entusiasmo e com carinho a expressiva canção.**

# O peixe-espada

OS gregos chamavam as espadas de xiphos (sifos). Daí pertencer o peixe espada à família dos sifos. Este espadachim vive nas costas do Mediterrâneo e do Atlântico, procurando luta com os demais peixes, pore não há no mar bicho mais valentão.

A adaga de que se serve para bater-se contra seus inimigos ou contra seres humanos é feita de uma materia celular (cheia interiormente de orifícios) muito forte, recoberta por uma camada óssea. As bordas são mais afiadas, porém em fórma de serra isto é, cheia de dentes; a ponta é muito aguda. Com esta arma, que é a terminação do lábio superior do peixe espada, chega êle a perfurar o casco das pequenas embarcações segundo diz Plínio, o naturalista romano, informação essa a que não se dava crédito até há pouco tempo. Mas, últimamente, diversos casos têm acontecido, os quais justificam a afirmativa de Plínio. Carnide fala de uma embarcação espanhola que quase naufragou nas costas cantábricas por ter sido espetada por um peixe espada. Às vezes na quilha de grandes veleiros são encontrados pedaços das espadas cravadas por estes temíveis peixes.

Como os guerreiros antigos, o peixe espada anda vestido com uma couraça áspera e de côr azul e prata. Seu tamanho varia entre dois metros e meio e cinco metros e é também conhecido sob o nome de "diphias gladius" (gladius significa, em latim espada). Lembre-se da palavra gladiador, que é precisamente a que estamos descrevendo aqui e que é a mais importante.

Esta féra do mar existe, em grande quantidade, nas costas da Sicília.

Sua carne, quando se trata de peixe novo, é branca e nutritiva.

Antigamente, os pescadores da Sicília acreditavam que o peixe espada aparecia quando se diziam determinadas palavras.

Êste peixe é pescado com arpão. E' muito difícil de morrer e resiste muito tempo antes de ser içado a bordo. Quando acontece ser pescado em rêde, quase sempre a estraçalha com seu formidável facão.

Este esgrimista não é visto em cardumes, como os outros peixes. Vai pelos mares acompanhado de sua esposa, que também tem no lábio superior uma espada.

De vez em quando a fêmea desova nas costas marítimas e daí partem os pequenos peixes-espada, que desde tenra idade dão os seus passeios.

O peixe espada é muito parecido com o atum, na côr da pele e qualidade da carne.

Há no mar uma espécie de parasita que atormenta os atuns e os peixes-espada durante o verão.

Aristóteles, que foi um grande sábio, observou a existência do "estro" — assim se chamava esse inseto.

Em Provença e Gênova êste parasita tinha o nome de "Imperador".

Existe uma lenda que diz que o peixe-espada puxa para a praia as pessoas que se estão afogando, como se quiesse salvá-las, e por isso êle tem recebido o nome de Cavalheiro do Mar.

## ACHOU A SOLUÇÃO!

**— Meu Deus! Meu Deus! Que presente daremos ao nosso afilhadinho Pepéca, este Natal? Já demos tanta coisa!!**

**— Temos que arranjar um presente bonito, que agrade ao Pepéca, pois êle é muito espertinho e só gosta do que é bom...**

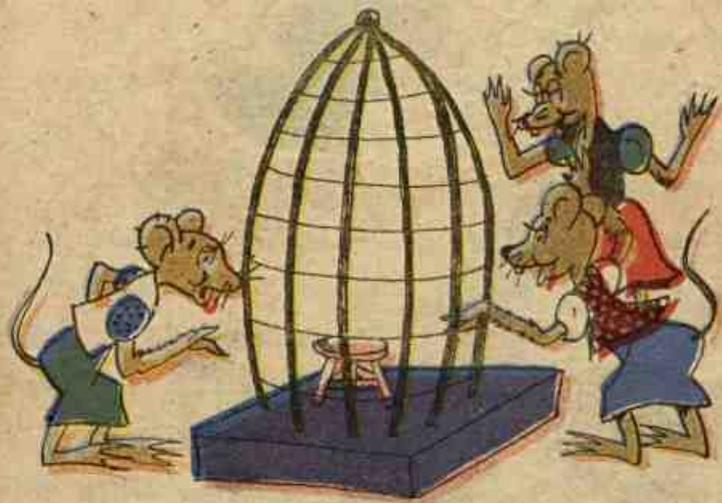
**— Pronto, Genolino! Achei!! Vamos dar o lindo "Almanaque de Tiquinho"! E' um presente encantador para qualquer criança!!**

ADAPTAÇÃO DE MARIA MATILDE

Ti, Bi, Xi, as três ratinhas
estão em casa sozinhas.
Ti, Bi, Xi, as três ratinhas
estão dando uma festinha.

Ti, Bi, Xi vão passar bem
pois até presunto têm!

Ti, Bi, Xi, as três ratinhas
têm ja cheia a barriguinha.
Ti, Bi, Xi, as três ratinhas,
como final da festinha
cantam, dansando em rodinha,
a "Ciranda Cirandinha..."

Vêem uma linda casinha,
de grade, tão bonitinha
que é mesmo uma tentação...
Ti quer entrar. Xi diz: — não!
Bi diz: — Deixem de bobagem!
Eu entro! Tenho coragem!

Mal meteu a cabecinha,
fez soltar uma molinha
e pronto! Ficou fechada!
Tremeu, chorando, assustada,
enquanto as duas ratinhas
retorciam as mãosinhas.

Pobre maninha querida!
Agora, estarás perdida?
Mas Bi decidiu agir
para tratar de fugir
e a grade tanto roeu
que um buraco apareceu.

Ti, Bi, Xi, as três ratinhas
estão outra vez juntinhas.
Que susto! Quanta emoção!
Mas agora... que alegrão!
Fazem, de novo, a rodinha,
com a "Ciranda, cirandinha..."

# O PARDAL e a CORUJA

ILMA era uma menina boa e bonita, por isso era querida por todos, principalmente pelos seus pais. Tinha apenas oito anos e já ajudava sua mãe nos serviços da casa. Limpava o pó dos móveis, enxugava pratos e ainda tomava conta do irmãozinho de três anos. Esse irmão de Ilma chamava-se Aloisio e era muito traquinas.

Tôdas as manhãs, depois do café, a menina ia para um jardim público que havia próximo á sua casa, ouvir o canto dos pássaros, que eram seus amigos. Levava sempre pedacinhos de pão e grãos de trigo para os passarinhos. Havia um pardal gordinho e saltitante que era o mais amigo de Ilma. Logo que a menina chegava vinha êle dar-lhe as boas-vindas, pulando e pipilando.

Embora todos os pássaros do jardim fossem queridos por Ilminha, havia um por quem a menina demonstrava mêdo e antipatia. Era a coruja.

Era uma coruja pequena que vivia na torre da igreja do bairro e que ás vezes ia ao jardim para palrar com os passarinhos.

Quando Ilma encontrava o mocho ficava muito assustada e saía a correr, porque lhe tinham dito que êste pássaro anunciava desgraças.

Certa manhã, em que Ilminha se dirigia ao jardim, muito contente porque arranjara grande quantidade de grãos de trigo e migalhas de pão, para os seus amiguinhos, começou a

cair uma chuva fria, parecendo que ia aumentar. Então, Ilminha abriu a sombrinha que levava e sentou-se em baixo de uma arvore para esperar que a chuva parasse.

Já estava ali a algum tempo quando ouviu um pássaro falando, isto é, conversando á moda dos passarinhos : pin-piripin... pin...

— Por que você vem para aqui? — perguntava o pardal á coruja — Este lugar não é seu. Por que não fica lá na torre da igreja?

— Venho aqui — respondeu a coruja — porque não faço mal a ninguém e gosto de viver entre os outros.

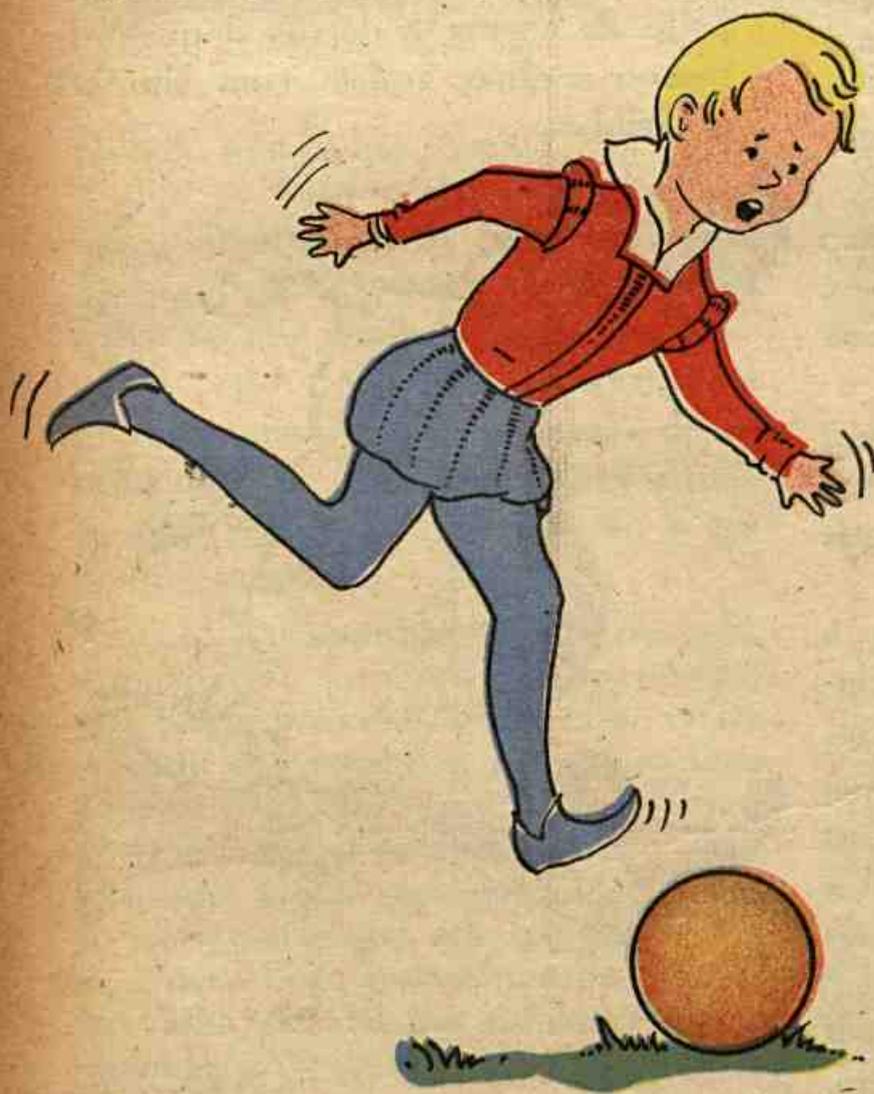
— Não é verdade. Você é uma ave de mau agouro. Está sempre anunciando infelicidades. Você é inútil e só vive assustando os outros com as suas gargalhadas durante a noite.

— E' uma calúnia isto que dizem de mim. Eu não faço mal a ninguém. Só vôo á noite porque de dia não vejo bem. Foram os ignorantes que espalharam estas invencionices a meu respeito. As pessoas inteligentes e que estudaram um pouco sabem que isto não é verdade; sabem até, pelo contrário, que sou muito útil á agricultura, porque como os ratos e muitos outros bichinhos que tanto prejudicam as plantações. Você, sim, é que não serve para nada. Estraga o que eu defendo. Você come o trigo, roubando o produto do trabalho dos agricultores. Você pode ser mais bonito do que eu, mas é muito prejudicial ao homem, enquanto que eu sou feia mas sou mais amiga dêle.

Naquela manhã Ilminha voltou para casa com outra opinião a respeito da coruja e depois daquele dia passou a olhar aquela com simpatia e carinho.

# O NARIZ DE GUALBERTO

GUALBERTO estava sempre queixoso da própria sorte. Desde criança, até se fazer homem, tivera sempre aquele mau costume de achar tudo ruím de se queixar, de viver reclamando.

Se estava jogando futebol, e em lugar de dar o ponta-pé na bola, errava o cálculo e levava um tombo, machucado e furioso começava a queixar-se e a reclamar que suas pernas eram curtas demais e que por isso não alcançára a bola

AO entardecer de um dia de primavera, Gualberto, que na ocasião era pagem do re foi passear no bosque (enquanto seu lobo não vinha...) perto do palácio, onde havia lindos pés de maçã, carregadinhos.

Aproximou-se de uma das macieiras e, como era preguiçoso — não quis se dar ao trabalho de procurar as maçãs maduras, que estavam mais altas, e pegou mesmo uma verde. Antes de morder o fruto, quís aspirar seu perfume. Cheirou, cheirou, mas como a maçã estava verde, não tinha cheiro. Então Gualberto começou a se queixar, aborrecido, dizendo:

— A culpa é do meu nariz que de tão curto não consegue pegar o cheiro da maçã.

Mal disse isto, uma grande tolice mesmo, seu nariz começou a crescer a crescer, e cinco minutos depois media mais de dois metros, parecendo uma serpente.

Quando Gualberto se viu com aquele narigão, começou a chorar desesperadamente.

Foi aí que do alto da macieira desceu um anãozinho barbudo, feiticeiro afamado, que lhe disse:

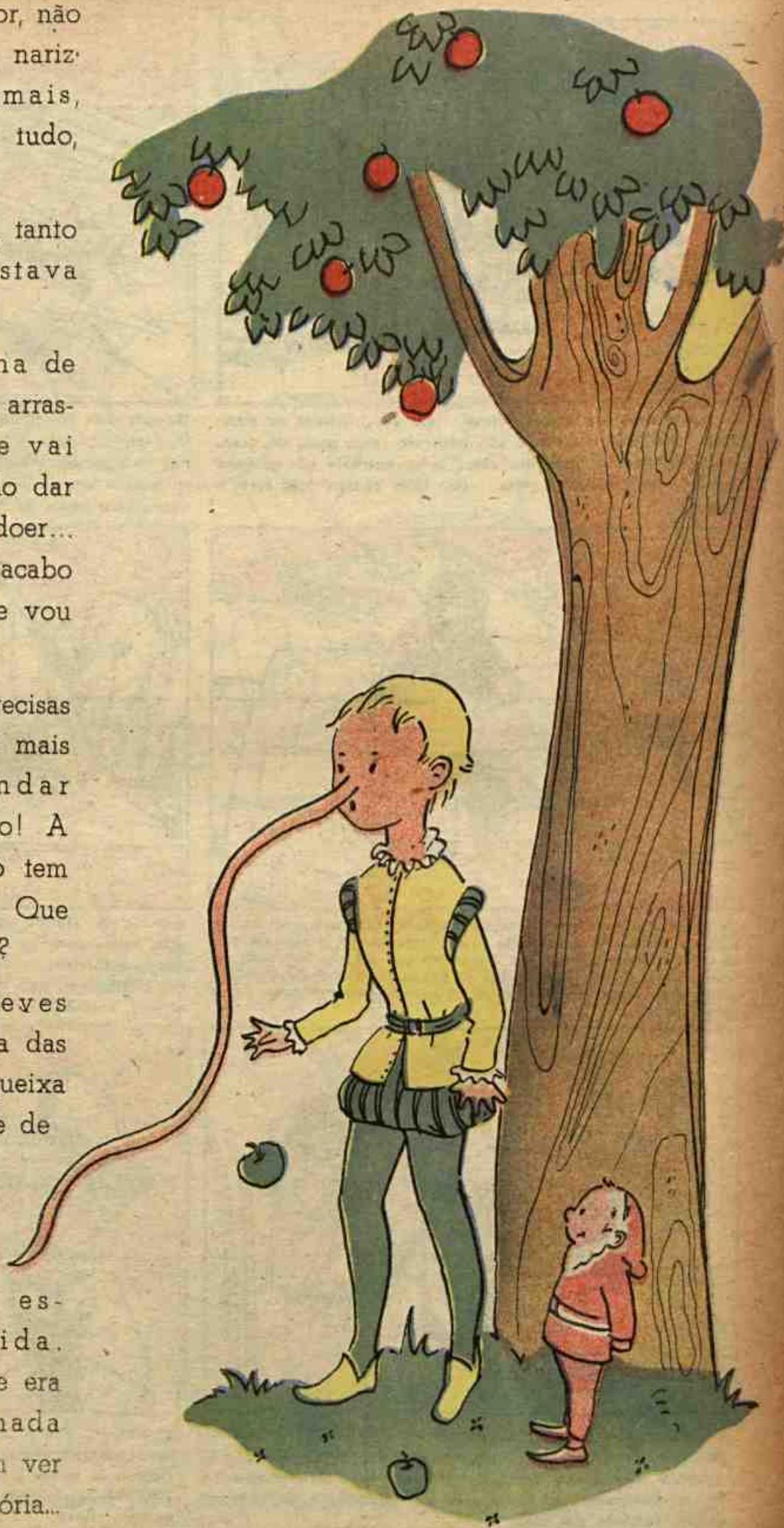
— Agora, seu reclamador, não podes dizer que te falta nariz. E, já que tens nariz até demais, vai-te por aí a cheirar tudo, vai-te!

Gualberto tanto chorou, tanto pediu, que o anão já estava ficando com pena:

— Seu Anão, tenha pena de mim! Meu nariz vai andar arrastando no chão, toda a gente vai pisar nele... As galinhas vão dar bicadas no coitado, vai doer... Quando eu fôr dormir, acabo deitando em cima dele, e vou me embaraçar todo...

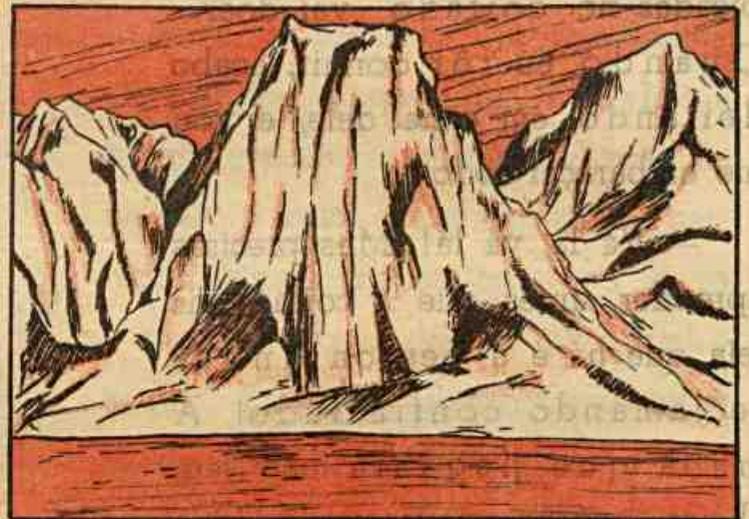
— Vá lá, vá lá! Mas precisas aprender, antes, que a coisa mais feia que há é a pessoa andar reclamando contra tudo! A maçã que pegaste não tem cheiro, porque estava verde. Que culpa tem o teu nariz disso?

Antes de te queixares, deves é procurar saber a causa das coisas, a razão delas. Só se queixa quem tem falta de vontade de triunfar.

Gualberto compreendeu que o anãozinho tinha razão e nunca mais esqueceu a lição recebida. Seu nariz voltou a ser o que era e olhem lá que não era nada pequeno, como vocês podem ver pelas ilustrações desta história...

# AS REGIÕES POLARES

Os habitantes das terras árticas, isto é, próximos ao Polo-Norte lapônios, esquimós, etc. utilizam como meio de locomoção o trenó puxado por cães; êstes animais são de uma espécie nativa dessas regiões e têm uma constituição forte e vigorosa.

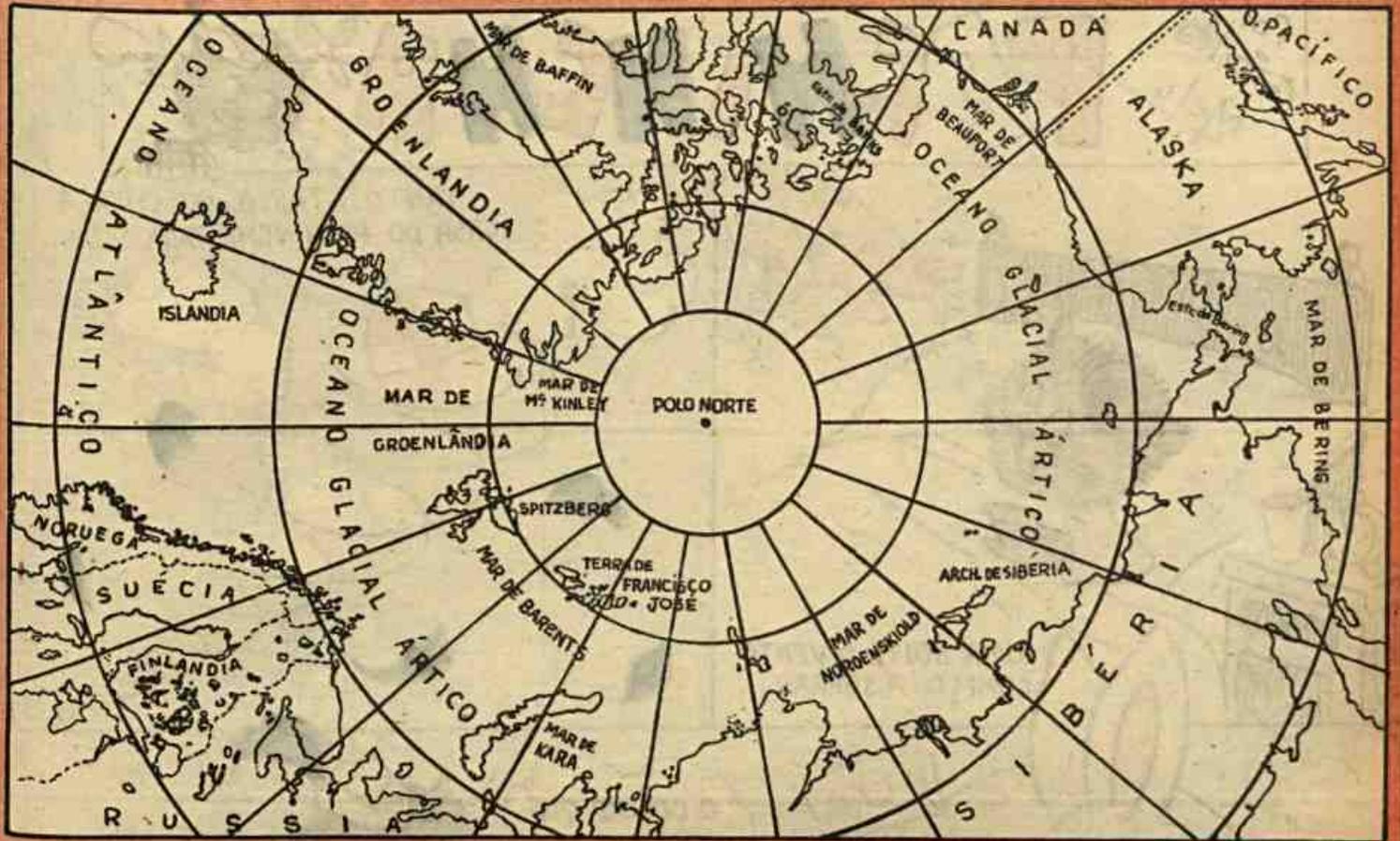
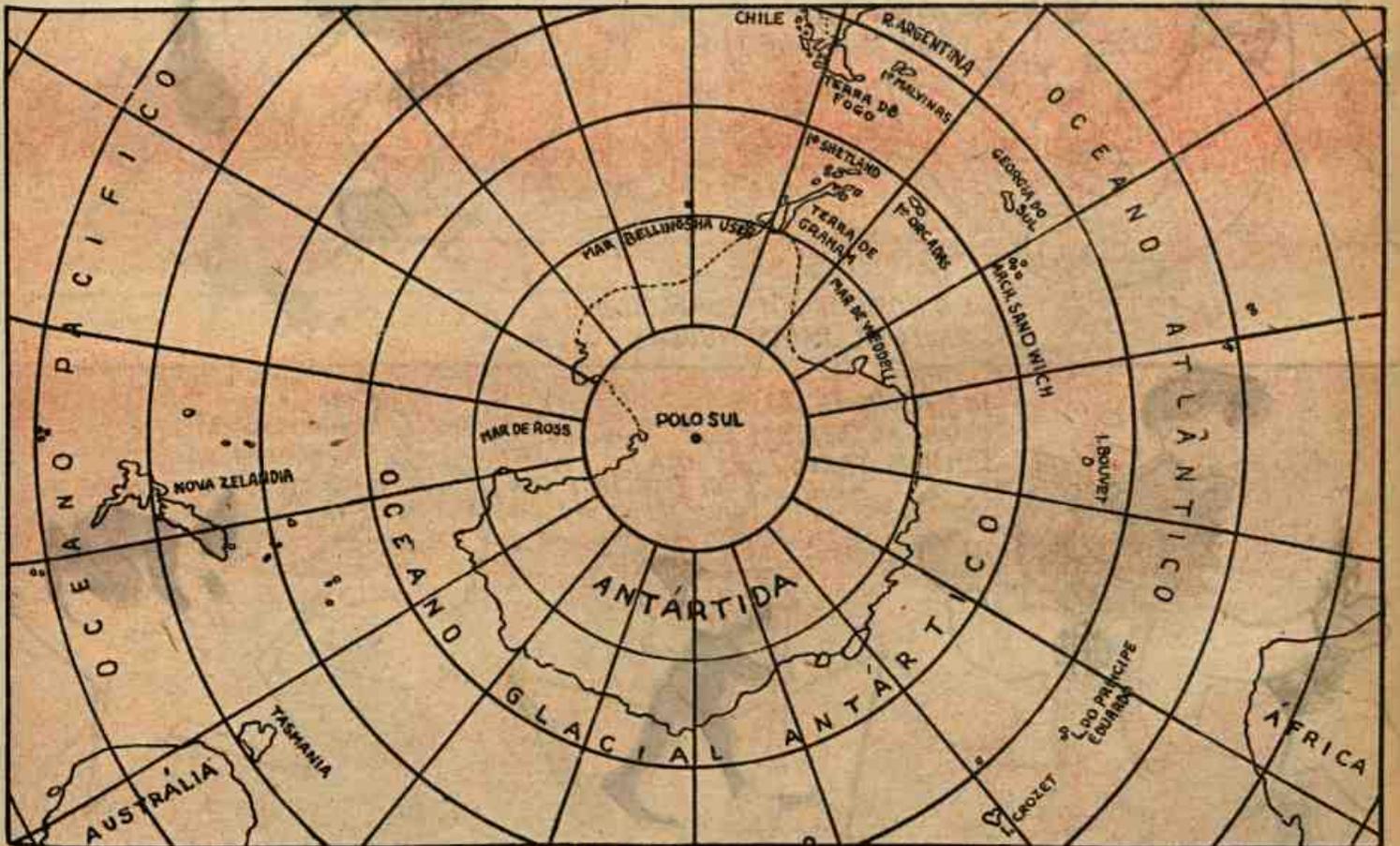
Os esquimós vivem simplesmente e têm costumes primitivos. Dedicam-se à caça e à pesca, pois as regiões em que moram não têm campos nem terras para cultivar. Na navegação êles empregam um pequeno barco em que só cabe uma pessoa, ao qual dão o nome de "kayak".

Os habitantes do Polo Norte são de baixa estatura, mas muito fortes e de muita resistência física, suportando perfeitamente as baixas temperaturas das terras em que vivem. Sua casa no inverno é o "iglú", construida de pequenos blocos de gelo. No verão êles vivem em choças de madeira, cobertas com peles de animais.

Aspecto da grande barreira de Ross, gigantesca montanha de gêlo, medindo cerca de 50 quilômetros de extensão, situada nas terras antárticas ou seja no Polo Sul. Estas regiões são menos conhecidas, pois não têm sido tão exploradas como as árticas, pertencentes ao Polo Norte.

Os exploradores polares fazem suas viagens em barcos especialmente preparados para resistir à viagem entre os gêlos. Quando não lhes é mais possivel navegar, desembarcam e fazem acampamentos. Terminam suas expedições viajando em trenós, puxados por cães.

Roberto E. Peary, explorador norte-americano que realizou viagens às terras árticas e em 1909 foi o primeiro a chegar ao Polo Norte.

Roald Amundsen, famoso navegador norueguês. Efetuou importantes expedições polares e no ano de 1911 descobriu o Polo Sul.

# REGIÕES POLARES

**POLO NORTE** e terras próximas ao mesmo. As mais próximas se denominam Terras Árticas e são banhadas pelo Oceano Glacial Ártico

**POLO SUL** Como se pode ver, acha-se mais isolado dos continentes e as terras que o rodeiam formam o que se chama a "Antártida".

Por Giselda Melo
PECHINCHA
UMA NOITE O VENTO COMEÇOU A SOPRAR...
TANTO...TANTO...QUE LEVOU A CASA DO PECHINCHA PARA O CÉU...
LUA
QUE TRABALHÃO RECORTAR A LUA TÔDAS AS SEMANAS!
O COELHO QUE MORA NA LUA!
...E O NOSSO HERÓI COMEÇOU A NAVEGAR PELAS NUVENS!...
AH! AGORA JÁ SEI PORQUE AS ESTRELAS BRILHAM TANTO!
OLÁ! QUE ESTRÊLA É ESSA AÍ? NUNCA VI IGUAL!
TRA-LA-LA! MINHA ESTRÊLA VAI BRILHAR!

ORA VEJAM SÓ! COMO ÊLES FAZEM RAIOS E TROVÕES!
PEGA! PEGA!
AH! AH! AH!
BUM!
HUM! PARECE ALGODÃO DE AÇÚCAR! QUE GOSTOSURA! NÃO VOLTO MAIS LÁ PRA BAIXO!
AQUI SÓ SE COME NUVEM. QUANDO FICAM ESCURAS, SÃO DE CHOCOLATE!
EI!
CHI!
ORA BOLAS!
Gisetta

# JOÃO CHARUTO

# E O SÓSIA

ESSE "CARA" E' IMPOSTOR! ORLANDO SELVA SOU EU!
LOGO AGORA QUE ESTAVA COMEÇANDO A AGRADAR!
FORA!
U-U-U!
EU LOGO VI'

DESAPAREÇA! E NUNCA MAIS VOLTE AQUI!
COM MUITO PRAZER!

POR SORTE CONSEGUI "SALVAR UMAS PRATINHAS!" VALENTIA COMIGO NÃO DA' CERTO! POR BEM, UMA PESSOA ME LEVA A CAMISA. MAS, POR MAL... POR MAL ME DEIXA NU... EPA! UM RESTAURANTE!

HOJE
AMANHÃ E ESTA SEMANA TODA
ANGÚ À BAIANA!
RESTAURANTE DO CHINA

OH, PRATINHO GOSTOSO! E AGORA PAGUEMOS! OH! PERDI O DINHEIRO! E AGORA?

LAVAR PRATOS E' UM ÓTIMO PASSATEMPO PARA FAZERMOS A DIGESTÃO.

EUREKA! DESCOBRI UMA MANEIRA DE NÃO ME CONFUNDIREM COM O ORLANDO SELVA!
LIXO

1 MÊS E' PASSADO...
COM A BARBA CRESCIDA NÃO ME CONFUNDIRÃO MAIS COM O ORLANDO SELVA! VOU ATÉ A RADIO PARA VÊ-LO.

VEJAM! E' ORLANDO SELVA!
DEPRESSA, ORLANDO SELVA. VOCÊ JA' ESTA' ATRAZADO!
OH!
SALVE
ANDO SELVA!
BILHETERIA
SENSACIONAL VOLTA DE ORLANDO SELVA!
AGORA COM UMA BONITA BARBA PARA TORNAR-SE INCONFUNDIVEL!
E MAIS
ALCIDES GELADO!
PAULO ENGRAÇADO!
SEIS PEQUENAS DO BAR D'OLHO!
EDMUNDO

# O TESOURO do LAGO Po-Yang

Por PEDRO CARAUTA

VIVIA outrora na cidade de Hu-Keú, nas margens do lago Po-Yang, um ambicioso mandarim chamado Taí-Tong. Acumulava tesouros sôbre tesouros, despojando, com os seus impostos, até os miseráveis casebres dos camponeses que habitavam suas terras.

Certa manhã cheia de sol, correu o boato pela cidade, de que no fundo do lago havia gigantesca serpente marinha repousando sôbre um tesouro misterioso. Não se sabia ao certo o que era, mas fôsse o que fôsse, brilhava tanto como o sol.

Ao saber da notícia, Taí-Tong mandou colocar guardas nas margens do lago, para impedir que furtassem aquela maravilha. Vestindo-se com esmero, saiu de casa para ver de perto o fabuloso tesouro.

No alto de uma pedra, embora repelida pelos guardas, uma grande multidão se amontoara. Chegando o mandarim, todos curvavam a cabeça, mas contrariados pois eram obrigados a fazê-lo. Subindo na rocha, Taí-Tong pôde ver deslumbrado, no fundo do lago, um brilhante maior do que uma melancia.

A côr variava, ficando vermelha, laranja ou amarelo-esverdeada. Entretanto, havia uma sombra negra movendo-se vagarosamente sôbre o brilhante, ora enroscando-se na pedra, ora afastando-se, sem abandonar porém a guarda do tesouro. Não se via a cauda ou a cabeça da serpente; parecia oculta nas algas das proximidades.

O povo fitava o fundo do lago num mixto de admiração e terror. Taí-Tong depois de alguns momentos de estupefação, gritou para os guardas:

— Que esperam? Ordeno que mergulhem e apanhem o tesouro!

Os guardas entreolharam-se. O mais ousado atreveu-se a dizer:

— Mas a serpente marinha...

Não poude terminar a frase, pois o mandarim furioso o empurrou pedra abaixo. Contudo, o infeliz, antes de mergulhar no lago, raspou violentamente na rocha, ocasionando-lhe um grande ferimento na cabeça, que entretanto passou despercebido de todos. Para maior infelicidade, o pobre homem foi cair exatamente sôbre a terrível serpente marinha, mas seu pavor foi tal, que ao tocar no réptil, recobrou as fôrças e subiu à tona. Vendo-o ensanguentado, a multidão apavorada, começou a murmurar contra Taí-Tong. Este furioso continuou a gritar:

— Covardes! mil vezes covardes! Filhos de ratos!

— Por que não vais buscá-lo? observou o guarda ferido.

O mandarim não soube responder. Imediatamente entrou na carruagem, ordenando que o levassem.

* * *

Durante a noite, o tesouro desapareceu misteriosamente, para reaparecer na manhã seguinte, sempre guardado pela serpente. Com êste milagre mais se amedrontou o povo de Hu-Keú. Muitos dias se passa-

ram e pessoas das cidades visinhas vieram de longe para ver a "Pedra do Sol" (como o povo a denominou).

Tai-Tung oferecia uma grande recompensa ao que apanhasse o tesouro, mas ninguém se apresentava. Certa manhã, depois de uma noite tempestuosa, a multidão veio como habitualmente fazia, admirar o maravilhoso brilhante. Logo a alegria se apoderou de todos: a serpente havia desaparecido. Sabendo do ocorrido, o mandarim veio às pressas para presenciar a retirada da "Pedra do Sol". Tôda a cidade se aglomerou nas margens do lago.

Um camponês chamado Hu-Pe, ofereceu-se para apanhá-lo, pois o receio ainda pairava sôbre muitas cabeças. Os olhos da assistência estavam fixos na "Pedra do Sol". Entretanto, assim que Hu-Pe segurou o tesouro, como por encanto o brilho desapareceu.

Ao chegar à tona, trazia nas mãos nada mais que um grande espelho oval A surpreza foi tal, que muitos não acreditavam no que viam. Os que estavam mais perto, iam dizendo aos de tráz e em poucos instantes o povo sabia da verdade.

Tai-Tong boquiaberto, balbuciou fracamente:

— Mas... isto é o... tesouro?

Hu-pe entregando o objeto ao mandarim, respondeu:

— Sim, meu senhor. O espelho no fundo do lago apenas refletia a imagem do sol e nisto consistia tôda a sua beleza.

— E' verdade, disse o mandarim; a serpente, porém...

— A serpente marinha que tanto nos atemorizou, é uma velha corda recoberta de limo, que está sob algumas pedras ali adiante. A tempestade desta noite afastou-a um pouco. Quanto ao espêlho, ou foi colocado por alguém, ou então um ladrão resolveu escondê-lo, mas depois acovardou-se e não revelou a verdade. A corda talvez fôsse de alguma embarcação afundada, isto eu não posso dizer com segurança.

Tai-Tong perdeu a fala.

— O meu senhor recebeu uma grande lição. Os maiores tesouros não estão nos cofres fechados a sete chaves, mas sim em tôda a natureza!

De hoje em diante espero que olhes com mais admiração para o sol, que ilumina tanto os ricos como os pobres.

Uma velha cheia de rugas deu uma risadinha, e logo fizeram-lhe côro outras risadas.

Em breve, num barulho infernal, todo o povo de Hu-Keú, ria de Tai-Tong, agora curado de sua desmedida avareza.

BONS CONSELHOS
por PAULO AFFONSO
A CRIANÇA E O JOVEM DEVEM DORMIR A HORA CERTA EM AMBIENTE AREJADO E LEVANTAR CEDO.
TOMAR BANHO DIARIAMENTE DE PREFERÊNCIA FRIO E RÁPIDO.
ALIMENTAR-SE BEM, INCLUINDO ENTRE OS ALIMENTOS VERDURAS E FRUTAS.
NÃO COMER FORA DAS OCASIÕES DETERMINADAS PARA AS REFEIÇÕES.
NÃO CORRER NEM PULAR APÓS O ALMOÇO E O JANTAR E NÃO SE CANSAR DEMASIADAMENTE.
RESERVAR DIARIAMENTE ALGUMAS HORAS PARA OS ESTUDOS.

# A ratinha doente

— Oh! mãezinha, como você está abatida! Está doente?

— E' isto que eu quero saber, Tom — respondeu a ratinha a seu filho

— Posso fazer alguma coisa para ajuda-la?

— Sim, vá buscar, o mais rápido que puder, um médico.

Tom apressou-se em obedecer à sua mãe e trouxe o doutor em casa. Depois que o médico examinou a ratinha disse:

— Isto é um resfriado e só há um remédio capaz de curá-lo.

— Qual é o remédio? — perguntou interessada a ratinha.

— Um fio de bigode de gato. Ponha um fio de bigode, acabado de cortar, no peito, e deite-se.

Parecia dificil conseguir este medicamento, mas Tom garantiu que o conseguiria de qualquer forma. Pensou no Príncipe, um gato enorme que vivia na casa e decidiu apoderar-se, usando astúcia e inteligencia, de um fio do bigode do Príncipe.

Contou a sua mãe o que tencionava fazer e ela, muito assustada, pediu para o filho não se arriscar porque o gato era o pior inimigo que êles tinham nos buracos da casa. Mas Tom, sem dar tempo a que a doente pudesse impedir o seu plano, saiu correndo disposto a pôr em pratica o seu propósito.

Percorreu rapidamente o labirinto formado pelos diversos túneis excavados por seus antepassados durante dias e dias de penosos trabalhos; estes permitiam aos ratos percorrer livremente todo o porão da casa

Bem perto dali estava Príncipe, o enorme gato, com o focinho a menos de vinte centímetros de distancia dêle.

Tom, sem se aproximar muito, disse:

— Por favor, senhor Príncipe, quer chegar aqui um pouco? Tenho uma coisa muito importante para dizer-lhe.

— O que? — perguntou o gato afiando as unhas.

— Vou ensinar-lhe uma maneira boa para pegar ratos — respondeu Tom. — Só que tenho que dizer-lhe ao ouvido, para que ninguem escute. Chegue bem sua orelha aqui no buraco, por favor.

O gato assim fez e então os três fios do seu bigode entraram no buraco e Tom não perdeu tempo, e, rápido, segurou um dêles, depois disse bem dentro da orelha do gato:

— Cuidado com o seu rabo que podem pisá-lo... O gato deu um pulo ao ver que caçoavam com êle e ao mesmo tempo deixou o fio do bigode na patinha de Tom. E foi assim que a mãe de Tom teve o remédio de que precisava e no outro dia se levantou completamente curada. Ficou muito agradecida ao médico e ao seu filho que com sacrificio e perigo conseguira o remédio. Enquanto isto, o gato persa, com o susto que levou, sumiu daquele lugar para sempre, deixando os ratinhos viverem tranquilos o resto dos seus dias.

E' por isso que nunca mais os gatos meteram a cabeça em buracos para pegar ratos. Eles ficam á espreita, esperando que os ratos sáiam para passear.

PSST

JARABU'
O
DOMADOR

UM LEÃO COMEU O MEU DOMADOR DO CIRCO. ONDE ARRANJAREI OUTRO?

PRECISA SE DE UM DOMADOR NO CIRCO BIXARROCK -

ESTOU MORRENDO DE FOME. VOU ARRANJAR ÊSTE EMPREGO. OU COMER OU SER COMIDO

SOU JARABÚ, O GRANDE DOMADOR. VENHO PARA O EMPREGO
JÁ SEI. VOCÊ QUER DOMAR E' A FOME... VAMOS VÊR

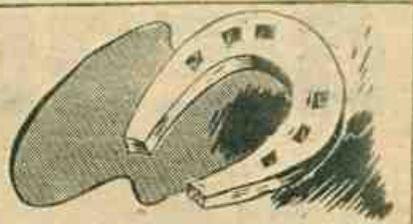
NUNCA FUI DOMADOR, MAS CORAGEM NÃO ME FALTA. SOU TÃO MAGRO QUE NADA ENCONTRAM AS FÉRAS PARA COMER

ESTE LEÃO ESTÁ' COM INDIGESTÃO COMEU ALGUEM, COM CERTEZA

AMIGO LEO, ANTES DE COMEÇAR A FUNÇÃO VOU LER UM DISCURSO E ALGUNS VERSOS

E A SRA TIGRE, ESTÁ' COM FOME? FIQUE SABENDO QUE QUEM TEM MAIS FOME SOU EU!

FÓRA DAQUI, MISERAVEL! VOCÊ QUASE ME MATA AS FÉRAS, DE SUSTO!
Yantok

# A MULA E A IMPRENSA

MUITOS acontecimentos importantes da História da Humanidade, que tiveram o mérito de ser ponto de partida para conquistas do homem, tiveram como origem o que alguns chamam o "acaso" e que outros, mais acertadamente, dizem ter sido o fruto de agudo espírito de observação.

Todos sabemos, por exemplo, que foi observando o vôo dos patos que o nosso Santos Dumont chegou a certas conclusões que o tornaram capaz de solucionar o problema do mais pesado que o ar em aeronautica.

Citam-se, para exemplificar ainda, os casos de Marconi, que olhando as ondas formadas num lago, pelas pedrinhas que estava a jogar na água, por brincadeira, teve a inspiração acêrca da aplicação a dar às ondas hertzianas; e o caso de Benjamin Franklin, com o papagaio, no invento dos para-raios; e o caso de Galileu, com a lampada, na catedral de Pisa, cuja oscilação êle observou e de onde, após cincoenta anos de estudos, conseguiu recolher as leis do isocronismo das oscilações do pêndulo; e o caso de Samuel Brown, que observando as teias de aranha, nelas se baseou para inventar as pontes pênseis (como a de S. Vicente, em São Paulo e a de Golden Gate, nos Estados Unidos); e Newton, descobrindo a lei de gravidade ao observar a queda de uma simples maçã...

São casos conhecidos, que revelam como as coisas importantes estão aí, ao alcance da inteligencia do homem, faltando só quem tenha espírito observador para perceber a existência delas...

Caso semelhante ocorreu — e pouca gente sabe disso — com o inventor da Imprensa, João Gutenberg.

Assim é contada a história: um dia, viajava Gutenberg de Moguncia para Estraburgo, cavalgando como era uso então se viajar para longas distancias.

À sua frente, carregando seus pertences, ia um animal de carga, velha mula muito mansa e afeita a tais viagens.

Já nessa oportunidade Gutenberg trazia na cabeça um emaranhado de idéias a respeito daquilo que o deveria tornar nome imortal. Mas a solução para os problemas que a si mesmo apresentava, não lhe aparecia. Cabisbaixo, ensimesmado ia êle acompanhando os passos da alimária que marchava ritmadamente à sua frente. De súbito, prestou mais atenção. Viu que as ferraduras da besta deixavam, na terra molhada da estrada a sua marca, perfeita, visivel...

Aquilo, para êle, teve o valor de uma revelação. Algo que buscava, que estava em nebulosa em seu cérebro, fôra encontrado!!!

Hoje é quase impossivel dizer alguém o que era esse "algo" que lhe faltava, mas a verdade — segundo afirma J. Selgas — é que as marcas daquelas ferraduras no barro da estrada de Moguncia a Estrasburgo, foram o ponto de partida, para João Gutenberg, do que seria o seu genial invento.

No dia 14 de Agosto de 1837, mais de cinquenta mil pessôas presenciaram, na grande praça central da cidade de Moguncia, a inauguração do monumento ao grande homem inventor da imprensa, ou, precisando melhor, dos caracteres móveis, das letras soltas. Gutenberg morrera a 24 de Fevereiro de 1468, de maneira que essa glorificação só lhe viera cerca de quatrocentos anos depois, sem dúvida porque os homens precisaram de quatro séculos para se convencer de que realmente a sua descoberta daquele dia chuvoso era, realmente, um fato notavel, digno de ser louvado no bronze de uma estátua.

Na verdade, todos devemos profunda gratidão ao inventor da imprensa, tanto os sábios como os ignorantes, os bons e os maus.

Os sábios, porque têm na imprensa um meio de como aumentar e disseminar sua sapiencia.

Os ignorantes, porque através da letra impressa, das páginas dos livros, dos jornais, podem dissipar as sombras da sua ignorancia, cousa lamentável e triste.

Os bons, porque através da boa imprensa podem espalhar idéias sadias, e pregar a Bondade, pela palavra como pelo exemplo.

Os perversos, porque por meio de certa imprensa, condenável, podem ter a alegria demoníaca de fazer o mal...

O que não se compreende é que homens de boa formação, usem a imprensa como elemento destinado a espalhar o mal, quando o Mundo tanto precisa do contrário, isto é, de Bondade e de Retidão.

Se algum dos leitores sente pendor para a vida de imprensa, deve cultivar em si mesmo tôdas as virtudes comuns e mais algumas, que são necessárias no jornalista, porque o jornalista é um guia para as massas, um exemplo para os que o lêem. O jornalista pensa por muitos, dá orientação ao pensamento de uma coletivi-

(*Conclui no fim do Almanaque*)

# A ESCADA DOURADA

UM joven príncipe caçava um dia num bosque da Alemanha, quando ouviu uma menina que cantava doce e tristemente na solidão. Seguiu o som e encontrou uma torre na qual não havia porta nem escada alguma. Enquanto êle procurava a entrada por entre as árvores, chegou coxeando uma bruxa e ao aproximar-se da torre cantou:

*Rapunzel!*
*Rapunzel!*
*Solta, solta as*
*louras tranças!"*

Apareceu uma menina à janela no alto da torre, soltou as suas douradas tranças, tão longas que chegavam ao chão, e a bruxa foi trepando lentamente por elas.

"Ah! disse o príncipe "vou servir-me desta escada dourada!"

Quando a bruxa desapareceu, êle tambem cantou:

*"Rapunzel!*
*"Rapunzel!*

*Solta, solta as louras tranças!"*

Rapunzel soltou-as e o príncipe subiu; mas, como ficou admirada quando êle lhe apareceu! A menina nunca tinha visto um homem, pois a bruxa levara-a de casa de seus pais quando ela era ainda um bébé, e fe-

chara-a na torre, onde ela crescera sempre sozinha. O príncipe falou-lhe de tal maneira que ela ficou logo encantada e prometeu casar com êle.

"Agora, minha querida", disse-lhe o príncipe quando escureceu "tenho que arranjar uma escada de seda para que possa descer; trago-a amanhã quando a feiticeira cá não estiver".

Por desgraça,, Ranpunzel era muito simples, e quando a bruxa chegou e lhe trepôu pela cabeleira ela lhe disse:

"Que tempo que levas a subir, avó! O príncipe sobe num instante".

"Como?" disse a bruxa cega de ira. "Depois de tanto trabalho para te conservar separada do mundo, soltas a cabeleira para um homem subir? Vais morrer!"

Agarrou numa tesoura e cortou o cabelo de Rapunzel. Depois levou-a para o deserto e abandonou-a ali à morte. A bruxa voltou logo para a torre e subiu por meio das douradas tranças que tinha deixado atadas na janela.

* * *

*"Rapunzel!*
*"Rapunzel!*

*Solta, solta as louras tranças!"* cantou o príncipe quando chegou trazendo a escada de seda. Ao ver as tranças, subiu alegremente e entrou no quarto.

"Ah! ah" grunhiu a bruxa vendo-o procurar Rapunzel. "O lindo passarinho não está no ninho; matou-o o gato; e o mesmo gato te vai tirar os olhos!".

Arremeteu contra o príncipe e este caiu pela janela sobre uns espinhos que lhe atravessaram os olhos.

Depois de andar às apalpadelas pelo bosque, chegou ao deserto e ouviu a voz de Rapunzel que cantava docemente.

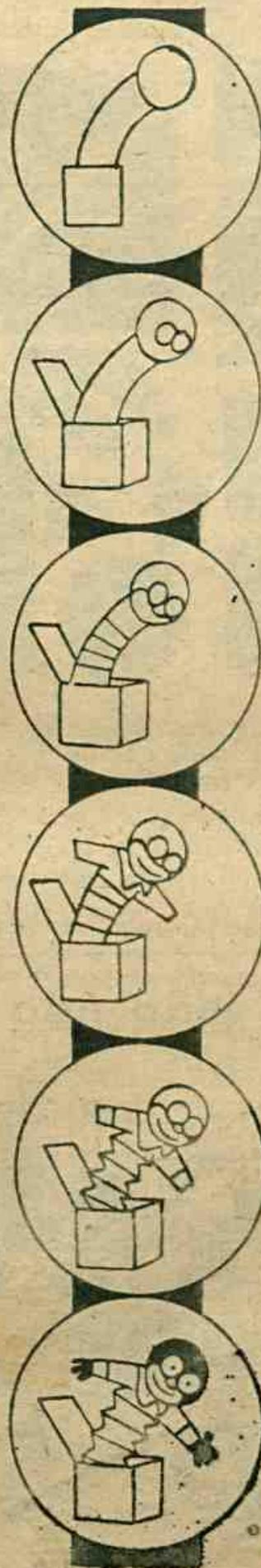
Seguiu o som, e ela, vendo-o, correu a lançar-se-lhe ao pescoço, chorando. Duas lágrimas caíram nos olhos do príncipe e este recuperou a vista.

A malvada bruxa, que da janela da torre observava tudo, viu os noivos encontrarem-se e a felicidade destes enfureceu-a tanto que, desesperada, começou a bater com a cabeça pelas paredes e assim acabou com a vida.

O príncipe levou imediatamente Rapunzel para o reino do seu pai e ali casaram com grande pompa e esplendor e foram muito felizes.

## A palavra "livro" em diversos idiomas

| | |
|---|---|
| **Livro** | **em português e galego** |
| **Livre** | **em francês** |
| **Llibre** | **em catalão, valenciano e marroquino** |
| **Libro** | **em espanhol, italiano e esperanto** |
| **Libru** | **em vasconço** |
| **Liber** | **em latim** |
| **Carte** | **em romaico** |
| **Codex** | **em romanche (idioma do cantão de Valois, na Suiça)** |
| **Book** | **em inglês** |
| **Buek** | **em holandês** |
| **Buch** | **em alemão** |
| **Bog** | **em dinamarquês** |
| **Bok** | **em sueco e norueguês** |
| **Buk** | **em volapuk** |
| **Knika** | **em russo** |
| **Knjiga** | **em sérvio** |
| **Kni'ra** | **em búlgaro** |
| **Ksiazka** | **em polaco** |
| **Kirja** | **em finlandês** |
| **Ketab** | **em turco** |
| **Quetab** | **em árabe** |
| **Sefer** | **em hebráico** |
| **Biblion** | **em grêgo** |
| **Deftar** | **em egípcio** |
| **Su** | **em chinês** |
| **Hon** | **em japonês** |
| **Armensalle** | **em cigano** |

## Para desenhar

# SEIS DIAS APENAS?

UM empregado foi pedir ao patrão aumento de ordenado, isso que está tão em moda agora, e alegou, a seu favor, que trabalhava por dois.

O patrão depois de ouvir as ponderações tôdas, apanhou lapis e papel e conseguiu provar, com habilidade, que o moço não trabalhava para a casa senão seis dias, por ano.

Assim fêz êle:

— "O senhor trabalha oito horas diárias o que equivale a uma terça parte do dia. Em consequencia, trabalha só a terça parte de um ano. Portanto, 365 dias divididos por 3 dão como quociente 122 dias levando a seu favor uma pequena fração ... 122 dias

Descontando os 52 domingos ... 52 dias

temos ... 70 "

Menos 52 meios dias, que são os sábados da "semana inglêsa", ou sejam 26 dias ... 26 "

teremos, então ... 44 "

menos 15 dias de férias 15 "

dará ... 29 "

menos 15 dias, entre feriados e dias santificados ... 15 "

teremos ... 14

e menos 8 dias de doença ... 8 "

6 dias

AGORA vocês vão pensar um pouco e dizer: estavam certos os calculos do patrão.

Onde está o truque?

Em que calculo errado êle se baseou para chegar a tão absurda conclusão, que aparentemente está certa?

Vejam se descobrem sem recorrer à solução que vai publicada neste mesmo Almanaque, à página 140.

## O leão não quis trabalhar

## CANÇAO DO SOLDADO

*Nós somos da Pátria a guarda*
*Fiéis soldados*
*Por ela amados.*
*Nas côres da nossa farda*
*Rebrilha a glória,*
*Fulge a vitória!*
*Em nosso valôr se encerra*
*Tôda a esperança*
*Que o povo alcança.*
*No peito em que ela impera*
*Rebrilha a glória,*
*Fulge a vitória!*

*ESTRIBILHO*

*A paz queremos com fervor,*
*A guerra só nos causa dôr,*
*Porém se a Pátria amada*
*Fôr um dia ultrajada,*
*Lutaremos com valor.*
*Como é sublime*
*Saber amar,*
*Com a alma adorar*
*A terra onde se nasce;*
*Amor febril*
*Pelo Brasil*
*Nos corações*
*Não há quem passe!*

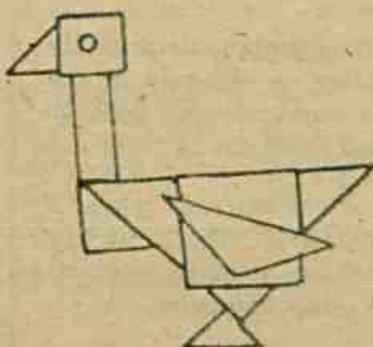
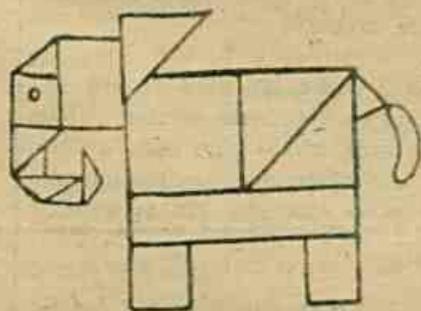
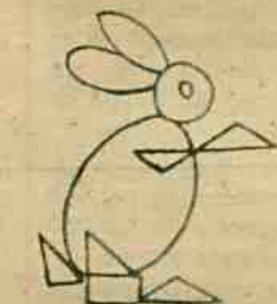
*Quem sente no peito invicto*
*Ardor intenso*
*Amor imenso*
*Veste a farda convicto*
*Que brilha a glória*
*Fulge a vitória!*
*E' dotado de alma forte*
*Quem orgulhoso*
*Vem, desejoso*
*Afrontar a propria morte*
*Que brilha a glória*
*Fulge a vitória!*

*Quando morre um camarada*
*Na luta ingente,*
*Valentemente,*
*Trilha pela grande estrada*
*Que brilha a glória*
*Fulge a vitória!*
*A sua alma de arminho*
*Palpita inteira*
*Junto à Bandeira*
*E nos segreda baixinho*
*Visões de glória*
*Fulge a vitória!*

# PARA RECORTAR E FAZER FIGURAS

COLE cuidadosamente esta meia página em cartolina grossa ou papelão. Deixe secar convenientemente e recorte uma por uma as 36 figuras.

Com habilidade, você poderá, então, arranjar figuras de animais e outras construções engraçadas, algumas das quais aparecem aí, como modelo. E' um brinquedo interessante e que só lhe custará um pouco de paciencia.

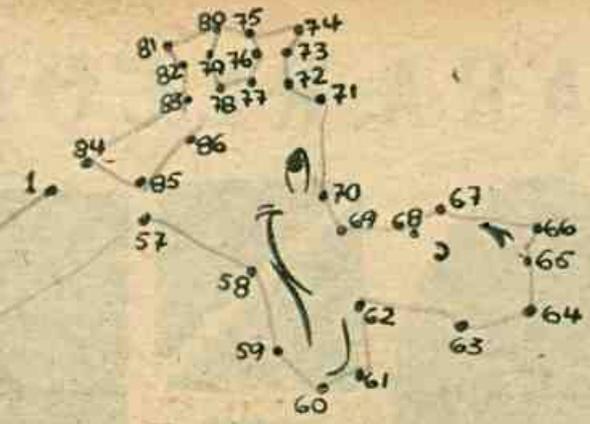
---

## CAPRICHOS DO CALENDARIO

O ano abre e fecha sempre pelo mesmo dia. Os mêses de Janeiro e Outubro, Abril e Julho, Setembro e Dezembro, começam sempre por idêntico dia da semana. Fevereiro Março e Novembro tambem começam pelo mesmo dia da semana.

Os séculos nunca começam em domingo, quarta-feira ou sexta-feira e os calendários repetem-se de vinte e oito em vinte oito anos.

— O senhor sabe que horas são?
— Sei.
— Está bem. Então muito obrigado. Até logo.

# Quem quer esclarecer o mistério?

UMA palmeira, vários números e alguns rabiscos... Que haverá aqui? Mistério!! Mas você pode, com habilidade, resolver isso num abrir e fechar de olhos... Tome o seu lápis e vá ligando os números, por ordem, do 1 ao mais alto (86), e o mistério ficará esclarecido...

## Vale a pena saber

Em 7 de Agôsto de 1809 apareceu em Carpentas o primeiro velocipede com rodas guarnecidas de borracha. O velocipede fora inventado em 1855, por um rapaz de 14 anos, Ernest Michaux.

A regata teve a sua origem nos primitivos tempos da Republica veneziana. Era uso nos dias festivos, o passear no Lido a uma hora certa. A regata ou carreira de gôndolas, era uma das mais luzidas festas nacionais e a Republica ordenava que o espetáculo se fizesse com toda a solenidade, e juntamente com outros jogos de fôrça e destreza. Os barcos estavam enfileirados e não partiam antes do sinal convencionado. Daí veio o nome de *rega*, fileira, que pelo correr do tempo se mudou para o de *regata*.

Em porcelanas holandêsas do periodo 1600-1700 há desenhos que parecem do jogo do "golf" como hoje se espalhou pelo Mundo, saído da Escócia. A Holanda que inventou o "golf", recebeu, de fora, mais de duzentos anos depois, o seu invento.

*Baobab* é o nome de uma árvore gigante que, segundo os cientistas atuais, atinge a idade de 5.500 anos, vindo logo após o "cédro do Libano", com 860 anos; o platano do Oriente, 720 anos; o cipreste, 370 anos; e o olmc 335 anos.

A cobra pode ver, quando está a dormir. Os seus olhos sem pálpebras distinguem perfeitamente qualquer objeto que se mova.

O mar é infinitamente mais produtivo que a terra. Um hectare de extensão de mar dedicado à pesca, dá numa semana mais alimento, do que dá igual extensão de terra num ano.

Entre Madagascar e a India há mais de dezesseis mil ilhas, das quais só seiscentas se sabe ao certo que estão habitadas.

# OS REIS DOS INCAS

## AMAVAM OS SEUS SÚDITOS

A fórmula usada pelos índios peruanos, para se cumprimentar uns aos outros, era obrigatória, e tinha sido imposta por um inca reinante. Condensava o que hoje entendemos por honradez e retidão de conduta, isto é, o que entre a gente culta se considera patriotismo.

Ao se cumprimentarem os indígenas diziam assim:

— "Ama sua" (Não sejas ladrão).

Ao que o outro respondia:

— "Ama llulla" (Não sejas mentiroso).

E então o primeiro retrucava:

— "Ama kella" (Não sejas preguiçoso).

O soberano que por tal fórma obrigava seus súditos a lembrar, uns aos outros, continuadamente, virtudes tão importantes como a honestidade, a verdade e a diligência, é fóra de dúvida que amou verdadeiramente o seu povo.

Mas, ainda há mais cousas interessantes. As leis gerais dos Incas ordenavam aos súditos:

"Que sejam moderados no comer e muito mais no beber; e se algum se embriagar, de maneira a ficar fóra do seu juizo, na primeira vez será castigado conforme o juiz achar acertado; na segunda vez será desterrado, e na terceira, privado do seu ofício e lançado às minas".

"Quem furtar cousas de comer ou de vestir, ou prata, ou ainda ouro, seja ouvido para explicar se furtou forçado por necessidade e pobreza, caso em que não será castigado, e sim o que tem o cargo de Provedor, o qual perderá o ofício, porque não teve o cuidado de prover àquele do que êle necessitava.

A mendicidade era proibida em absoluto. O govêrno garantia trabalho a todos os súditos.

Séculos depois, em plena civilização européia, a mendicidade continua sendo uma praga social.

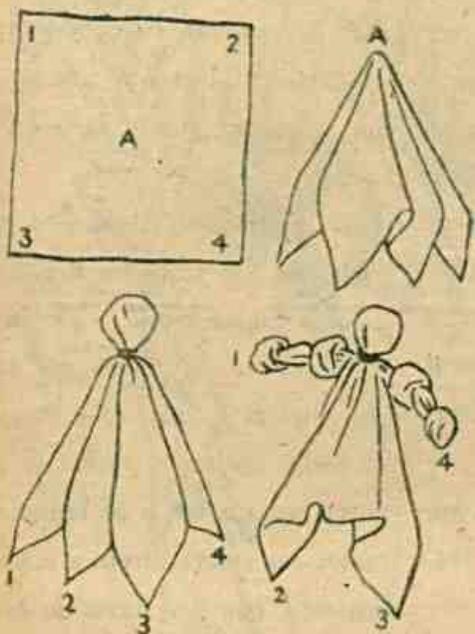
No antigo império dos incas, o Estado se mostrava inexorável para com o ladrão; mas também era severamente castigado o funcionário público que consentisse que a algum súdito faltasse trabalho.

As autoridades tinham a obrigação de dar trabalho a todos os homens capazes que o pedissem.

Pensavam os incas que todos têm direito à vida, e o Govêrno só podia proibir o roubo se proporcionasse a todos os homens os meios deles garantirem a sua subsistência, isto é, o modo de arranjar o que comer e o que vestir, sem precisar roubar.

Daí se deduz que os reis incas amavam seus súditos, cousa louvável e que deve ser praticada por todos os governantes.

# BRINQUEDOS PARA VOCÊS

## 1.º O BOXEADOR

Vocês verão quanta coisa se faz, com os lenços, a paciência e a habilidade. Querem ver? Vamos fazer um camarada lutando box.

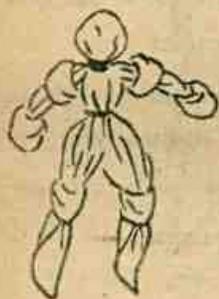
Faz-se assim:

1 — Junta-se o lenço como vai indicado na figura, deixando as pontas como estão, assinaladas com os números 1, 2, 3, 4.

2 — Toma-se A (o centro) e com um barbante se marca a cabeça. Dá-se duas ou três voltas com o barbante.

3 — Em 1 e 4 se farão nós, para formar os ombros do boneco e os punhos, metendo para dentro as pontas que sobram.

4 — Dão-se nós em 2 e 3, separadamente, para formar os joelhos, puxando as pontas para a frente, para darem a idéia de pés.

5 — Com um barbante, forma-se a cintura. Querendo estragar o lenço, é só desenhar o cara do *boxeur*.

**Todos podemos ser mágicos, realizar proezas e receber aplausos. Nessa questão, tudo depende de paciência, habilidade e muito treino, porque sem praticar, nada se fará.**

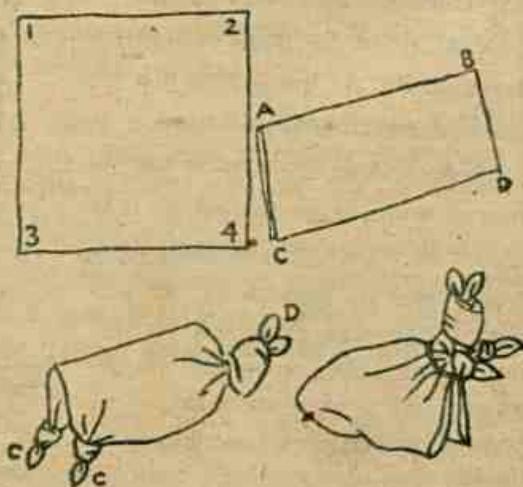
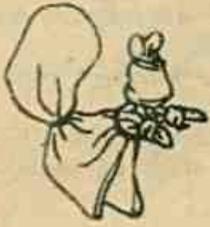
**Vejam, por exemplo, os truques que lhes vamos ensinar. Todos muito fáceis. De uma facilidade que até faz raiva! Basta tomar um lenço...**

## 2.º O ESQUILO

Para fazer o esquilo da Zuzu, — uma garota que gostava muito desses bichinhos — o processo é simples.

1 — Primeiro, dobra-se o lenço ao meio, 1-2 sôbre 3-4, formando um retângulo.

2 — Faz-se um nó com as duas pontas D, para a cabeça, deixando as duas pontinhas para fóra, para com elas formar as orelhas. Dá-se um nó em cada uma das outras pontas C, separadamentee, para formar as patinhas dianteiras.

3 — Puxam-se êstes dois nós para cima e passa-se

# FAZEREM COM SEUS LENÇOS

um cordão por baixo, para que as patinhas dianteiras do esquilo fiquem erguidas.

4 — Com o barbante, ergue-se também a outra ponta, para erguer a cauda do esquilo.

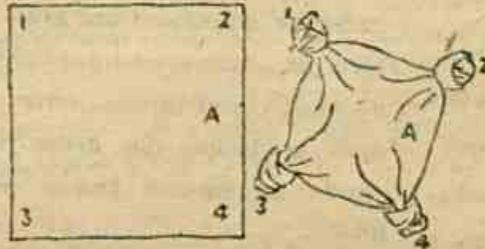
5 — Idem, idem, para conseguir as patinhas posteriores.

## 3.º O HIPOPÓTAMO

Em primeiro lugar, dá-se um nó frouxo em cada uma das pontas do lenço (1, 2, 3, 4), empurrando as pontas para dentro.

Toma-se, depois, a parte de fazenda que fica entre os nós 2 e 4 (que se juntam para fazer as patas dianteiras) e forma-se a cabeça, separando-a do tronco com um cordão, que não se apertará muito para que o pescoço fique grosso.

De cada lado da cabeça assim arranjada, faz-se uma orelha.

Juntam-se as pontos 1 e 3 (patas posteriores) utilizando uma pequena parte do lenço, para fazer o rabinho, amarrando um pouco de fazenda como se procedeu para formar a cabeça e as orelhas.

## Frases lapidares

*Vale mil vezes ser corrigido pelas advertências de um sábio, do que ser enganado pela lisonja de cem tolos.*

•

*São igualmente censuráveis os homens que acham tudo bem, os homens que acham tudo mal e os homens que se mostram indiferentes a tudo.*

•

*Não há montanha sem nevoeiro, nem méritos sem calúnias.*

•

*E' tão raro ver um rico tornar-se sábio como ver um sábio adquirir fortuna.*

## As pulsações

Após estudos feitos, chegou-se à conclusão de que quanto mais pequeno é o animal, mais numerosas e precipitadas são as suas contrações cardíacas. Para exemplificar diremos que: no elefante se contam trinta pulsações, no cavalo quarenta, no touro cinquenta, no homem setenta, no cão noventa e no coelho duzentas, por minuto. Considerando esta lei rigorosa e aceitando-se, apesar de estranha e inexplicável, teríamos de calcular que o "pulso" do rato deveria bater umas quinhentas vezes por minuto, aproximamente. Durante algum tempo não foi possível confirmar a exatidão do cálculo pela impossibilidade de registo das pulsações em animais tão pequenos. Os instrumentos vulgares não apanhavam as contrações.

Hoje, entretanto, já isso é possível. Há um instrumento que regista as variações elétricas produzidas no rato, pelas pulsações medindo a curva obtida. Assim, póde verificar-se o número exato das pulsações destes roedores: elas são setecentas e setenta por minuto! Desta forma se averigua portanto que o coração de um rato normal bate quatro vezes mais depressa do que o do coelho e quase dez vezes mais que o do homem.

# O GRÃO-de-BICO de ARISTÓTELES

UM filósofo grego afirmou que "o movimento se demonstra andando".

Disse isso para responder a outro filósofo grego, que negava a existência do movimento.

Aristóteles, também filósofo e também grego, ensinava aos seus discípulos, passeando; por isso, a escola filosófica fundada por êle se chama peripatética. A palavra vem da lingua grega, na qual "peripatos" significa passeio.

Aristóteles, a que chamaremos familiar e carinhosamente o passeador, sustentava que nem todos os conhecimentos do homem provém dos sentidos que é o mesmo que dizer: vendo, ouvindo, cheirando, provando e apalpando é que aprendemos tudo.

Esse bom professor passeador (que beleza se as aulas lá do curso de vocês fossem dadas assim, passeando, hein?) fez um dia uma demonstração curiosa com um grão de bico.

Querem vocês repetí-la ?

Pois bem: cruzem o dedo médio da mão esquerda — ou da direita, querendo — sôbre o indicador, e coloquem um grão de bico, ou outro grãozinho redondo, uma conta mesmo, entre as duas pontinhas dos dedos, tocando ao mesmo tempo nas duas.

Se vocês girarem o grão, movendo a mão de leve, terão a impressão de que existem DOIS, em vez de um. Serão iludidos pelo tato.

Essa ilusão tátil (assim se chamam as ilusões do tato, sabiam ?) não se limita aos dedos médio e indicador. Cruzando outros dedos, e fazendo a mesma coisa com o grão de bico ou a continha, ou grão de feijão, a sensação será a mesma. Sente-se o objeto sempre em duplo.

Se vocês fiserem correr o objéto para a base dos dedós, notarão a que curiosa sensação de duplicidade irá aos poucos desaparecendo.

Terminará aí a série de experiências ?

Não. Pondo dois feijões, em vez de um, há quem sinta três, e há quem sinta quatro. E' fácil experimentar. Depende só do grau de sensibilidade de cada pessoa.

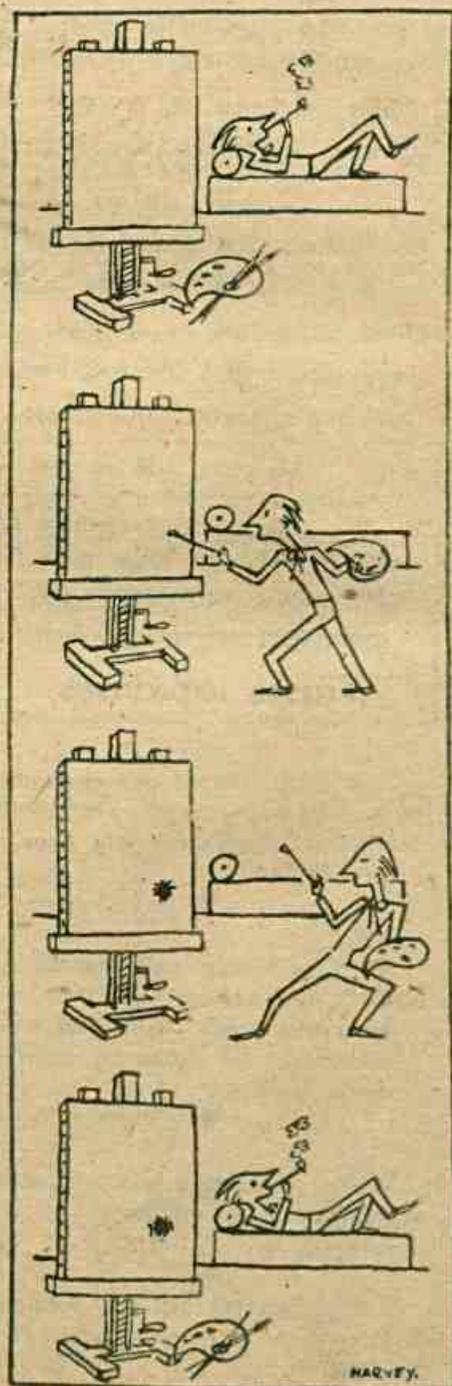
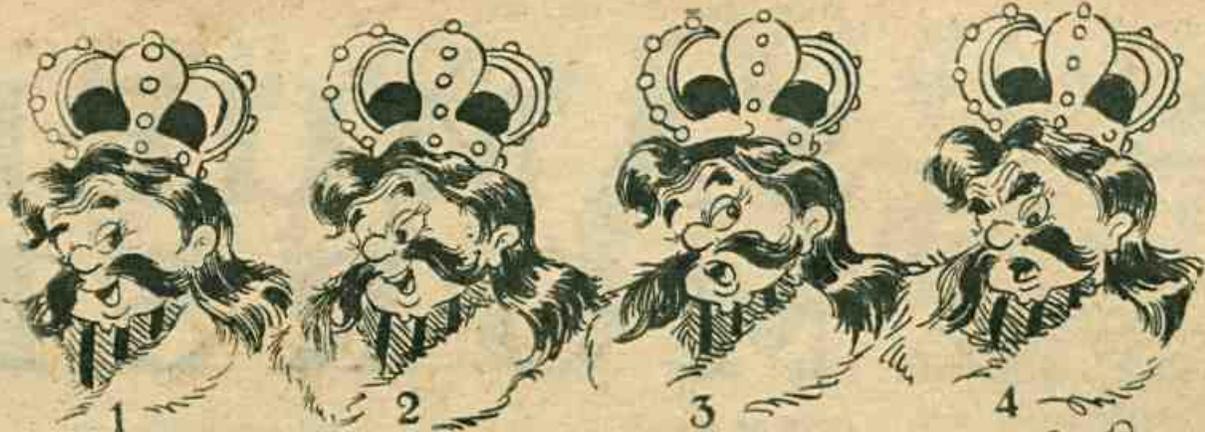
## ANEDOTA

"O cavalo e a vaca estão no prado". Esta frase escreveu-a o professor no quadro e perguntou aos alunos:

— Onde está a incorreção da frase ?

Um silêncio e uma voz tímida responde:

— O que está incorreto é estar o homem antes da senhora...

## ÊTA PINTOR TRABALHADOR

## VOCÊ É ESPERTO?

*Se não é, pensa, pelo menos... Pois aqui está um desafio à sua esperteza!*

*Estão à volta destas linhas nada menos de 10 retratos do rei Queixinho I. Dois dêles, apenas, são absolutamente iguais. E apostamos um doce de côco como você vai levar mais de 5 minutos para dizer quais são... Marque no relógio e, sem trapaça, verifique o tempo que gastar... (Para confirmação, damos os números iguais à página 140).*

### PASSARO VENENOSO

A única ave venenosa que se conhece, é a chamada "ave da morte", originária da Nova Guiné. A sua bicada profunda causa dores violentas em todo o corpo, perda repentina de vista, convulsões intensas, e, finalmente, a morte, conclusão inevitável.

### CRUZ FAMOSA

Num dos grandes parques situados próximo de S. Francisco da California, o "Golden Gate Park" (Parque da Porta de Ouro), existe, erguida com imponência, uma enorme cruz de pedra, que comemora o primeiro ofício religioso celebrado nos Estados Unidos, no ano de 1579.

## Por esse mundo...

### BILHETES COLORIDOS

O costume de enviar bilhetes com ilustrações coloridas, pelo Ano Novo e Natal, nasceu exatamente no vasto império do Mikado, há mais de duzentos anos. Depressa esse costume, a princípio restrito, se tornou moda, indo até a simples troca de cumprimentos, em qualquer data. Alguns desses primeiros bilhetes são hoje considerados verdadeiras obras de arte, pelas suas finíssimas iluminuras.

### AS CINCO VOGAIS

As cinco vogais, que, como se sabe, formavam a abóboda do antigo palácio dos imperadores da Austria, em Viena, significavam, segundo afirmações, de sábios de então, esta inscrição deveras "modesta":

"Austriacorum est imperare orbi Universo.

Ou ainda esta:

Aquila Electa Inste Omnia, Uincit.

Esta ultima afirmação, menos correta que a primeira, é de Mateus Trympins. As cinco vogais foram, também, a divisa do imperador Frederico III. Diz-se mesmo que, durante o seu reinado — 1439-1443 — êle fez edificar esse palácio, com a chave da abóboda formada por A-E-I-O-U.

# SAMUEL MORSE

A vida de Morse não foi, como a de outros tantos inventores, agitada e acidentada, com altos e baixos. Póde-se dizer que decorreu tranquilamente. Novo ainda, Morse encontrou na vida artistica os recursos necessários para viver sem preocupações. Só com o que êle teve de defrontrar-se, lutando corajosamente, foi com a pouca honestidade de várias empresas, que se serviram do seu grande invento e com as quais entrou em litigio.

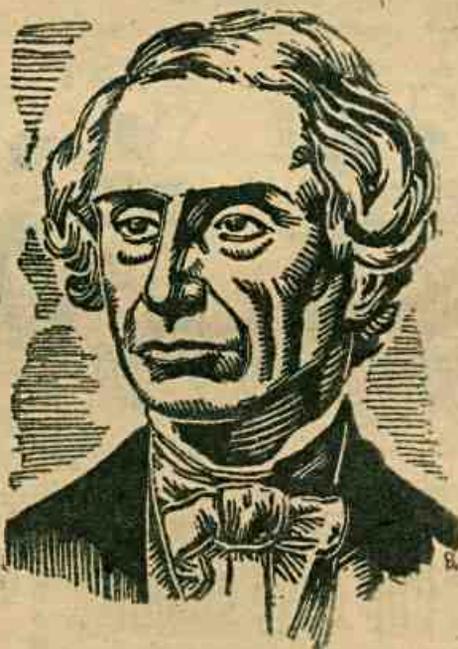
O pai de Samuel, pastor protestante, tinha já numerosa prole quando êle veio ao Mundo.

Depois de dar-lhe uma sólida educação, mandou-o aos 14 anos para a Universidade de Yale, em Newhaven, onde êle recebeu os primeiros ensinamentos de eletricidade. Apesar disso, dedicou-se à pintura, na qual julgou ter encontrado a sua profissão, visto ser um pitor apreciável.

Com 22 anos, partiu para a Inglaterra, juntamente com o seu professor o celebre pintor Allston, entrando para a Academia Real de Londres, afim de completar a sua educação artistica.

Foi nessa época que pintou os seus dois quadros mais conhecidos: "O Hercules moribundo" e "O julgamento de Jupiter".

Voltando à América ali cimentou a sua fama de pintor, o que lhe valeu que o Conselho Municipal de Nova York lhe encomandasse o retrato de Lafayette, o que concorreu para que o grande paladino da liberdade travasse, com êle, as mais intimas relações de amizade, que só terminaram em 1834, quando Lafayette faleceu.

Em 1829, Samuel Morse fez uma viagem de estudo ao Velho Mundo, percorrendo as principais cidades europeias, onde, por encargo de vários colecionadores

americanos, fez cópias de alguns quadros celébres. Ao que parece, foi nessa altura que surgiu na sua mente a idéia de um telégrafo elétrico. Tanto assim, é que quando assistiu em Paris, na Sorbonne, à conferencia sôbre eletromagnetismo, adquiriu entre outras peças um magnéto elétrico e uma bateria galvanica.

* * *

O regressar à America, em 1832, no "Sully", travou conhecimento, a bordo deste paquete, com o dr. Charles T. Jackson, da Universidade de Boston, com quem conversou algumas vezes, sôbre eletricidade, atribuindo-se-lhe estas palavras:

"Se a presença da eletricidade pode ser perceptivel em qualquer ponto do circuito, não vejo porque não hão-de poder-se transmitir também noticias."

Levado por essa ideia, Morse fez vários desenhos e esboços no seu livro de apontamentos acompanhados de notas explicativas.

Quando, em 1835, foi nomeado "professor of the literature of the art of designes" da Universidade de Nova York, construiu o primeiro modelo do seu aparelho cujo magneto elétrico não pesava mais de 135 libras e estava fixado a um cavalete de pintura.

Quando o circuito estava fechado, a pequena alavanca do induzido era atraida pelo magneto e solta a cada interrupção ia traçando por meio de um lapis sôbre uma tira de papel em movimento linhas em zig-zague.

Nessa altura, Samuel Morse conheceu Alfred Balls, que fez construir um aparelho melhor e que mais tarde foi seu socio. A

# E SEU INVENTO: O TELÉGRAFO

primeira experiência, de resultados satisfatórios, realizou-se a 4 de Setembro de 1837, enviando-se sinais através de um cabo de.... 1700 pés de comprimento. Esse fato deu motivo ao registo da patente de invenção, em 28 de Setembro de 1837. Mas, rezam as crônicas que o conhecido físico alemão Steinhel estudava também nessa altura o mesmo problema, apresentando ao rei Luis I, da Baviera, uma informação pormenorizada do seu aparelho de agulha, que só foi tornado publico em 25 de Agosto de 1838. Seja como fôr, não resta dúvida de que Samuel Morse trabalhou afincadamente durante doze anos, para realizar a sua ideia. Apezar dos admiráveis resultados obtidos e melhoramentos introduzidos, como o manipulador de transmissão e a transmissão das correntes das linhas por meio do relevador, os delegados do govêrno americano pareciam não estar convencidas da grandeza do invento, dificultando, assim, um crédito suficiente para cobrir as despesas a fazer com uma linha de ensaio mais comprida.

Não obstante, Morse não desesperou e, ao cabo de inumeros esforços e tentativas, conseguiu que o Congresso, em 3 de Março de 1843, aprovasse um credito de 30.000 dolares, para a construção da linha experimental Washinton - Baltimore. Quando essa linha foi inaugurada — diz um seu biógrafo — "talvez Samuel Finley Breese Morse se sentisse possuido dos mesmos sentimentos de Wheastone, quando este em 25 de Julho de 1837, num quarto estreito e sombrio da estação de Euston Square, em Londres, se sentava com o coração a bater apressadamente, diante do telegrafo de agulha e escrevia mais tarde, referindo-se a esse momento.

" Até então nunca sentira tão avassaladora excitação como senti quando, completamente só naquele silencioso aposento, percebi o tique-taque da agulha e, ao soletrar as palavras, avaliei a grandeza do invento, que demonstrava a sua utilidade prática, apesar da legião de cepticos e trocistas.

* * *

COM efeito, assim era. Pouco tempo depois, começaram a surgir nos Estados Unidos muitas companhias particulares, que tomaram a seu cargo a construção e o funcionamento dos telegráfos sôbre grandes regiões do país.

Em 1850 existiam já 30 sociedades Morse e o comprimento total das linhas nos Estados Unidos e no Canadá ascendeu em 1852 a 12 000 milhas, o que representava um capital de fundação superior a três milhões de doláres. O poderoso impulso que a telegrafia recebeu na América do Norte concorreu para que muitas companhias levassem as patentes de Samuel Morse, que teve de sustentar diversos litigios, os quais terminaram com sentença mais ou menos favoráveis para êle. Essa circunstancia fez com que todas as companhias se unificassem, formando a "Western Union"

A introdução da telegrafia no Velho Mundo foi um fato quando em 25 de Julho de 1850, os governos da Prussia, da Baviera, da Saxônia e Austria formaram a União Telegráfica austro-germanica e concordaram nas formas para o desenvolvimento do novo serviço de comunicações. Na Suiça o telegráfo foi introduzido com a lei federal de 23 de Dezembro de 1851. E sem se olhar a sacrificios, foi confiada ao eminente técnico alemão C. A. Steinhel, a construção das linhas e a instalação das estações telegráficas segundo o sistema Morse. E a pouco e pouco, todos os outros paises foram adotando o telegráfo, que com o decorrer do tempo, sofreu alguns melhoramentos e alterações sem contudo perder os principios fundamentais. Para coroar o seu invento em reconhecimento da sua utilidade, quando da Exposição Mundial de Paris, em 1867, Samuel Morse, que foi, na mesma, comissário do governo americano, recebeu de dez governos europeus, por iniciativa da França, a oferta de 400 mil francos. Só dos inglêses é que o inventor recebeu ataques diversos.

Depois de lhe terem sido erigidos dois monumentos em Nova York, Samuel Finley Breese Morse faleceu a 2 de Abril de 1872, com 81 anos incompletos, em Poughkeepsie, perto da cidade dos arranha-ceus.

# Os primeiros selos que existiram

1) 6 de maio de 1840. Inglaterra.
2) Março de 1843. Zurich.

3) 1.º de julho de 1843. Brasil.
4) 1.º de julho de 1847. E. U.

5) Setembro 1847. Inglaterra.
6) Setembro 1847. Ilha Mauricio.

7) Outubro 1843. Duplo, Genebra.

Na Inglaterra, um belo dia, há 110 anos, a população de Londres poude contemplar, pela primeira vez, a imagem de sua rainha reproduzida em um sêlo de correio. Foi a 6 de Maio de 1840. O sêlo, como todos sabem, foi ideado por um inglês, sir Rowland Hill. O exemplo da Inglaterra seria imitado, anos depois, por todos os países do mundo.

Na reconstrução dos dez primeiros anos de emissões postais, a Inglaterra ocupa o primeiro lugar, com a emissão do seu "one penny" negro, cuja reprodução vocês podem ver no alto da nossa coluna.

Coube a um cantão da Suíça, Zurich, a honra de ser o segundo Estado emissor de sêlos, que foram postos em circulação no mês de março de 1843. Da primeira emissão, o "4 rappen" é o mais raro; foi o primeiro sêlo feito em litografia. O desenho mostra um grande algarismo 4, sôbre um fundo de diamantes. Sua côr é negra, sendo muitos deles cruzados por linhas verticais ou horizontais, vermelhas.

O terceiro país, no mundo, a adotar o sêlo postal, foi o Brasil. A 1.º de Julho de 1843 aparecia o primeiro famoso "olho de boi", nome com que ficaram conhecidos até hoje os nossos primeiros sêlos, pela sua brutalidade e pelo formato que tiveram.

No período que vai de 1843 a 1850, nosso país emitiu cerca de meia duzia de sêlos postais, todos do tipo "olho de boi", nos valores entre trinta réis e 600 réis.

Voltemos novamente à Suíça, para contemplar sua segunda emissão, desta vez correspondendo ao cantão de Genebra, que na sua primeira produção emite o "duplo Genebra", uma das raridades mais cotadas e interessantes.

O cantão de Basiléa segue o exemplo dos anteriores, emitindo, em Julho de 1845, o primeiro sêlo impresso em três côres: azul, negro e carmim.

Do outro lado do Atlantico, com poucos dias de diferença da emissão de cantão de Basiléa, com maior exatidão, no dia 12 de Julho de 1845, o "Post-master" de Nova York põe em circulação um "sêlo provisório" de cinco centavos, que precede as emissões regulares dos Estados Unidos, cuja aparição oficial se faz a 1.º de Julho de 1847.

Foi a ilha Mauricio a primeira colônia inglêsa que fez circular sêlos postais, dando lugar, com o primeiro erro conhecido em filatelia, à aparição dos exemplares mais valiosos e considerados como verdadeiras raridades no mundo dos colecionadores.

Continuamos para nos deter na Belgica e admirar um lindo desenho com a efígie do rei Leopoldo I, nos primeiros sêlos, emitidos em Julho de 1849.

Passamos depois aos estados alemães, com a emissão de Baviera, de 1.º de Novembro de 1849, composta de sêlos desprovidas de qualquer beleza.

Prosseguindo em nosso afã de descobrir as primeiras emissões, voltamos à Suíça, para ver outra emissão de Genebra, aparecida em dezembro de 1849, esta vez com dois valores, o de 2 e meio "rappen e o de 4 centimos, pertencentes ao período de transição. O de 4 centimos é, particularmente, o mais raro; e com o de dois e meio "rappen", iniciam-se as emissões da federação suiça. As primeiras emissões de sêlos espanhóis apareceram em 1.º de Janeiro de 1850 estão completando agora seu centenário. Aqui mostramos um desses sêlos, do valôr de "seis quartos" da peseta.

A Austrália, com as emissões da Nova Gales do Sul, e de Vitória, fecha o ciclo dos primeiros dez anos, durante os quais os mais diversos países puseram em circulação seus primeiros sêlos postais, dando lugar, assim, ao nascimento de uma nova ciência, a filatelia.

8) Julho 1844. Brasil.
9) Julho 1845. Basilea.

10) Janeiro 1849. França.
11) Julho 1849. Bélgica.

12) Novembro 1849. Baviera.
13) Dezembro 1849. Genebra.

14) Janeiro 1850. Espanha.
15) Abril 1850. Suiça.

# AS IMPRESSÕES DIGITAIS e sua HISTÓRIA

CHAMAM-SE impressões digitais as marcas deixadas pelos nossos dedos, nos objetos em que pegamos.

Vocês estão sempre a ouvir referências às impressões digitais, nos filmes, nas notícias de perseguição a supostos criminosos, nas histórias em quadrinhos, etc.

Essas impressões não são vistas assim no mais. E' preciso o auxilio da lupa, isto é, uma lente possante, e o especialista na busca de tais marcas tem de espalhar uma camada suave de pó, no objeto ou na superfície em que procura a impressão digital.

Nossa pele está sempre coberta de uma leve camada de substancias gordurosas e quando você pega num copo, numa colher, no prato, num espelho, numa folha de papel, numa régua de ebonite ou de madeira, lá ficam as marcas de seus dedos, que você não vê, mas que o técnico em datiloscopia encontrará com facilidade, usando o seu pó e a sua lente.

Chama-se datiloscopia a ciência que estuda essas marcas datiloscópicas. Esta palavra, que parece complicada, deriva-se de "dactylos", que significa dedos, no grego.

Daí impressão "datiloscópica", como também datilografia, que é a ciencia de escrever com os dedos (na máquina).

Vejamos, porém: se todos deixamos marcas com os dedos, no que pegamos, como é que a Policia consegue prender os criminosos por causa das suas impressões digitais, ou datiloscópicas, que significa a mesma coisa? Como é que sabe quem é o dono da impressão deixada pelo dedo?

E'simples: João Vucetich, um dálmata, dedicou-se a profundos estudos das marcas digitais e descobriu que não há, no mundo, duas pessôas que tenham impressões semelhantes. Cada um tem o seu "desenho", vamos dizer assim, para facilitar a compreensão de vocês.

A marca do meu dedo é minha. Ninguém é dono de outra igual. Se eu cortar, arrancar a péle do meu dedo, a pele que nascer terá o mesmo desenho, mas só eu terei aquele traçado de círculos.

Sendo assim, e possuindo a Policia um arquivo com as impressões dos dedos de todos os homens e mulheres, é fácil comparar a impressão encontrada no local do crime — no cabo do revólver, do punhal, etc — com a dos suspeitos.

Antes de Vucetich, o doutor Bertillon estudou o mesmo problema, mas não se aprofundou nele. Hoje em dia, tôdas as policias o mundo têm fichários, que procuram aumentar sempre. As impressões digitais servem para vários fins. Se morrem, num desastre, por exemplo, várias pessôas que ficam irreconhecíveis, elas auxiliam a identificação.

O descobridor desse sistema, como todos os inventores e inovadores, sofreu a incompreensão e a má vontade dos homens. Mas como êle estava certo de que a razão estava do seu lado, teimou e venceu. Vucetich viajou pelo mundo, fez conferências, escreveu livros, até que todos se convenceram de que sua descoberta era realmente importante para a huhumanidade. Este parece ser,

(*Conclui no fim do Almanaque*)

NO dia 27 de Dezembro de 1822, na cidade de Dole, na França, nascia uma criança que estava destinada a ser um dos nomes mais famosos do mundo: Luis Pasteur.

Depois de fazer os seus estudos no Liceu de São Luis e na Escola Normal Superior, e de obter o título de doutor em Ciências, foi Pasteur nomeado professor da Universidade de Estrasburgo, partindo depois para Paris, onde foi nomeado diretor de estudos cientificos na Escola Normal. Começou aí, então, seus trabalhos de laboratório, que haveriam de levá-lo a sensacionais descobertas, e seu labor foi tão vasto que é impossivel condensá-lo em poucas linhas.

O excesso de trabalho lhe causou uma paralisia, que o forçou a permanecer na cama. Felizmente nada sofreu o cérebro do grande sábio. Pouco depois do ataque, já ditava a um discípulo uma nota científica.

Recuperando quase totalmente a saúde, Pasteur não abandonou seus trabalhos. Seu primitivo Laboratório, na Escola Normal Superior de Paris, era modestíssimo. Sempre que pedia auxílio do govêrno, respondiam que não havia verba, não havia dinheiro para aquele fim.

Longas e pacientes investigações, centenas de ensaios, levaram Luis Pasteur a descobrir um sôro anti-rábico, isto é, o remédio capaz de salvar da morte as pessôas mordidas por cães hidrófobos (danados).

Os médicos do seu tempo, entretanto, não aceitavam completamente as idéias do sábio. Chegavam mesmo a combatê-las. Com isso êle sofria imensamente, mas não desanimava.

O primeiro doente em que Pasteur fez aplicação do sôro por êle descoberto, foi um menino que, tendo sido mordido por um cão raivoso (hidrófobo) foi levado à casa do mestre, pela própria mãe.

Pasteur não era médico, e não podia, por lei, tratar do doente, e muito menos fazer experiencias. Mas, tratando-se de salvar uma vida, tudo arriscou. Teve êxito. O menino foi salvo. Estava, assim, provada a eficacia do sôro contra a raiva, que ainda hoje é usado

tôdas as vezes que uma pessoa é atacada por um animal, raivoso ou não, como preventivo.

No dia 26 de Outubro de 1885, Pasteur fez o comunicado oficial, à Academia de Ciências da França, da sua descoberta.

Lutou ainda o grande francês contra a má vontade dos colegas invejosos, por muito tempo. Mas em 1892 seus méritos foram afinal reconhecidos e proclamados. Ele foi recebido na Sorbonne, pelo então presidente Sadi Carnot, e foi alvo de delirantes ovações. O ilustre cirurgião inglês Lord Lister abraçou-o em nome dos homens de ciência de todo o mundo. Nessa ocasião, então, Pasteur pronunciou as seguintes palavras:

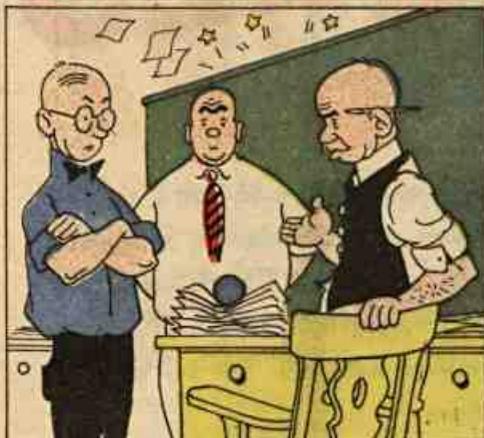
"Vós me proporcionais a alegria mais profunda que pode sentir um homem que crê firmemente que a ciência e a paz triunfarão sôbre a ignorancia e a guerra, e que os povos se unirão não para destruir, mas para edificar."

Foi Pasteur o descobridor do meio de salvar os grandes parreirais franceses de uma praga que os matava. Fez a mesma cousa com as criações do bicho-da-seda, que estavam se acabando, sem ninguém saber porque.

Demonstrou o que ninguém queria acreditar, isto é que existem micróbios no ar, e que esses micróbios causavam muitas enfermidades, pela falta de cuidado e de higiene dos médicos da época.

O processo hoje usado para a conservação do leite em estado de pureza, chamado *pasteurisação*, tem seu nome derivado de descobridor, que foi Pasteur.

Luis Pasteur, embora grande nome da história, grande sábio, grande herói da ciência, era homem simples, bom marido, muito carinhoso, e extremoso pai de familia.

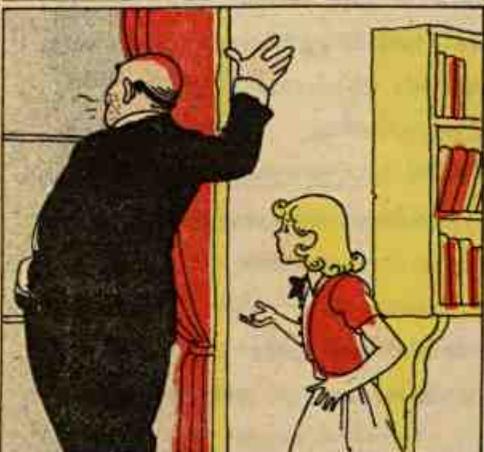
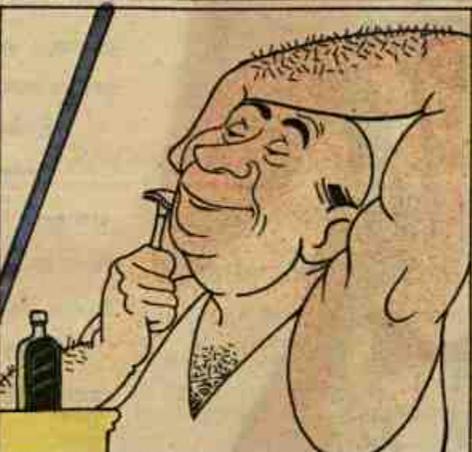
# O MAU HUMOR DO SR. MATEUS

Estava sendo comentado, no Escritório, o mau humor constante do sr. Mateus. — "E' chegar o verão, não sei porque — explicava aos outros um velho empregado — o patrão fica assim: irritado, impaciente. Todo ano é isso . . .

Em casa era a mesma coisa. Por "dá-cá-aquela-palha", como se diz, o sr. Mateus dava o desespêro, aplicando sôcos na mesa, mostrando claramente que estava fóra de si, pois a pessoa educada nunca faz essas coisas feias.

Ora, aconteceu que naquele domingo veio à casa do sr. Mateus sua sobrinha Ivone, menina inteligente, esperta, e observadora, que teve ocasião de assistir a uma cena desagradável causada pelo mau humor do tio.

Pouco depois, estando a ler na bibliotéca, o sr. Mateus começou a coçar o rosto escanhoado, e, pensando que estava sòzinho — pois não vira Ivone entrar — pôs-se a se lamentar — "Maldita barba! Como arde! Como coça . . .

. . . com êste calôr! Que coisa irritante!" Tendo ouvido isso, Ivone lhe foi ao encontro. E falou brandamente ao tio: "Meu tiozinho, o senhor anda infeliz, zangado, de mau humor, por causa dessa barba, não é mesmo?"

— "Papai andou uns tempos assim, mas resolveu o seu problema com tôda a facilidade e o maior sucesso. Se o senhor usar, depois de barbear-se, o "Leite de Colonia", verá que isso passa e que se acabará êsse ardor e passará a coceira".

— "Isso é coisa para mulher!" — disse o sr. Mateus. — "Não, não, meu tio! O afamado "Leite de Colonia" tem inúmeras utilidades! E' microbicida, parasiticida, cura erupções, brotoejas, coceiras, frieiras, dartros, tira manchas da pele..."

Impressionado com as palavras da menina, o sr. Mateus decidiu fazer uma experiência. E deu certo está claro! Também para usar após a barba o "Leite de Colonia" foi achado excelente! Acabaram-se as zangas e brigas diárias . . .

e mais algumas centenas de pessoas, na Fábrica do sr. Mateus, passaram a louvar o maravilhoso "Leite de Colonia", dos Laboratórios Studart, que, além, de muito usado pelas senhoras e senhoritas, tem outras aplicações notáveis, como a que fez a alegria do sr. Mateus.

# OS MELHORES

NUM longínquo país, cujo nome os historiadores não guardaram, viveu outro'ra um rei chamado Canuto que era muito bom, mas ignorante.

Tinha subido ao trono por ser o unico herdeiro da corôa.

Nada sabia, porém, da arte de governar uma nação.

Como, todavia, desejava aprender e sabia que tudo se aprende nos livros, encarregou três sábios do reino de formarem uma biblioteca com grande numero de livros, a fim de ficar conhecendo aquilo que ignorava.

O primeiro, de nome Rod, comprou livros bem encadernados que falavam de campanhas guerreiras, conquistas de terras, grandes exércitos que tudo derrotavam à sua passagem.

Tradução de
MARIA MATILDE

E Canuto os leu interessado e entendeu que para o engrandecimento do seu povo, para fazê-lo poderoso e temido eram necessários combates e lutas.

E assim procedeu.

Entretanto, seu povo, apesar de bem armado e corajoso, nem sempre voltava vitorioso e, em cosequência, a miséria e a fome dominaram o país.

Os homens iam para as frentes de combate e deixavam os campos sem cultivar.

Não havia mais trigo para fazer o pão nem pastos para os animais.

Tudo se transformou em completa ruina.

# LIVROS

Como o rei era bom e amava seu povo acima de tudo, mandou queimar os livros que lhe haviam ensinado coisas tão desastrosas, passando a lêr os que tinham sido comprados pelo segundo sábio, chamado Sael.

Este escolhera livros de encadernações luxuosas, com encrustações de ouro e pedras preciosas.

Era uma coleção digna de um rei.

Êles falavam de poemas famosos, de fadas, coisas sobrenaturais, de gigantes e bruxas, de sereias, anões, enfim, tudo que a fantasia mais ardente pode criar.

E neles Canuto aprendeu a iludir o povo com falsas promessas, com crendices fóra das leis naturais da vida.

A princípio o povo ficou entusiasmado, mas depois se tornou medroso, preguiçoso, indiferente, acreditando em campos malditos onde só brotavam ervas daninhas, em maldição, em rios que secavam como que por artes de magia.

E o povo foi tão infeliz durante essa época, como quando lutava nos campos de batalha.

Canuto atirou também aqueles livros ao fogo.

Foi à biblioteca onde se encontravam os livros aquiridos pelo terceiro.

Eram poucos e de encadernações singelas.

Começou a lê-los com certa desconfiança mas à medida que ia se adiantando na leitura, seu rosto ia se transformando e se tornando alegre.

Êstes últimos livros falavam de Deus, do trabalho nos campos, do aproveitamento das colheitas, da econômia, do culto à verdade, à justiça, à paciencia e tolerância, da honradez, do lar, da satisfação do dever cumprido . . .

E graças àqueles livros, tão insignificantes na aparência, aprendeu Canuto a governar seu povo e êste, com paz e verdade, daí em diante foi tão feliz como nunca o havia sido nos períodos de guerras e das fantasias e ilusões.

# O ano bom do

ERA um espantalho como qualquer outro.

Parecia-se com os demais porque estava cheio de palha e tinha um chapéu todo estragado, e uma roupa cujos farrapos formavam bandeirolas ao vento. Mas agora vem o detalhe original: seus braços, em cruz, como é costume entre os espantalhos sustentavam dois pratos de alumínio, cheios de trigo em grão, aveia e alpiste para as aves, e avelãs, nozes e amêndoas, para esquilos.

— Onde já se viu espantalho que alimente os pássaros, em vez de os espantar? — comentavam as mulheres da aldeia, olhando com assombro a alta e rígida figura de palha.

— Foi idéia de um fazendeiro, seu Thomaz, um velinho esquisito — diziam os camponeses.

Durante dez anos o espantalho Martim tinha vivido no meio do campo, com os braços estendidos. Embora fosse grande amigo das aves que pousavam em cima dos seus farrapos, e dos esquilos que lhe contavam mil novidades, enquanto quebravam nozes e avelãs, Martim começou a se sentir aborrecido da vida.

— Estou farto de viver aqui, dia e noite, sem me mexer — disse uma tarde a um tico-tico que viera comer no prato do braço direito. Gostaria de voar, como tu.

— Que barbaridade! — trinou o passarinho. — Quem disse que alguma vez um espantalho pode voar? Não te sentes feliz aqui, em frente a um bosque tão bonito, rodeado de campos verdes, que pela manhã brilham com o orvalho e à noite ficam alvos de luar? Tens sôbre a tua cabeça o céu e o sol. Eu não pediria maior felicidade!

— E' muito fácil dizer assim quando não se está obrigado a estar dia e noite com os braços em cruz, dando de comer aos estúpidos passarinhos e aos esquilos falastrões — replicou Martim, zangado. — Se eu pudesse, daria o fóra daqui.

O tico-tico, surpreso com o furor do espantalho, quase se engasgou com um alpiste. Quando conseguiu que o grão lhe descesse pela garganta, respondeu, com raiva:

— Sabe que mais? Estúpido é você. Se algum dia você conseguiu sair daí, vá direto a uma escola, para aprender a ter modos de gente educada, sabe?

E se afastou voando, indignado. Suas asinhas, que habitualmeite tinham um movimento compassado, agitavam-se agora furiosamente.

Momentos depois chegou um esquilo, que subiu ao braço esquerdo de Martim. Apanhando uma nóz, começou a descascá-la, e, entre dentadas e dentadas, murmurou:

Agradeço-te muito estas nozes, avelãs e amendoas que me dás. Com elas posso abastecer minha despensa. Desde que cortaram a nogueira grande, tenho tido pouco alimento.

— Nada tens que me agradecer — grunhiu o espantalho — Se dependesse de mim, eu não estaria aqui tão parado e amolado da vida. Embora fosse apenas para variar, gostaria de ir embora e fazer alguma coisa mais interessante.

— Acreditas que podes fazer algo melhor que promover a felicidade dos pássaros, das crianças e dos esquilos? — perguntou o roedor. No mundo nada há que se possa comparar à felicidade de socorrer o próximo.

— Disseste uma bobagem — resmungou Martim. — Estou amolado e desejo ir embora daqui. E' porque não posso, senão...

O esquilo também se espantou com o mau humor do velho camarada, mas, como era mais prudente que o tico-tico, murmurou:

— Está bem, está bem... Não precisa zangar-se, amigo. De qualquer maneira eu estou agradecido pelo que tenho recebido das suas mãos.

E fugiu, levando três nozes, quatro avelãs e cinco amêndoas, para a despensa vazia. Durante longo tempo Martim permaneceu sòzinho. De repente, ouviu um rumor aos seus pés, e uma vozinha murmurou:

— Muito obrigado pelas cenouras e maçãs que guardas na tua carrocinha.

Era um coelhinho que havia parado junto ao pequenino carro colocado atraz do espantalho.

— Carrocinha? perguntou êste. — Está aí! Eu não sabia disso! Agora compreendo para que serve esta incomoda corda que tenho no pescoço. Como tenho o corpo rígido, não me posso mover, para olhar atraz. Mas não me agradeças, pois se dependesse de mim, não teria ao meu lado uma cousa tão absurda com uma carrocinha cheia de frutas e verduras.

— Está bem, está bem... não te amolarei mais — concordou o coelho. — Mas sempre quero que saibas que sou grato. Há dias que eu não comia nada...

— E a mim, que importa, se passaste fome? — respondeu Martim.

— És um grosseirão — afirmou o coelho, saindo a correr com três cenouras para a mulher e os filhos. Era noite, já o vento frio começara a soprar com força.

— E' noite de ano-bom — suspirou Martim. — Se eu pudesse mudar de vida, com o ano que vai começar!

O céu estava azul e todo recamado de estrêlas. Fazia frio.

— Brrr! — estremeceu o

espantalho. — Não sei quanto daria para não sentir tanto frio. Estou farto de me sentir gelado.

— Olá! — saudou uma voz. — Feliz ano-novo, homem de palha!

— Não poderá ser feliz se fôr igual aos outros anteriores — queixou-se Martim, vendo aparecer um anãozinho verde, vestido de vermelho, de barbas e bigodes louros.

— Que coisa curiosa! — disse o anãozinho. — Chamo-me Espiga e te conheço há muito tempo. Pensava que eras um sujeito feliz. As crianças brincam contigo, os pássaros comem o grão que lhes ofereces, os esquilos se alimentam com as tuas nozes e avelãs, e os coelhos vêm saciar a fome com as cenouras e maçãs que tens na carrocinha. Que mais podes desejar?

— Quer ser como os demais viventes —respondeu Martim. — Os pássaros voam e os esquilos pulam, as crianças correm e os coelhos saltam. Eu, entretanto, tenho que quedar parado, com os braços em cruz. Mas ainda suportaria tudo isso se não fosse o frio que sinto. Quisera ser o sol queimasse muito e que o seu calor ficasse durando tôda a noite. Se o sol ardesse como eu quero, eu imaginaria estar num país tropical, e meu anseio de viajar seria satisfeito.

— És um louco — disse espiga, sorrido. — Cada qual, neste mundo, tem sua sorte, e deve resignar-se com ela. Não compreendes que um homem de palha não póde viajar?

— Mas tem direito à ilusão... — teimou Martim. — Se o sol...

— Está bem — acedeu o anãozinho. — Falarei com o vento Sul, para que êle não sopre neste campo e conversarei com o Sol, para que te dê a ilusão que sonhas. Será o meu presente de Ano-Bom.

— Obrigado — murmurou o espantalho, sentindo que o corpo de palha todo rangia de felicidade.

Esperou que amanhecesse e, quando o sol apareceu no horizonte, aprontou-se para receber seus raios. Quando o astro subiu pelo céu, o espantalho sentiu que um calor intenso lhe penetrava até o coração.

Ao meio dia o espantalho estava tão quente que começou a temer pela própria saúde.

— Devo ter febre — murmurava compungido. — O anãozinho Espiga exagerou as coisas. Este calor é da África e dos países do equador. Se por lá é quente assim, prefiro ficar por aqui mesmo.

O sol continuava darramando seu fogo e Martim sentiu que a palha de seu braço direito começava a incendiar-se. Foi tal seu pavor que, por um supremo esforço, pôde voltar a cabeça. Voltou-se e viu que um anel de fogo lhe envolvia o braço direito. Minutos depois o braço caia ao chão. O prato de aluminio que continha as rações de alpiste e aveia, ressoou no sólo e o alpiste e a aveia se misturaram com a areia.

— Oh! gemeu o espantalho. — Caiu a comidinha dos passarinhos! Os coitados vão passar fome esta noite!

A seguir caiu o outro braço.

— Pobres esquilos — gemeu Martim.

Duas gotinhas de água lhe rolaram pela face. Eram as primeiras lágrimas que derramava em tôda a sua vida. Oxalá aparecesse Espiga, antes que fosse incendiado por completo. Não se preocupava com a própria sorte, mas com a dos seus amiguinhos.

— Irei chamar o anão Espiga — trinou um tico-tico. — Ele chamará logo o vento Sul.

Ao ouvir isto, o vento Norte tratou de se afastar. Tinha estado tôda a manhã atiçando o sol, como quem sopra uma brasa. Mas não queria encontrar-se com o vento Sul, cujo sopro é tão forte que enregela tudo e esfria os outros ventos. Sabe-se que mais de um vento cálido tem morrido de pneumonia, depois de esbarrar com o vento Sul... As tímidas brisas fogem dele como da peste!

Indo-se embora o vento Norte, o calor arrefeceu um pouco. Entretanto, o espantalho continuava ardendo.

— Salva o pobre Martim! — pediam os pássaros em côro. E os animais gritavam também: — Salva o nosso amigo espantalho! Não queremos que êle morra!

— Tragam água — ordenou Espiga.

Correram todos ao rio — alguns não correram, voaram! — e dentro de pouco tempo Martim recebia um aluvião de água. Apagou-se o incêndio e depois Espiga procurou palha nova para tornar a encher os braços, e colocá-los de novo no espantalho.

— Estás bem, agora? — perguntou depois.

Uma enorme multidão de avesinhas e de bichos do mato esperava ansiosa a resposta de Martim. Ele, sorrindo com seus lábios de cordão vermelho, respondeu:

— Muito bem! Feliz ano-novo, amigos! Minha vida continuará tranquila e ditosa. Já não serei mais um espantalho que sonha coisas impossiveis, mas um bom boneco de pálha que continuará a dar alpiste e aveia, avelãs e cenouras, nozes e maçãs a todos vocês!

E, realmente, para êle, depois daquela lição, começou um novo ano, muito mais feliz porque agora estava contente com sua sorte, sem revoltas, sem anhelos impossiveis, como todos devemos viver, para gozar um pouco de felicidade. Pois que felicidade maior poderá haver, que saber-se útil, saber-se querido e apreciado pelos que fazemos felizes?

# O GRILO

HA' cousas que no princípio deleitam, no meio enfastiam, e no fim supliciam.

Não digo que êste pensamento profundo seja meu, porque ninguém lhe acharia graça; é melhor atribuí-lo a um pensador grego, Socrates, por exemplo.

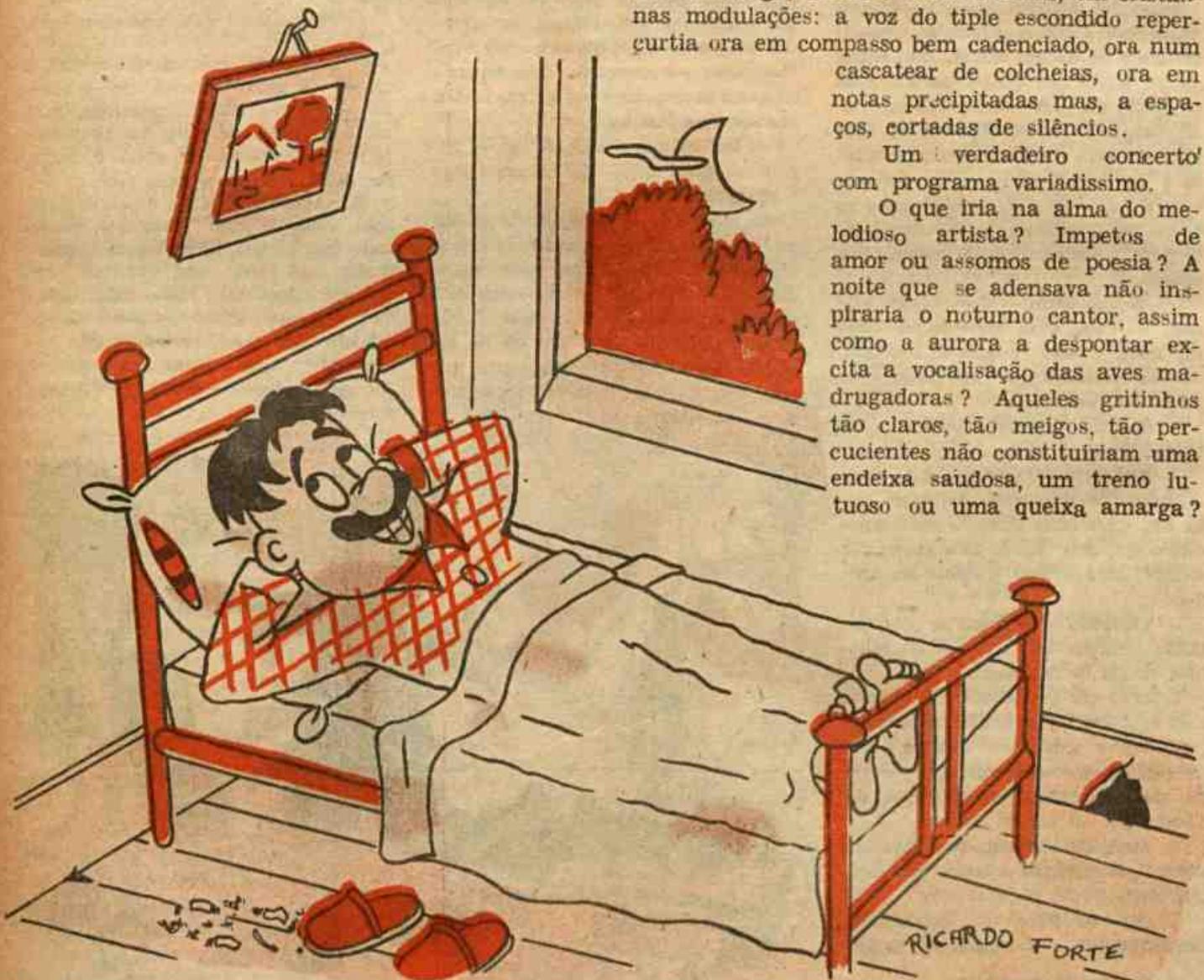
Uma noite destas, acabara eu de mergulhar no vale dos lençóis, pronto a ferrar no sono do justo, quando num canto do meu quarto vibrou o canto de um grilo.

Com perigo de passar por um sentimental caduco, direi que não me desagradou a modinha do inseto, que me parecia estridular maviosamente, se bem que um tanto monótono.

Quem canta seus males espanta. Pensei que o silvo do meu solista podia ter alguma significação, e lembrei-me de Romeu a tocar debaixo da janela de Julieta. O bichinho exprimia talvez o prazer de viver, ou saudava quiçá a noite, ou entoava lôas às estrelas que brilhavam pela ausencia. Seria por ventura um canto de amor desferido de uma toca com vistas a uma toca vizinha, onde embevecida escutaria a eleita do bardo ortóptero.

Parafusando sôbre o caso, à mingua de uma ocupação mais séria, pedia a Deus me désse uma força de perscrutação capaz de adivinhar os motivos que impeliam o músico a suspirar, sem sombra de fadiga, durante horas e horas, em cristalinas modulações: a voz do tiple escondido repercurtia ora em compasso bem cadenciado, ora num cascatear de colcheias, ora em notas precipitadas mas, a espaços, cortadas de silêncios.

Um verdadeiro concerto com programa variadíssimo.

O que iria na alma do melodioso artista? Impetos de amor ou assomos de poesia? A noite que se adensava não inspiraria o noturno cantor, assim como a aurora a despontar excita a vocalisação das aves madrugadoras? Aqueles gritinhos tão claros, tão meigos, tão percucientes não constituiriam uma endeixa saudosa, um treno lutuoso ou uma queixa amarga?

Quem sabe ?

Na solução do indecifravel enigma, embrenhei-me em considerações metafísicas tão profundas que me acontecia cair em cochilos muito naturais em quem, à fôrça de fixar os mistérios, acaba por chegar, através da subconciência soporífica, na região do sonho, onde os rôncos parecem verdades sublimadas. Muito filósofo ganhou fama de genial pela quantidade de sono que seus escritos encerram ou provocam.

Grande cousa é o espírito humano! Ele, que não adivinha as cogitações de um mesquinho grilo, pretende interpretar a multíssona harmonia das cousas e dos sêres, dos mundos e das origens. Melhor empregariam o tempo os pensadores se corressem a plantar batatas ou lamber sabão.

Enquanto estas parvoíces bailavam no meu cérebro ôco, o valente grilo continuava a desferir sua ária metálica. Não me foi dado pregar os olhos. De cada vez que o tentasse, feria-me o tímpano a sonância perfurante do inseto.

As estridulações eram, por vezes, como que mais premidas e resoavam como o clangor de pequeno clarim, tocado a golpes rápidos de lingua. Seria sinal de guerra? Estaria o músico a desafiar algum rival oculto em longinquo esconderijo, e cujo estribilho provocador era só perceptivel em ouças de colegas? Assim de terreiro a terreiro se reptam os galos, com insolências e bravatas, à laia dos antigos heróis de Homero. Assim também, de países a países, os povos selvagens em geral, e os civilizados em particular, se atiram a luva.

O meu sentimentalismo me impeliu a fazer votos pela vitória do meu grilo.

Aí tendes mais uma prova da impossibilidade de ficarmos imparciais em qualquer contenda. Que tinha eu com a briga de dois insetos, para torcer por êste contra aquele? O' vaidade dos programas sociológicos e políticos! A neutralidade é uma palavra sonorosa, e nada mais. Os que se julgam mais indiferentes são, crebas vêzes, os mais assanhados dentre os setários.

Pela sexta ou setima vez, caí em leve dormidela. Quanto tempo toscanejei não o sei: o fato é que acordei ao som da fanfarra bélica do meu teimoso grilo.

Foi aí que comecei a achar pouca graça na insistencia do isolado cantor. Precisava de sono, porque me era mistér levantar cêdo, na manhã seguinte. O inseto começava a abusar da tolerancia minha. E' sempre a mesma coisa: se negais tudo, sois um tirano; se concedeis alguma liberdade sois uma vitima. O diacho do ortóptero, como o chamam os sábios, faltava da mais elementar delicadeza. Devia compreender que há regulamentos policiais que severamente condenam os rumores noturnos, e que o direito de repousar não pode ser sonegado ao cidadão de um país adiantado.

Em vez de se entregar a estas salutares reflexões, o bicho persistia em soltar a nota, com a mais evidente satisfação pessoal, num requinte de egoismo feroz.

Adeus, visões artísticas e filósoficas! Tenho o temperamento burguês, e não admito serenatas fora da hora. A ordem antes de tudo! Com tão massante musicata, árduo seria confabular com Morfeu, segundo dizia um amigo doutor, com grande espanto da preta velha que perguntava:

— Mas quem é esse senhor Morfeu com quem o doutor vai conversar cada noite? Se nunca o vi entrar em casa, este senhor Morfeu!

Afinal, recalquei o meu mau humor, fiz um supremo ato de resignação e virei-me do outro lado, tapando os ouvidos para pôr uma surdina aos clangores grilescos. Tentei conciliar o sono.

Que sono, que nada! O canalha, encorajado pela minha anterior benevolência, continuou a azucrinar-me sèriamente.

Tive que perder a paciencia, e passei do enfado ao furor, à raiva, ao frenesi. Cresceu-me uma alma de Nero.

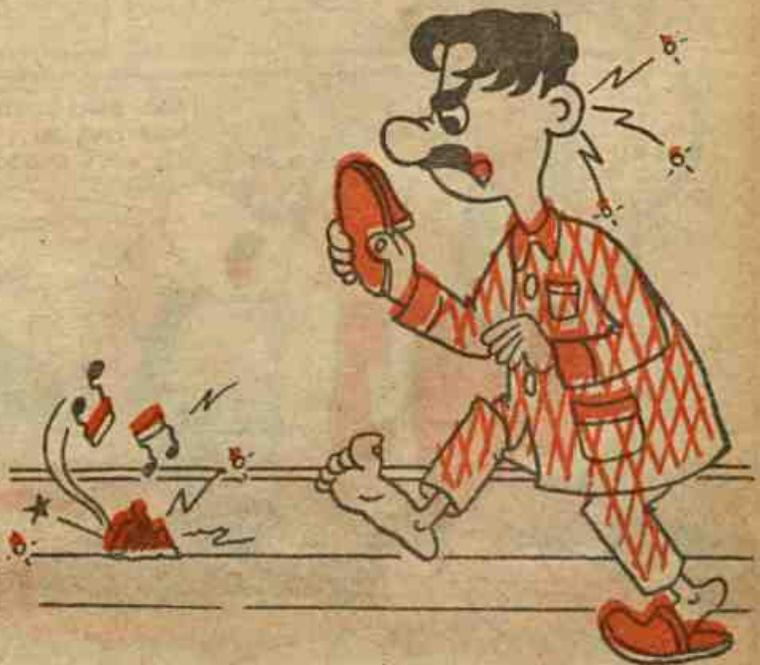
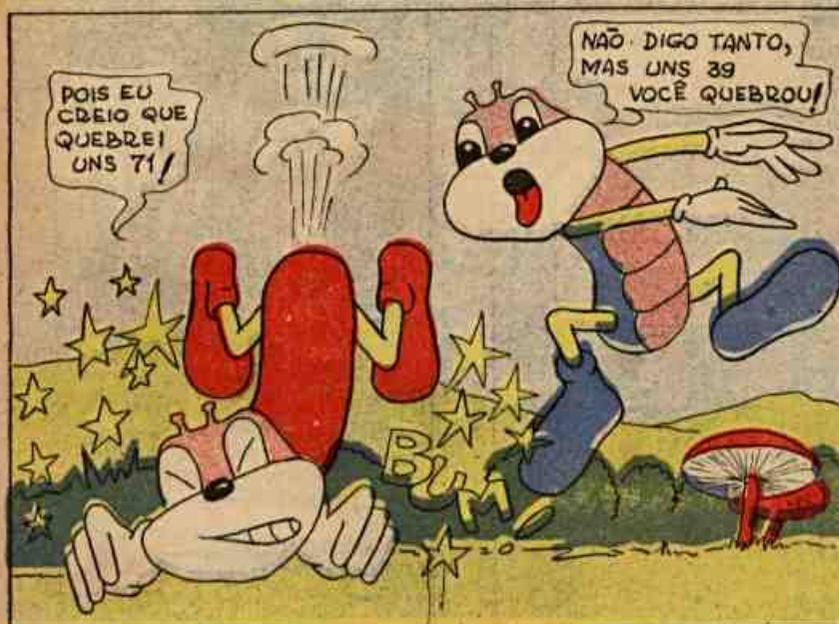
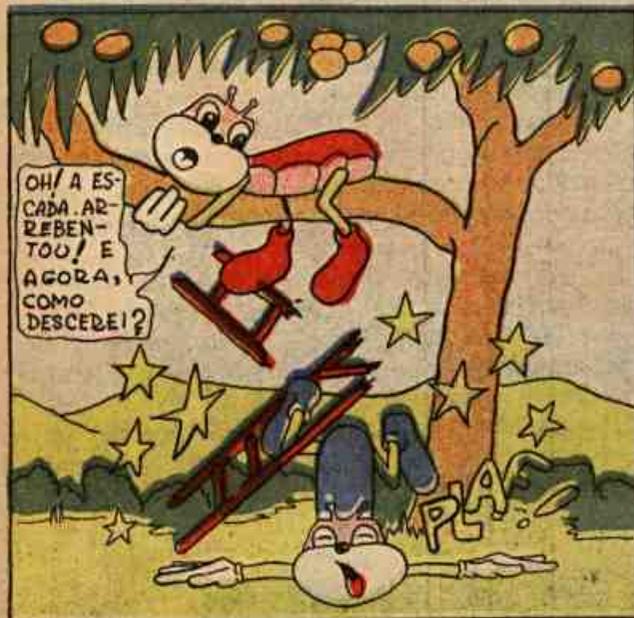
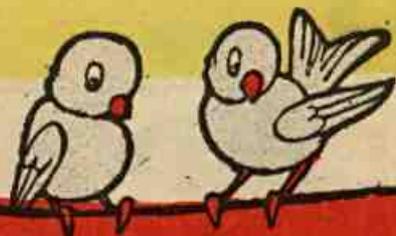
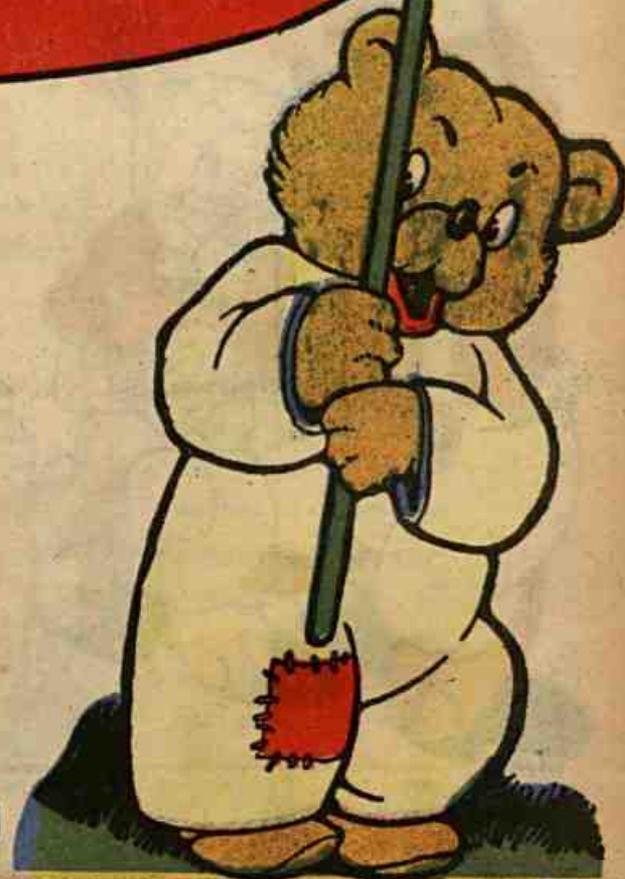
Não pude mais me conter. Saltei da cama e abri a luz. O demonio calou-se, como que por encanto. Esperei, pois conheço as manhas dêstes saltadores. Passando um minuto, que me pareceu meia hora, o idiota recomeçou sua cantilena. Apurei o ouvido e calculei o lugar donde vinha o grito.. Devia ser um pequeno interstício, aberto entre o rodapé e o soalho, e bastante grande para deixar passar a ponta do chinelo.

Como o árabe que no deserto se agacha no rastro do leão, cheguei cauteloso, pé ante pé, de joelhos mesmo, sem despertar as justas desconfianças do melômano.

Avistá-lo na sua tóca e assentar-lhe uma chinelada mortífera foi uma cousa só.

O silencio das noites criminosas encheu o ambiente do meu quarto e, com esta morte na conciência, atirei-me à cama, onde um sono bemaventurado me levou, até a madrugada, ao país dos sonhos.

No dia seguinte, fixando o local do assassinato, vi a vitima rodeada de um bando de formigas que, arrastando-a sôbre o soalho, parecia fazer-lhe um enterro de primeira classe, com acompanhamento numeroso.

Meus amigos, se quiserdes agradar, não imiteis a insistencia cabulosa dos grilos: **pouco** é bom; **muito** é fastidioso; **demais** é horrendo.

# INSETOLANDIA

# A surpresa

Sinto-me muito fraco hoje! — disse o coelho ao porquinho seu amigo. — Esta manhã só comi um pouco de cenoura. E' tão pouco! Sinto fome . . . — continuava o coelho se queixando.

— Não te aflijas — disse-lhe o porquinho, seu amigo . . . — Eu sei onde há por aqui uma chácara, com grande plantação de cenouras macias e muito gostosas. Vamos lá?

— Como descobriste isso?

— Um amigo me contou. E também me contou que o dono dessa horta levantou uma parede muito alta, a fim de que nenhum estranho entre lá.

—E então? Como é que vamos fazer? perguntou o coelho já preocupado, e desejoso de saborear as cenouras.

Não sejas tôlo! — disse o autor da idéia. — Meu amigo ensinou-me a maneira pela qual se póde entrar lá: é só dar a volta pela horta e, no muro que dá para oeste, há uma pequena passagem.

Tu passarás perfeitamente por aquela abertura . . .

— Então vamos! Que maravilha, hein? — exclamou o coelho — Não percamos tempo, amigo!

Chegaram à tal parede do lado do oeste, mas tiveram uma surpresa desagradável: estava tapado o buraco por onde pensavam entrar!!

— E agora? Que faremos? — disse o coelho guloso.

— Torno a dizer que és um tôlo — retrucou o porco, um tanto aborrecido. — Com êste páu, dou um empurrão e o que estiver tapando a abertura do outro lado tem que cair.

Dá, então, o primeiro empurrão.

Nada!

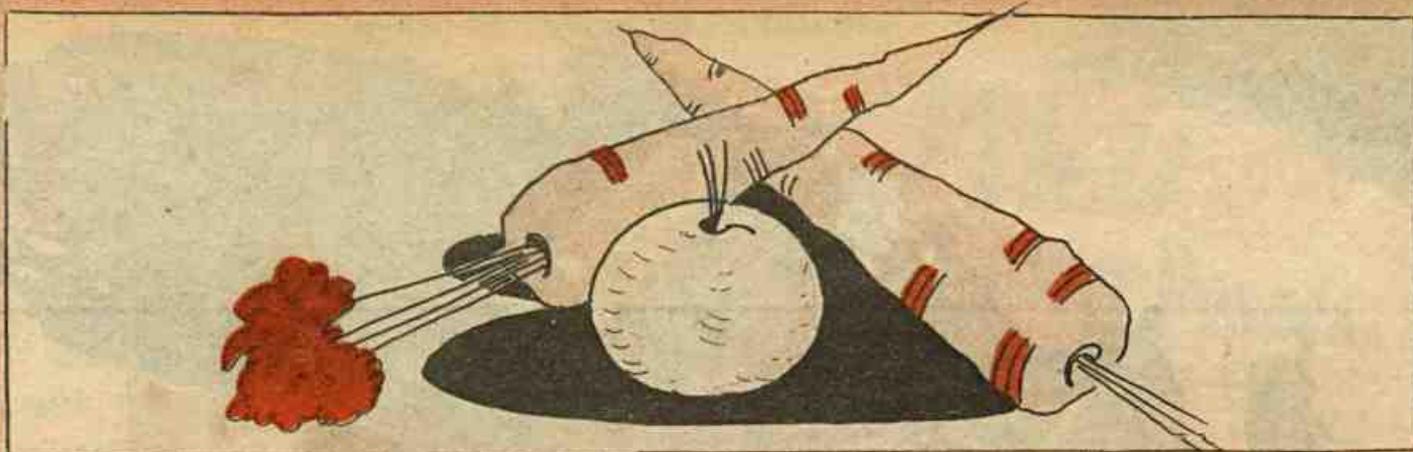
Dá o segundo com mais violência e também desta vez nada consegue.

— Qual! Hoje estamos com pouca sorte. E devem estar apetitosas, as cenouras!

Mas como o porco não desanima com o primeiro fracasso, ordena ao coelho que lhe traga outro páu, mais grosso. Os dois, empurrando juntos, talvez logrem o sucesso desejado.

— Anda depressa! — grita para o coelho. Traze um pau bem comprido e bem grosso!

Em seguida surge o coelhinho com um pedaço de pau tão grande e tão pesado que mal o pode carregar.

Mas, pensando no banquete que ia saborear, consegue chegar até onde o esperava o porco.

— Ótimo ! disse o porquinho. — Seguras aqui e eu aqui. Vamos empurrar com tôda a força que puderes. Está bem ?do

— Está — respondeu o coelho.

— Pronto ?

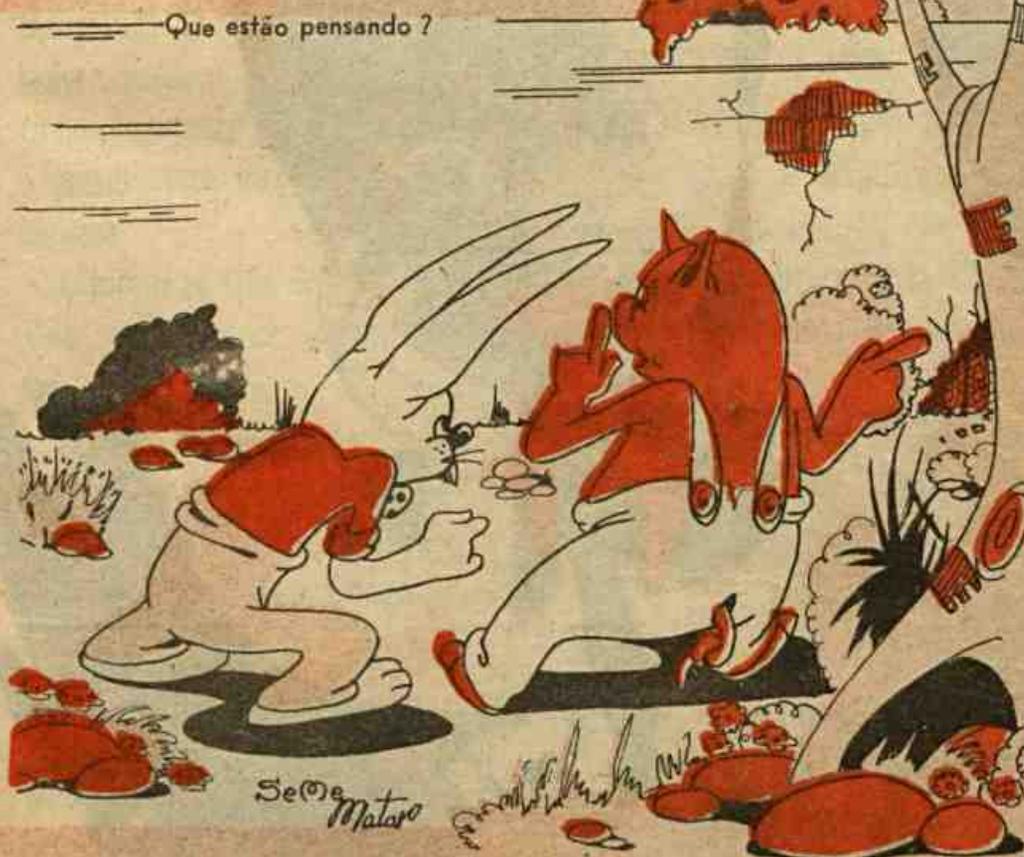
— Vamos !

— Já ! — gritou o porco. — Força ! Empurra com força ! Já está se movendo a tapagem . . . Ih ! estou vendo as cenouras ! — exclama entusiasmado.

De repente ouvem algo que faz:

— Gurrrr-ssss, gurrs . . .

O que quer que fosse que tapava o bu- desaparece e surge a cabeça do proprietário da chácara, que grita indignado:

— Patifes ! Malandros ! Que estão pensando ?

Vejam se me deixam dormir a sésta !

Aí, então, o coelho e o porco largaram em desabalada carreira.

— Que pena ! disse um.

— Que susto ! — disse o outro.

A verdade é que tinham escapado de bom castigo, aliás merecido, porque o que iam fazer era muito feio, e todos devem respeitar a propriedade alheia.

Ninguém deve tirar frutas, nem plantas dos quintais dos vizinhos.

E' um costume muito feio êste, e alguns meninos esquecem o que seus pais e mestres lhes ensinam e agem como o coelhinho e o porco.

Ainda bem que, no caso que estamos contando, o homem, dono da horta, foi dormir encostado na abertura do muro por onde êles pensavam entrar, o que os impediu de praticar uma feia ação.

RICARDO FORTE

# Tudo Isto é Meu...

Leonor Posada
Ilustração de RICARDO FORTE

IAM as três. Três negrinhas, descalças, sujas, um saco a tiracolo, um pano encardido escondendo-lhes a gaforina despenteada...

Nos rostos escuros brilhavam-lhes os olhos vivos como estrêlas. De vez em quando juntavam-se num bloco, cochichavam qualquer coisa, e riam...

Depois, uma na frente, outra em seguida, andando a esmo, lá se iam pela grande rua do populoso bairro.

Ei-las que param em frente a uma vitrina. Era a de uma sapataria.

Iluminadas já pelo cair da tarde, cada divisão era mais tentadora, desde a dos leves sapatinhos de criança a dos modernos e pesadíssimos calçados para homens.

Pararam as três. Os olhos gulosos, num relance, abrangeram todo o mostruário.

A mais velhinha, adiantando-se, abriu os braços e, dirigindo-se às companheiras, exclamou num tom que não admitia réplica:

"Tudo isto é meu!"

E mostrou a linda vitrina de sapatos femininos, olhando-os com superioridade, com ares de rainha...

Imediatamente, a segunda apossou-se da outra divisão do mostruário, justamente a que apresentava os graciosos modelos de sapatinhos infantis.

E, como sua companheira, montou guarda à sua propriedade.

Coube à menor, e era de prever, a seção dos calçados masculinos, grandes, pesados, onde cabiam dois ou três de seus pèsinhos leves...

Saíram. Pararam agora diante de um mostruário de jóias.

A mais velha, mais expedita, mais sagaz, tomou a vanguarda e se apossou dos braceletes, dos brincos que faiscavam lindamente; a imediata ficou dona dos anéis tentadores; quis a menor os grandes relógios-despertadores, de prata ou metal, desgraciosos, enfim...

Sempre a parte do leão para os outros...

Entraram numa confeitaria: o mesmo gesto de posse da primeira; o avanço da segunda e os restos para a terceira... Da confeitaria passaram à loja de fazendas e, as sedas para a maior; as lãs e veludos para a do meio; o algodão e as chitas para a última...

E se havia um ar de vitória nas duas primeiras, a pequenita tinha um quê de desânimo nos olhos negros...

Depois, desapareceram. Foram-se para o morro ou para o cortiço, onde, numa esteira, desabrigadas, dormiriam e sonhariam, umas, com as suas riquezas conquistadas sem esfôrço outras, com a derrota de todos os seus desejos...

E eu me pus a considerar. Até na mais tôla das quimeras sempre há quem colha as sobras.. Até o direito de sonhar não é permitido a qualquer!

Ah! a pobre pequenita, a mais nova das três... Para ela, calçados de homens, relógios-despertadores, chitas, pão-duro... que sei eu!

**Mas não te aflijas, garotinha do morro! Na vida há tanta gente parecida contigo... Tanta gente!**

# A sanfona.

LUIZINHO estava tocando sua sanfona com grande entusiasmo: — "Fim... fim... firim-fim... fim-fom... fim..."

— Você não sabe fazer mais nada, a não ser tocar esta sanfona?! - disse alguém por trás dos seus ombros.

Luizinho deixou de tocar, virou-se para ver quem lhe falava e deu com o Manduca, um menino muito mau que gostava de estragar as brincadeiras dos companheiros.

— Pois eu gosto bem de tocar minha sanfona — disse o menino com voz firme.

— Mas eu não deixarei você tocar mais nada, ouviu? — replicou o Manduca.

— E quem é você para me mandar? Tocarei quanto tempo quiser! E se não lhe agrada, não ouça.

E continuou com a música:

— "Fim-fom-firim-fum..."

Manduca ficou muito aborrecido por não ser obedecido

Fingiu que ia embora, mas voltou e deu um trambolhão na sanfona de Luizinho, rasgando-lhe o fole.

Coitado do menino! E que mau é o Manduca! Depois dessa travessura saiu correndo e rindo pela perversidade que praticara.

Agora, pensava êle, Luizinho não tocará mais! Luizinho, porém, não ficou triste por muito tempo, e como é inteligente logo imaginou um meio de se servir da sanfona para outra brincadeira. Agora ela já não serve para os lindos concêrtos, mas servirá para outra coisa. Tudo pode ser

aproveitado. E' só ter um pouco de boa vontade e inteligência.

Luizinho apanhou a sanfona e prendeu as alças, uma em cada ramo de arvore, fazendo dela um balanço.

Manduca voltou e veio espiar, muito intrigado, o trabalho do menino. Que estaria fazendo Manduca? Seria um alçapão para pegar passarinho? Estava quase a perguntar o que era aquilo, mas se contentou em ficar apreciando, admirado.

Assim que Luizinho terminou a arrumação do balanço, experimentou se sentar nêle. Chamou seu melhor companheiro, o Nequinho, e os dois começaram a se balançar e a dizer:

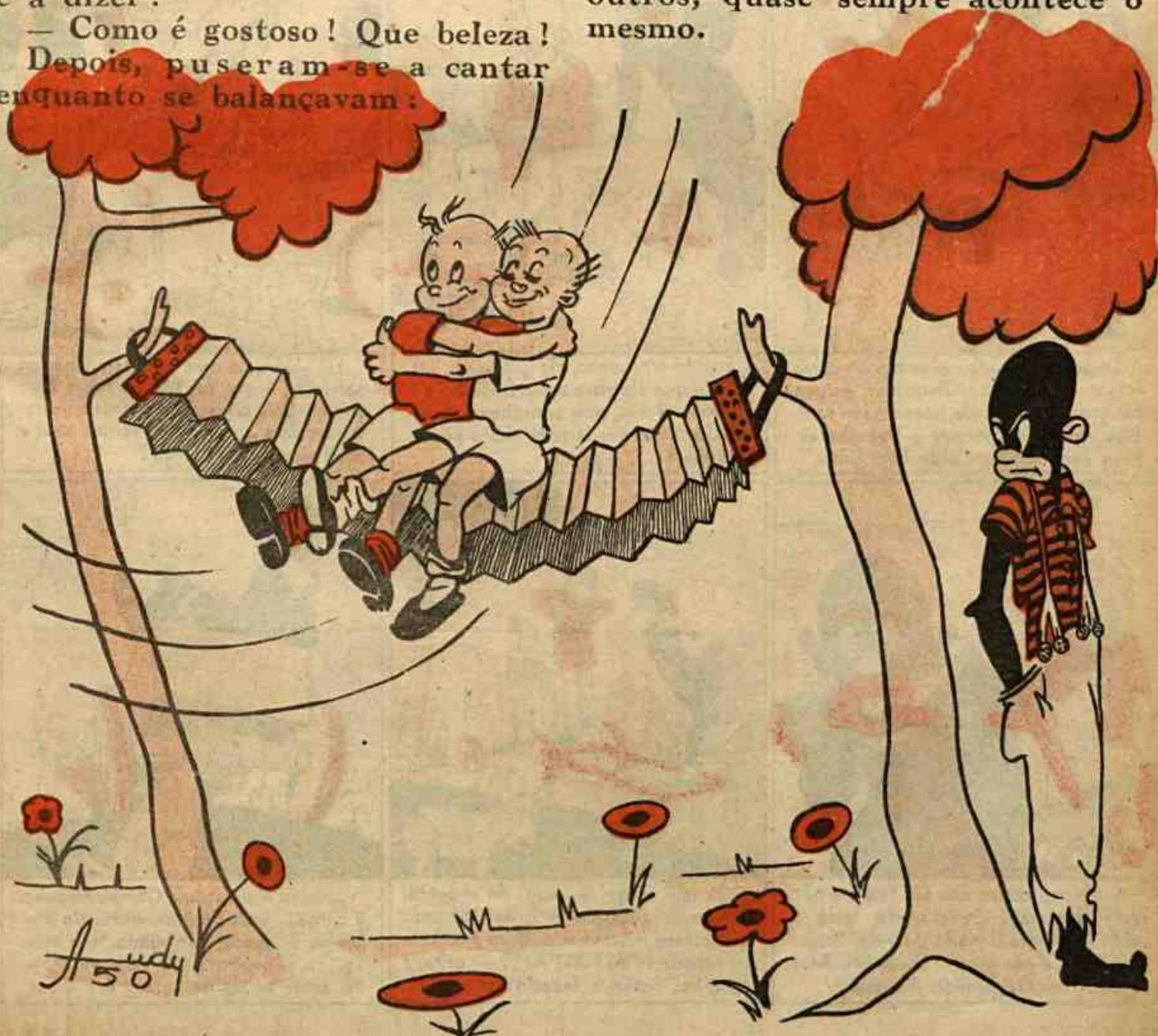
— Como é gostoso! Que beleza!

Depois, puseram-se a cantar enquanto se balançavam:

Bão, ba-balão
Bão-bão
Luizinho e Nequinho
Não andam no chão.

E cada vez mais invejoso ficava o Manduca. Ele, que tinha feito tudo para estragar a distração do outro, agora via que nada tinha arranjado. Tinha proporcionado ao companheiro uma brincadeira mais atraente ainda!

Mas nada podia fazer, porque o pai de Luizinho era homem muito forte. Por isso, nem sequer se aproximou do balanço...

Bem castigado foi Manduca por ser mau. E a todos os meninos que gostam de fazer maldade com os outros, quase sempre acontece o mesmo.

# AVENTURAS DE CHIQUINHO

Texto de GIQ

— Vamos construir um carro — decidiu Chiquinho. — Este caixote vai ser o material. E começaram as marteladas, no quintal da chácara que o papai alugou na Bôca do Mato.

Benjamim olhava e cumpria ordens. Êle é o tipo do bom ajudante, que não fala, não faz perguntas e obedece ligeiro às ordens do "mestre de obras". Já tinham até as rodas prontas!

Lá dentro, o papai estava intrigado com aquela pancadaria. O bondoso homem já tem mêdo quando Chiquinho se mete a fazer inventos e descobertas que dão sempre em encrenca...

Depois do almoço as rodas do carro foram colocadas. Chiquinho estava cansado como só êle, mas estava também contente, porque o trabalho estava para ser concluido com êxito.

Pronto o carrinho, êle gritou por Lili. Queria que ela visse o seu trabalho e o experimentasse, pois acreditava ter realizado uma verdadeira obra-prima, para êle e . . . a prima.

Lili veio e os dois tomaram lugar no carro. Aí é que foi triste para o Benjamim, pois Chiquinho lhe deu instruções cruéis... — "Nós vamos aqui e você puxa, sabe, Benja ?"

—"Você quase não fez foça, e não está cansado... Eu martelei todo o dia..." Embora danado da vida, Benjamim, que é camarada, obedeceu. Mas o carro estava pesado de véras!

Já iam longe, quando, de repente, Benjamim começou a gritar, dizendo que estava machucado. Déra uma bruta topada! "Ai! Ai! Ai!" — gritava êle... Foi, então, colocado dentro do...

...carro e aí tocou a Chiquinho puxar a carga... Tudo fôra um plano de Benjamim. E, agora, carregado "em triunfo", o negrinho ria a bom rir..." — "E' bom, andar de carro! Ih!" . . .

# VOCÊ CONHECE OS NOMES DESTES GIGANTES DO PASSADO?

**A ansiedade do homem por ampliar seus horizontes físicos e mentais nunca tem fim. O futuro está cheio de esperança, porque haverá sempre descobridores, buscadores da verdade, para apontar o roteiro a seguir. Aqui estão alguns dos gigantes do passado. Trate de recordar os seus nomes, depois de lidos os pequenos resumos, de sua atuação em prol da coletividade. Faça um esfôrço para identificar cada um deles e depois confira com as respostas que damos à página n.º 140.**

**1** Seus inventos militares impediram, durante anos, a queda de sua cidade natal, Siracusa, mas êste gênio dos tempos clássicos vive na História como filósofo e matemático. Sua importância para o mundo reside no descobrimento que fez, da lei da gravidade específica. Foi o precursor da ciência física moderna. Quando você fala em "alavanca", logo se recorda dele.

**2** Este homem representa o espírito mesmo do descobrimento, em todos os tempos. Em ciência, mecânica, fisiologia, astronomia e arte, previu muitos adiantamentos que estão sendo postos em prática só agora, e seus vastos conhecimentos aumentaram os próprios limites do mundo. Descobriu o princípio da levitação, base da aeronáutica moderna.

**3** Gastou uma vida inteira para aperfeiçoar seu descobrimento, mas quando o conseguiu, sua teoria do sistema solar derribou tôdas as anteriores crenças místicas sôbre astronomia. Demonstrou que a Terra era apenas um planeta a mais, entre muitos que se movem em tôrno do sol, e produziu com isso uma revolução no mundo do pensamento: uma apreciação inteiramente nova do Universo.

**4** Aperfeiçoador do telescópio, discerniu o princípio do pêndulo, construiu o primeiro termômetro e seu maior descobrimento foi a lei que governa a aceleração dos corpos que caem. Devemos-lhe os fundamentos da ciência da dinâmica. Quem foi que deixou cair dois pesos de diferentes tamanhos do alto da torre da Pisa, e demonstrou que ambos chegavam juntos ao solo?

**5** Este inglês descobriu a lei de que todo objeto, no universo, é atraído por outro com uma fôrça inversamente proporcional ao quadrado das distâncias que os separam (*A matéria atrái a matéria... etc., lembram-se?*). Ao formular suas três leis do movimento, estabeleceu uma teoria matemática completa das fôrças físicas do universo, e inventou uma nova espécie de matemática que chamamos "Cálculo".

**6** Os homens não conheciam senão seis planetas, inclusive a Terra, em que vivemos, até que êste músico alemão assombrou os círculos científicos ao descobrir um sétimo planeta, ainda mais distante do sol que os outros seis. Tinha emigrado para a Inglaterra, onde construíra seu próprio telescópio, e utilizando-o foi o primeiro a formular uma concepção "moderna" dos espaços estelares.

**7** A obra deste homem deu nascimento ao vasto desenvolvimento industrial, porque êle descobriu o princípio de tôda a eletricidade que corre pelas instalações do mundo. Este homem, literalmente, iluminou a Terra. Pode dizer-se que sem êle ter existido, Edison não teria sido quem foi, e que nós ainda hoje estaríamos a nos alumiar com lâmpada de querosene.

(*Respostas à página* 140)

**8** A teoria deste homem, contràriamente à moderna crença popular, não sustenta que o homem é um descendente do macaco, mas sim que ambos derivam de um comum antepassado antropóide. Mas os pontos de vista deste ex-estudante de Teologia continuam sendo tema de divergência nos círculos religiosos e intelectuais, porque é difícil a muita gente aceitá-los.

**9** Na introdução ao processo de destruir as bactérias (micróbios) nos alimentos; no estabelecimento da teoria dos germes das enfermidades; na sua prática de desinfecção nas operações cirúrgicas e na sua descoberta de um sôro que cura a raiva, ou hidrofobia, êste homem exemplifica a devoção à Humanidade que deve, em qualquer momento de sua função, ser a primeira preocupação da ciência.

**COMÉDIA EM 1 ATO**

**(A cena representa a sala de spera de um Colégio. Móveis habituais nela)**

**PERSONAGENS:**

**O Diretor .. .. .. .... — 50 anos**
**Joaquim .. .. .. .. .. — 18 anos**
**Pedro .. .. .. .. .. .. — 19 anos**
**Félix .. .. .. .. .. .. — 18 anos**

**(Ao ser levantado o pano, Joaquim está lendo uma revista.)**

PEDRO **(entrando)** — Joaquim! Você por aqui?! Que prazer! Há cinco anos...

JOAQUIM **(acolhedor)** — Viva, Pedro! Cinco anos, sim... Que é feito de ti?

PEDRO — Vai-se vivendo, graças a Deus! Mas... que foi que te trouxe até cá?

JOAQUIM — Saudades do nosso professor... e vim pedir-lhe uma recomendação para minha irmã Silvia, que quer entrar como costureira na loja de dona Rosalinda.

PEDRO — Ótimo! E tu? Estás trabalhando?

JOAQUIM — Claro, rapaz! Há dois anos que estou na fábrica de fósforos de São Gonçalo.

PEDRO — Muito bem! Eu também estou trabalhando, há um ano na Caixa Econômica. Fiz o curso ginasial até quase o fim, entrei num concurso e saí bem, fui nomeado, e embora trabalhe um bocado, estou com o meu futuro garantido

JOAQUIM — Eu, infelizmente, não pude estudar mais, depois que saímos da escola. Meu pai morreu e ficámos muito mal de vida e tive logo de me empregar para ajudar Mamãe e as meninas.

PEDRO: — E como te arranjaste?

JOAQUIM — Comecei como estafeta no Correio, graças a uma recomendação de um amigo de meu pai. Depois, mais tarde, consegui o lugar na fábrica de fósforos.

PEDRO **(pensativo)** — Tanto que a gente ria, quando o professor nos falava do futuro... Lembra-se?

JOAQUIM — Pois é. E quando a gente menos espera, esbarra com a vida e seus problemas... mais difíceis que os de matemática...

PEDRO — Bem... Mas nós, pelo menos, não nos podemos queixar... Quantos dos nossos companheiros da escola não terão, talvez, fracassado?...

JOAQUIM — Lembras-te do Adriano? O professor sempre lhe dizia: Menino, cuida-te, ou não serás nada na vida! E's um displicente e não sabes cumprir os teus deveres. Pois bem: soube, há dias, que é um vagabundo, que anda por aí, cheio de vícios, sem querer nada com o trabalho... Até num roubo andou complicado.

PEDRO — As profecias do professor!... Se os meninos, não se corrigem quando são meninos, serão sempre infelizes quando crescerem.

JOAQUIM — E' mesmo! Devemos dar graças a Deus por nos termos mantido no bom caminho, ganhando honradamente a vida!

PEDRO — Os conselhos da escola influiram sôbre nós...

JOAQUIM — Cousa muito verdadeira é isso de que a pessoa deve acostumar-se, desde cedo, a chegar o tempo, começando pela escola, para mais tarde não viver chegando atrasado no trabalho.

PEDRO — Uma grande verdade!

JOAQUIM — Para ter êxito é também preciso possuir certo espírito de trabalho e sacrifício. Eu entrei para a fábrica como varredor. Passei depois para a secção de embalagem. Hoje melhorei. Estou no escritório. E tenho promessa de melhorar mais. Mas pego firme, sem achar nada ruim...

Achou tão cheirosas...!

PEDRO — Assim é que deve ser, meu amigo **(pausa)** Mas... parece que aí vem o Professor...

**(Entram o professor e Felix, mal vestido e com um certo "jeitão).**

DIRETOR **(sem os reconhecer)** — Bom dia senhores. Que desejam?

PEDRO — Não nos reconhece, Professor?

DIRETOR — Ora, ora vejam só! Meus antigos alunos, Pedro e Joaquim! Foram-lhe daqui há cinco anos... não é isto? Sim, sim... Cinco anos! Lembro-me bem! Estão uns homens e eu me sinto ainda mais velho... Hoje foi um belo dia para mim... Três antigos alunos me procuraram! Então? Não se recordam do nosso Félix? Foi do tempo de vocês...

JOAQUIM — Claro! Eu me lembro, sim! Como vai, Félix?

PEDRO — O apelido dele era "Lagarto"... Um abraço, Felix! **(abraçam-se).**

DIRETOR — E a que devo esta visita de vocês?

PEDRO — Eu estou em férias e vim fazer-lhe uma visita...

JOAQUIM — Quanto a mim, professor, vim pedir-lhe um obséquio mais. Desejo que Silvia, minha irmã, comece a trabalhar numa oficina de modista, e preciso de uma carta de recomendação. Lembrei-me, então, do senhor, que nos conhece...

DIRETOR — Pois não, meu filho! Com o maior prazer. Mas, sentem-se e contem-me o que fazem, qual a vida de vocês...

PEDRO — Eu trabalho há um ano na Caixa Econômica, e ganho mil e seiscentos cruzeiros.

DIRETOR — Muito bem! E tu, Joaquim continuas na fábrica?

JOAQUIM — Continuo, professor. Estou agora ganhando sessenta cruzeiros por dia, mas com promessa de melhorar.

DIRETOR — Que alegria se sente quando se vê os filhos — porque eu considero vocês meus filhos, bem o sabem — encaminhados na vida. Todas as ingratidões e dores são esquecidas, quando o destino nos proporciona momentos como êste. Todos os meus alunos deveriam ser como vocês. Todos receberam igual instrução, os mesmos conselhos, mas alguns, infelizmente, não souberam aproveitar bem uns nem outros, e se desviaram para caminho errado... **(Lembrando-se de Felix)** Ah! desculpa, Félix...

FÉLIX (emocionado) — Estou tão envergonhado, professor! Os conselhos que me deu lá dentro, nada são diante desta lição que acabo de receber. Enquanto os meus companheiros, bem vestidos e com a fronte erguida, aqui vêm cumprimentar o professor e proporcionar-lhe alegria, eu, tão indigno, vim amargar-lhe a vida e... pedir-lhe dinheiro... Tome, professor, o dinheiro que me deu; não o quero assim. Quero ganhá-lo honradamente, trabalhando. Não serei mais um ocioso, e algum dia hei de me apresentar aqui, como fizeram agora Pedro e Joaquim, meus colegas, que souberam aproveitar os seus ensinamentos.

DIRETOR — A vida é cheia destes exemplos. Aquele que cruza os braços à margem do caminho, nunca será nada. E' preciso lutar, fazer frente à vida, com coragem. Quando se é moço, o futuro está aberto a todos e é então quando se faz necessário trabalhar, para preparar uma velhice tranquila... Já pensaram no que haverá de tristeza em se chegar à velhice e não ter sequer um lugar onde esperar a morte?

JOAQUIM — Bem, professor, mas não falemos mais nisso. Félix recebeu uma boa lição, que mudará de rumo sua vida por completo. Eu lhe ofereço, lá na fábrica, o lugar em que comecei. Está vago e o chefe me incumbiu de arranjar um ocupante disposto a trabalhar. Ganhará sua vida decentemente É um começo. Deixará o ambiente onde tem vivido, que é ruim. Portando-se bem e trabalhando com boa vontade, logo melhorará...

PEDRO — Eu tenho para o Félix algo que lhe será de muita utilidade. Creio que não se vai ofender pelo insignificante presente que lhe faço, como companheiro, e com toda a sinceridade.

DIRETOR — O que acaba de se passar aqui, meus filhos, me tira o peso de muitos anos das costas. A alegria que estou sentindo me rejuvenesceu, nunca a esquecerei. E' o melhor prêmio que um professor poderá desejar.

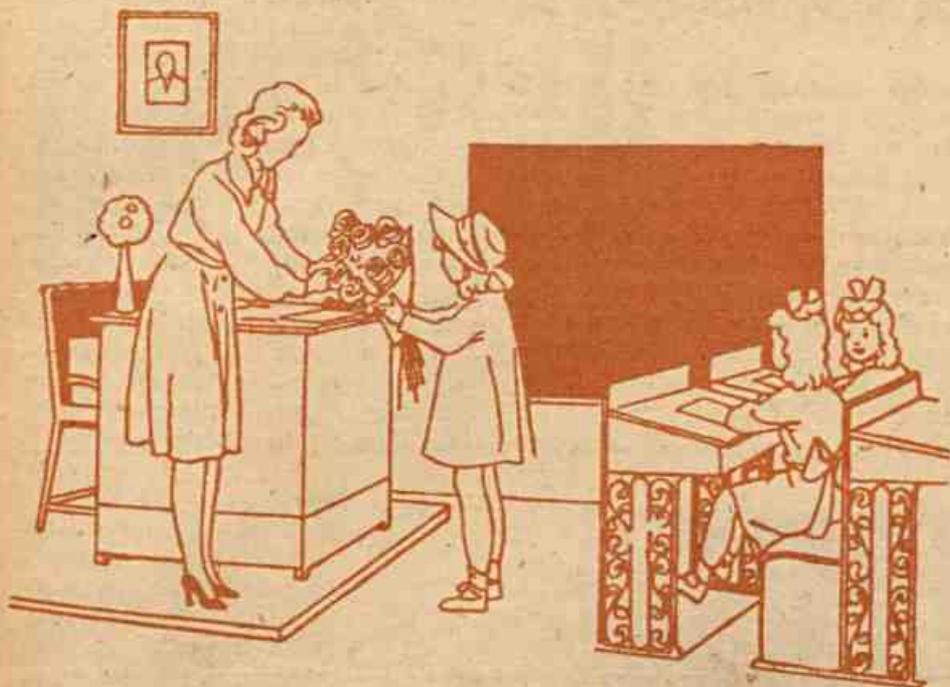
PEDRO — Agora, senhor Diretor, um favor...

DIRETOR — O que quiseres, meu filho!

PEDRO — Para festejar êste dia feliz, proponho que vamos jantar juntos, os quatro. Eu os convido.

JOAQUIM — E eu os convido para um teatro, depois do jantar.

**(Continua no fim do numero)**

CONSTANCIO C. VIGIL

# UMA ALUNA AGRADECIDA

ESTAVAM na aula de Geografia quando o porteiro da escola entrou na sala e anunciou à mestra que uma menina desejava falar-lhe.

A professora deu ordem para que fizesse entrar a visita.

Assim que a menina entrou disse:

— Bom dia, dona Luzia.

A mestra respondeu à saudação e dirigindo-se às alunas, disse:

—Esta menina foi minha aluna e chama-se Irene Martins. Foi obrigada a deixar a escola porque teve que viajar com os seus pais. Esteve na Europa, não foi, Irene? Disse estas ùltimas palavras e esperou a afirmativa da menina.

— E', dona Luzia, e teremos que voltar lá outra vez. E com modos de uma pessoa adulta, continuou:

— Não quís ir embora sem dizer-lhe adeus e agradecer-lhe tudo que me ensinou. Nunca esqueci a boa mestra que a senhora é.

Dizendo estas palavras ofereceu à professora um lindo ramo de rosas. Esta pegou nas flores e, muito comovida, disse:

— Muito agradecida, Irene! Você foi sempre uma aluna exemplar. Só tenho boas recordações de você.

Neste momento entra na sala a diretora, acompanhada de um cavalheiro.

— Dona Luzia, — disse a diretora — este senhor é o pai de Irene.

Deseja dizer-lhe que sua filha veio cumprimentá-la sem que ninguém mandasse.

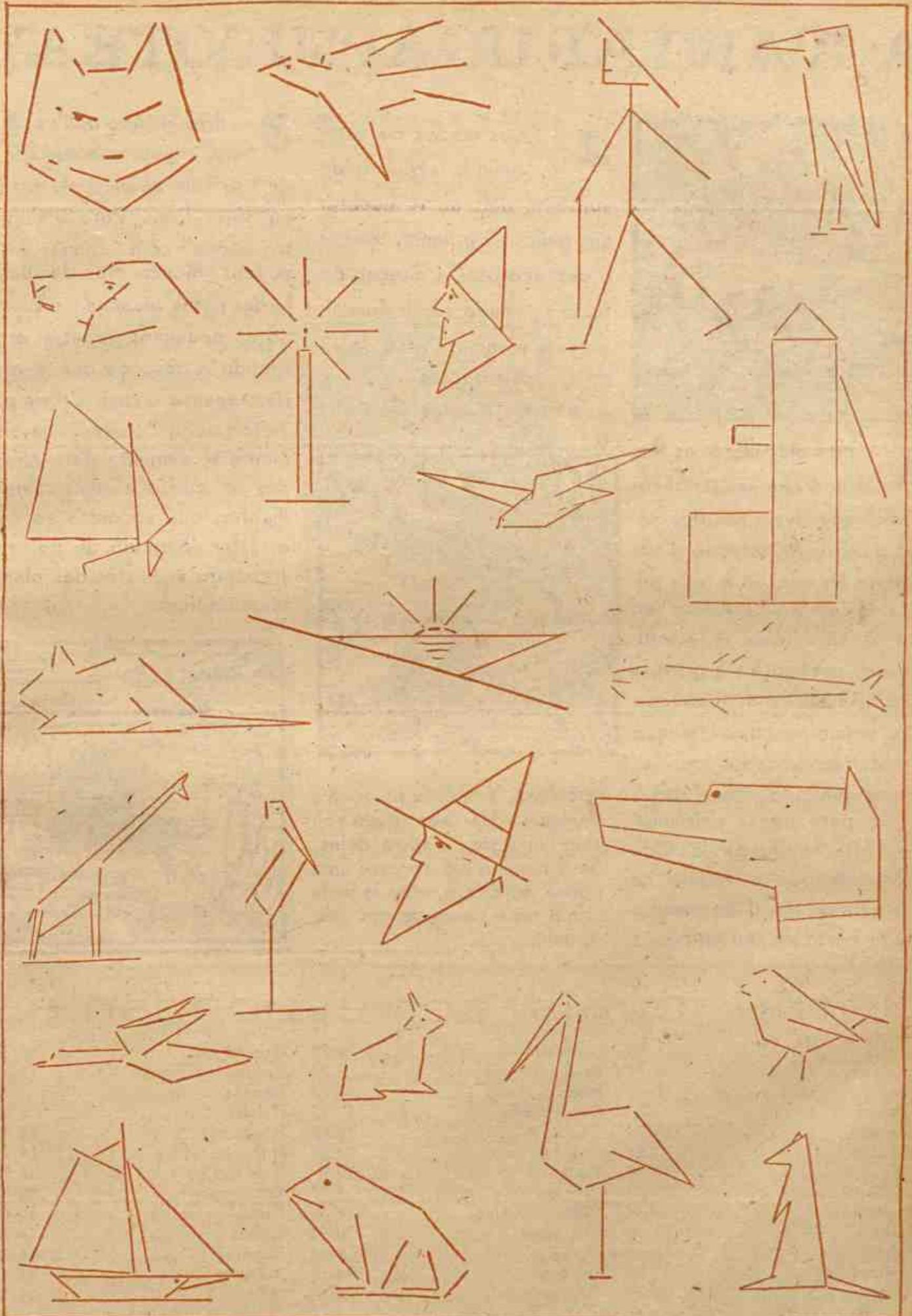
Nem o pai, nem a mãe dela mandaram que ela viesse aqui, assim como não lhe deram dinheiro para comprar flores. Irene espontaneamente foi guardando as moedas que ganhava para comprar guloseimas e adquiriu as flores. Depois pediu ao pai que a acompanhasse até aqui.

A professora, muito emocionada e com os olhos marejados, abraçou e beijou a sua ex-aluna.

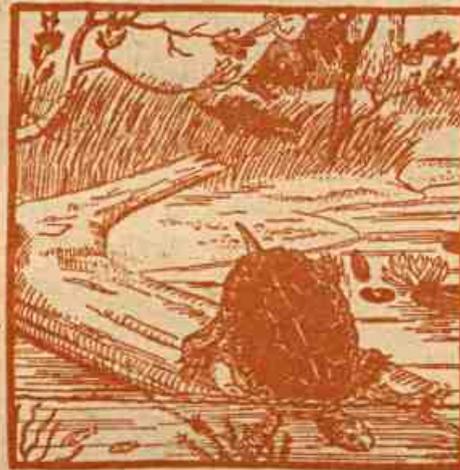
Um bonito gesto teve essa menina. Todos nós devemos ser reconhecidos aos nossos mestre, principalmente, àqueles que nos tiraram da ignorância, como as nossas professoras das primeiras letras.

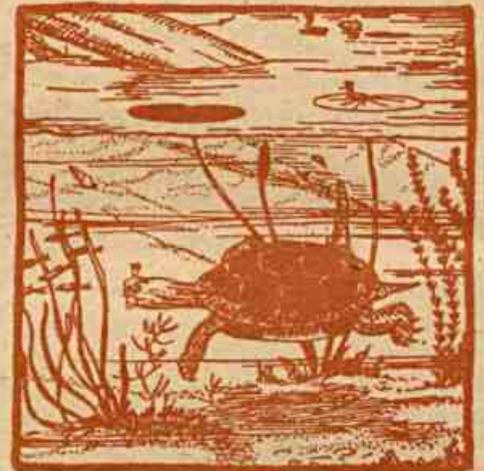
## Desenhos com linhas retas

*NA página ao lado oferecemos aos leitores um bom passatempo: fazer desenhos com linhas rétas.*

*Reproduzindo os desenhos que ali aparecem, e criando outros, os nossos amiguinhos se exercitarão num brinquedo útil, ao mesmo tempo agradável e construtivo.*

# A TARTARUGA "JICOTEA"

**1** — Nos dias claros as tartaruga chamadas "Jicoteas", que vivem nos rios, sáem da água e, subindo a um tronco ou raiz, ou a uma pedra, ficam a se aquecer ao sol, durante horas. A tartaruga que nos mostra a gravura não está dormindo, embora não preste nenhuma atenção ao Martim-Pescador que se atirou duas ou três vezes à água, para pegar peixinhos, pois está habituada à vida selvagem que a rodeia na margem do rio, onde passa a maior parte de seu tempo.

**2** — Pelos modos ela estava ouvindo algum ruido suspeito, pois ao se quebrar um galho ali adiante, moveu o pescoço para a direção do ruido e, vendo surgir uma figura de menino, tratou de virar-se, mais depressa do que se poderia esperar de uma

tartaruga, e meteu-se dentro da água. Ela sabe quem são seus inimigos, e foge deles. Se o menino lhe atirasse uma pedra no casco, doeria nela como uma pancada em nossa unha.

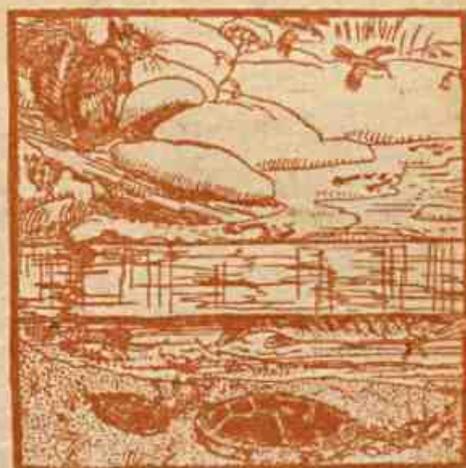
**3** — Essa história de "vagaroso como uma tartaruga" só vale quando ela está em terra firme. Porque dentro dágua com apenas uns poucos movimentos de suas largas patas, alcança um bando de pequenos peixes e, estirando o pescoço com rapidez, apanha o mais próximo. A tartaruga "jicotea" geralmente se alimenta de minhocas e outros animais semelhantes, que encontra ao se arrastar no fundo do rio, ou trepando às hastes das plantas aquáticas.

# Horas locais correspondentes

| Local | Hora |
|---|---|
| Açores | 13.4 |
| Adelaide | 0.22 |
| Aden | 17.52 |
| Argélia | 15.2 |
| Atenas | 16.26 |
| Auckland, N. Z. | 2.22 |
| Baía | 12.00 |
| Bangkok | 21.33 |
| Barbados | 10.54 |
| Batávia | 21.59 |
| Belize | 8.58 |
| Berlim | 15.52 |
| Bermuda | 10.53 |
| Bombaim | 20.22 |
| Brisbane | 0.52 |
| Buenos Aires | 10.36 |
| Cabo Verde | 13.12 |
| Cáiro | 16.52 |
| Calcutá | 20.22 |
| Ceilão | 10.6 |
| Chicago | 9.2 |
| Cidade do Cabo | 16.52 |
| Colombo | 20.22 |
| Dunedin | 2.22 |
| Durban | 16.52 |
| Georgetown | 10.59 |
| Greenwich | 14.52 |
| Halifax | 10.37 |
| Havana | 9.23 |
| Hobart | 0.52 |
| Hongkong | 22.52 |
| Honolulu | 4.21 |
| Istambul | 16.52 |
| Leningrado | 16.53 |
| Lima | 10.6 |
| Lisboa | 14.16 |
| Londres | 14.52 |
| Madeira | 13.45 |
| Madri | 14.52 |

# E SUA VIDA CURIOSA

**4** — Ao findar a primavera esta "jicotea" se arrastou até a margem arenosa e cavou um buraco, no qual depôs vários ovos, que cobriu com areia, para que o calor do sol os incubasse, ou chocasse, como se costuma dizer. Enquanto se ocupava nessa tarefa, aquele corvo astuto a observava, esperando só que ela se afastasse, para então descer, escavar onde estavam ocultos os ovos, parti-los e comê-los. Dentro da Natureza, é assim. Chama-se isso a luta pela vida, que entre os irracionais não tem leis, nem as reconhece.

**5** — Enquanto a fêmea punha os ovos, o macho viajou. Foi para outro rio, laguna ou charco, vencendo distância nunca maior de uma milha, para ver se encontrava

melhor alimento. Para isso teve que ir por terra, arrastando-se pelo monte. De repente uma raposa se atirou em cima dele. Ele escondeu a cabeça, a cauda e as pernas, em baixo da carapaça. A raposa fez o que poude, mas não conseguiu ver-lhe a cara. Acabou desistindo.

**6** — A "jicotea" vive nas regiões onde os rios congelam no inverno. Quando isso se dá, não póde sair à superficie para respirar, e em terra morreria de frio; mas a Natureza lhe deu meios de dormir sem respirar e durante o inverno ela dorme enterrada no lôdo do fundo dágua. Só quando a primavera vem, e derrete o gêlo, e a água se aquece de novo, acorda do seu sono hibernal e volta à vida ativa de novo.

## ao meio-dia no Rio de Janeiro

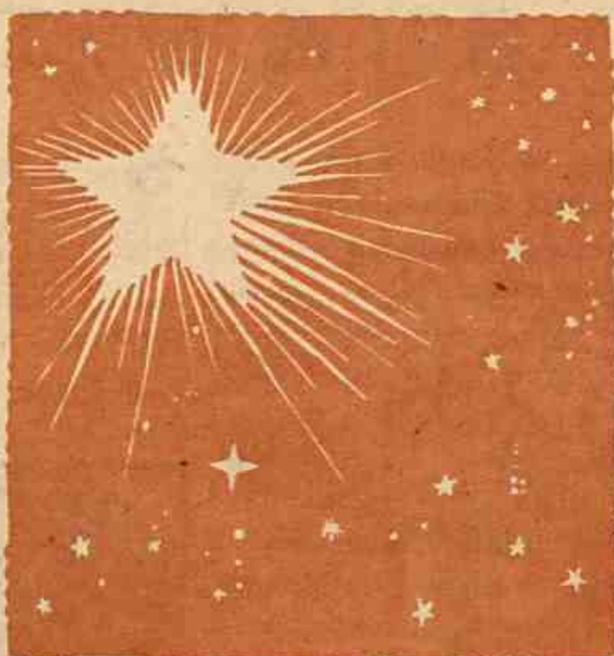
| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| Malta | 15.50 | Peiping (Peking) | 22.38 | Stockolmo | 16.4 |
| Mauritius | 18.42 | Perth W. A. | 22.52 | Suakim | 17.12 |
| Melbourne | 0.52 | Filadélfia | 9.51 | Tanger | 14.19 |
| México | 8.16 | Pretória | 16.52 | Teheran | 18.17 |
| Montreal | 9.58 | Quebec | 10.10 | Tókio | 23.52 |
| Moscou | 16.53 | Rangoon | 21.17 | Toronto | 9.34 |
| Nova Orleans | 8.52 | Rio de Janeiro | 12.00 | Trindade | 10.46 |
| Nova-York | 9.56 | Roma | 15.52 | Valparaiso | 10.5 |
| Oslo | 15.52 | São Francisco | 6.44 | Vancouver | 6.38 |
| Panamá | 9.34 | Shangai | 22.52 | Viena | 15.52 |
| Pará | 12.00 | Sidney | 0.52 | Washington | 9.44 |
| Paris | 15.2 | Singapura | 21.47 | Zanzibar | 17.29 |

# ESTAMPAS DO NATAL

## A ESTRÊLA

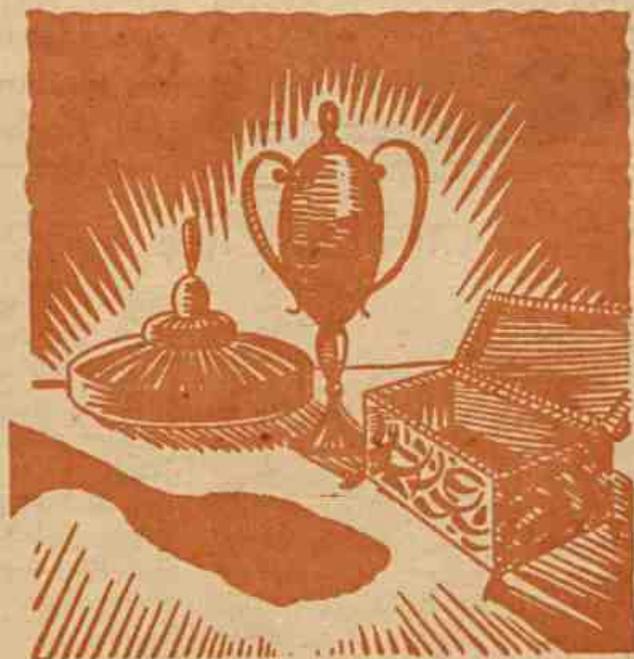
A astrologia babilônica — mais adiantada da época — não conhecia astro algum que se movesse no espaço e de súbito se detivesse. Por isso o sacerdote da lei, homem dado ao estudo da ciencia e religião, tão poderoso como Cesar, conhecedor do azul eterno do céu, embora tudo prevendo ficou deslumbrado com o aparecimento. No suave cenário, a estrêla emitiu facho de luz afugentando o negrume da noite. E a estrêla caminhava lenta, enorme, sobrenatural, encantada, cheia de todas as radiações como um sol.

## OS MAGOS

Caravanas vindas do Irã, de homens brancos, de junto de Bassora e homens de origem asiática, e outras compostas de negros das regiões banhadas pelo Nilo e Mar Vermelho, trouxeram até junto da manjedoura os reis Melquior, Gaspar e Baltazar. Sobre os areais quentes entre loureiros, palmeiras, figueiras, roseiras bravas, ao passo tardo de longas caminhadas pelos desertos, chegou a caravana dos poderosos para adorar o menino, filho dum carpinteiro de Nazareth e duma mulher de Caná. Uma estrêla mostrava aquela criança como um ser divino.

## PASTORES

Foram os mais humildes pastores das colinas de Samaria e Judá que avistaram a estrêla deslumbrante e compreenderam a significação do aviso celeste. Também os paupérrimos pescadores do lago Genesareth foram os primeiros escolhidos para ouvir as lições do divino mestre.

Porque são os que sofrem, os pobres, os desgraçado, o humildes, que mais depressa compreendem os caminhos da verdade e estão mais próximo do céu.

Porque é no sofrimento que mais precisamos confiar em alguem.

**O PRESÉPIO**

No lugar onde os animais descansam do trabalho e onde comem e dormem; no lugar que não tem enfeites como erradamente fizeram os pintores da Renascença, foi ali que naseeu o filho de Deus. Foi afinal uma lição que ninguem segue, um exemplo sempre esquecido, êsse da estrebaria em que apareceu para o mundo Aquele que os homens haviam de matar; um velho estábulo onde faltava todo o conforto para o ente que nasceu numa noite fria.

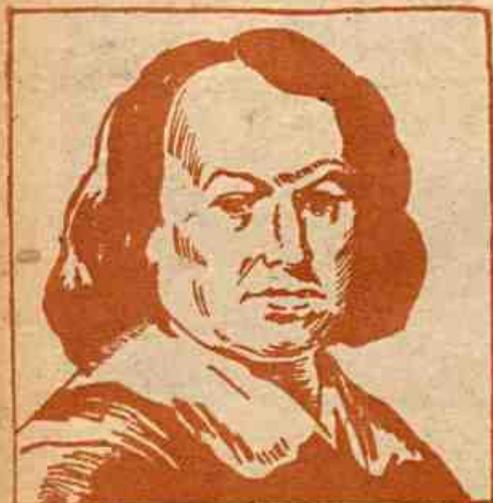
**O BURRO**

Em Betlem, junto do berço, na noite fria, assim como mais tarde na fuga para o Egito, na areia escaldante, era você, meu irmão burro, que estava sempre junto do carpinteiro, da Virgem e do filho de David. Ainda podia ser lembrada a cena daquela manhã de ouro na entrada triunfal do domingo de Ramos. Mas os homens são ingratos, e hoje usam chicote contra o corpo que levou Deus.

**O INVASOR**

Nos muros de Nazareth estavam os pergaminhos com a proclamação de César, que ordenára o recenseamento. Era a orgulhosa Roma — conquistando e depredando — que havia usurpado o govêrno da Judéia e nomeara Herodes governador, tendo por soberano um estrangeiro imposto ao povo de Israel

SEBASTIÃO FERNANDES
Desenhos de GOULART

# MURILLO
## UMA GRANDE FIGURA DA ARTE

SEMPRE que nos referimos à pintura, um nome nos vem à mente: Murillo. Quem foi esse artista ? Vale a pena conhecer-lhe a biografia, embora resumida.

Bartolomeu Estevão Murillo nasceu em Sevilha, na Espanha, em 1618, e era filho de um casal de modestos tecelões, pelo que teve uma infância pobre e sem relevo.

Mortos seus pais, Juan Del Castillo, seu tio, vendo que o rapazinho demonstrava vocação artística, fê-lo estudar pintura.

Mais tarde Murillo se fez amigo de Moya e de um grande pintor, Velásquez, podendo dedicar-se ao estudo de todas as obras famosas, coleções públicas e particulares, de Madrid.

Regressando a Sevilha, Murillo começou a trabalhar, e reproduziu quadros dos mestres que havia estudado na capital, mas não demorou a se libertar da influência dos seus modelos, revelando, então, sua prodigiosa originalidade.

Trabalhando dia e noite, produziu muitas e famosas obras.

A "Imaculada Conceição" foi um dos seus quadros mais notáveis.

Existe ainda hoje, no afamado Museu do Louvre, em Paris e faz parte da coleção de obras-primas de que se orgulha a Humanidade, deixada pelos verdadeiros gênios da arte, que viveram em outros séculos.

Outros assuntos religiosos foram admirávelmente tratados pelo artista, entre êles a morte de Santa Clara, os extases de São Francisco, a vida caritativa e abnegada de São Tiago, a fuga da Sagrada Família para o Egito, a vida de Santa Isabel da Hungria, etc.

### DEFINIÇÕES SEMI-LOUCAS

**Um CANIBAL** é um senhor que gosta mais de ter gente na sua mesa, do que à sua mesa.

•

**Um CONVERSADOR** é um senhor que em lugar de prestar atenção a quem lhe está falando, está pensando no que vai dizer quando o outro calar a boca.

•

**Um GENIO** é um homem simplesmente inteligente, mas que já morreu.

•

**As GAVETAS** são os bolsos dos móveis.

•

**O LAPIS-TINTA** é um lapis que deixou de ser lapis sem chegar a ser tinta.

•

**As ROSCAS** são os salva-vidas da fome.

*Um dos quadros de Murillo*

Murillo estava pintando, em Cádiz, um quadro intitulado "As bodas de Santa Catarina", quando o andaime sôbre o qual trabalhava se quebrou, jogando-o violentamente ao sólo.

Em consequencia dessa quéda, Murillo veio a falecer, em 1682.

Morto embora, porém, sua obra genial ainda perdura, para recordar o seu nome de eleito da verdadeira arte.

Dia de chuva

*— Buenos dias, amigo! Tem aí um modêlo de chapéu com calha?*

# Que é um Galicismo?

GÁLIA era o antigo nome da França.

O emprêgo de palavras ou expressões francesas chama-se galicismo. Você não deve empregar galicismo. Procure a palavra portuguêsa correspondente. Aí vão alguns galicismos que você deve evitar:

Abat-jour — quebra-luz, sombreira, pantalha.
Vitrine — mostruário.
Chic — elegante.
Manteau — capote, sobretudo.
Bouquê — ramo, ramalhete.
Gafe — deslize, engano, tolice.
Maillot — roupa de banho.
Kermesse — feira de caridade.
Lorgnon — luneta.
Madame — senhora.
Massacre — matança.
Mademoiselle — senhorinha, senhorita.
Assassinato — assassínio
Nuance — gradação, cambiante.
Ouverture — protofonia.
Etiqueta — letreiro, rótulo, formalidades.
Eventualidade — acaso.
Fanado — murcho.
Panfleto — livrinho, folheto.
Pince-nez — luneta.
Placard — edital, cartaz.
Pleurisia — pleuriz, pleurite.
Banal — vulgar, corriqueiro.
Elite — escol.

*"Sêo" Juvencio vai para casa. Mas parece que está perdido. Se você partir daquela bolinha perto do pé dele, e seguir pela linha preta, é capaz de ir com êle até em casa?*

# HISTÓRIA DE UM instrumento fidalgo

APESAR de em tempos remotos terem existido na India, no Egipto, Babilônia, Judéia e Grécia instrumentos de corda parecidos com o atual violino, póde-se dizer, contudo, que sua criação, na Itália, data de um par de seculos.

E quando se fala ou escreve sôbre êsse fidalgo instrumento — que os nossos avós chamavam de "rabeca" — logo nos vem à mente um nome: Stradivarius, que foi o maior de todos os fabricantes de violinos, há mais de duzentos anos, e o mais célebre de todos êles. Hoje, um violino Stradivarius — pois o instrumento tomou o nome do fabricante, como sinal de excelência e qualidade — vale fortunas.

Por mais que se investigasse, até hoje não se conseguiu descobrir o segredo da fabricação dos violinos de alta classe, segredo que os grandes mestres italianos levaram para o túmulo. Stradivárius passou 94 anos trabalhando na fabricação desses instrumentos e ao morrer não deixou continuadores.

Não se sabe quem descobriu o primeiro violino. O instrumento mais parecido com êsse era a viola, feita em vários tamanhos, capaz de produzir as notas de alto, tenor e baixo. Nos séculos XIV e XV começaram a ser usados para acompanhamentos dos cantos polifônicos, então introduzidos nas igrejas.

Entre os contemporaneos de Stradivárius dedicados à arte de fabricar tais instrumentos, destacam-se Gasparo da Salo e Magini e ainda Zanetti, Guarneri, Nicolas Amato.

Eram homens trabalhadores, apaixonados pela sua arte, mas nenhum sobrepujou Stradivárius. Conta-se de Magini que demorava cerca de 18 meses — ano e meio! — trabalhando num instrumento, e tanto era assim que em tôda a sua carreira não construiu mais de cinquenta violinos. E morreu com 51 anos de idade.

Antonio Stradivárius nasceu em 1644 e morreu em 1737. Vinte anos de sua vida quase centenária, passou-os êle na oficina de Amati, de que já falámos, onde construiu os mais delicados instrumentos, com o nome do mestre. Foi um jovem terrivelmente romântico. Aos 18 anos enamorou-se perdidamente de uma viuva dez anos mais velha que êle. Casaram-se e foram muito felizes sempre. Quando o artista contava 49 anos a esposa morreu, e êle não mais se casou.

Vale a pena, entretanto, recordar dois grandes pioneiros, nascidos fóra da Itália, pois aqueles de que falámos eram todos italianos.

Trata-se de Gaspar Tifenbruker e Jacob Steiner. Ambos possuiram almas profundamente poéticas. Viveram em um mundo de música e de sonhos, ou melhor, em um mundo que se resumia num unico e grande sonho: o do violino perfeito. Para conseguir um instrumento que produzisse o suave som hoje conseguido pelos fabricados por Stradivárius, êles teriam dado tudo. Melhor dizendo, tudo deram mesmo, pois que suas vidas foram dedicadas a esse objetivo. Não o puderam, entretanto, ver realizado.

**JOSÉ ANTONIO DURAN**

Coube a outro homem, nascido depois, a Antonio Stradivarius, colher as glórias que êles desejavam.

Gaspar nasceu no Tirol. Descendia de uma velha família de fabricantes de violas, de Insbruck. Separou-se dela muito cedo. Vagava dias inteiros pelas florestas, dizia êle que "ouvindo a música das árvores, o soar da madeira, o canto do âbeto". Num dos violinos que fabricou, encontraram esta inscrição: "Passei minha vida no bosque. Enquando vivi, fui mudo. Só agora, que estou morto, posso cantar com tanta doçura.

*Stradivarius*

Esse artista mereceu a proteção de Francisco I, que o chamou para seu palácio, em Paris. Mas não apreciava a côrte e vivia encerrado no seu quarto, trabalhando e dedicado ao ao seu grande sonho. Francisco I, além de o sobrecarregar de trabalho, era mau pagador e um dia êle alegou motivos de saúde e se foi embora para Lião, onde instalou oficina, ali residindo até morrer em 1521.

Há quem afirme que só existem no mundo, atualmente, três violinos fabricados por Tifenbrucker, construidos em 1511, 1517 e 1519.

Um século depois dele, nasceu, também no Tirol, Jacob Steiner. Estava animado por uma paixão talvez mais forte e dominadora. Também êle vagava pelos bosques dos arredores de Insbruck, atento ao som das madeiras. Chegava a golpear as árvores com um martelo, para conseguir suas notas. Seu pai e irmãos, simples carpinteiros, achavam que fabricar instrumentos era coisa sem importância era perder tempo. Chamavam-no louco. E, na realidade, Jacob acabou a vida louco, mas naquela época ainda não era. O que havia nele era gênio, e um dom todo especial.

Um dia fugiu de casa. Trabalhou dois anos como aprendiz na oficina do grande Nicolas Amati e o mestre logo percebeu a extraordinária habilidade de que o moço era portador. Amati pensou em casá-lo com uma filha, para ser êle o seu sucessor, mas á primeira insinuação feita sôbre isso, o rapaz, sem dizer uma palavra, arrumou o que era seu e fugiu da casa do mestre. Devia ser um bocado feia a tal filha de Nicolas.

Houve outro grande nome, ligado à história do violino: Giusepe Guarneri de que falámos no começo. Este, construiu grandes e potentes violinos. Fabricou um que tinha o apelido de "canhão", no qual Paganini gostava muito de tocar. A facilidade que êle achava em construir os mais delicados instrumentos, fazia com que não desse valor nenhum às obras primas que fabricava. E não ligava, mesmo, muita importancia à sua arte, embora fosse genial.

De todos os grandes nomes, todavia, Stradivárius, como já ficou dito, passou á posteridade como sendo o máximo. Dizer-se de um instrumento que é um Stradivárius, é dizer tudo. Tem-se vendido violinos atribuidos ao mestre, por verdadeiras fortunas.

# AS QUATRO OPERAÇÕES

— Olá, amigo Sibiringa! Pelo que vejo, você tem aí dois pacotes de figos... Vamos brincar de escolinha? Eu sou o professor. Você é um aluno. Pois bem! Agora me diga: Você pagou dez cruzeiros por um pacote e dez pelo outro... Total, vinte cruzeiros. Que vem a ser isso?
— Eu sabia, professor...

— Sabia... sabia... Dez e dez são vinte! Chama-se isso uma adição! Agora, vejamos: eu lhe tomo um desses pacotes, e fico com êle para mim... Você fica com o outro, e ainda fica com figo demais... Então? Como se chama essa operação?
— Um roubo, professor...

— Nada disso. Olhe para mim e aprenda: é uma subtração... Agora, preste atenção. Eu dou quatro pulinhos assim. Cada pulinho é acompanhado de três voltinhas no ar. Então? Que foi que eu fiz? Quatro vezes três são doze... Não sabe?
— Fez papel de bôbo, pulando e rodando.
— Não, senhor, seu Sibiringa! Fiz uma multiplicação!

— Muito bem! Agora, vamos fazer as pazes, mas ainda falta a última operação. Dois pacotes de figos estão aqui. E nós somos dois. Você fica com o seu, e fica até com figo demais, e eu fico com o outro, em paga da aula... Viu, seu morreco? Fiz uma divisão! Hein! Que tal? Ainda acha que fiz papel de bôbo? E até logo, que vou comer os meus figos!

# NARIZES e NARIGUDOS

UMA vez um poeta repentista fez estes versos, sôbre o nariz enorme de outro:

**Nariz, nariz e nariz,**
**nariz que nunca se acaba.**
**Nariz que, se êle desaba,**
**faria o mundo infeliz . . .**

O dono do narigão não devia ter gostado, pois ninguém gosta de ser troçado assim. Mas a verdade é que tem havido narizes célebres, pertencentes a homens que passaram à história...

Entre os narigudos famosos, figura, como um dos mais falados e conhecidos, Cirano de Bergerac, o protagonista do conhecido drama de Edmond Rostand, que tem o seu nome.

Mas Cirano de Bergerac era uma figura de ficção.

Gente que existiu mesmo, célebre pelo tamanho do nariz, houve também.

*Jean S. Bailly, fidalgo francês, tinha um nariz de ponta, apontando para baixo.*

Por exemplo: o duque de Roquelaure que dizem ter um narigão parecido a uma tromba de elefante; o rei Francisco I, da França; o rei Christiano IV da Dinamarca; o célebre Carlos XII da Suécia; o famoso poeta francês Pierre Corneille, cujo apêndice nasal tinha a forma do timão de um navio; Voltaire, os papas Gregório "o Grande", Bonifácio IV, Leão III, Bonifácio VI, Alexandre IV, João XVI, Pio III, Inocêncio XI e Paulo III.

*Um dos irmãos Grimm, autôres de livros de histórias infantis afamados, era narigudo como aqui se vê.*

Foram também homens de respeitável nariz, Fenelon, o abade Dubois, o bispo Dupanloup e o abade Genest, que mereceu por êste motivo, uns versinhos parecidos com aqueles do começo desta nota, feitos por uma fidalga, a duqueza de Maine.

Mas entre todos êsses narizes sobressairam o do inglês Thomas Wedders, verdadeiro fenômeno do seu tempo, e o do vigário de Fresno de Torote, na Espanha, que inspirou ao afamado poeta Quevedo aquele famoso soneto que começa assim:

**— Era um homem grudado num nariz . . .**

Houve também, é claro, mulheres narigudas.

Uma delas inspirou curiosos versos a um humorista espanhol (parece que os poetas espanhóis adoram fazer versos aos narizes, não?), versos que, para os que não entendem espanhol, aqui vão em tradução, mais ou menos:

"Teu nariz em qualidade
é, por sua natureza,
símbolo do cumprimento,
e cifra da imensidade.

*O famoso Ariosto possuia um nariz bem respeitável . . .*

Sái sempre de tua casa
antes de ti, Beatriz,
e vai sempre tão na frente
que já nem é mais nariz."

Lembra-nos, agora, a continuação daqueles versos com que principiamos esta nota.

O poeta, depois de dizer coisas e coisas do nariz do outro, termina dizendo que o tal narigão

"Posto entre o Sol e a Terra
faria eclipse total."

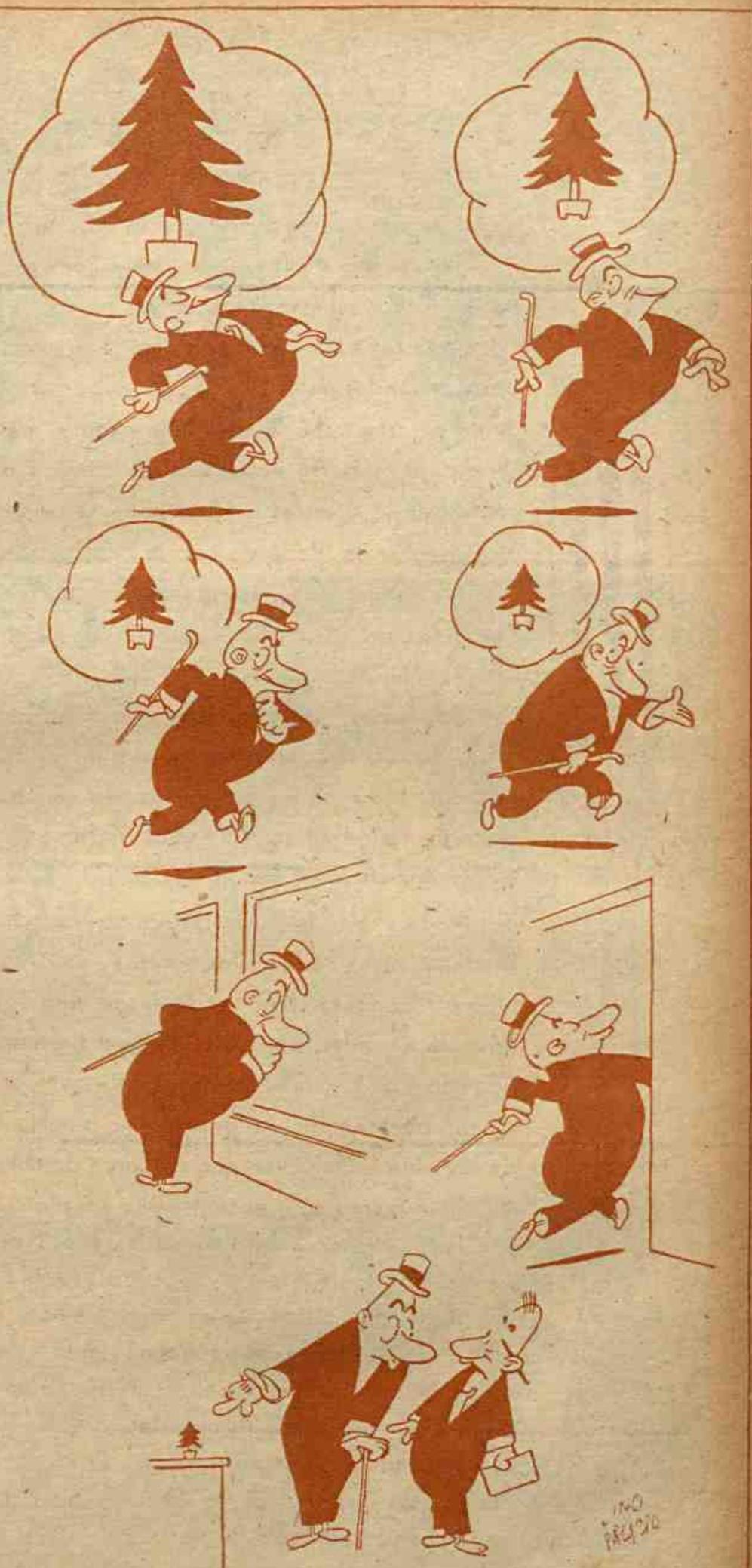
*Hans Cristian Andersen outro autor de livros para meninos, e seu nariz avantajado.*

Pobres narigudos! Como deve ser desagradável ouvir uma zombaria dessas!

Mesmo porque não fica bem uma pessoa zombar de qualquer defeito físico de outra.

Deus deu a cada um de nós o seu aspecto, suas qualidades e seus defeitos.

E' falta de bons sentimentos de caridade, zombar-se dos defeitos alheios.

Isso é coisa que nenhum dos nossos leitores deverá fazer jamais, sob pena de cometer feio pecado, perante Deus.

# O TALHER

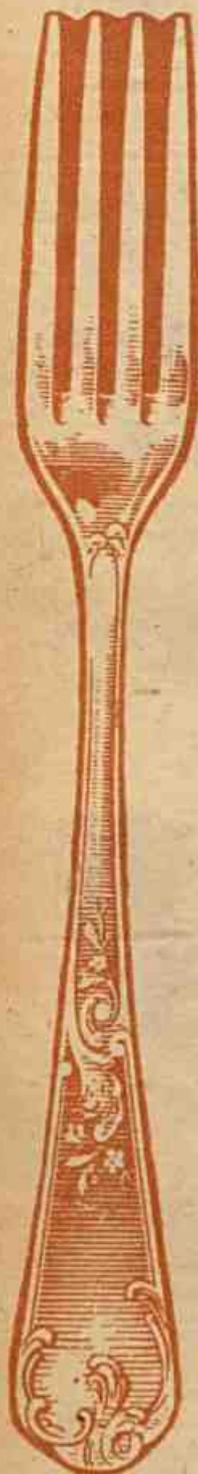
A primeira colher deve ter sido alguma concha de molusco encontrada à beira-mar pelo homem primitivo faminto, por lhe haver escasseado a caça.

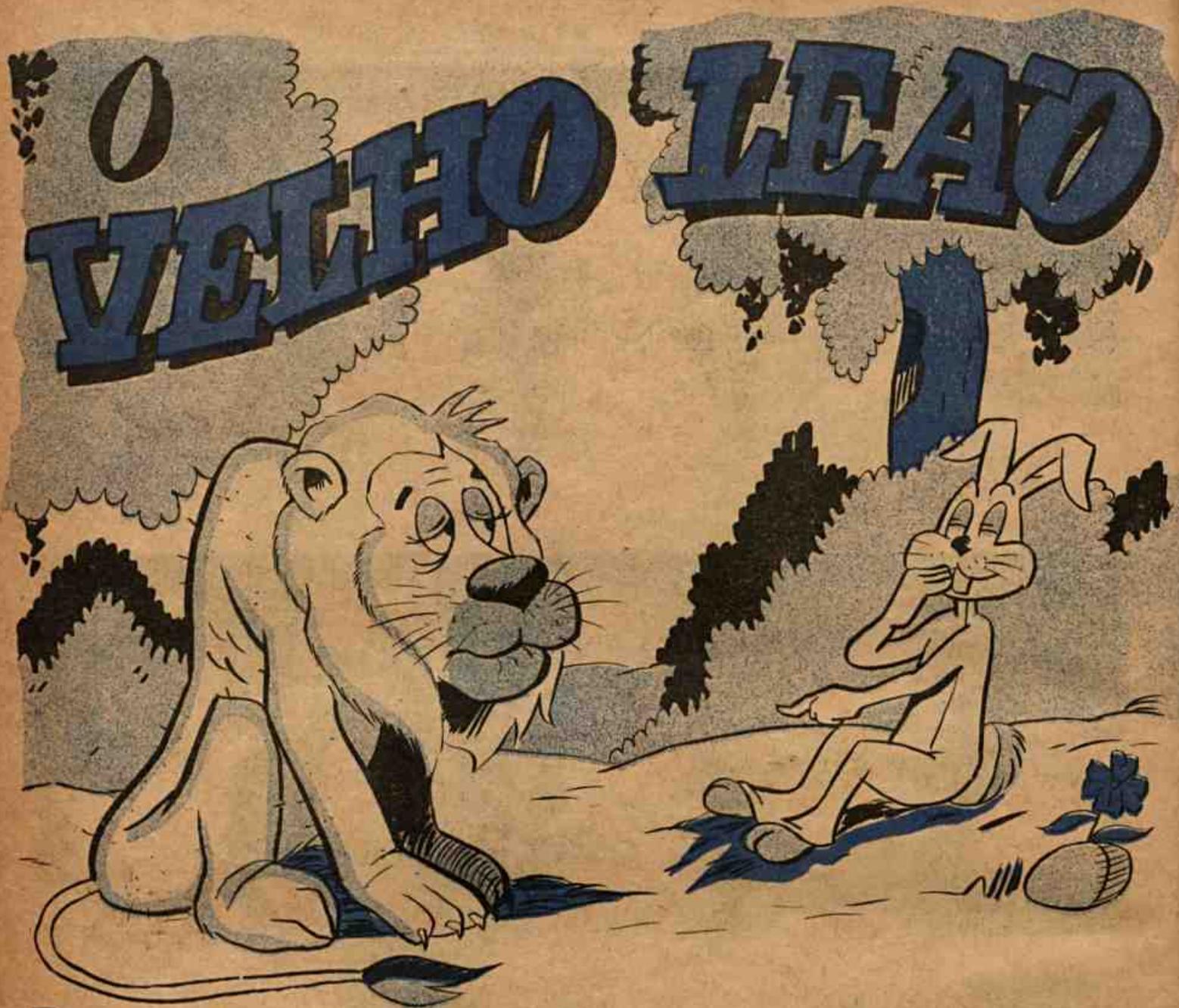
Em ruinas do período neolítico já se encontram colheres de barro redondas ou ovaladas, com cabo curto, em forma de lingueta ou com cabo longo e ponteagudo, de certo para servir de espeto ou garfo ao homem primitivo. Com essa forma encontraram-se diversas nas ruinas da segunda cidade de Troia, procedentes da idade do cobre.

Na antiguidade clássica faziam-se garfos de pedra, de madeira, de osso, de marfim e de todos os materiais. Seu tamanho variava muito.

Em ruinas, no Egito, encontraram-se colheres com cabos retos, curvos, redondos, chatos, em fórma de cruz e alguns esculpidos, representando diversos animais. As colheres gregas eram menos variadas e ornadas; as romanas tinham sempre o cabo semi-curvo. Os romanos tinham duas espécies de colher — as ovaladas (ligulas), para uso comum, e as redondas (cochleas) para comer ovos cosidos e moluscos.

A faca foi também usada desde tempos remotos, mas não figurava na mesa, porque cada qual tinha sua faca individual. O garfo é de invenção mais recente e começou por ter tambem o cabo ponteagudo. Ao que parece, o garfo — tal como é usada até hoje — foi inventado há cerca de mil anos.

Pelo menos só o encontramos em pinturas e desenhos no ano 1060, quando o cardial Pietro Damiani pregou contra o sacrílego uso desse utensílio, dizendo que era atentar contra a divindade, que concedeu ao homem cinco dedos para comer com êles. Desdenhá-los para comer com tridentes, semelhantes ao de Belzebú, era vaidade, imodéstia abominável. Mas a despeito desse "anátema fulminante", o garfo entrou em uso corrente e ninguem julga pecar contra a "modéstia" quando o empunha com apetite; e já tem havido e ainda há muito eclesiástico famoso como "bom garfo ..."

# BÁBÁ ESQUECEU!

# O VELHO LEÃO

POUCOS dentes lhe restavam. Isto, porém, era de menos importância comparado com a sua velhice. Achava-se sem fôrças. Completamente sem fôrças. E para que lhe serviriam os dentes, se não podia agarrar uma presa ?

Sabem vocês de quem falo ?

Do leão, o rei dos animais ! Aquêle que em outros tempos fôra temido e soberbo animal, hoje se arrasta tristemente, abatido e vencido sob o pêso dos anos.

Sente fome e não tem ânimo para conseguir o que comer. E' inutil Vê os animais e nem sequer tenta perseguí-los. A mais nova e inexperiente cabra foge com facilidade de suas garras. Os coelhos brincam a poucos metros do lugar em que se encontra o abatido leão. O veado, quando ouve seu fraco rugido, que mais se parece com um acesso de tosse do que com o grito forte que o distinguia entre os animais da floresta, só faz esticar o pescoço.

Ninguém reconhecerá o imponente rei das selvas nêsse pobre e esquálido carnívoro que, cheio de fome, murmura tristemente:

— Nem siquer um inseto ! . . .

Eis que um leve ruido na mata interrompe o triste cismar do leão. Providencialmente, ali por perto anda alguma caça. Levanta a cabeça, sacode a juba e ergue as orelhas. A dois passos vê apenas um gafanhoto. Os tempos, porém, mudaram muito . . . Estica uma das patas e deixa-a cair sôbre o inseto. Mas êste, mais ligeiro

que o leão, consegue escapulir, levantando vôo e indo pousar num galho de árvore. No mesmo instante um pássaro, que se achava perto, dá um pulo e o devora.

— Ah! miserável — ruge o leão. — Roubaste o meu almoço! Mas vais me pagar! Espera!!

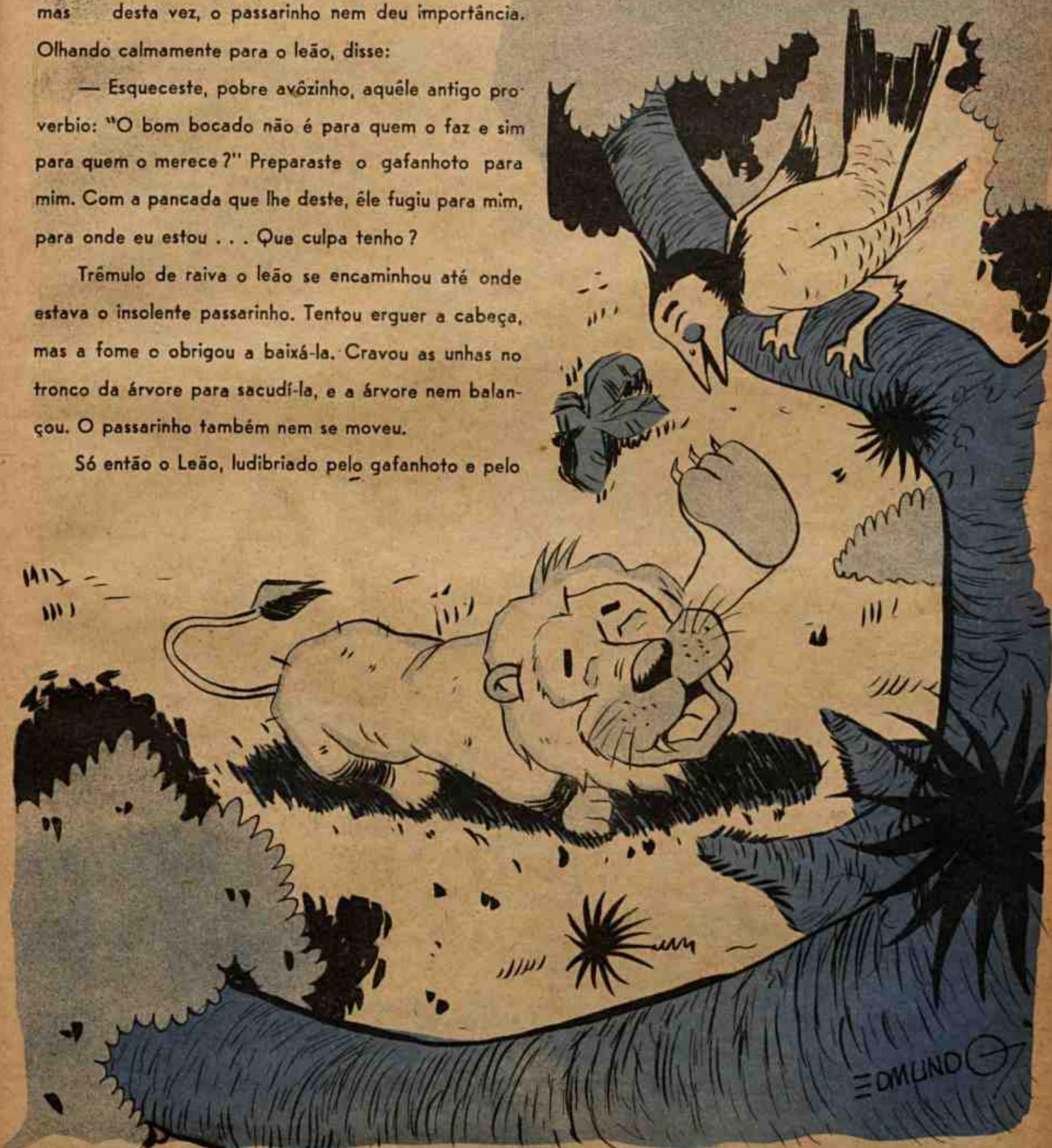
Em outros tempos esta ameaça do leão seria suficiente para afugentar todos os animais da floresta, mas desta vez, o passarinho nem deu importância. Olhando calmamente para o leão, disse:

— Esqueceste, pobre avôzinho, aquêle antigo proverbio: "O bom bocado não é para quem o faz e sim para quem o merece?" Preparaste o gafanhoto para mim. Com a pancada que lhe deste, êle fugiu para mim, para onde eu estou . . . Que culpa tenho?

Trêmulo de raiva o leão se encaminhou até onde estava o insolente passarinho. Tentou erguer a cabeça, mas a fome o obrigou a baixá-la. Cravou as unhas no tronco da árvore para sacudí-la, e a árvore nem balançou. O passarinho também nem se moveu.

Só então o Leão, ludibriado pelo gafanhoto e pelo pássaro, compreendeu que a realeza e a soberania não são mais que palavras ôcas, quando não existem as aptidões.

E ainda aprendeu mais com o passarinho: que um bom bocado deve sempre ser merecido, e só se consegue isso sendo bom e não usando a força e a arrogancia, para consegui-lo.

T. PEDDIE

OI em tempos que já lá vão, em que todo o desejo se cumpria, e que por desgraça já passaram .

Havia um rei que tinha muitas filhas e todas muito formosas, porém a mais nova era tão bela que até o próprio sol ficava encantado quendo lhe iluminava o rosto.

Perto do castelo havia uma grande selva com muito arvoredo e muita sombra e debaixo de uma velha tilia, um poço. Nos dias de muito calor, a filha do rei sentava-se à borda do poço e quando queria brincar, agarrava numa bola de ouro e atirava-a varias vezes ao ar. Este jogo era o que mais a divertia

Uma vez, em que estava assim brincando. a bola em lugar de lhe cair nas mãos, foi à terra e rodou para a agua.

A princesa seguiu-a com os olhos mas a bola desapareceu e como o poço era muito fundo, inutil era tentar agarrá-la.

Então começou a chorar perdidamente.

De repente ouviu uma voz que lhe dizia:

"Que tens, filha de rei ? Por que choras assim dessa maneira que até fazes entristecer as pedras ?

Olhou em redor para ver de onde vinha a voz e viu uma rã pondo a sua feia cabeça fóra da água

"Ah ! E's tu, velha rã ? — disse-lhe a menina "Choro por causa da minha bola de ouro que me caiu ao poço".

"Cala-te", respondeu a rã, "eu vou ajudar-te, mas o que me dás em paga se eu te trouxer o teu brinquedo ?"

"O que quiseres, querida rã: os meus vestidos, as minhas pérolas e pedras preciosas, até mesmo a coroa de ouro que tenho na cabeça, tudo te darei com gosto".

A rá respondeu:

"Não quero os teus vestidos, nem as tuas pérolas, nem as tuas pedras preciosas nem a tua coroa de ouro; mas se quiseres levar-me contigo, como amiga e companheira nos teus jogos, sentar-me à tua mesa, dares-me de comer no teu prato de ouro, de beber no teu copo e deitares-me no teu leito, então irei ao fundo do poço e trarei a bola de ouro".

"Ah !" disse ela. "Prometo tudo o que quiseres se me trouxeres a minha bola".

Mas dizia consigo:

"Que cousas que pede esta pobre rã ! Ela pode cantar na água entre as suas semelhantes, mas nunca poderá ser companheira de um ser humano".

A rã, depois da menina lhe ter prometido o que ela pedia, meteu a cabeça na água foi ao fundo do poço e pouco depois tornou a aparecer, trazendo na boca a bola de ouro, que lançou para a erva.

A filha do rei, cheia de alegria ao ver o seu lindo brinquedo, apanhou-o e desatou a correr.

"Espera, espera !" gritou-lhe a rã. "Leva-me contigo; não posso correr tanto como tu !"

Mas de nada lhe serviu gritar, porque a princesa não fazia caso; correu para casa e logo esqueceu a infeliz rã, que se viu obrigada a voltar para a sua morada

No dia seguinte, quando a menina estava sentada à mesa com o rei seu pai e os cortezãos, comendo no seu prato de ouro, ouviu quaquer barulho na escada de mármore do palácio. Nisto alguém bateu à porta e disse:

"Filha mais nova do rei, abre-me !"

A princesa levantou-se e foi ver quem batia: era a rã ! Assim que a viu, fechou a porta e correu a sentar-se de novo à mesa, cheia de medo.

O rei notou a perturbação da sua filha e perguntou-lhe:

"Que tens, minha filha ? Está à porta algum gigante que te venha buscar ?"

"Ah ! não", respondeu ela, "não é um gigante, mas sim uma rã muito feia".

"Mas que te quer a rã ?"

"Ai, meu querido pai ! Ontem, quando eu estava no bosque brincando junto ao poço, caiu à água a minha bola de ouro. Comecei a chorar e a rã a trouxe depois de me ter feito prometer que seria minha companheira; mas nunca pensei que ela pudesse deixar a água; afinal veio até aqui e quer entrar no palácio."

Entretanto a rã chamava pela segunda vez, dizendo:

"Filha mais nova do rei, abre-me ! Não lembras o que ontem me disseste junto ao poço ? Filha mais nova do rei, abre-me.

Então o rei disse:

"Deves cumprir o que prometeste; levanta-te e vai abrir a porta".

Foi, abriu a porta e a rã entrou acompanhando a menina até à sua cadeira. Sentou-se no chão e disse:

"Levanta-me !"

A menina hesitou até que o pai a mandou. A rã saltou da cadeira para a mesa e disse:

"Agora chega para bem perto de mim o teu prato de ouro para comermos juntas".

A princesa cedeu, mas muito contrariada. A rã comeu muito mas a princesa não podia engulir nem um bocado.

Por fim a rã disse:

"Já estou farta e cansada; leva-me para o teu quarto, arranja a tua cama de seda para dormirmos !"

A filha do rei começou a chorar; tinha medo daquela rã que queria dormir na sua cama tão bonita e tão limpinha

Mas o rei observou-lhe:

"Não deves despresar quem quiseste que te ajudasse quando te era preciso."

Então ela agarrou na rã, com dois dedos, levou-a e pô-la num canto, e depois deitou-se.

Daí a pouco a rã saltou para cima da cama, dizendo:

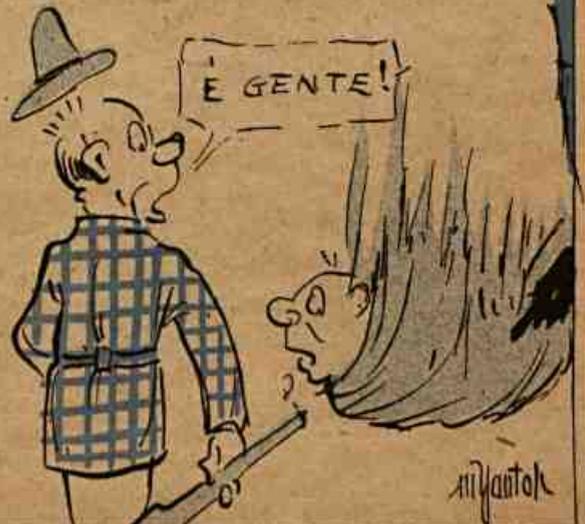
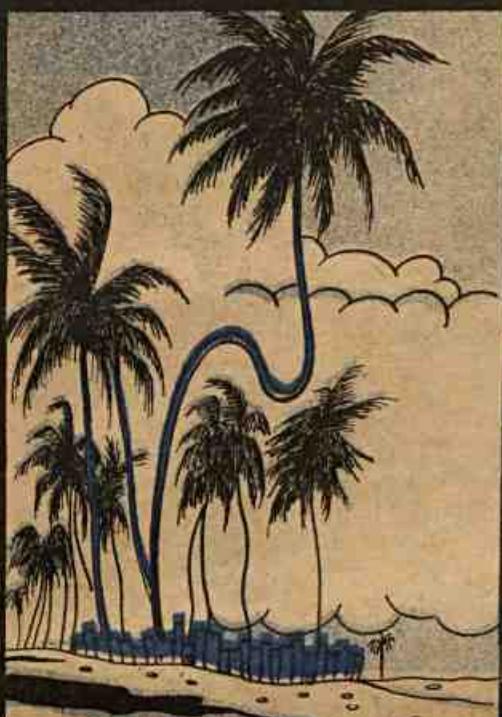
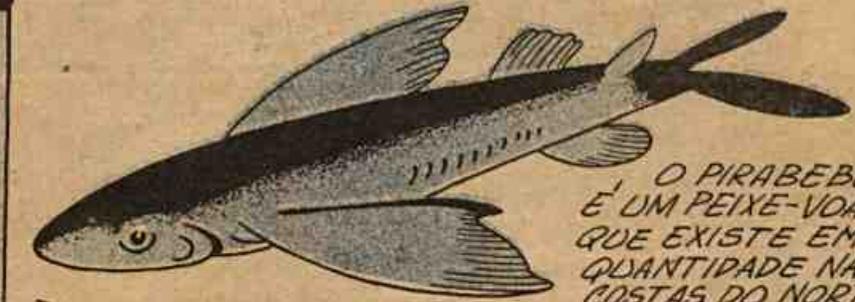
"Estou cansada. Quero dormir tão bem como tu: deita-me, senão vou dizer ao teu pai.

A linda princesa ficou desesperada; agarrou a rã e atirou-a com toda a força à parede dizendo: "Agora descansarás, nojenta rã !

Mas a rã, ao cair no chão, converteu-se num principe, e desde logo, pela vontade do rei, foi tido

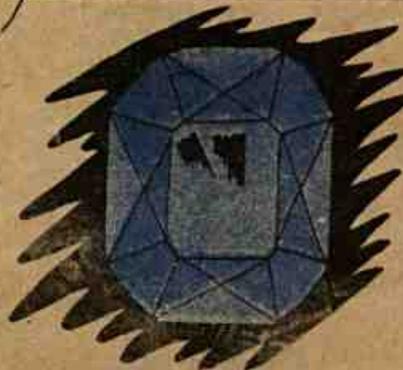
*(Conclue no fim do Almanaque)*

# CHICO PREGUIÇA

# Cousas Nossas

por PAULO AFFONSO

GOGÓ DE EMA CHAMA-SE ÊSTE CURIOSO COQUEIRO EXISTENTE EM PONTA-VERDE, NO ESTADO DE ALAGÔAS.

O PIRABEBE É UM PEIXE-VOADOR QUE EXISTE EM QUANTIDADE NAS COSTAS DO NORTE DO BRASIL.

A BAÍA DE GUANABARA, PÓDE ABRIGAR TÔDAS AS ESQUADRAS DO MUNDO E OS MAIORES TRANSATLÂNTICOS.

O CAFÉ FOI TRAZIDO PELA PRIMEIRA VEZ AO BRASIL EM 1727 PELO CAPITÃO FRANCISCO DE MELO.

O NOSSO, TUCANO-AÇU, QUANDO EM CATIVEIRO, PREFERE A CARNE A QUALQUER OUTRO ALIMENTO.

EM 1935, FOI ACHADO EM MINAS GERAIS O MAIOR DIAMANTE DO MUNDO: O UBERABA, COM O PÊSO DE 4.888 QUILATES.

JOÃO NINGUÉM
"AVENTURA EM Bagdacah"
DE TANTO TROCAR PERNAS POR ÊSSE MUNDO DE DEUS, JOÃO NINGUÉM VIU-SE UM DIA ÀS PORTAS DE BAGDACAH, MISTERIOSA CIDADE ORIENTAL COM SEUS FAQUIRES E ENCANTADORES DE SERPENTES, SULTÕES E ODALISCAS, CIDADE ESTRANHA SAIDA DAS "MIL E UMA NOITES"..
RICARDO FORTE

ABRE-TE, SÉSAMO!

A PORTA ABRE-SE DE PAR EM PAR ÀS PALAVRAS MÁGICAS, COMO NA HISTÓRIA DE "ALI-BABÁ".
HÉ! HÉ! NESTA TERRA ACONTECE CADA MENTIRA!

ENQUANTO ISSO...
JÁ ESTÁ MELHOR, MUSTALFACE-BEN-GHALLA?
QUE NADA... EU DEVO TER COMIDO ALGUM PREGO QUE NÃO ME FEZ BEM AO ESTÔMAGO.
AI..

DESTA VEZ ARRANCO ATÉ O ÚLTIMO CABELO DAS BARBAS DE MAOMÉ!
PRECISAMOS DE UM SUBSTITUTO!

ALI-KAREH-KALISA! OLHA ALI, ALI!
ALI-BEN-HASSADO! OLHA ALI, ALI!
HOJE
O FAQUIR MUSTALFACE

QUE SUJEITO MAIS PARECIDO COM MUSTALFACE-BEN-GHALLA!

MEUS PARABÉNS!
O SENHOR ESTÁ EMPREGADO!
OBRIGADO PELOS PÊSAMES!

ENTÃO VOU SER FAQUIR, HEIN? FAQUIR É UM CARA QUE VIVE SEMPRE DEITADO. HUM... EMPRÊGO DE FUTURO.

DE TANGA, CAVANHAQUE E TURBANTE, JOÃO NINGUÉM É A CÓPIA FIEL DE MUSTALFACE-BEN-GHALLA, O FAQUIR.

VOCÊ TEM QUE APRENDER UNS TRUQUEZINHOS...
SO'?

...COMO POR EXEMPLO, DANÇAR FREVO NAS BRASAS!
UEI

ATRAVESSAR O CORPO COM UM "ALFINETE"!

ENGULIR UNS PREGUINHOS!

E ATERRISSAR NO COLCHÃO DE MOLAS!

E' SO' ISSO?
SO'!

POIS PRA' MIM CHEGA! ÊSSE EMPREGO E' UM "ESPETO"!

AI... ESTOU TODO MOIDO. O QUE EU QUERO E' DESCANSAR!
O SENHOR DISSE DESCANSAR?
DISSE.

BEM, EU NÃO TENHO CASA, MAS POSSO CONVIDÁ-LO A DORMIR NO MEU BANCO DE PRAÇA!
ORA! JA' ESTOU ACOSTUMADO A ISSO!

ENTÃO, 'A VONTADE!
NÃO!

JOÃO NINGUÉM SAIU CORRENDO LA' DE BAGDACAH NUMA DISPARADA LOUCA. E SO' PAROU QUANDO CHEGOU AO BRASIL, ONDE OS BANCOS DAS PRAÇAS SÃO DUROS, MAS LISOS.

# A LENDA do GAFANHOTO

VOCÊS nunca tiveram ocasião de perguntar a si mesmos porque será que os gafanhotos não fazem outra cousa, na vida, senão cortar e comer flores e folhas das plantas, estragando estas e causando verdadeiras catástrofes entre os agricultores ?

E' uma história longa... Mas vamos resumi-la aqui, para conhecimento dos nossos amiguinhos e leitores. Mesmo porque, ela encerra uma bela lição para os meninos preguiçosos...

Havia, uma vez, num remoto país, uma pobre viuva que ganhava penosamente a vida costurando para a gente do povoado em que vivia. Com o pouco que a coitada conseguia ganhar com tal trabalho, tinha que atender às despesas com a manutenção de uma filha, linda menina de dez anos, saudável, com uns bonitos olhos e lindos cabêlos louros.

Mas, ai ! essa menina tão linda e tão cheia de saude, tinha um dos piores defeitos que se podem imaginar. Era preguiçosa; e tão preguiçosa era que, embora vendo a mãe inclinada horas e horas sôbre a costura, cheia de cansaço, nunca se importava de ajudá-la, quer alinhavando uma baínha, quer pregando um botão ou rematando uma costura.

Em vão a mãe a aconselhava e repreendia por sua preguiça. Mariquita, a vadia, ouvia-a distraida, sem ligar muito, e repetindo, para não ficar calada:

— Sim... sim... A senhora tem razão...

Mas, de nada serviam as palavras da boa senhora, que entravam por um ouvido de menina e pareciam sair pelo outro. Além de preguiçosa ela era fingida e egoísta, três cousas horrendas numa menina.

O unico trabalho — se assim se póde dizer — a que Mariquita se dedicava, era êste: apanhava uma tesoura e ia para o jardim, entretendo-se alí em cortar flores e flores (e, ainda por cima, estragando a tesoura de costura da

mãe-! Vejam só!), mas não para fazer ramos, ou enfeitar a casa mas apenas pelo gostinho de estragar, de picar as folhas todinhas, flores, talos e tudo.

— Mariquita, não faças isso — pedia a mãe. — Para que destruir as pobres flores, e causar êsse sofrimento às plantas? Elas também sofrem, sentem dor, a cada golpe de tesoura que recebem. Vê que rosas bonitas iriam desabrochar destes botões que tu, por perversidade, cortaste do pé, antes de abrir. Não deves ser ruím assim... As plantas foram feitas por Deus porque têm utilidade. Além de enfeitar as paisagens, elas alegram a vista, e colaboram com o sol na purificação quimica do ar que respiramos. Destruir uma planta, por menor que seja, é cometer um crime. Devemos destruir as ervas daninhas, isso sim, para que as outras plantas cresçam e vicejem. Não é isso o que tu fazes... Por que procedes assim?

— Sim... sim... A senhora tem razão — dizia Mariquita. Mas, não se emendava.

Uma tarde, já perto do anoitecer, estava Mariquita entretida na sua tarefa daninha, quando avistou ao seu lado uma velhinha que nunca tinha visto no povoado, e que nem sabia por onde entrára. A anciã olhou-a por uns instantes e depois disse, com voz muito suave:

— Minha filha, não tens cousa mais util que fazer, senão estragar essas pobres flores?

Mariquita olhou-a com um arzinho impertinente e respondeu: — E quem é você, velha, para me fazer perguntas?

— Sou uma fada — respondeu a anciã. — Ando pelo mundo a observar o que fazem as crianças.

— Ora! Já não há mais fadas! Isso é conversa... — disse Mariquita, rindo muito.

— Não tenho medo de bobagens... Faço o que bem entendo, e ninguém tem nada que achar ruím... Você não é minha mãe!...

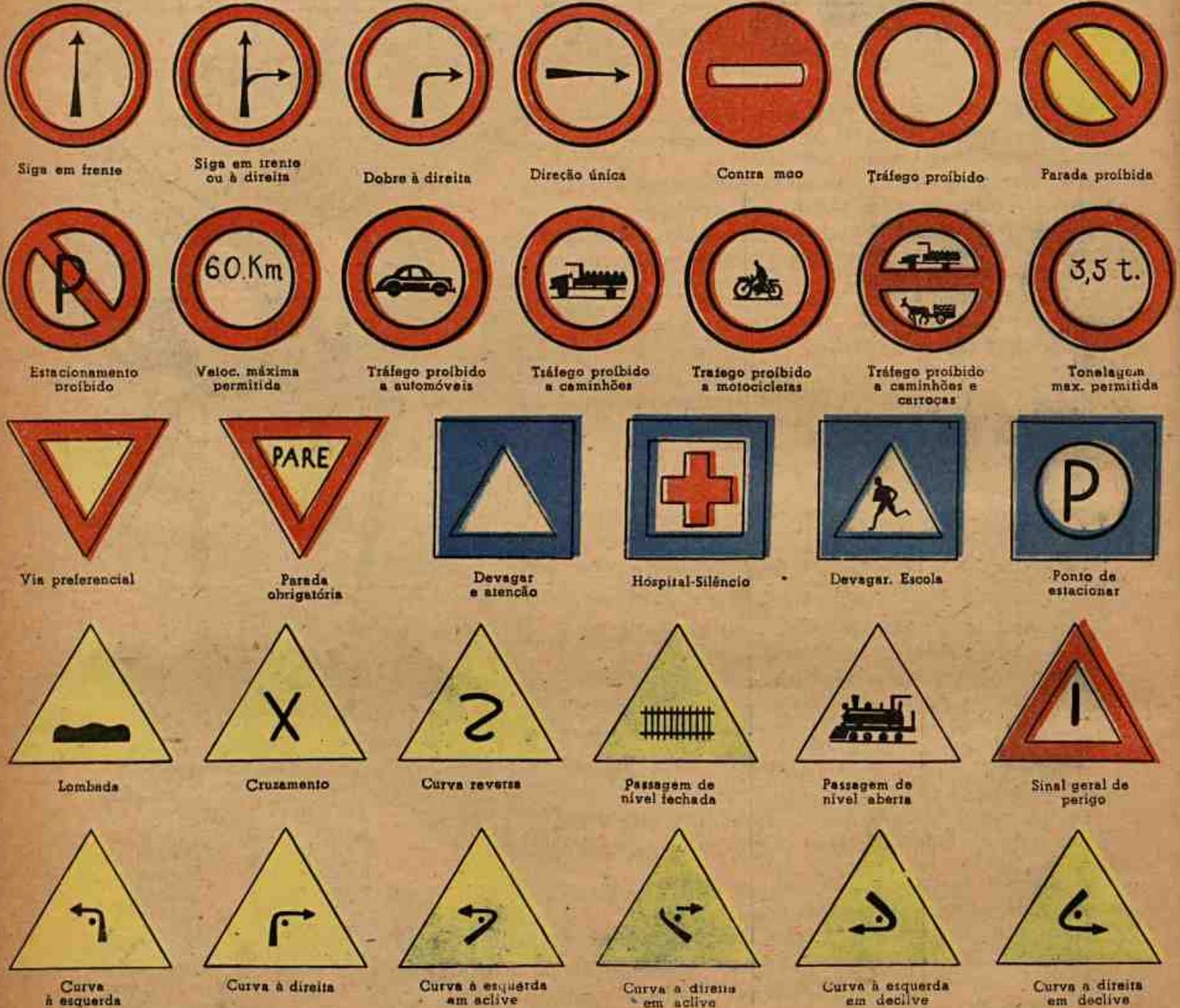
— Bem... E' assim? — respondeu a fada. — Pois eu te darei um castigo exemplar, menina má.

E tocou de leve a menina com o seu bastão. Mariquita quís gritar, mas não teve voz. Sentiu que ia ficando pequenina, pequenina, e que tomava formas exquisitas, formas parecidas com as de um grilo

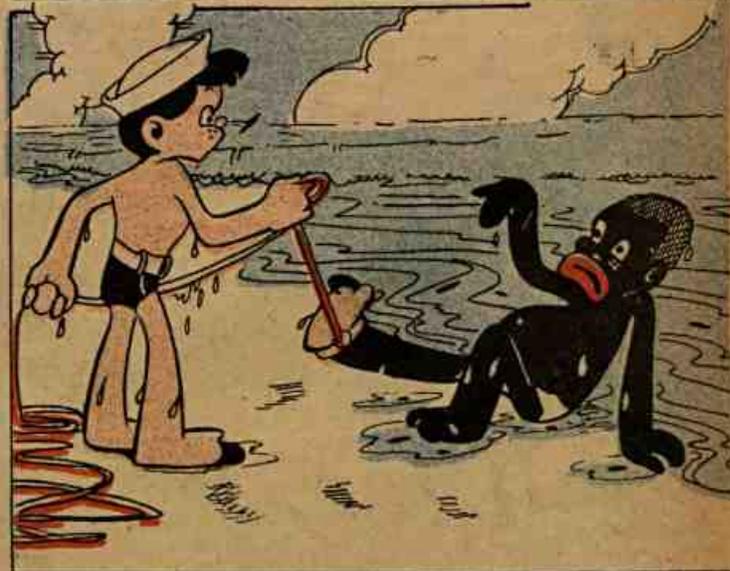
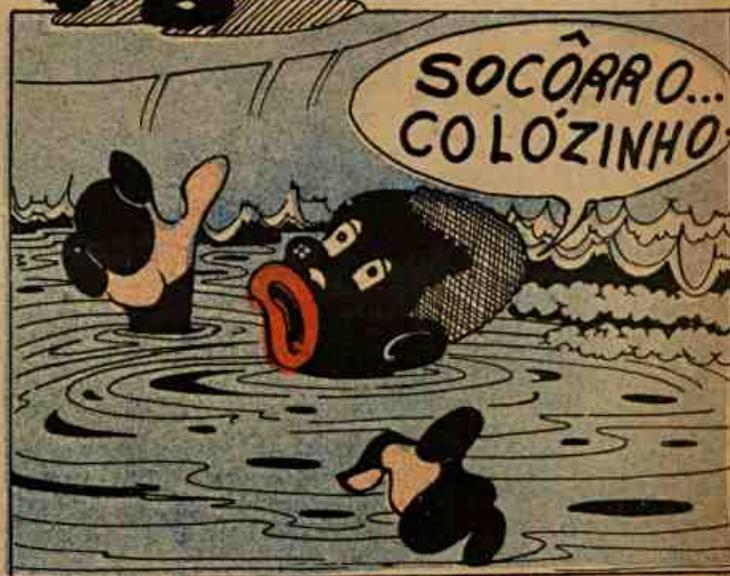
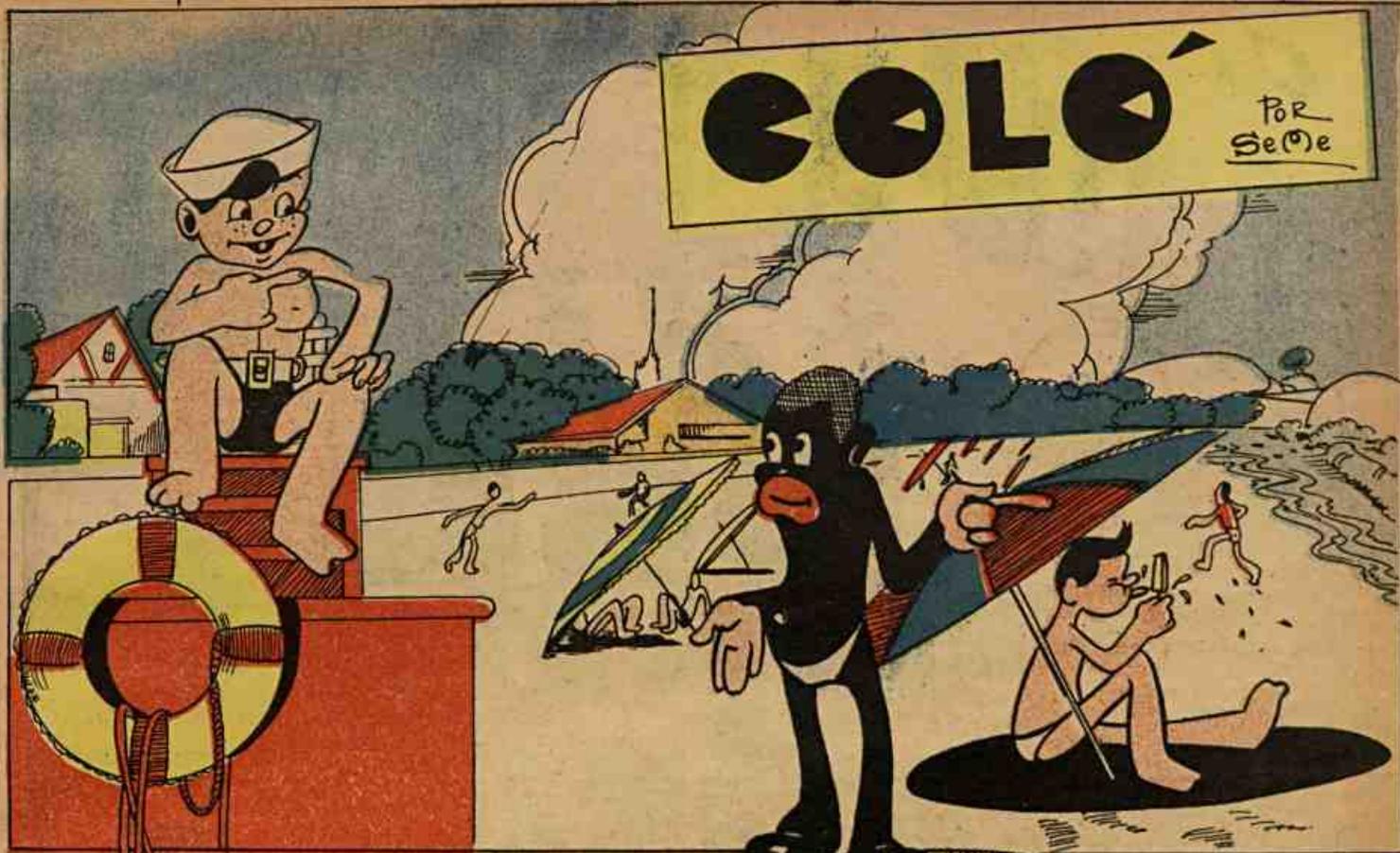
Estava feito o milagre. A linda menina fôra transformada em gafanhoto. Desde aquele dia seu destino foi voar pelo mundo, acompanhando outras tantas criaturas com o mesmo fadário, a cortar, podar, destruir plantas, amaldiçoada por todos, temida pelos jarneiros, chacareiros e agricultores.

Um bom destino para criatura tão ruím, pois não há pior castigo que a gente se sentir detestado e malquisto onde chega.

# SINALIZAÇÃO URBANA E RODOVIÁRIA

## DE ACÔRDO COM O CÓDIGO NACIONAL DE TRÂNSITO

E' sempre útil conhecer os sinais convencionais adotados nas ruas e estradas, embora não se tenha ou guie automóvel. Lá vem o dia em que se tem necessidade de interpretar, de "ler" o que um dêsses sinais significa, e disso, muitas vezes, póde depender até a vida da gente.

Nesta página estão todos os sinais convencionais e suas significações. São, aliás, bem fáceis de se guardar na memória. Se o seu papai tem automóvel, dê-lhe esta página.

COLÓ
POR SEME
SOCÔRRO... COLÓZINHO!

a
UNIÃO
ADAPTAÇÃO DE
EDMUNDO
RODRIGUES

O REI LEÃO HA' QUASE UMA SEMANA QUE NÃO COMIA! O COITADO JA' ESTAVA FICANDO VELHO E NÃO PODIA CORRER ATRÁS DA CAÇA!
Puxa! Que fome danada! Mas... Ah! Tenho um plano! Vou chamar a onça, o macaco e a tartaruga!

Aliemo-nos e cacemos juntos, meus amigos! Depois, repartiremos a caça, igualmente, de acôrdo com os nossos direitos.
Eu aceito!
Nós também!

Ótimo, irmãos! Isso será em benefício de todos nós. Vamos, irmãos, Cacemos!
HA! HA! QUE BOBÕES! VÃO CAÇAR PARA MIM! HA! HA!

TANTO CORRERAM ATRÁS DE CAÇA, QUE AFINAL DEITARAM AS UNHAS EM UM POBRE PATO.
BOA, AMIGOS! HOJE EU TEREI O QUE COMER, GRAÇAS 'A UNIÃO!

FINALMENTE, CHEGOU A HORA DE REPARTIR O ALMÔCO!
Como somos QUATRO, toca-me reparti-lo em quatro pedaços!
Boa!

ENTÃO, O LEÃO COMEÇOU COM O SEU JÔGO.
Como REI dos animais, a Maior parte me cabe, não acham?
ACHAMOS!

Bem, senhores! Êste segundo me cabe porque me chamo LEÃO!
Está bem, leão. Você se vale da nossa fraqueza, mas... e a terceira parte?

Ora, a terceira parte me pertence de direito, visto que sou o mais FORTE de todos!
Está certo, leão! Você fica com as três partes, mas o quarto pedaço, passe-o para cá, afim de que o dividamos entre nós...

Às ordens! Aqui está o quarto pedaço às ordens de quem tiver coragem de agarrá-lo! Aviso, porém, que quem fizer isso, depois se verá comigo. Quem vem?
QUEM IRIA? ÊLES SABIAM QUE AS GARRAS DO LEÃO, APESAR DE VELHAS, AINDA ERAM AFIADAS. E PERDERAM O PETISCO...

DIZENDO ISSO, O CARNICEIRO REI DOS ANIMAIS PÔS OS TRÊS AMIGOS LOGRADOS "P'RA" CORRER!
Fóra! Vão sumindo daqui!
SOCORRO!
E OS TRÊS COMPANHEIROS LESADOS CONTINUAM A CORRER ATÉ HOJE, COM MÊDO DO LEÃO! E SE QUISEREM SABER, ÊLES JURARAM NUNCA MAIS METER-SE EM UNIÃO DE CAÇA, COM LEÃO NO MEIO!

**CARLOS DE BRITO & CIA. - Fabricas em Recife-Bezerros-Areias-Pesqueira-Rio-S. Paulo**

# O GRÃOZINHO DE VALOR

ALMA CUNHA DE MIRANDA

Num trigal belo e dourado
Com a brisa já bailei.
Minha espiga foi ceifada,
Essa espiga que habitei;

Sempre ao som de lindas vozes,
A cantarem meu valor,
Foi a espiga debulhada
E surgiu meu esplendor.

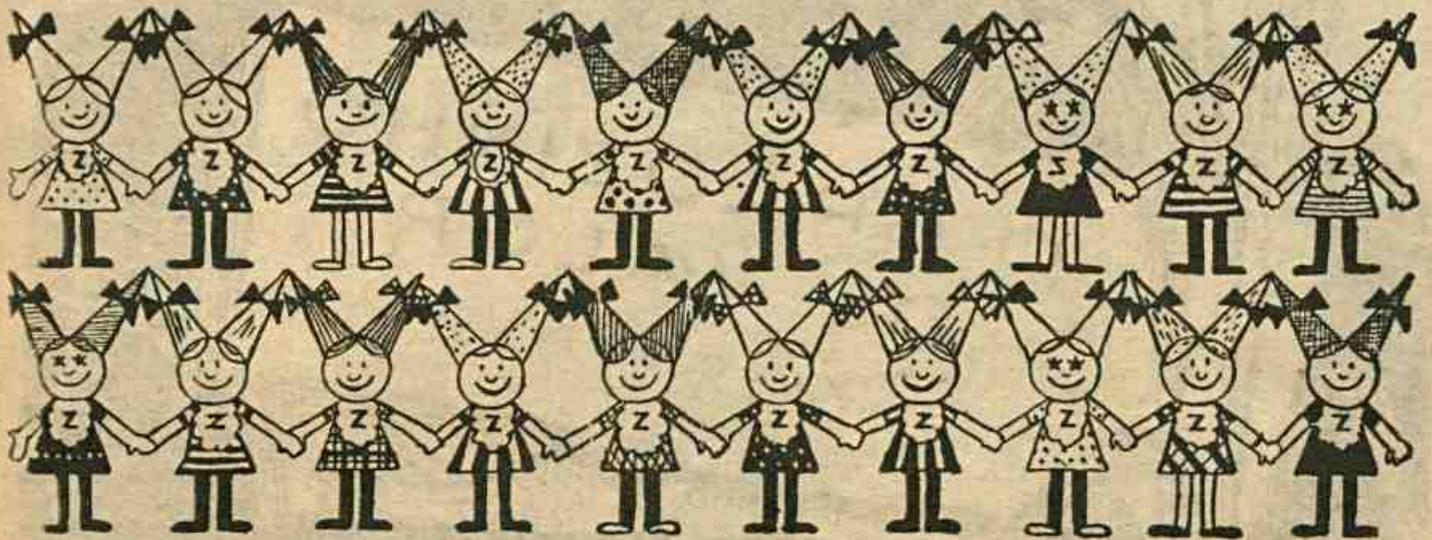
Pelo meu tamanhozinho
Não devia ser vaidoso,
Mas não há quem, ao provar-me,
Não me julgue saboroso . . .

Uma vez livre da palha,
Este grão pequenininho
Foi, passeando em lindo cesto,
Para dentro do moínho;

Amassado na moenda
En fiquei tão fino e leve ! . . .
Parecia pó-de-arroz
Todo alvura — côr de neve ! . . .

Pois agora aqui estou eu.
Vulgarmente sou "farinha"
Elemento necessário
Hoje, e sempre, na cozinha.

Nutritivo, indispensável,
Eu me dou de coração
Em calor e energia
No bom Pão e Macarrão !

# QUAIS SÃO AS GÊMEAS?

AQUI estão as meninas da Escola de Dona Zuzú. Tôdas são bonitinhas. Tôdas são aplicadas. Tôdas usam um Z bordado no avental.

Olhando o grupo de repente, a gente não sabe se são tôdas iguais ou se são tôdas diferentes. Faz até confusão na vista. Mas acontece que duas são gêmeas, e estão vestidas igualzinho...

O leitor observador logo descobrirá quais são. Mas acontece (outra vez) que nem todos os leitores são bons observadores... Aí é que está o negócio...

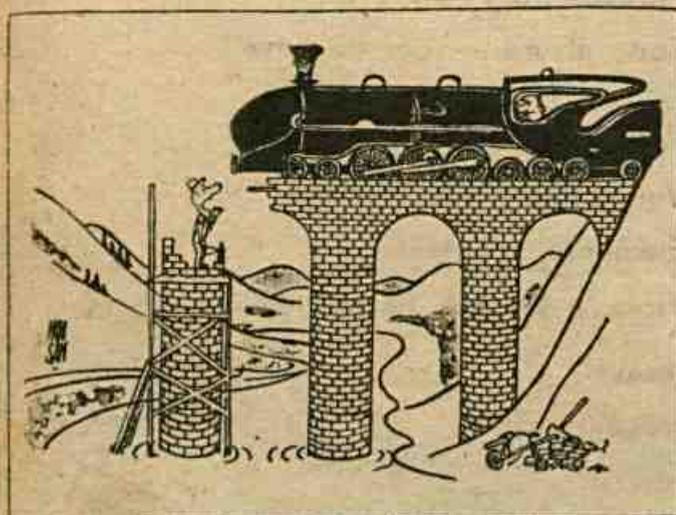
Apostamos como haverá muitos que não descobrirão quais são, sem ir olhar a solução na página 140 !

## Nossa Senhora Aparecida

**(PADROEIRA DO BRASIL)**

Querem saber como foi encontrada a imagem de Nosa Senhora Aparecida? Corria o ano de 1717. Passaria por Guaratinguetá, em São Paulo, o Conde de Assumar. O presidente da Câmara mandou três homens pescarem no rio Paraíba para o visitante. Foram. A princípio não pescaram nada. Depois de muito trabalhar, consegue o pescador João Alves apanhar alguma coisa. O que era? O corpo da estátua de Nossa Senhora, sem a cabeça. Lançaram a rêde mais abaixo. E, oh ! maravilha ! Apanharam a cabeça da imagem. Envolvem a imagem em um pano. Daí por diante era tanto peixe que quase a canoa virou. O pescador Felipe levou a imagem para casa. Sucedem-se alí as orações e os prodígios. Aumentam os devotos. E hoje, no Brasil inteiro todos veneram Nosa Senhora Aparecida. O Concílio Plenário Nacional, de 1939, resolveu mudar a festa de 11 de Maio, para o 7 de Setembro, o Dia da Pátria, o Dia da Independência. Ligou-se dessa fórma o sentido cívico ao religioso e os católicos têm a alegria de aos pés do altar da Virgem Aparecida, Rainha e Padroeira do Brasil, cantar-lhe os louvores filiais, juntando os votos para a felicidade da nossa Pátria.

## O prêmio Nobel

*Alfred Nobel, o instituidor do prêmio era químico e industrial, fabricante de explosivos. Nasceu na Suécia em 1833 e morreu em 1896. Sua fortuna foi destinada por testamento à fundação que tem o seu nome, para ser distribuida àqueles que, mais se distinguirem nos seguintes setores: na literatura, na medicina, na física e química e finalmente, nos trabalhos pela preservação da paz no mundo. Eis alguns dos escritores agraciados nos anos passados: S. Prudhomme* (1901), *Sienkiewicz* (1905), *Kipling* (1907), *R. Tagore* (1931), *R. Roland* (1914), *G. B. Shaw* (1925), *Bergson* (1927), *Sigrid Undset* (1925), *Sinclair Lewis* (1930), *Pearl Buck (1938), Gabriela Mistral (1943), Hermann Hesse* (1946).

— *Eh ! Ainda é cêdo ! Eu ainda não acabei a ponte ! !*

## A origem do café

O café originou-se da provincia de Kaffa, na Etiópia, onde se notava abundância dessa rubiácea. No século XV os árabes o transplantaram para o seu país, posto que alguns historiadores sejam de opinião que o café já era conhecido dos Persas, desde o ano 850 da nossa era.

Constantinopla foi a primeira cidade que teve um Café, em 1551; em 1652, inaugurou-se outro em Londres, o segundo que se abriu na Europa.

O terceiro se abriu em Marsêlha, em 1602. Por fim tornou-se moda o estabelecimento de cafés pelas capitais, onde se pudesse ingerí-lo.

É da história o célebre Café da Regência, em Paris, na época de Luiz XV, onde era notória a frequência de literatos, entre outros Voltaire e Marmontel.

# PARA SABIDO... SABIDO E MEIO

DURANTE muitos anos, uma senhora, de nome Nancy Harrington, habitou uma suntuosa casa na Quinta Avenida, em Nova York. Há cerca de dez anos, pretendendo passar o verão fora, ia fechar a casa, quando recebeu a vista de um francês, Henri La Roche, que se dizia representante da Companhia que segurava a preciosa coleção de objetos de arte da sra. Harrington. "Estamos interessados em saber como a senhora costuma proteger-se contra os ladrões, enquanto a casa está fechada," disse êle.

O leitor já deve ter adivinhado que La Roche não passava de um gatuno. Tendo por cúmplice um funcionario da companhia de segurbs, conseguia ser admitido nas casas dos segurados, que lhe mostravam as fechaduras, portas falsas e campainhas de alarme, chegando mesmo a indicar quais os objetos mais dignos de serem roubados. Depois de percorrer a casa da sra. Harrington, La Roche fez-lhe várias sugestões. Em primeiro lugar, deveria ela providenciar afim de que fossem suspensas as entregas diárias de leite e dos jornais. "Essas coisas", explicou, "acumuladas na entrada das casas, constituem um verdadeiro convite ao primeiro ladrão que passar. Recomendo-lhe tambem que não baixe as venezianas, para não revelar que a casa está deshabitada".

Na tarde seguinte à da partida dela, La Roche penetrou na casa, baixou as venezianas e empacotou cuidadosamente meia dúzia dos principais objetos de arte. Ao sair pela porta principal, topou com dois policiais.

"Vou acompanhá-los calmamente", observou La Roche. "Tenho horror a conflitos. Mas os senhores poderiam, pelo menos, explicar-me como souberam que eu me encontrava dentro da casa?"

Um dos policiais apontou para as venezianas baixadas. Em cada uma delas, em letras garrafais, liam-se as palavras: "Há ladrões aqui".



ALMANAQUE D'O TICO-TICO
Edição e propriedade da
SOCIEDADE ANÔNIMA "O MALHO"
44.º ano de publicação
DIRETOR
ANTONIO A. DE SOUZA E SILVA
Redação: R. Senador Dantas, 15 - 5.º andar
Telefone 22-9675 — Rio de Janeiro
PREÇO Cr$ 15.00

# O ZERO E A MATEMÁTICA

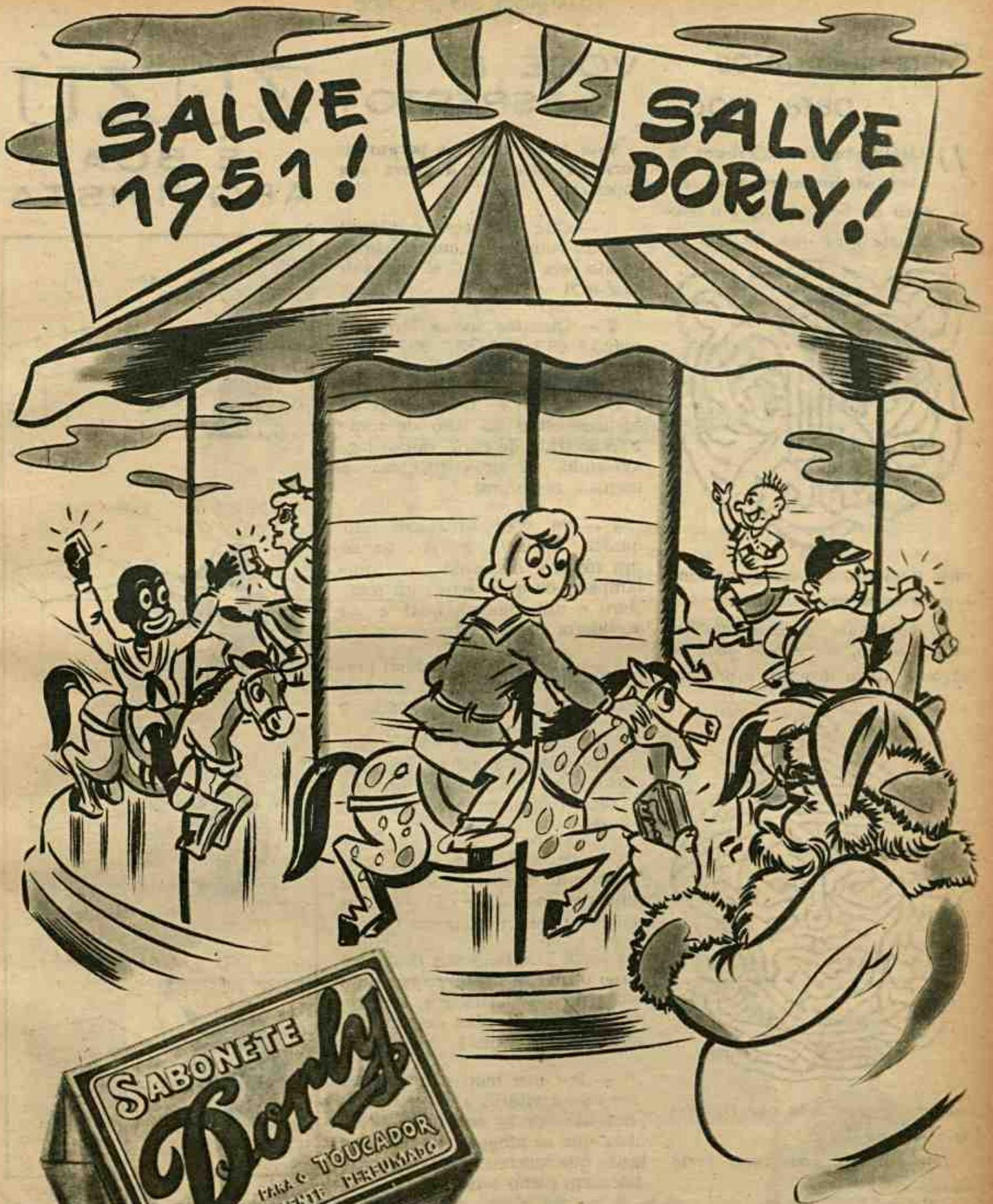
O zero, simbolo matemático de valôr convencional, foi usado, pela primeira vez, na India, cinco séculos depois de Cristo, como algarismo, para indicar ausência de uma certa ordem de unidade no número.

Na numeração primitiva dos gregos não se empregava o zero, que era desconhecido na matemática.

E qual a origem do zero? Não está bem esclarecida a questão, como, também, não se sabe, ao certo, quem teria sido o inventor da palavra matemática.

Afirmam, no entanto, alguns historiadores que o nome da ciência de Lagrange foi empregado, pela primeira vez na Grecia, pelos pitágoricos, isto é, pelos discípulos de Pitágoras, o sábio e filósofo imortal, tão esclarecido na ciência dos números como nos conhecimentos de astronomia pois já no seu tempo afirmava ser a Terra redonda e mover-se à roda do Sol e ensinava a lei da rotação do planeta, que Galileu, nos tempos modernos, enunciou e estabeleceu como definitiva



*Recorte a figura. Dobre pelas linhas pontilhadas horizontais, de modo que fiquem juntas as letras C e D, dos lados. Depois dobre verticalmente, de modo a unir A e B. Terá uma surpreza...*

SALVE 1951!
SALVE DORLY!
SABONETE Dorly
PARA O TOUCADOR
SUAVEMENTE PERFUMADO
Sabonete DORLY
PREÇO POR PREÇO É O MELHOR!

# Dois labirintos para você

*DAMOS aqui dois labirintos fáceis. No primeiro, você tem de partir da bôca do tigre e chegar àquela cruz que êle tem no*

*meio da testa. Vá devagar, senão o tigre come você . . .*

*Se conseguir escapar da fome do felino, entre pela gola do tibetano (lado direito) e procure*

*chegar à cruzinha que êle tem na ponta do nariz.*

*Não é difícil, pode estar certo disso.*

**Quando no arco-iris a côr verde predomina, considera-se como sinal de que vai haver chuva e tempo frio; se é o vermelho que domina, haverá chuva e vento.**

# VOCÊ É ESPERTO?

**Aqui estão algumas perguntas curiosas, para pôr à prova sua esperteza.**

1 — Cite dez peças e acessórios da roupa de homem, começando pela letra "c". E' capaz de fazê-lo?

2 — Quantas teclas tem um piano? 66? 77? 88? 99? Que acha você?

3 — Qual a fruta cujas sementes estão do lado de fóra? Não se trata de cajú, vamos logo avisando. E' uma que tem sementes, no plural.

4 — Se você entrasse num quarto escuro, e só tivesse um fósforo, dispondo de uma lâmpada de querozene, um fogareiro e um cigarro, qual é que acenderia primeiro?

5 — A zebra é um animal preto com listas brancas ou um animal branco com listas pretas?

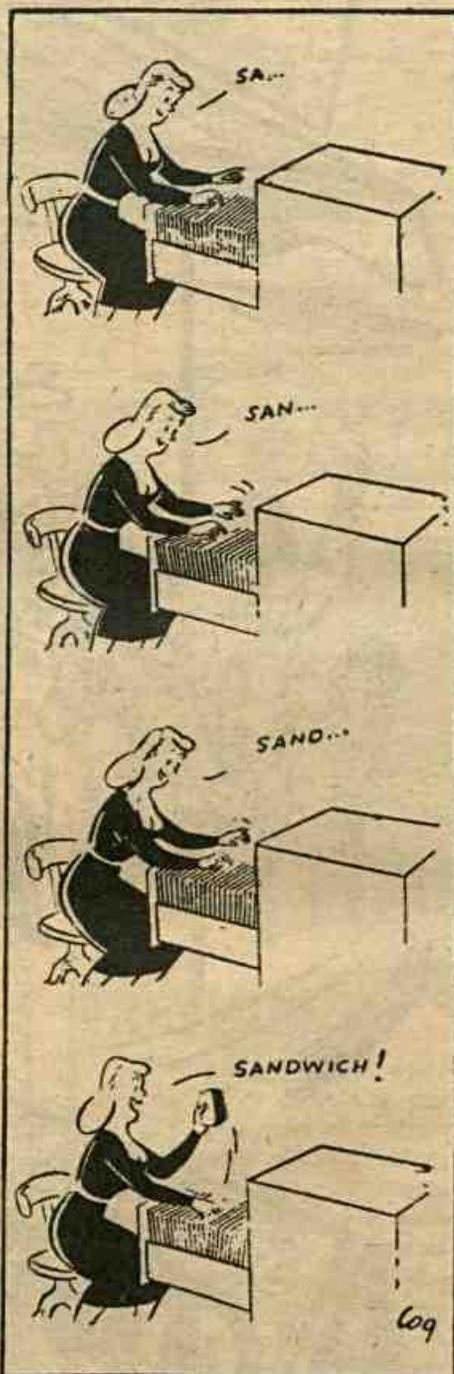
6 — Comprei uma vaca e um bezerro por Cr$ 850,00. A vaca custou Cr$ 550,00 mais do que o bezerro. Quanto paguei pelo bezerro?

7 — Duas moedas, juntas, perfazem um cruzeiro e cinquenta centavos, mas uma não é de um cruzeiro. Que moedas são?

8 — E por falar em dinheiro: como é que se pode receber uma conta de treze cruzeiros, sem receber nenhuma nota de um cruzeiro, nem moedas?

9 — Por que motivo um detetive não aceitaria a seguinte explicação: "Certa senhora, ao sonhar que se afogava, assustou-se tanto que morreu de síncope cardiaca em pleno sono?"

10 — Cinco automóveis estão alinhados, para-choque contra para-choque. Quantos para-choques se tocam, na realidade?

11 — E, para finalizar: no seu armário de livros há três volumes, que chamaremos livros X, Y e Z, colocados de pé lado a lado, na ordem X, Y, Z, da esquerda para direita. O livro X tem 200 páginas. O livro Y tem 310 e o livro Z tem 380, (contando as capas).

Muito bem: quantas páginas há entre a primeira página do livro X e a última do livro Z?

**(Respostas na página 140)**

# ZUZÚ É BOA ARQUIVISTA

Bom
para
TODAS AS IDADES
O crescimento, os folguedos próprios da idade, as preocupações com os estudos, exigem muita energia ao organismo das crianças em idade escolar. Dê a seus filhos a garantia de uma constante renovação de fôrças, dando-lhes o BIOTONICO FONTOURA, consagrado por gerações como o tonico completo, eficiente e ideal.
"Sim, ainda hoje, para restaurar minhas energias, tomo o BIOTONICO FONTOURA - o tonico das gerações!"
BIOTONICO
FONTOURA
— o mais completo fortificante!
BIOTONICO
FONTOURA
International

# Antes o cárcere do que elogiar o rei vaidoso

Dionisio, o Tirano, tinha, entre outros hábitos dignos de acerba critica, o de poetar e gostava mais que lhe elogiassem os versos do que as proezas guerreiras. Claro que alguns vates seus protegidos lhe incensavam a veia poética — a troco de vantagens.

Sucedeu, certa vez, que o celebre poeta ditirâmbico Filoxeno, sempre tão acrimonioso como inimigo da lisonja, disse, ousadamente , na frente do déspota, que as suas poesias não prestavam.

Foi logo atirado para a masmorra, mas, como alguns intimos do rei solicitassem o seu perdão, Dionisio mandou que lhe dessem a liberdade e convidou-o para um banquete.

A meio do repasto, o tirano começou a declamar os seus versos enfadonhos, solicitando, com doçuras e sorrisos, a opinião de Filoxeno.

Ante o pasmo dos convivas, o causticante poeta e temivel critico, sem lhe responder, ergueu-se altivo e desdenhoso e chamou os guardas, ordenando-lhes:

— Levem-me outra vez ao cárcere !

## Terra de Santa Cruz

Rendilhada de luar, para a gloria da vida,
Num fausto sem igual, abria o seio em flôr,
De tesouros pejada, ante o descobridor
Uma ignota região adormecida...

E o estrangeiro indagava, em sua alma atrevida,
Que força arrancaria a riqueza e o esplendor
Dessa presa opulenta ao inclito valor
De sua raça, em mil conquistas aguerrida...

Mas dos mastros heris a rijeza se erguia
Para o espaço, onde, em láteas luzes de alabastros,
A pompa milenar das estrelas fulgia.

E o olhar do herói seguira a indicação dos mastros:
— Pátria, no alto, abençoando esta terra bravia,
Deus velava, na cruz de Cristo aberta em astros ! . . .

ROSALINA COELHO LISBOA

## DISPARATES

O mar abrasado em fogo
Um cego via com mágua.
Corre logo um entrevado
A buscar um balde dagua.

Fala um mudo e chama [gente
Porque o fogo mergulha;
Vai boiando um prego [acêso
Enfiado n'uma agulha.

Fugindo a esse sarilho
Nadam os peixes em terra,
Enquanto a água dos rios
Vai subindo pela serra.

●

## Semana do vadio

No domingo nada faço
Porque sou fiel cristão;
Na segunda porque abraço
Da preguiça a profissão;
Na terça porque o cansaço
Me obriga a ser mandrião;
Na quarta não dou um [passo
Porque temo dá-lo em vão;
Na quinta porque adoeço
Com medo de trabalhar;
Na sexta porque padeço
D'uma afecção pulmonar;
Sábado porque conheço
Que é preciso descançar.

●

## CURIOSIDADE

A chamada rã vermelha, abundante nas regiões pantanosas da Itália e da França, não é comestível. Sua carne tem sabor sumamente desagradável sendo, além disso, gelatinosa. E' empregada ùnicamente em experiências científicas.

●

## O MEL

O mel que comemos não se encontra, sob essa forma, nas flôres; o que se encontra nestas é a sacarose ou açúcar de cana, que é de difícil assimilação para o homem.

O maravilhoso trabalho das abelhas consiste em transformar a sacarose em glucose ou açucar de uva. Este açucar é perfeitamente digerivel e possui grande valor nutritivo.

A abelha vai armazenando a sacarose das flôres num reservatório onde se transforma em glucose pela ação das secreções de certas glândulas. Depois desta "fabricação", fica o mel pronto para o consumo.



## OS MAIORES LAGOS

Os lagos que medem mais de 50.000 K2 são:

1) o Superior .. .. .. .. .. .. .. .. 83.300 K2
2) o Vitória .. .. .. .. .. .. .. .. .. 68.500 K2
3) o Aral .. .. .. .. .. .. .. .. .. .. 63.270 K2
4) o Huron .. .. .. .. .. .. .. .. .. 57.850 K2

O mar Cáspio, com mais de 440.000 K2, a notável depressão da Europa, a rigor, é um lago residual — testemunho de antigo mar que cobria a região e que, como êste, com o perpassar dos tempos tende a desaparecer.

## Você é esperto?

(Solução da página 77)

Os retratos iguais são os de números 1 e 6.

* * *

**(Respostas das perguntas da página 136).**

1 — Chapéu, colarinho, camisa, colete, casaco, capa, cinto, cueca (ou ceroula) calças e capote.

2 — Tem 88 teclas.

3 — O morango.

4 — O fósforo, naturalmente...

5 — Animal branco com listas pretas.

6 — Custou Cr$ 150,00. A vaca custou Cr$ 700,00. Total: Cr$ 850,00.

7 — Uma de um cruzeiro e outra de cinquenta centavos. Uma não é de um cruzeiro, embora a outra seja...

8 — Recebendo quatro notas de 2 cruzeiros e uma de cinco.

9 — Porque se a dama morreu de síncope durante o sono, quem contou o que ela estava sonhando?

10 — Quatro para-choques apenas.

11 — Apenas 310 páginas. Verifique que o livro Y está colocado precisamente entre a primeira página do livro X (à sua esquerda) e a última página do livro Z (à sua direita).

## Quais são as gêmeas?

**(Resposta da página 132)**

**As gêmeas são as meninas números 6 e 14.**

## Seis dias apenas?

**(Solução da página 70)**

O truque empregado está na primeira das operações efetuadas, porque ao assinalar 122 dias de trabalho no ano, são, na realidade, 122 dias de 24 horas, ou seja que, para isso, o empregado teve de permanecer continuamente êsse número de dias no escritório, trabalhando sem comer e sem dormir. De modo que para que a conta pudesse dar um resultado exato, verdadeiro, seria preciso levar em conta, para descontar, apenas 8 horas de trabalho diário de cada um dos dias deduzidos do total de dias do ano. Assim:

52 domingos
26 dias correspondentes aos sábados
15 feriados e santificados
15 dias de férias regulamentares
8 dias de doença

116 dias, ao todo, que à razão de oito horas de trabalho não prestado, representam sua terça parte que se deve deduzir da terça parte dos dias de trabalho do ano.

Assim:

| | |
|---|---|
| Terça parte de 365 dias ... | 122 |
| Menos terça parte de 116 dias ............ | 39 |
| Total .......... | 83 |

Logo, o empregado trabalhára 83 dias, de 24 horas cada um, e não apenas 6 dias.

## Você conhece os nomes...?

**(Resposta da página 99)**

**1 — "Eureka!" (Achei!) — gritou um dia. Frase que ficou sendo usada por todos os descobridores, desde então. O homem foi Arquimedes. (287 — 212 A. C.)**

**2 — Foi chamado, com justiça, o "Homem Universal". Chamou-se Leonardo de Vinci. (1452 — 1519).**

**3 — Seu único erro: calculou mal a duração do ano... em 28 segundos de diferença! Foi êle Nicolau Copérnico (1473 — 1543).**

**4 — Morreu na prisão, por causa de suas crenças. Nome: Galileu Galilei. (1564 — 1642).**

**5 — Lembra-se da maçã que caiu? Uma história muito discutida. Chamava-se êle Sir Isaac Newton (1642 — 1727).**

**6 — Descobridor do planeta Urano. William Herschel. (1738 — 1822).**

**7 — "Anódio", "catódio" "eletrodo" e "farádio" fazem parte do novo vocabulário que êle deu ao mundo. Miguel Faraday (1791 - 1867).**

**8 — "A sobrevivência dos mais capazes" — frase nem sempre bem empregada — resume sua teoria. Foi Charles Darwin (1809 — 1882).**

**9 — "Estender as fronteiras da vida" foi o seu propósito. E êle o seguiu com sucesso. Luiz Pasteur — (1822-1895).**

# O General OSÓRIO

Manoel Luiz Osório, o "Centauro dos Pampas", a "Lança do Império", como ficou conhecido na História, nasceu no dia 10 de Maio de 1808, na Vila-Nossa Senhora da Conceição do Arrôio, no Rio Grande do Sul.

Filho do Coronel Manoel Luiz da Silva Borges e dona Ana Joaquina Luiza Osório, desde muito jovem demonstrou a sua intrepidez, a sua varonilidade, campeando sôbre o dorso nú dos pôtros bravos, na vastidão das campinas gaúchas. Ele próprio organizava batalhões de garôtos de sua idade, conduzindo-os à luta, formando grupos adversos para batalhar.

Bom nadador, de excelente pontaria, manejava com invejável habilidade as baladeiras e laços, obrando prodigios de destreza.

Era comum, dizem os seus biógrafos, vê-lo retornar, quando menino, a casa todo rasgado, cheio de talhos, com a cabeça repleta de "galos", mas ufano a apregoar vitórias, que obtivera nas suas "batalhas".

Assentou praça aos 14 anos, na Legião de São Paulo. Teve o seu batismo de fogo às margens do arrôio Miguelete, perto de Montevidéo, às ordens do general Lecor.

Osório era, ainda praça de pret, já o manejador intrépido da sua lança. Pouco tempo depois, ainda nas campanhas do Uruguai, bate-se com denodo na batalha de Catalan. Já é capitão. Recebe pelos seus grandes feitos, promoção a major. Em Monte Caseros já era tenente-coronel. Em 1865, então marechal de Campo, é nomeado comandante em chefe do exército brasileiro contra as hostes de Francisco Solano Lopez, o ditador do Paraguai.

Dá-se o 1.º ato da Campanha homérica: a passagem do Paraná. Osório, figura altamente simpática, idolo da tropa, que tinha para êle os olhos sempre fitos, fala aos seus bravos, na sua proclamação admirável: "Soldados! Fácil é a missão de comandar homens livres: basta-lhes mostrar o caminho do dever". E lhes apontando a margem esquerda do rio caudal, diz, ainda, à tropa: "O nosso caminho está ali na frente". Debalde os paraguaios se opuseram à investida Osório foi o primeiro a pisar, de lança em riste, a terra inimiga. E o Paraguai foi, assim, vadeado, apesar do fogo terrivel do forte de Itapirú. Depois é um rosário de vitórias, a sua ação de comando em Passo da Pátria, Estero Belaco, Tuiutí. Cái a fortaleza de Humaitá e Osório foi o primeiro a lhe galgar as muralhas. Fez a travessia do Chaco e foi ferido na batalha do Avaí. Senador e Ministro do Gabinete Sinimbú, demonstrou-se um patriota às direitas.

## NOS DIAS DA CRIAÇÃO

COMO NASCEU O MORCEGO

— Padre Eterno, êle copiou meu rato!
— Padre Eterno, êle copiou meu passarinho!

## CALENDÀRIO REPUBLICANO

**O calendário republicano, saido da revolução francesa de 1793, e organizado pela Convenção Nacional, não é muito conhecido de todos, de modo que quem ler qualquer referência a um fato ocorrido durante um periodo em que a revolução terminou, ficará ignorando a data a que corresponde pelo calendário romano. Segundo este calendário, o ano começava no equinóxio do Outono (22 de Setembro) e era dividido em 12 meses de 30 dias, havendo 5 dias complementares consagrados à celebração das festas republicanas. O célebre poeta Fabre d'Eglantine, que morreu no cadafalso como tantos outros colaboradores da revolução, deu aos meses os seguintes nomes:**

**OUTONO — Vendêmiare — Setembro mês das vindimas. Brumaire — Outubro — mês das brumas. Frimaire — Novembro — mês das geadas.**

**INVERNO — Nivôse — Dezembro mês das neves. Pluviôse — Janeiro — mês das chuvas. Ventôse — Fevereiro — mês dos ventos.**

**PRIMAVERA — Germinal — Março — mês dos gemes. Floreal — Abril — mês das flôres. Prairial — Maio — mês dos prados.**

**VERAO — Messidor — Junho — mês das colheitas. Termidor — Julho — mês dos calores. Frutidor — Agosto — mês dos frutos.**

## RESPIRAÇÃO PELO NARIZ

O NARIZ filtra, aquece e umedece o ar que se destina aos pulmões. A respiração pela bôca leva, à garganta e aos pulmões, ar frio e carregado de poeiras prejudiciais ao organismo. Ao contrário, passando pelo nariz, o ar chega aos pulmões aquecido e isento de tais impurezas.

**Procure respirar pelo nariz, e, sentindo dificuldade, consulte imediatamente o especialista.**

ANACREONTE viveu oitenta anos; Platão oitenta e um; Democrito cento e nove; e Moisés cento e vinte anos! Bons tempos, caro leitor...

OS gregos chamavam "nancrates" ao peixe, curioso e ao mesmo tempo terrivel, pois que conseguia deter e até afundar as naus, a que os latinos dão o nome "remora".

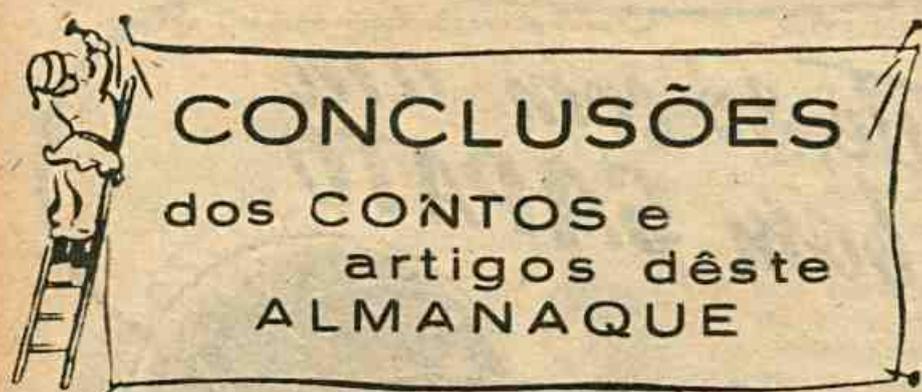
AS fôlhas das árvores, especialmente aquelas que possuem chanfros nos eixos, são os melhores condutores de eletricidade. Cada um dêsses chanfros ou pontos é poderoso elemento de atração.

UMA bala de espingarda só adquire a sua máxima velocidade quando se encontra a três metros de distância da bôca do respectivo cano...

## PESCANDO

Cada pessoa escolhe um pescador e aposta como foi êle que pescou a botina, ou a lata, ou o peixe (o que lhe der palpite). Depois, seguem-se as linhas de cada um, até ver que foi que êle realmente pescou.

Bom chute, só com um bom SAPATO
e Bons SAPATOS só os da
É A MAIOR E MELHOR SAPATARIA DA AMERICA LATINA.
insinuante
CARIOCA, 46-48 - 7 de SETEMBRO, 199-201
INSINUANTE

# CONCLUSÕES dos CONTOS e artigos dêste ALMANAQUE

## A RÃ ENCANTADA

(Vem da página 119)

como futuro companheiro e esposo da princesa. O príncipe contou que tinha sido encontrado por uma feiticeira muito má, e que só a menina o podia ter tirado do poço e que o seu desejo era casar-se no dia seguinte e partirem juntos para o seu país.

De manhã, esperava-os uma magnífica carruagem tirada por oito cavalos brancos, enfeitados com plumas na cabeça, e as rédeas eram correntes de ouro.

Atrás ia o jovem criado do príncipe, o fiel Henrique. Este tinha se apoquentado tanto quando o seu senhor se convertera em rã, que pôs três barras de ferro em cima do coração para que este, com a dor, não saltasse fóra. Instalaram-se na magnífica carruagem do jovem príncipe e o fiel Henrique colocou-se por detrás dos noivos. Ia cheio de alegria, por ver o seu amo já salvo. Já tinham percorrido bastante caminho quando o filho do rei ouviu qualquer barulho, parecendo-lhe que alguma cousa se tinha quebrado.

O príncipe voltou-se e disse:

"Henrique, aconteceu alguma cousa à carruagem?"

"Não, senhor, à carruagem não aconteceu cousa alguma, mas quebrou-se uma das barras que eu tinha posto sôbre o coração quando Vossa Alteza se converteu em rã".

Mais duas vezes se ouviu o mesmo barulho. O príncipe pensava sempre que era a carruagem que estalava, mas afinal eram as barras de ferro que se iam quebrando sôbre o coração do fiel Henrique, pois o seu senhor era agora completamente feliz.

— A senhora, possuindo um tapete tão rico, não pode deixar de comprar êste aspirador de pó!

— Sim... Mas não tenho o dinheiro necessário.

— Muito simples! Venda o tapete!...

## A MULA E A IMPRENSA

(Vem da página 67)

dade. Se êle é mau homem, só poderá conduzir para o Mal.

A obra monumental de Gutenberg deve ser um orgulho para a Humanidade, e não se compreende que a Humanidade não se deva orgulhar também dos homens que se destinam a ser os continuadores do sábio de Mogúncia, que inventou essa cousa maravilhosa que é a imprensa, sonhando com algo superior e digno.

Se você, leitor, quer ser jornalista, tem que ser, antes de tudo, um homem decente, correto, digno e incorruptível.

## AS IMPRESSÕES DIGITAIS E SUA HISTORIA

(Vem da página 101)

aliás, o destino dos sábios que Deus ilumina para fazer descobertas de grande valor. Todos são mal compreendidos, são ridicularizados, perseguidos mas por fim a maioria acaba vendo que não tinha razão, e acolhe a nova descoberta e dá ao descobridor o seu pedestal no panteon da Glória.

João Vucetich morreu na República Argentina, onde vivia, pois estava naturalizado argentino, no dia 25 de Janeiro de 1925.

## A MELHOR LIÇÃO

DIRETOR — Com todo o prazer!

FÉLIX (contrafeito) — Eu... por mim, agradeço, mas não posso aceitar. Não estou em condições, como vocês estão vendo... Minha roupa... Não posso aparecer num restaurante e num teatro com vocês...

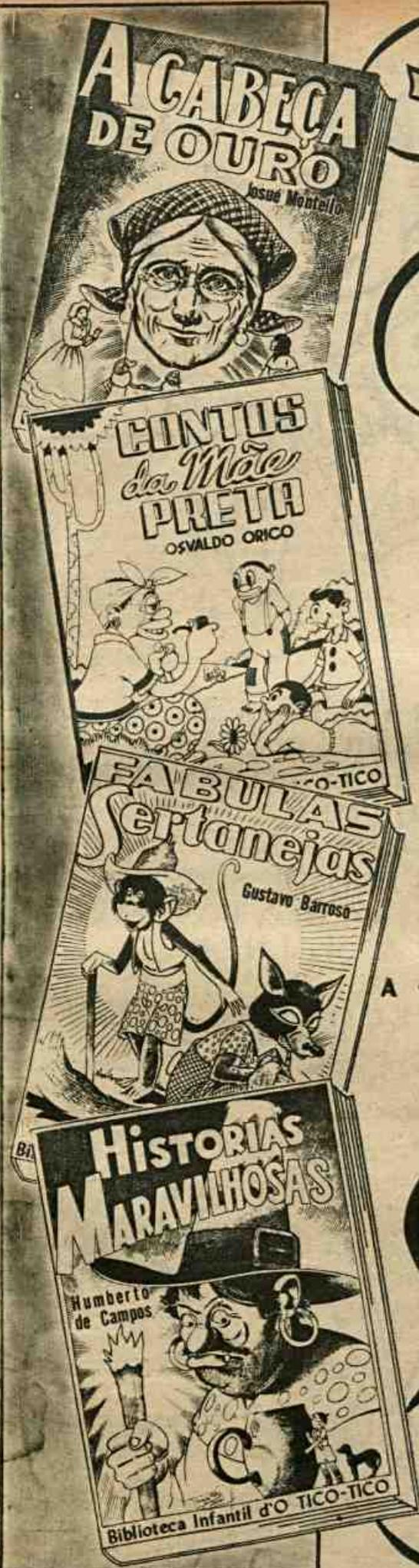
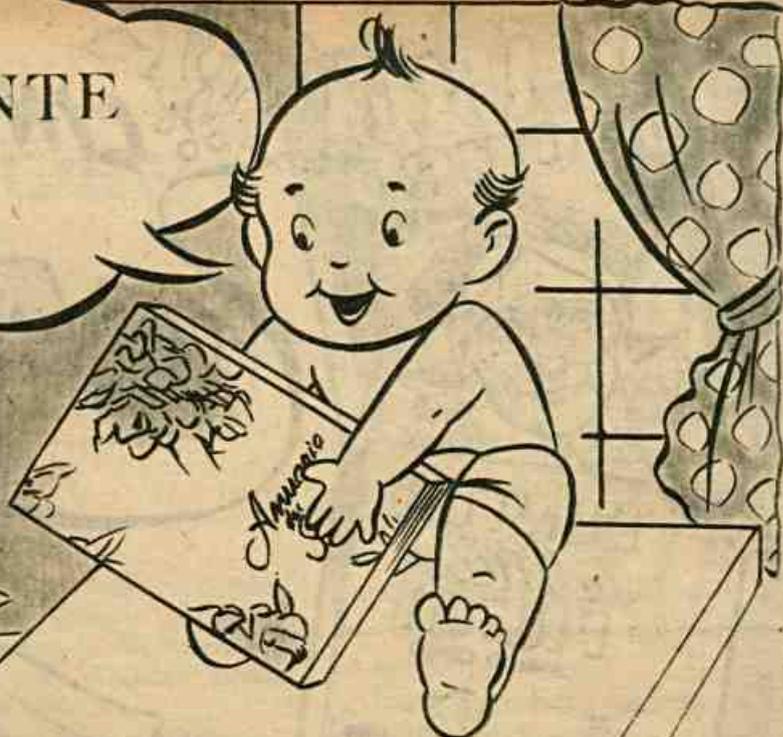
PEDRO — Vais daqui comigo ao meu quarto. Lá eu te farei entrega do que disse que vou te dar. Aceitarás a oferta e... sairás de lá completamente novo...

JOAQUIM — Que prazer, estarmos todos ao lado do bom mestre que nos soube guiar pela estrada do bem, ensinando-nos com o seu exemplo, o cumprimento do dever!

PEDRO — Bem: então, às oito, à porta do restaurante... Ali na esquina...

DIRETOR — Combinado! Vou me arranjar. Vão com Deus, meninos, e obrigado, muito obrigado!

PANO

A CABEÇA DE OURO
Josué Montello
CONTOS da Mãe PRETA
OSVALDO ORICO
FABULAS Sertanejas
Gustavo Barroso
HISTORIAS MARAVILHOSAS
Humberto de Campos
Biblioteca Infantil d'O TICO-TICO
LINDO PRESENTE de NATAL
A venda em tôdas as livrarias
QUATRO LIVROS BONITOS
DE AUTORES DE NOMEADA
CADA VOLUME CR$ 15,00
EDIÇÕES DA BIBLIOTECA INFANTIL
d'O TICO-TICO - RUA SEN. DANTAS, 15 - 5.º
RIO DE JANEIRO
ATENDE-SE A PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL

UM PRESENTE PARA A MAMÃE!
LITERATURA ◆ POESIA ◆ ARRANJO DO LAR ◆ RECEITUÁRIO DOMÉSTICO ◆ NOVIDADES DA MODA ◆ LINGERIE ◆ BORDADOS ◆ UM MUNDO DE SUGESTÕES E ENSINAMENTOS PARA A MULHER
PREÇO: CR$ 15,00
À venda em tôdas as livrarias
Anuário das SENHORAS
Anuario das Senhoras
EDIÇÃO DA S. A. "O MALHO" R. SENADOR DANTAS, 15 5. RIO. ATENDE-SE A PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL

Uma compra feliz!
"TOUTE MODE"
MÉTODO DE CORTE E ALTA COSTURA
O 'Método Toutemode" do prof. J. Dias Portugal está consagrado pelas próprias alunas como o mais fácil, mais simples, racional e compreensivel de quantos têm sido idealizados, visando ministrar o conhecimento dos segredos da arte de cortar e costurar.
Em um volume ricamente encadernado, que se presta à maravilha para um presente, estão contidos ensinamentos preciosos, acompanhados de cêrca de 400 figuras elucidativas, que esclarecem a execução de qualquer figurino ou modelo, por mais difícil que pareça.
O texto é claro, fàcilimo de compreender. Lições completas sôbre vestidos, blusas, saias godê, golas, mangas, pijamas, roupas de criança, roupa branca de senhoras, roupas brancas para homem, pontos de adorno, etc.
Preço do exemplar, ricamente encadernado, Cr$ 120,00
Em tôdas as livrarias.
PEDIDOS aos editores: S. A. "O MALHO" - R. Senador Dantas, 15 - 5.º - Rio
ENVIAMOS PELO REEMBOLSO POSTAL
O Prof.º J. Dias Portugal, autor desta importante obra, mantem Cursos por Correspondência e nas Academias "Toutemode", com diplomas para Modistas e Professoras. R. Ramalho Ortigão, 6, 1.º and. Tel. 22-8635 – RIO DE JANEIRO

Gráfica Pimenta de Mello — RIO.